

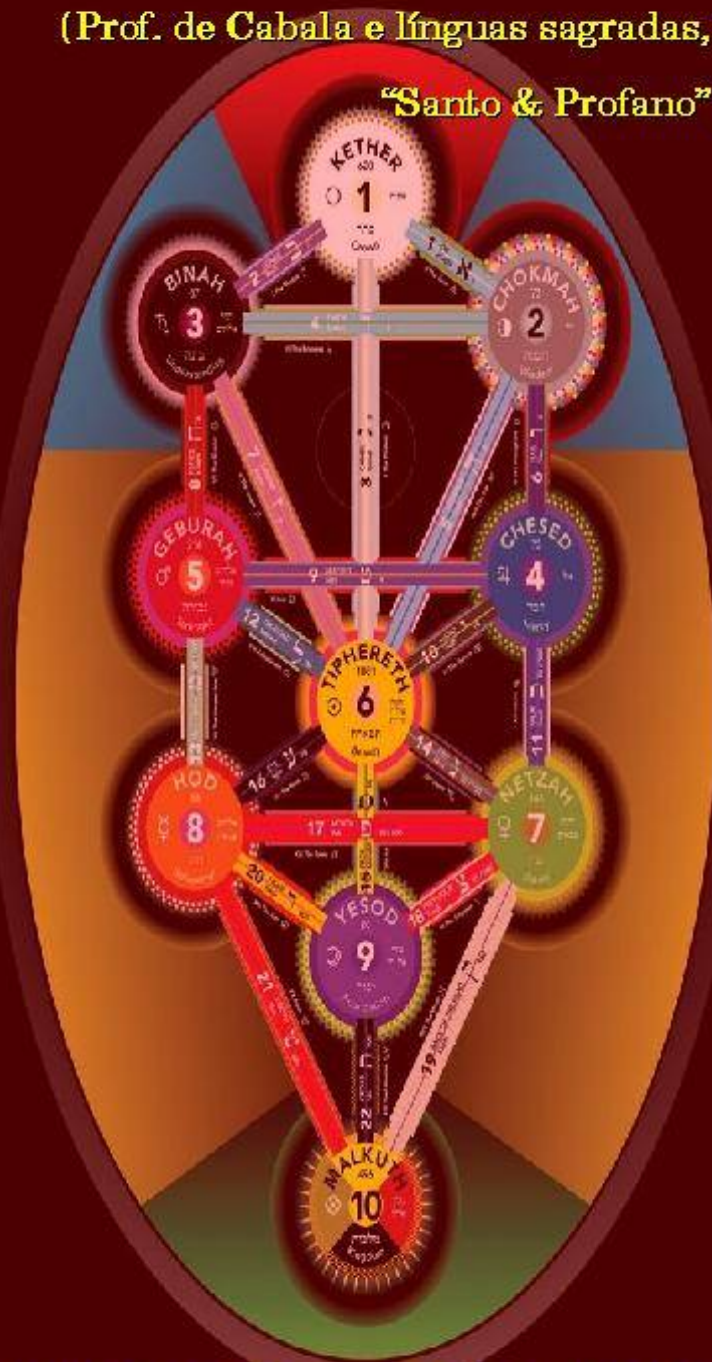
Curso de Cabala

Com noções de Hebraico & Aramaico

Volume I

Danea Tage

(Prof. de Cabala e línguas sagradas, autor de "Elohê Israel",
"Santo & Profano" e "Deuses e Demônios")



Edições Horizonte – Leitura Holística

Curso de Cabala

Com noções de Hebraico & Aramaico

Volume I

**Danea Tage
(Paulo Stekel)**

Edições Horizonte – Leitura Holística

2007

Esta obra é dedicada a todos os nossos alunos, na verdade grandes amigos, pessoas sempre interessadas no conhecimento e na sabedoria espiritual. Começamos a ministrar aulas de línguas sagradas, especialmente de Hebraico e de Sânscrito, no ano de 1990. Já se vão 17 anos! Neste tempo, moramos em quatro cidades diferentes do Brasil, mas a amizade de pessoas interessadas em nossas aulas sempre esteve presente. Atualmente, muitos alunos têm acesso a nosso trabalho através de aulas ministradas na *Internet*, por *e-mail*, *Messenger* ou *Skype*, tanto no Brasil quanto em Portugal. Não os conhecemos pessoalmente, mas isso não impede que percebamos o quão dedicados, respeitoso e gentis são conosco. A todos, este livro!

Índice

Introdução	pag. 06
Cap. I – Noções ortográficas	pag. 07
Cap. II – Consoantes 1	pag. 17
Cap. III – Vogais 1	pag 29
Cap. IV – Consoantes 2	pag 40
Cap. V – Consoantes Finais	pag. 51
Cap. VI – Vogais 2	pag. 60
Cap. VII – Consoantes e Vogais	pag. 70
Cap. VIII – Introdução à Cabala	pag. 89
Cap. IX – Formação e divisão das sílabas	pag. 97
Cap. X – A Tradição Hebraica e a Cabala	pag. 102
Cap. XI – Tonicidade e Acentos	pag. 107
Cap. XII – A Árvore da Vida na Cabala	pag. 112
Cap. XIII – A Pausa e as Vogais	pag. 118
Cap. XIV – As 32 Sendas – chave de números e letras	pag. 126
Cap. XV – Correspondências astrológicas no Sefer Yetsirah	pag. 132
Cap. XVI – Relação entre os Nomes Sagrados e os Números	pag. 139
Cap. XVII – Kethiv e Qerê	pag. 147
Cap. XVIII – Pronomes Hebraicos	pag. 154

Cap. XIX – O Artigo	pag. 162
Cap. XX – Ensinaamentos da Cabala Mística	pag. 168
Cap. XXI – O Vav Conjuntivo	pag. 195
Cap. XXII – Preposições inseparáveis - לָ לֵ לִּ	pag. 201
Cap. XXIII – Gênero e Número dos Substantivos	pag. 207
Cap. XXIV – Primeiras noções de Aramaico	pag. 214
Exercícios – Respostas	pag 223
Bibliografia	pag. 237
Sobre o autor	pag. 239

Introdução

O curso que se inicia com este volume tem vários objetivos, dependendo da expectativa de cada leitor. Os objetivos vão desde ensinar as bases do Hebraico antigo para aqueles que gostariam de saber o suficiente para escrever coisas interessantes, como os Nomes Divinos ou os nomes dos anjos, até um aprofundamento na língua para se ler e interpretar os textos da Bíblia e da Cabala (como o **Sefer Yetsirah** e o **Sefer Ha-Zohar**). Por isso, é composto de forma bem didática, permitindo que você possa se aprofundar até a medida de suas necessidades ou interesses.

Este **Volume I** é composto de **24 capítulos**. Neles, você aprenderá as bases da escrita hebraica, as vogais e as consoantes, os sinais de leitura, os primeiros vocabulários e as primeiras noções da gramática da língua hebraica antiga. O último capítulo traz ainda as primeiras noções do Aramaico, noções que serão aprofundadas nos próximos volumes deste Curso de Cabala.

Se você desejar seguir no aprendizado, seguir-se-ão os **Volumes II, III e IV**, a ser lançados nos próximos anos. Cada volume aprofundará mais as noções de Hebraico e Aramaico, além dos conceitos espirituais envolvidos na Tradição da Cabala, por vezes relacionando-os com outras tradições espirituais, como o *Vedanta*, o *Yoga*, o Gnosticismo e o Cristianismo.

A origem deste curso é a insistente solicitação de diversos alunos ao longo de anos, os quais desejaram uma versão didática para livro das aulas que haviam assistido ou recebido por e-mail. Ainda que, colocando tal material num livro, não tenhamos como dar uma assessoria individualizada a cada leitor, como fazemos com alunos, isso não diminui o valor deste projeto monumental em quatro volumes. Um dos fatores mais importantes é o fato de seu conteúdo estar completamente adaptado ao Português, sem ser a mera tradução de gramáticas ou estudos em Inglês sem qualquer adaptação à nossa realidade.

Este **Curso de Cabala – com noções de Hebraico & Aramaico** em quatro volumes é uma obra singular no gênero, seja em Português, Espanhol ou mesmo em Inglês, até onde o sabemos. Nós mesmos sempre sentimos a falta de uma obra que acomodasse num mesmo trabalho a gramática hebraica e os princípios da Tradição da Cabala, geralmente assuntos tratados em obras separadas. Realmente, não é muito fácil unir duas abordagens tão diferentes, ou seja, mesclar o ensino de uma língua sagrada com a filosofia esotérica que lhe está associada. Talvez por isso ninguém tenha empreendido tal tarefa. Mas achamos importante tal formato, mesmo porque é assim que ensinamos nossos alunos desde 1990. E, eles mesmos aprovam tal método! Trazemos, agora, para o formato livro este método, desejando que mais pessoas interessadas na Cabala possam aprofundar seus conhecimentos estudando as bases das línguas sagradas envolvidas nesta misteriosa tradição: o Hebraico e o Aramaico.

Um bom estudo!

Capítulo I

Noções Ortográficas

1 1 בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ:

Observe bem o texto apresentado acima.

Trata-se do primeiro versículo da Bíblia, que aparece no livro de **Gênese** 1.1: “*No princípio Deus criou os céus e a terra.*”

Em hebraico tal frase se lê: **B're'shiyth bara' 'élohiym 'eth ha-shamáyim v'eth há'árets**. Simplificando a transliteração temos: “*bereshít bará Eloím êt a-shamáim veêt a-árets.*”

A leitura é da direita para a esquerda, ao contrário do português, que se lê da esquerda para a direita.

A tradução literal da frase acima é: “*Em princípio, criou Deus os céus e a terra.*”

A questão da transliteração das letras e vogais hebraicas em letras latinas é secundária, pois existem diversos sistemas de transliteração. Adotaremos a forma que pareça mais adequada aos estudantes brasileiros, acostumados com a fonética das letras no português. Uma vez aprendido o alfabeto hebraico e a pronúncia das vogais, a transliteração deixa de ser tão importante.

Assim como o aramaico, o árabe e outras línguas da família semítica, o hebraico é escrito da direita para a esquerda. Portanto, quando abrimos a Bíblia Hebraica – conhecida pelo nome de **Tanach** ou **Tanakh** [ver **Complemento 1**], devemos começar pela margem direita. Para nós é como se o livro estivesse escrito “de trás para diante”. Isso é questão de ponto de vista. Para os judeus e israelenses nós é que escrevemos ao contrário.

Os caracteres da escrita hebraica e seu uso

Os caracteres impressos na Bíblia Hebraica que temos hoje são chamados “**quadrados**” ou “**quadráticos**” [ver **Complemento 2**]. Esta denominação reflete exatamente a forma mais ou menos quadrada das letras. Além dos caracteres quadrados, há os do alfabeto cursivo, usados em manuscritos [ver próxima figura]. Apesar de apresentar estes caracteres cursivos, que não são bíblicos, utilizaremos nesta obra sempre a forma quadrada, seja a impressa ou sua simplificação [ver figura], para treinar a escrita.

Aliás, é bom lembrar que este é um curso de hebraico antigo (o bíblico) e não de hebraico moderno, falado em Israel. As duas línguas têm diferenças substanciais, fora o vocabulário, que se modernizou na segunda.



[Três apresentações do alfabeto hebraico. A primeira (acima) é a forma de imprensa, utilizada atualmente. A do meio é a forma simplificada que utilizaremos nos exercícios. A terceira (abaixo) é a forma cursiva utilizada para o aprendizado de hebraico nas escolas judaicas. Como este não é um curso judaizante, utilizaremos a forma simplificada, comum nos cursos de teologia cristã.]

Então, para efeito de nosso curso, os caracteres do hebraico bíblico, mesmo quando escritos à mão, deverão conservar a forma aproximada da escrita de imprensa, como se pode ver na figura acima.

No hebraico não há, como em português, letras maiúsculas e letras minúsculas. Devem ser todas do mesmo tamanho.

O caráter consonantal da escrita hebraica

O hebraico não possui vogais e consoantes, como o português. Originalmente, o alfabeto hebraico é formado de **22 consoantes**, sem vogais. As vogais ou sinais vocálicos, que permitem que se leia a palavra, não fazem parte do alfabeto, tendo sido inventados mais tarde, na Idade Média. Até então, as vogais de uma palavra só podiam ser conhecidas por transmissão oral.

Na verdade, a primeira tentativa de representação de sons vocálicos ou vogais surgiu com o emprego de **consoantes vocálicas**, isto é, consoantes que funcionam como se fossem vogais. Isso é facilmente percebido nos textos hebraicos dos famosos **Manuscritos do Mar Morto** ou de **Qumran**, que se valem destas consoantes vocálicas.

São três as consoantes que servem como vogais, mas isso só será apresentado adiante.

Quando o hebraico entrou em declínio como língua falada, especialmente no período talmúdico (em plena Idade Média européia), foram inventados os sinais vocálicos ou vogais com a finalidade de conservar a pronúncia aproximada das palavras. Por isso, hoje lemos o texto bíblico hebraico com os sinais vocálicos junto às consoantes (abaixo, acima e ao lado delas, conforme o caso). Isso fica evidente no primeiro versículo hebraico do livro de Gênese apresentado no início deste capítulo.

Contudo, a pronúncia correta de muitas palavras já havia se perdido, e daí a dificuldade de interpretação do texto bíblico, algo que transparece claramente nas obras cabalísticas medievais, como o **Sefer Ha-Zohar** [pronúncia: “séfer a-zôar”] (ou simplesmente **Zohar**), “*O Livro do Esplendor*”.

Os sinais vocálicos ou vogais foram inventados pelos massoretas da escola de Tibérias na Idade Média. Por isso, esses sinais também são chamados “sinais massoréticos” ou “pontos massoréticos”.

A palavra “**massoreta**” vem de “**massorah**” [pronúncia: “massorá”] (מסרה), que significa “tradição”. Os massoretas melquitas viveram entre os séculos V e X d.C., especificamente.

Um iniciante não consegue ler qualquer texto hebraico sem os sinais vocálicos ou pontos massoréticos, pois eles representam as vogais da palavra. As vogais devem ser aprendidas aos poucos. Na leitura, primeiramente identificamos as consoantes da sílaba e depois os sinais vocálicos, que representam as vogais. Com o tempo, o estudante se habilita a ler textos sem os pontos vocálicos, isto é, contendo apenas a representação das consoantes. A escrita hebraica moderna de Israel é assim: só representa as consoantes [ver figura abaixo].

הארץ כלכלה

יום ראשון 20 באפריל 2003

כסף והעיר הגדולה / חיים הנדורסקר

זו לא מונית, זו פלטפורמה פרסומית

אייל כהן ורני בראון, שני עובדים לשעבר במרקורי, פיתחו פטנט חדש – שלט פרסום דיגיטלי על גגות של מוניות בניו יורק. החברה שקמה בימי הבועה של '99 עדיין חיה ונושמת, ואפילו גייסה באחרונה 9 מיליון דולר מקדנות הון סיכון אמריקאיות

ניו יורק. אייל כהן הנשים לפני כשבועיים חלום של הרבה אנשי הייטק צעירים. הוא השלים ניום פרטי של 9 מיליון דולר. פעם הנפקה כזאת לא היתה זוכה לאדי כוד באמצעי התקשורת. היום, כאשר חברות הייטק נסגרות בהמוניהן וכרז המזומנים נמטר, גיום סכזה הוא בודולט חרשות. כהן הוא מנכ"ל חברת אראפט מדיה, חברה אמריקאית המנהלת על ידי ישראלים את המוצר של כהן אפשר לראות בכל רחבי ניו יורק, המדובר בשלט פרסום דיגיטלי על גגות המוניות.

אראפט מדיה שוכרת את הגגות של המוניות במחיר של 125 דולר לחודש. לזה צריך להוסיף גם הוצאה חודשית לתקשורת בסך 40 דולר למונית. יש להם גם הוצאה למתקנים ולשירות בסך 12.5 דולר לחודש לכל מונית. המחיר לספרס הוא 40 דולר לריקה במשך חודש. תמורת הסכום הזה מקבל המפרסם רקה אחת מכל שעה ביממה במשך חודש. המדיום המקסימלי למונית מסיגל להגיע ל-2,400 דולר בחודש. בפועל, בניכוי עמלות שונות וחברות חובלות, חרבות בחודש.

[Neste extrato de página do jornal israelense “**Haaretz**” [lit. “A Terra”]] podemos perceber claramente que o hebraico moderno não utiliza os pontos vocálicos ou massoréticos na representação da escrita. Isso é possível porque o hebraico moderno é uma língua viva e as vogais se transmitem na família e nas escolas.]

Os sinais vocálicos são colocados, geralmente, embaixo das consoantes. Mas alguns são escritos acima e ao lado.

No caso do nome do jornal israelense acima – **Haaretz** (que transliteramos aqui como “**Ha-árets**”, “a Terra” - apresentamos abaixo a forma sem vogais e a forma com pontos vocálicos ou massoréticos:

הָאָרֶץ – h'rts

הָאָרֶץ – ha-'árets

Como se pode observar, sem vogais seria impossível ler a palavra.

No hebraico não podemos escrever parte de uma palavra numa linha e parte na seguinte, usando o hífen. Se não houver espaço, devemos escrever a palavra toda na linha seguinte.

Complemento 1

Tanach

Este é o nome pelo qual os judeus denominam a sua Bíblia, que compreende apenas os livros do Antigo Testamento cristão, e não todos, excluindo-se ali os livros em grego da vulgata católica. O nome **Tanach** [ou **Tanakh**] é um anagrama, pois vem da primeira letra de cada uma das três partes que compõem a Bíblia Hebraica: a **Torah** (תּוֹרָה) ou **Lei**, os **Neviym** (נְבִיאִים) ou **Profetas** e os **Ketuvim** (כְּתוּבִים) ou **Escritos** [os mesmos **Hagiógrafos** católicos]). Isso dá o anagrama **TNK** (תְּנַכְ), que se lê “*tanakh*”, mas se translitera geralmente como **Tanach**, porque o som do “k” aspirado (kh) é o mesmo do “ch” alemão.

Complemento 2

A História da escrita hebraica

Povo de origem semita, os fenícios eram marinheiros e comerciantes. Habitaram a costa oriental do Mediterrâneo por volta de 2.750 a.C. até o séc. V a.C. O desenvolvimento de suas atividades comerciais teria feito com que adotassem a escrita, criando um alfabeto próprio, derivado, segundo uns, dos cuneiformes, segundo outros, do hierático egípcio, e segundo outros ainda, do protosinaítico, dos cipriotas, dos hititas, dos cretenses, etc.

O idioma fenício derivava do grupo cananeu, e era muito parecido com o Hebraico. O ramo cananita dividiu-se em duas formas diferentes, segundo a forma de se escrever o alfabeto: a forma fenícia, seguramente mais antiga, e a forma do hebraico antigo, ligada ao ramo aramaico. Pensamos que o hebraico primitivo ainda fosse de caráter alfabético, como o fenício original. Apesar de se dizer que o fenício não representava as vogais, nem o hebraico, temos sérias razões para pensar diferente.

As letras hebraicas א - ה - ו - י - ך (álef, hé, vav, yod, áin), que hoje não têm valor fonético algum (exceto o vav, que vale “v”, “o” e “u”, e o yod, que vale a semivogal “y”), no fenício e no hebraico anterior a Moisés, equivaliam exatamente às vogais A – E – U – I – O. Elas correspondem exatamente às antigas letras gregas Α - Ε - Ϝ - Ι - Ο (alfa, eta, digamma ou vau, iota, o micron). A ordem das vogais é esta porque conta uma história iniciática:

A partir da **essência** (א - álef), que também se chama Deus, foi estabelecida a **Lei Cósmica** (ה - hé). Então fez-se a **Luz** (ו - vav) e o mundo foi **manifestado** (י - yod). A **matéria** então, começou seu reinado (ך - áin), devendo ser dominada (conhecida) pelo homem.

É uma outra forma de contar o que está descrito no primeiro capítulo de Gênese.

Segundo os gregos, o inventor do alfabeto fenício teria sido o fundador da Tebas grega, **Cadmos**, filho de **Agenor**, rei da Fenícia. É uma lenda, mas deve ter seu sentido místico.

Depois da descoberta dos documentos gráficos na Palestina, em *Tell Duweir* e em *Gezer*, julgaram os arqueólogos que era possível lançar uma ponte entre a escrita pseudo-hieroglífica de Biblos ou a escrita protosinaítica e a escrita fenícia arcaica.

O mais antigo exemplo da escrita “alfabética” encontrado, foram as inscrições em *Serabit*, no Sinai, por *Sir Flinders Petrie*, em 1905. Inicialmente não puderam ser traduzidas. O professor alemão *Grimme* dizia ter decifrado o nome de Moisés em uma das inscrições.

Em 1930, o padre *Butin*, atribuindo o séc. XVIII a.C. como a data das inscrições, sugeriu a idéia de terem relações com os hieróglifos egípcios.

Em 1931, se descobriu em *Laquis* outras inscrições semelhantes às de *Serabit*. Uma frase foi traduzida, observando-se que, embora a língua utilizada fosse idêntica à glossa cananéia das

tabuinhas encontradas em *Tell-el-Amarna* anos antes, escritas em velhos caracteres cuneiformes, a fraseologia se aproximava de modo patente do hebraico do Antigo Testamento. Em 1935, o professor *Langdon*, de *Oxford*, afirmava que tal inscrição provava que os hebreus já haviam inventado um sistema de vogais articuladas, tornando perfeitamente admissível a idéia de escrita alfabética antes de Moisés. É o que pensamos: o hebraico consonantal seria POSTERIOR a um hebraico alfabético.

Os especialistas estão de acordo em reconhecer na escrita, encontrada em *Laquis* e alhures, um elo entre a grafia do Sinai e o alfabeto e caracteres fenícios. Dizem que os fenícios reproduziram a escrita alfabética do Sinai em caracteres cuneiformes em 1.400-1.350 a.C.

A escrita hebraica do Sinai deve ser lida da esquerda para a direita, ao passo que o hebraico e o fenício vão da direita para a esquerda, como o hebraico bíblico.

A escrita fenícia cursiva se desenvolveu por causa do emprego do papiro egípcio.

A escrita hebraica do Sinai era provavelmente utilizada para inscrições em pedra, se bem que é possível que também fosse escrita em peles.

א	ב	ג	ד	ה	ו	ז	ח	ט	י	כ	ל	מ	נ	ס	ע	פ	צ	ק	ר	ש	ת
𐤀	𐤁	𐤂	𐤃	𐤄	𐤅	𐤆	𐤇	𐤈	𐤉	𐤊	𐤋	𐤌	𐤍	𐤎	𐤏	𐤐	𐤑	𐤒	𐤓	𐤔	𐤕
α	β	γ	δ	ε	υ	ζ	η	θ	ι	κ	λ	μ	ν	ξ	ο	π	ϑ	φ	ρ	σ	τ

[Aqui podemos comparar o alfabeto hebraico quadrático (a forma usada atualmente - acima) com a forma fenícia (usada antes do Cativoiro em Babilônia – no meio) e o alfabeto grego (também derivado das formas fenícias, segundo os arqueólogos.)]

O alfabeto fenício teria originado o alfabeto aramaico. Deste último, nasceu o alfabeto hebraico quadrado [pós-exílico], usado até hoje.

A língua hebraica tem sido falada, provavelmente desde cerca de 2.000 a.C. Os especialistas apresentam como prova inscrições descobertas em *Ras Shamrah*, antigamente a cidade de *Ugarit*, na costa norte da Síria. As inscrições estão em escrita alfabética de cerca do séc. XV a.C.

O primeiro período de desenvolvimento do hebraico é o dos tempos de Moisés (séc. XVI-XIII a.C.). O segundo período importante no desenvolvimento do hebraico deu-se antes dos judeus partirem para o Exílio em Babilônia, em 587 a.C. Muitos trechos do Antigo Testamento foram escritos exatamente nesta época.

Algumas palavras e formas foram tomadas de empréstimo ao babilônio, ao egípcio, ao persa e ao aramaico. Após o Cativoiro em Babilônia, o sacerdote *Esdras* (ou *Ezra*) redigiu o livro de Moisés nos caracteres aramaicos. Nessa época, o sacerdócio judeu manejava muito imperfeitamente as chaves para a significação tripla do Gênese mosaico.

A partir dos caracteres aramaicos foi que *Esdras* desenvolveu a chamada escrita “quadrática” do hebraico – usada até hoje.

Posteriormente, verificaram-se outros períodos de desenvolvimento do hebraico, quando então a Bíblia hebraica (o *Tanach*) e os Apócrifos se completaram. Durante este período, o aramaico se tornou a língua falada pelo povo e os escritores começaram a se valer de palavras aramaicas em suas obras literárias.

Quando falamos em língua hebraica, temos que pensar a qual das quatro versões nos referimos:

1ª – O hebraico primitivo, eminentemente fenício, do qual ainda muito pouco se sabe;

2ª – O hebraico de Moisés, uma reforma simbólica baseada na Sabedoria guardada pelos egípcios;

3ª – O hebraico de Esdras, outra reforma, porém relacionada à mitologia mesopotâmica, responsável pelo simbolismo do livro de Gênese sobre os Sete Dias da Criação;

4ª – O hebraico mesclado com o aramaico, falado nos tempos de Jesus e no qual foram escritas muitas obras da Cabala na Idade Média – o chamado Período Babilônico do Talmud.

[Este texto é parte adaptada do livro “Projeto Aurora – retorno a linguagem da consciência” - versão eletrônica de 2007, de autoria de Danea Tage (Prof. Paulo Stekel).]

Complemento 3

Massoretas e Massorah

Massoretas: Assim se chamavam os doutores judeus que, no seguimento dos escribas, fixaram o texto hebreu do Antigo Testamento, procurando reconstituir a pronúncia original e registrando-a sob a forma de vogais e sinais de entoação que apunham ao texto fixado no séc. II a.C. que só continha consoantes. O trabalho das várias escolas massoréticas foi dado como terminado nos sécs. VI-VIII e imposto entre os Judeus como definitivo por Ben Asher, no séc. X. [ver em http://www.agencia.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.asp?id_entrada=1194]

Massorah: Nome que se aplica especialmente a uma coleção de notas explanatórias, gramaticais e críticas que se encontram na margem de antigos manuscritos hebreus, ou em rolos do Antigo Testamento. [O objeto que se propunham os rabinos ao redigir ditas notas era conservar a genuína leitura e inteligência do sagrado texto hebreu. Há a **Grande Massorah** e a **Pequena Massorah**, que é um extrato da anterior.] (Glossário Teosófico - H. P. Blavatsky – ver a versão em espanhol em <http://www.templodemaat.hpg.ig.com.br/blavatsky/glosario-M.html>)

Complemento 4

Massoretas/Massorah

A **Massorah** é o nome que se deu a coleção de instruções que tinham a função de preservar inalterada a disposição tradicional do texto bíblico hebreu. Nas fontes antigas encontramos escrito: **mswrh** [מסורח], ou **mwsrh** [מוסרח], ou **mswrt** [מסורת]. Se deriva certamente da raiz hebraica **msr** [מסר], mas se discute o significado da palavra. Em geral se relaciona com o significado mais comum da raiz, e se entende como “transmissão” da tradição de uma geração a outra. Alguns a relacionam com outro significado da raiz e a traduzem por “signo”. **Z. ben Havyim** (1957) a relacionou com o significado de “contar”: se havia dado este nome aos massoretas porque contavam as letras, as palavras e os versículos do texto.

Se atribui a **Rabbi Akiba** uma das expressões fundamentais da história da *Massorah*: “*A tradição (massorah) é um muro em torno da Lei.*” (m. Aboth 3, 13) Daí segue que a *Massorah* tem dois aspectos complementares, ou seja, tem a tarefa de preservar o dado tradicional e ao mesmo tempo de interpretá-lo.

Tem especial importância a atividade dos massoretas pela preservação do texto bíblico; em suas diversas escolas (**Nehardea**, **Pumbedita** e **Sura** na Mesopotâmia; **Yavne** e depois **Tiberíades** na Palestina), a partir do Séc. V e até fins do XI, aplicaram ao texto consonântico hebraico (que, segundo se crê, estava já estabelecido desde a época de **Rabbi Akiba**) uns signos vocálicos para indicar a pronúncia exata do mesmo (donde o nome de “texto massorético”). As diversas academias desenvolveram também sistemas diversos de vocalização e acentuação do texto; existem três sistemas: **babilônio**, **palestino** e **tiberiense**, que é o mais aperfeiçoado; os manuscritos básicos das edições contemporâneas da Bíblia hebraica pertencem todos eles a esta tradição.

Existem diversas coleções da *Massorah*; a mais importante é a **Ochlah we Ochlah**, uma coleção medieval que **Jacob ben Chayyim** utilizou para sua Bíblia rabínica publicada em Veneza em 1524/1525 (conhecida como *Bombergiana*). Os massoretas ocidentais distinguem entre **Massorah marginal**, escrita nas quatro margens da página (em torno do texto bíblico), e **Massorah final** - uma lista alfabética posta ao final da Bíblia. A *Massorah* marginal se subdivide em **Massorah parva** (posta ao lado do texto) e **Massorah magna** (posta por cima e por baixo do texto). As duas oferecem as mesmas informações – ou seja, as vezes que se repete uma certa expressão ou uma palavra, as anomalias do escrito, as correções dos escribas – mas a **magna** completa a outra no sentido de que onde a **parva** apresenta as estatísticas ou a frequência de palavras ou expressões, a **magna** apresenta a lista completa. A língua da *Massorah* é principalmente o **aramaico**, mas se encontra também o **hebraico**.

[F. Dalla Vecchia]

(Bibl.: Masora, en ERC, Y 179: AA, VV., *Introducción al estudio de la Biblia, I, Biblia en su entorno, Verbo Divino. Estella 1993, 461-464: J Treballe, Biblia judía, la Biblia cristiana, Trotta, Madrid 1993. Tradução para o português por Paulo Stekel. Ver a versão em espanhol em http://www.mercaba.org/VocTEO/M/masora_masoretas.htm)*

Capítulo II

Consoantes - 1

No capítulo anterior vimos que o alfabeto hebraico possui **22 letras**, todas **consoantes**. Este alfabeto é baseado nos modelos fenício e aramaico, que também possuem 22 consoantes.

Os **sinais vocálicos** ou **pontos vocálicos** inventados pelos **massoretas** não fazem parte do alfabeto hebraico e são estudados à parte. Mesmo na **Cabala** (a tradição esotérica hebréia iniciada com Moisés – ver **Complemento 5**) não se dá maior importância aos pontos vocálicos. Só são feitas “operações cabalísticas” (cálculos numéricos místicos) com as 22 consoantes, como veremos ao avançar em nosso curso.

A questão da transliteração

“*Transliterar*” é representar em sinais ou letras do nosso alfabeto os caracteres não latinos de outros alfabetos. No caso em questão, é representar em letras latinas que usamos em português os caracteres consonantais e os sinais vocálicos do Hebraico.


Podemos encontrar nos livros sobre Cabala e nas gramáticas hebraicas vários sistemas diferentes de transliteração, o que pode realmente confundir os iniciantes. Na verdade, a maior parte destas transliterações é baseada no alfabeto inglês ou alemão. Para minimizar o problema, utilizaremos nesta obra uma transliteração adequada aos estudantes de língua portuguesa, o que facilitará muito as coisas, com modificações quando nosso alfabeto não for suficiente para demonstrar determinadas particularidades do som hebraico.


Observe bem a palavra hebraica abaixo:




Esta palavra pode ser tecnicamente transliterada como **'ābh**. Simplificando, ela é lida como **“av”** e significa **“pai; mestre, antepassado, ancião”**. O “v” do final é mudo. Não deve ser lido como geralmente fazemos em português, ou seja, como se fosse “áve”. Segundo a Cabala, este “v” tinha antes dos tempos exílicos o som de um “b” aspirado (“bh”), mas agora soa como um simples “v”. A palavra é lida da direita para a esquerda.

O primeiro sinal é, portanto, uma consoante: **א**;

O segundo está abaixo e é um ponto vocálico -  ;

O terceiro é outra consoante –  .

A letra  é a primeira consoante do alfabeto hebraico e se chama “**álef**”. Você encontrará livros e *websites* que transliteram o nome da letra como “**aleph**”. Sem problemas. Em inglês e alemão o “ph” (com som de “f”) ainda é utilizado. Em português não se usa mais “ph”, apenas “f”. O som é o mesmo.

A forma simplificada desta letra, que você pode desenhar várias vezes em um papel, valendo como um exercício inicial de caligrafia, é:



Esta letra, sendo uma **consoante muda**, não é representada por nenhuma letra latina, mas apenas convencionalmente por uma **vírgula sobrescrita** ('). Dependendo do ponto vocálico que esteja unido a esta consoante, ela poderá ser lida como “a”, “e”, “i”, “o”, “u”, etc. No caso da palavra acima, a letra “**álef**” tem o som de uma “a” longo, que representamos como “**ā**” para diferenciar do “a” curto, representado como “a” ou “ă”.


Portanto, recapitulando a letra **Álef**:

 (forma impressa) =  (forma simplificada) = ' (transliteração)

Agora observe a seguinte palavra abaixo:



Esta palavra pode ser transliterada como **bēn**. Simplificando, ela é lida como “**bên**” e significa “**filho**”. O “n” final deve ser lido como um “n” mudo, não como no português “*bem*” [bêin], mas como o “n” da primeira sílaba de “*ponto*” ou o “ne” do inglês “*alone*”.

O sinal  é a segunda consoante do hebraico e se chama “**bet**”. Podemos encontrar em outras fontes seu nome como sendo “beth”, “beith” ou “beit”. Contudo, a pronúncia correta é “bêth”, com o “t” final sendo aspirado.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:



O valor fonético desta letra é “b” ou “v”, dependendo da posição na palavra. Se está no início, seu valor é “b”. Se está no meio ou no fim, seu valor geralmente é “v”, com algumas exceções que veremos em outro capítulo.

Então, recapitulando as letras **Álef** e **Bet**:

א (impressa) = א (simplificada) = ' (transliteração)
ב (impressa) = ב (simplificada) = B/V (transliteração)

Agora observe a terceira palavra abaixo:



Esta palavra pode ser transliterada como **gãn**. Simplificando, ela é lida como “**gan**” e significa “**jardim**”. O “n” final deve ser lido como um “n” mudo, não como no português “bem” [bêin], mas como o “n” da primeira sílaba de “*ponto*” ou o “ne” do inglês “*alone*”.

O sinal ג é a terceira consoante do hebraico e se chama “**guímel**”. Podemos encontrar em outras fontes seu nome como sendo “gimmel” ou “gimel”. Contudo, a pronúncia correta é “guímel”, com o “g” duro como o da palavra “gato”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:



O valor fonético desta letra é “g” ou “gh”, dependendo da posição na palavra. Se está no início, seu valor é “g” (**duro como em “gato”**). Se está no meio ou no fim, seu valor geralmente é “gh” (“g” **aspirado**), com algumas exceções que veremos em outro capítulo.

Então, recapitulando as letras **Álef**, **Bet**, **Guímel**:

א (impressa) = א (simplificada) = ' (transliteração)
ב (impressa) = ב (simplificada) = B/V (transliteração)
ג (impressa) = ג (simplificada) = G/Gh (transliteração)


Curiosidade: Você já percebeu que os nomes das três primeiras consoantes hebraicas são muito semelhantes aos nomes das três primeiras letras do alfabeto grego? Então, compare:

Álef – Bet – Guímel
Alfa – Beta – Gama

Agora observe a quarta palavra abaixo:



Esta palavra pode ser transliterada como **dābhār**. Simplificando, ela é lida como **“davár”** e significa **“palavra”**. O “bh” tem som de “v” puro pelo menos desde a Idade Média, mas deve ter tido uma pronúncia aspirada, o que é confirmado pela Cabala.

O sinal  é a quarta consoante do hebraico e se chama **“dálet”**. Podemos encontrar em outras fontes seu nome como sendo “daleth”. Contudo, a pronúncia correta é “dálet”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:



O valor fonético desta letra é **“d”** ou **“dh”**, dependendo da posição na palavra. Se está no início, seu valor é **“d”** (**duro como em “fada”**). Se está no meio ou no fim, seu valor geralmente é **“dh”** (**“d” aspirado**), com algumas exceções que veremos em outro capítulo.

Então, recapitulando as letras **Álef, Bet, Guímel, Dálet**:

א (impressa) = א (simplificada) = ' (transliteração)
ב (impressa) = ב (simplificada) = B/V (transliteração)
ג (impressa) = ג (simplificada) = G/Gh (transliteração)
ד (impressa) = ד (simplificada) = D/Dh (transliteração)

Curiosidade 2: Observe a diferença entre a forma das quatro primeiras consoantes hebraicas atuais e sua forma mais antiga, no alfabeto fenício:




As formas fenícias lembram as letras gregas (Αα, Ββ, Γγ, Δδ), que se originaram do alfabeto fenício, segundo os arqueólogos.

Agora observe a quinta palavra abaixo:



Esta palavra pode ser transliterada como **hār**. Simplificando, ela é lida como “**har**” e significa “**monte, montanha**”. O “r” tem o som do “r” no português “carta” e não como o de “carro”.

O sinal  é a quinta consoante do hebraico e se chama “**hê**”. Podemos encontrar em outras fontes seu nome como sendo “hey”. Contudo, a pronúncia correta é “hê”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:



O valor fonético desta letra é um “**h**” levemente aspirado. Contudo, atualmente mesmo esta aspiração leve se perdeu e a letra se tornou um “h” mudo. Só tem o som de “h” pronunciado em exceções, que veremos adiante.

Agora observe a sexta palavra abaixo:



Esta palavra pode ser transliterada como **vāv**. Simplificando, ela é lida como “**vav**” e significa “**colchete, gancho, prego**”. O “v” final deve ser duro, e não como “váve”.

O sinal ם é a sexta consoante do hebraico e se chama “vav”. Podemos encontrar em outras fontes seu nome como sendo “vau”, “vô” ou “waw”. Contudo, a pronúncia correta é “vav”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:

ם

O valor fonético desta letra é “v”.

Então, recapitulando as letras Álef, Bet, Guímel, Dálet, Hê, Vav:

א (impressa) = א (simplificada) = ' (transliteração)

ב (impressa) = ב (simplificada) = B/V (transliteração)

ג (impressa) = ג (simplificada) = G/Gh (transliteração)

ד (impressa) = ד (simplificada) = D/Dh (transliteração)

ה (impressa) = ה (simplificada) = h (transliteração)

ו (impressa) = ו (simplificada) = V (transliteração)

Agora observe a sétima palavra abaixo:

זָהָב

Esta palavra pode ser transliterada como **zāhāv**. Simplificando, ela é lida como “**zaáv**” e significa “**ouro**”. O “v” final deve ser duro, e não como “váve”.

O sinal ז é a sétima consoante do hebraico e se chama “záin”. Podemos encontrar em outras fontes seu nome como sendo “Zayin”. Contudo, a pronúncia correta é “záin”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:

ז

O valor fonético desta letra é “z”. Nunca tem som de “s”, como o nosso “z”.

Agora observe a oitava palavra abaixo:

חג

Esta palavra pode ser transliterada como **hāgh**. Simplificando, ela é lida como “**Hag**” e significa “**festa**”. O “g” final deve ser duro, e não como “hague”.

O sinal ח é a oitava consoante do hebraico e se chama “**Hêt**”. Podemos encontrar em outras fontes seu nome como sendo “Cheth”, “Cheyth”, “Heith”, etc. Contudo, a pronúncia correta é “hêt”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:

ח

O valor fonético desta letra é “**h**” (um “h” fortemente pronunciado). Soa como o “ch” do alemão em “buch”.

Recapitulando as letras Álef, Bet, Guímel, Dálet, Hê, Vav, Záin, Het:

א (impressa) = א (simplificada) = ' (transliteração)

ב (impressa) = ב (simplificada) = B/V (transliteração)

ג (impressa) = ג (simplificada) = G/Gh (transliteração)

ד (impressa) = ד (simplificada) = D/Dh (transliteração)

ה (impressa) = ה (simplificada) = h (transliteração)

ו (impressa) = ו (simplificada) = V (transliteração)


ז (impressa) = ז (simplificada) = Z (transliteração)

ח (impressa) = ח (simplificada) = H (transliteração)

Agora observe a nona palavra abaixo:

חוב

Esta palavra pode ser transliterada como **ṭōbh**. Simplificando, ela é lida como **“tôv”** e significa **“bom”**. O “v” final deve ser duro, e não como “tôve”.

O sinal  é a nona consoante do hebraico e se chama **“Ṭet”**. Podemos encontrar em outras fontes seu nome como sendo “Teth”, “Teyth”, “Teith”, etc. Isso depende muito da influência de determinada etnia judaica (sefardita, asquenaz, sabra, etc.) sobre a pronúncia original das letras hebraicas. Contudo, a pronúncia correta é “Têt”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:




O valor fonético desta letra é **“ṭ” (um “t” fortemente pronunciado)**. É um som tipicamente semítico, sem equivalente em português.

Agora observe a décima palavra abaixo:



Esta palavra pode ser transliterada como **yādh**. Simplificando, ela é lida como **“yad”** e significa **“mão”**. O “d” final deve ser duro, e não como “iáde”.

O sinal  é a décima consoante do hebraico e se chama **“Yôd”**. Podemos encontrar em outras fontes seu nome como sendo “Ióde”, “Yud”[pronúncia no Hebraico moderno], etc. Contudo, a pronúncia correta é “yôd”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:



O valor fonético desta letra é **“y” (uma semivogal)**.

Recapitulando as letras **Álef, Bet, Guímel, Dálet, Hê, Vav, Záin, Het, Têt, Yod:**

כּ = כַּ = ' (transliteração)

בּ = בַּ = B/V (transliteração)

גּ = גַּ = G/Gh (transliteração)

דּ = דַּ = D/Dh (transliteração)

הּ = הַ = h (transliteração)

וּ = וַ = V (transliteração)

זּ = זַ = Z (transliteração)

חּ = חַ = H (transliteração)

טּ = טַ = T (transliteração)

יּ = יַ = Y (transliteração)

Agora observe a décima primeira palavra abaixo:

כֹּהֵן

Esta palavra pode ser transliterada como **kōhēn**. Simplificando, ela é lida como “**kôen**” e significa “**sacerdote**”.

O sinal כּ é a décima primeira consoante do hebraico e se chama “**Kaf**”. Podemos encontrar em outras fontes seu nome como sendo “Kaph”, “Caph”, etc. Contudo, a pronúncia correta é “kaf”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:

כ

O valor fonético desta letra é “**k**” (quando em início de palavra) ou “**kh**” (aspirada, quando no meio ou no fim de palavra, com exceções).

Recapitulando as primeiras onze letras do alfabeto hebraico - Álef, Bet, Guímel, Dálet, Hê, Vav, Záin, Het, Têt, Yod, Kaf:

א (impressa) = א (simplificada) = ' (transliteração)
ב (impressa) = ב (simplificada) = B/V (transliteração)
ג (impressa) = ג (simplificada) = G/Gh (transliteração)
ד (impressa) = ד (simplificada) = D/Dh (transliteração)
ה (impressa) = ה (simplificada) = h (transliteração)
ו (impressa) = ו (simplificada) = V (transliteração)
ז (impressa) = ז (simplificada) = Z (transliteração)
ח (impressa) = ח (simplificada) = H (transliteração)
ט (impressa) = ט (simplificada) = T (transliteração)
י (impressa) = י (simplificada) = Y (transliteração)
כ (impressa) = כ (simplificada) = K (transliteração)

No próximo capítulo estudaremos as primeiras vogais hebraicas, mais especificamente chamadas “pontos vocálicos” ou “vogais massoréticas”. Estude as consoantes vistas até aqui, treine a caligrafia delas, de preferência em um caderno destinado só para essa tarefa, e decore seus nomes e pronúncias.

Complemento 5

Primeiro conceito de Cabala

A **Cabala** (também **Kabbalah**, **Qabbala**, **cabbala**, **cabbalah**, **kabala**, **kabalah**, **kabbala**) é um sistema religioso-filosófico que investiga a natureza divina.

Kabbalah (קַבָּלָה - QBLH) é uma palavra de origem hebraica que significa *recepção*, *transmissão* e, por extensão, *Tradição*. É a vertente mística do judaísmo, como o sufismo é a vertente mística do Islamismo e a Gnose a do Cristianismo.

A "Cabala" é uma doutrina esotérica (no sentido de restrita, não-pública, adstrita a iniciados) que visa conhecer a Deus, o Universo e o Homem, além dos diversos mundos invisíveis, a natureza dos seres angélicos e demoníacos, a Árvore da Vida, a Alma, a Vida e a Morte, sendo reservada apenas a alguns privilegiados.

Ainda que a mídia e a tecnologia tenham permitido a divulgação dos textos da Cabala, inclusive pela *internet*, isso não quer dizer de forma alguma que ela se vulgarizou. O verdadeiro conhecimento e a sabedoria mística continuam sendo tão secretos como sempre, pois tudo depende de como o estudante os utiliza em seu próprio interior no processo de autoconhecimento.

Complemento 6

A mística do Álef e do Bet

De acordo com a tradição mística da **Cabala**, a letra **álef** representa a essência divina, o próprio **Deus**, mas também o **Homem**, como manifestação terrena do Criador.

A letra **Bet** representa a própria **Criação**, sendo a letra da **Sabedoria**. Ainda que seja a segunda letra hebraica, é considerada a primeira a se manifestar no Universo, pois a primeira letra, o **álef**, é a Divindade preexistente ao mundo.

O valor numérico de **álef** é 1, sendo sua forma geométrica o **ponto** (.).

O valor numérico de **bet** é 2, sendo sua forma geométrica a **linha** (__) ou então a **linha dupla** (=).

Capítulo III

Vogais - 1

No capítulo anterior vimos as 11 primeiras consoantes do alfabeto hebraico de **22 letras**. Agora, veremos algumas vogais ou pontos vocálicos utilizados para que os iniciantes possam ler as palavras hebraicas.

Os **sinais vocálicos** ou **pontos vocálicos** inventados pelos **massoretas** não fazem parte do alfabeto hebraico. São utilizados atualmente apenas para marcar a leitura dos textos da Bíblia hebraica (o **Tanach**). O Hebraico moderno [ver **Complemento 7**] é lido sem esses pontos vocálicos. Eles só são aprendidos para se gravar a verdadeira pronúncia das palavras.

Como veremos, a maioria das vogais é colocada embaixo da consoante, mas algumas são também no canto superior direito da consoante que vocalizam.

Observe bem a palavra hebraica abaixo:



Esta palavra pode ser tecnicamente transliterada como **'ābh**. Simplificando, ela é lida como **“av”** e significa **“pai; mestre, antepassado, ancião”**. O **“v”** do final é mudo. Não deve ser lido como geralmente fazemos em português, ou seja, como se fosse **“āve”**. Segundo a Cabala, este **“v”** tinha antes dos tempos exílicos o som de um **“b”** aspirado (**“bh”**), mas agora soa como um simples **“v”**. A palavra é lida da direita para a esquerda.

O primeiro sinal é, portanto, uma consoante: **כ**;

O segundo está abaixo e é um ponto vocálico - **◌ְ** ;

O terceiro é outra consoante – **ב** .

O ponto vocálico **◌ְ** se chama **Qamats** ou **Qamets gadol** e equivale ao **“a” longo**, que pode ser representado na forma **“ā”**. É colocado imediatamente abaixo da consoante que vocaliza.

No caso da palavra אב ('av), a consoante א (álef) não tem som, sendo representada apenas pelo sinal ' . Como recebe a vogal **Qamets Gadol** logo abaixo, seu som é de 'ā. A próxima consoante é o ב (bet), com som de “v”. Então, lemos 'āv ou, simplificando, av.

Exercício Nº 01

Seguindo esta regra, então como leríamos as consoantes seguintes com a vogal **Qamets Gadol**?

גב - דג - וו - זרג - חרז - יד - ידזב

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Recapitulando a primeira vogal ou ponto vocálico da escrita hebraica:

◌ֿ (Qamets Gadol) = ā (“a” longo)

Agora observe a seguinte palavra abaixo:

בן

Esta palavra pode ser transliterada como **bēn**. Simplificando, ela é lida como “**bên**” e significa “**filho**”. O “n” final deve ser lido como um “n” mudo, não como no português “bem” [bêin], mas como o “n” da primeira sílaba de “*ponto*” ou o “ne” do inglês “*alone*”.

O sinal ֿ é a segunda **vogal** hebraica. Seu nome é **Tserê** e equivale ao “e” longo e fechado (ê), sendo representada por “ē”. Sua pronúncia é como a do “e” em “bento” e não como em “belo”.

Na palavra acima, a letra ב (bet) com um ponto dentro (בֿ) indica que ela deve ter o som de “b” e não de “v”.

Exercício Nº 02

Considerando esta nova vogal, como leríamos então as palavras hebraicas abaixo, contendo **Qamets Gadol** e **Tserê**? [Os significados aparecem entre parênteses]

אָז ("então"); אָח ("irmão, companheiro"); דָּג ("peixe"); חָג ("festa");
כָּבֵד ("ser pesado, importante"); אָב ("renovo, botão");
אָד ("corrente de águas subterrâneas"); גֵּב ("poça; cisterna");
אָד ("atrevido, arrogante"); כָּזָב ("mentira").

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Então, recapitulando as **vogais Qamets Gadol e Tserê**:

אָ (Qamets Gadol) = ā (“a” longo)

אֵ (Tserê) = ē (“ê” longo e fechado)

Agora observe a terceira palavra abaixo:

כִּי

Esta palavra pode ser transliterada como **kiy** ou **kī**. Seu significado é “**que, porque**”.

O sinal ךּ é a terceira vogal do hebraico e se chama “**Ħireq Gadol**”. É composta do ponto colocado sob a consoante que vocaliza e de um ך (yod). O conjunto ponto e yod perfazem a vogal **Ħireq Gadol**. Seu valor fonético é o de um “i” longo, que pode ser representado como “ī”. Às vezes o conjunto é representado como “iy”, para indicar o ponto e o yod na escrita. Ambas as formas são válidas.

Exercício N° 03

Considerando esta nova vogal, como leríamos então as palavras hebraicas abaixo, contendo Qamets Gadol, Tserê e Hîreq Gadol? [Os significados aparecem entre parênteses]

אֲבִי (“tomara!”); אִחִי (nome masculino); אִי (“costa, ilha; chacal; não; ai!”);
בִּי (“por favor, com permissão”); גִּידִי (gentílico e nome masculino);
גִּיד (“tendão, nervo”); הִי (“ai!”); יֵי (“ubre, teta”);
חֲזִיז (“nuvem de chuva; relâmpago”); יִדִּי (“amado”);
יִחִיד (“único”); כִּיד (“ruína”).

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Então, recapitulando as vogais Qamets Gadol, Tserê e Hîreq Gadol:

ֶ (Qamets Gadol) = ā (“a” longo)

ֵ (Tserê) = ē (“ê” longo e fechado)

ִ (Hîreq Gadol) = ī (“i” longo)

Agora observe a quarta palavra abaixo:

טוֹב

Esta palavra pode ser transliterada como **ṭōbh**. Simplificando, ela é lida como “tôv” e significa “bom”.

O sinal ךּ é a quarta vogal do hebraico e se chama “Hîolem”. Esta vogal é composta da letra vav (וּ) mais um ponto (◌◌) que é colocado acima desta consoante. O conjunto é a vogal **Hîolem**.

O valor fonético desta vogal é “ô” ou seja, um “ô” fechado e longo.

Exercício Nº 04

Como leríamos os exemplos abaixo de palavras hebraicas que contêm a vogal **Ĥolem**?

בוא (‘‘entrar’’); גוי (‘‘nação, povo’’); הוד (‘‘glória, majestade’’);
כבוד (‘‘honra, glória’’); אוב (‘‘espírito de um falecido’’);
אי (‘‘ai!’’); גוב (nome de lugar).

[Confira a resposta no final do livro, na seção ‘‘Exercícios – Respostas’’]

Então, recapitulando as vogais Qamets Gadol, Tserê, Ĥireq Gadol e Ĥolem:

ⴌ (Qamets Gadol) = ā (‘‘a’’ longo)

ⴌ (Tserê) = ē (‘‘ê’’ longo e fechado)



ⴌ (Ĥireq Gadol) = ī (‘‘i’’ longo)

ⴌ (Ĥolem) = ō (‘‘ô’’ longo e fechado)

Agora observe a quinta palavra abaixo:










אֹהֶל

Esta palavra pode ser transliterada como ‘ōhēl. Simplificando, ela é lida como ‘‘ôhel’’ [o ‘‘h’’ é mudo, como já vimos] e significa ‘‘tenda’’.

O sinal  é a mesma quarta vogal do hebraico chamada “**Ħolem**”. A diferença é que não possui a consoante vav () na sua composição. Mas, foneticamente, é a mesma vogal. Algumas palavras, inclusive, podem ser escritas das duas formas, com o vav e o ponto ou só com o ponto na parte superior.


Exercício N° 05

Como leríamos os exemplos abaixo de palavras hebraicas que contêm a vogal **Ħolem**, algumas nas duas formas?

 (“destruição, ruína”);  ou  (“urso, ursa”);
 (“gonorréia”);  (“bolso; peito”);
 (nome masculino);  (“culpa”);
 ou  (“bem, bondade”).



[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Então, recapitulando as vogais Qamets Gadol, Tserê, Ħireq Gadol e Ħolem (com e sem vav):

 (Qamets Gadol) = ā (“a” longo)

 (Tserê) = ē (“ê” longo e fechado)


 (Ħireq Gadol) = ī (“i” longo)

 ou  (Ħolem) = ō (“ô” longo e fechado)

Agora observe a sétima palavra abaixo:

הוא

Esta palavra pode ser transliterada como **hū’**. Simplificando, ela é lida como “**hu**” [o “h” é mudo] e significa “**ele**”. Como o “h” e o “alef” são mudos, a única letra lida é o vav com ponto dentro, que é outra vogal hebraica.

O sinal  é a quinta vogal do hebraico e se chama “**shureq**”. Foneticamente, **Shureq** equivale a um **ū** (“**u**” longo).

Exercício N° 06

Como leríamos os exemplos abaixo de palavras hebraicas que contêm a vogal **Shureq**?

אָהוּד (nome masc.); אֵיד (“acha, tição”); בּוֹיז (“desprezo” - masc.);


בּוֹיזָה (“desprezo” - fem.); בּוֹיז (nome masc.); דּוֹגָה (“pescaria”);

דּוֹד (“panela; cesta”); חָגוֹר (“esconderijo, fenda, refúgio”);

חֹג (“círculo, horizonte”); חֹט (“fio”); טוֹב (“o bem-estar”).



[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]


Então, recapitulando as vogais Qamets Gadol, Tserê, Hîreq Gadol, Hôlem (com e sem vav) e Shureq:

 (Qamets Gadol) = ā (“a” longo)

ֵ (Tserê) = ē (“ê” longo e fechado)

ִ (Hîreq Gadol) = ī (“i” longo)

 ou  (Hôlem) = ō (“ô” longo e fechado)

 (Shureq) = ū (“u” longo)

Recapitulando as primeiras onze consoantes hebraicas e as primeiras cinco vogais hebraicas, temos:

א (impressa) = א (simplificada) = ' (transliteração)
ב (impressa) = ב (simplificada) = B/V (transliteração)
ג (impressa) = ג (simplificada) = G/Gh (transliteração)
ד (impressa) = ד (simplificada) = D/Dh (transliteração)
ה (impressa) = ה (simplificada) = h (transliteração)
ו (impressa) = ו (simplificada) = V (transliteração)
ז (impressa) = ז (simplificada) = Z (transliteração)
ח (impressa) = ח (simplificada) = H (transliteração)
ט (impressa) = ט (simplificada) = T (transliteração)
י (impressa) = י (simplificada) = Y (transliteração)
כ (impressa) = כ (simplificada) = K (transliteração)

א (Qamets Gadol) = ā (“a” longo)

א (Tserê) = ē (“ê” longo e fechado)

א (Hîreq Gadol) = ī (“i” longo)

א ou א (Hôlem) = ō (“ô” longo e fechado)

Agora você pode treinar as primeiras consoantes e as primeiras vogais hebraicas. Faça isso num caderno, se preferir. É importante treinar a caligrafia para aprendermos uma língua estrangeira, principalmente quando o sistema de escrita é diferente daquele de nossa língua materna.

Exercício N° 07

Agora façamos um pequeno exercício de leitura. Escreva as respostas num caderno e confira-as na seção “Exercícios – Respostas”, ao final do livro, que fornece a forma correta de ler as palavras abaixo. Não são, necessariamente, palavras existentes em hebraico. É apenas um exercício de leitura:

– דִּידוֹ – חָגִי – בִּזְדִּי – אֲגִדִּי
– חוּגִי – טוּטוֹ – דְּוִיד – הִיוּגוֹ
אִיהוֹ – הָהִי

Não se preocupe com o acertar ou errar. Apenas tente ler as palavras. Se não conseguir, não se preocupe. É apenas uma primeira avaliação de seus conhecimentos fixados. Não esqueça de que deve dedicar algum tempo durante a semana para estudar as lições deste curso. Se quiser, escreva tudo o que há nelas com sua própria letra em um caderno. É um método muito bom para aprender línguas diferentes, como o Hebraico.

Complemento 7

Uma nota sobre o Hebraico moderno

O hebraico moderno é uma língua semítica pertencente à família das línguas afro-asiáticas. A Bíblia original, a **Torah**, que os judeus ortodoxos consideram ter sido escrita na época de Moisés, cerca de 3.300 anos atrás, foi redigida em hebraico clássico. Embora seja uma escrita foneticamente impronunciável e indecifrável, devido à não-existência de vogais no alfabeto hebraico clássico, os

judeus têm-na sempre chamado de **לשון הקודש** - **Lashon há-Qodesh** ("A Língua Sagrada") já que muitos acreditam ter sido escolhida para transmitir a mensagem de Deus à humanidade. Por volta da primeira destruição de Jerusalém pelos babilônios em 586 a.C., o hebraico clássico foi substituído no uso diário pelo **aramaico**, tornando-se primariamente uma língua franca regional, tanto usada na liturgia, no estudo do **Mishnah** (parte do **Talmud**) como também no comércio.

O hebraico renasceu como língua falada durante o final do século XIX e começo do século XX como o **hebraico moderno**, substituindo o árabe, o ladino, o iídiche, e outras línguas da Diáspora Judaica como língua falada pela maioria dos habitantes do **Estado de Israel**, do qual é a língua oficial primária (o árabe também tem status de língua oficial). O nome hebraico para a língua

é **עברית** - **Ivrit**.

Enquanto o termo "hebreu", refere-se a uma nacionalidade, ou seja especificamente aos antigos israelitas, a língua hebraica clássica, uma das mais antigas do mundo, pode ser considerada como abrangendo também os idiomas falados por povos vizinhos, como os fenícios e os cananeus. De fato, o hebraico e o moabita são considerados por muitos dialetos da mesma língua.

O hebraico assemelha-se fortemente ao aramaico e, embora menos, ao árabe e seus diversos dialetos, partilhando muitas características lingüísticas com eles.

O hebraico também mudou. A diferença entre o hebraico de hoje e o de 3.000 anos atrás é que o antigo não possui vogais ou sinais massoréticos quando escrito, tendo sido estas posteriormente inventadas pelos rabinos para facilitar a pronúncia. No entanto, esses sinais vocálicos geralmente não são usados pelos meios de comunicação de Israel hoje, mesmo porque o Hebraico moderno é uma língua viva.

Complemento 8

O Nome de Deus – Yahveh (יהוה)

Na língua hebraica o nome de Deus é escrito assim: יהוה. Estas quatro letras, chamadas de **Tetragrama**, são lidas da direita para a esquerda, em hebraico. Já, na língua moderna elas são representadas por **JHVH** ou **YHWH**. É este nome que se encontra nos pergaminhos originais da bíblia em hebraico.

Este nome é uma forma do verbo hebraico *haváh* (הוּא), "tornar-se". Portanto o significado do nome de Deus é: "**Ele Faz**", "**Ele Torna-se**". Mas isso não é uma unanimidade entre os lingüistas. Se derivar do verbo *hayáh* (הָיָה), "ser", tal nome significaria "**O Existente**", "**Aquele que É**".

Os israelitas conheciam a pronúncia do Nome de Deus, mas na escrita suprimiam as vogais automaticamente. Faziam isto com várias palavras.

Mas, qual seria o nome de Deus com as vogais?

O nome **JHVH** (ou **YHWH**), está sem as vogais, mas eruditos judaicos da segunda metade do 1º milênio descobriram um sistema de pontos para representar as vogais ausentes, preservando assim a pronúncia não só do nome de Deus, mais de muitas palavras escritas somente com as consoantes nos textos hebraicos.

Como ficaria o nome de Deus com as vogais:

JHVH, com as vogais JeHoVaH, em português - Jeová (יהוהֶ֑)

YHWH, com as vogais YaHWeH, em português - Iavé (יהוהֶ֑)

Capítulo IV

Consoantes - 2

No Capítulo I vimos que o alfabeto hebraico possui **22 letras**, todas **consoantes**. Este alfabeto é baseado nos modelos fenício e aramaico, que também possuem 22 consoantes.

No Capítulo II vimos as **11 primeiras consoantes** do alfabeto hebraico, que são (da esquerda para a direita, na forma impressa e na simplificada):

א - ב - ג - ד - ה - ו - ז - ח - ט - י - כ

א - ב - ג - ד - ה - ו - ז - ח - ט - י - כ

(álef – bet – guímel – dálet – hê – vav – záin – het – tet – yod – kaf)

Agora, vamos estudar as outras 11 consoantes, fechando as **22 consoantes** hebraicas.

Observe bem a palavra hebraica abaixo:

לא

Esta palavra pode ser tecnicamente transliterada como **lō'**. Simplificando, ela é lida como **“lô”** e significa **“não”**. O “alef” do final é mudo.

O primeiro sinal é, portanto, uma consoante: ל;

O segundo está no canto superior esquerdo e é um ponto vocálico - ם;

O terceiro é outra consoante – א .

A letra ל é a 12ª consoante do alfabeto hebraico e se chama “**lâmed**”. Seu valor fonético é sempre “l”. Mesmo no final deve ser lido como “l” puro.

Assim , a palavra hebraica אל (êl), que significa “Deus” e é escrita com as mesmas consoantes de “lô” (mas ao contrário), deve ser lida “êl” com “l” bem pronunciado, como em espanhol. Nunca deve ser pronunciada como nosso “l” em “papel” [papéu].

A forma simplificada desta letra, que você pode desenhar várias vezes em um papel, valendo como um exercício inicial de caligrafia, é:



Portanto, recapitulando a letra **Lâmed**:

ל (forma impressa) = ל (forma simplificada) = L (transliteração)

Agora observe a seguinte palavra abaixo:



Esta palavra pode ser transliterada como **Môshéh**. Simplificando, ela é lida como “**Môsheh**” e significa “**Moisés**”, o legislador hebreu e revelador da Cabala.

O sinal מ é a 13ª consoante do hebraico e se chama “**mem**”. A pronúncia correta é “mêm”, com o “m” final bem pronunciado, não como o “m” de “bem” [bêin].

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:



O valor fonético desta letra é sempre “**m**”.

Então, recapitulando as letras **Lâmed** e **Mem**:

ל (impressa) = ל (simplificada) = L (transliteração)

מ (impressa) = מ (simplificada) = M (transliteração)

Agora observe a terceira palavra abaixo:

נָתַן

Esta palavra pode ser transliterada como **Nāthān**. Simplificando, ela é lida como “**Nathan**” e significa “**Natā**”, que é o nome de um profeta dos tempos de Davi, citado no livro bíblico de **II Samuel, 7.2**. O “n” final deve ser lido como um “n” mudo, não como no português “*bem*” [bêin], mas como o “n” da primeira sílaba de “*ponto*” ou o “ne” do inglês “*alone*”.

Como você já deve ter percebido, o “nun” no final da palavra tem uma forma diferente da que possui no início da mesma. É o que se chama de “**nun final**”. Isso ocorre também com outras quatro consoantes hebraicas e é uma influência aramaica. Trataremos destas “**consoantes finais**” em outro capítulo.

O sinal ך é a 14ª consoante do hebraico e se chama “**Nun**”. A pronúncia correta é “nun”, com o “n” duro, e não “nune” nem nasalizado, como se faz em português.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:

ן

O valor fonético desta letra é sempre “n”. Devemos diferenciar o som do “n” e do “m” no final das palavras hebraicas, sem nasalizá-las como fazemos em português. Assim, lemos “mêmm” e “nunn”, não “mêin” ou “nũ” (como se diria em português).

Então, recapitulando as letras **Lámed**, **Mem** e **Nun**:

ל (impressa) = ל (simplificada) = L (transliteração)

מ (impressa) = מ (simplificada) = M (transliteração)

ן (impressa) = ן (simplificada) = N (transliteração)

Agora observe a quarta palavra abaixo:

סוס

Esta palavra pode ser transliterada como **Sūs**. Simplificando, ela é lida como “**sus**” e significa “**cavalo**”.

O sinal ס é a 15ª consoante do hebraico e se chama “**Sámekh**”. Podemos encontrar em outras fontes seu nome como sendo “Sámech” ou “Sámek”. Contudo, a pronúncia correta é “sámekh”, tendo este “kh” final o mesmo som da letra **Het** (ה), que já estudamos .

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:

ס

O valor fonético desta letra é sempre “s” duro de “**sim**”, nunca com o som de “z”, como em “casa”.

Nós transliteramos esta consoante por um “s”, mas também se pode encontrar a forma “š” [que tem o mesmo som], talvez para diferenciá-la da letra **Shin** (ש), quando esta também tem o som de um “s” puro, ao invés de “sh”.

Então, recapitulando as letras **Lámed**, **Mem**, **Nun** e **Sámekh**:

ל (impressa) = ל (simplificada) = L (transliteração)

מ (impressa) = מ (simplificada) = M (transliteração)

נ (impressa) = נ (simplificada) = N (transliteração)

ס (impressa) = ס (simplificada) = S (transliteração)

Agora observe a quinta palavra abaixo:

עִיר

Esta palavra pode ser transliterada como 'Ir. Simplificando, ela é lida como “ir” e significa “cidade”.

O sinal ע é a 16ª consoante do hebraico e se chama “Áin”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:

ע

É a última das consoantes mudas e seu valor fonético é representado apenas por um “ ’ ” antes da vogal. Só excepcionalmente – como veremos em outro módulo – esta consoante é pronunciada, em final de certas palavras, com o mesmo som de Hê (ה).

Agora observe a sexta palavra abaixo:

פֶּסַח

Esta palavra pode ser transliterada como Pěšăĥ. Simplificando, ela é lida como “Pêsaĥ” e significa “Páscoa, passagem”.

O sinal פ é a 17ª consoante do hebraico e se chama “Pêh”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:

פ

O valor fonético desta letra é “p”[se tiver um ponto dentro] ou “f” [sem o ponto].

Então, recapitulando as letras **Lámed**, **Mem**, **Nun**, **Sámekh**, **Áin** e **Pêh**:

ל (impressa) = ל (simplificada) = L (transliteração)
מ (impressa) = מ (simplificada) = M (transliteração)
נ (impressa) = נ (simplificada) = N (transliteração)
ס (impressa) = ס (simplificada) = S (transliteração)
ע (impressa) = ע (simplificada) = ' (transliteração)
פ (impressa) = פ (simplificada) = P/F (transliteração)

Agora observe a sétima palavra abaixo:

צַדִּיק

Esta palavra pode ser transliterada como **Tsādīq**. Simplificando, ela é lida como “**Tsadíq**” e significa “**justo**”.

O sinal צ é a 18ª consoante do hebraico e se chama “**Tsáde**”. A Cabala medieval a chama de “**Tsadiq**”, por causa do sentido de “justo”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:

צ


O valor fonético desta letra é “**ts**” [também se translitera por um “**ç**”].

Agora observe a oitava palavra abaixo:

קוֹל

Esta palavra pode ser transliterada como **Qōl**. Simplificando, ela é lida como “**Qôl**” e

significa “voz”.

O sinal  é a 19ª consoante do hebraico e se chama “Qôf”. A Cabala medieval a chama de “Quf”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:



O valor fonético desta letra é “q” (um “k” pronunciado mais atrás).

Então, recapitulando as letras Lámed, Mem, Nun, Sámekh, Áin, Pêh, Tsáde e Qôf:

 (impressa) =  (simplificada) = L (transliteração)

 (impressa) =  (simplificada) = M (transliteração)

 (impressa) =  (simplificada) = N (transliteração)

 (impressa) =  (simplificada) = S (transliteração)

 (impressa) =  (simplificada) = ' (transliteração)

 (impressa) =  (simplificada) = P/F (transliteração)


 (impressa) =  (simplificada) = TS (transliteração)

 (impressa) =  (simplificada) = Q (transliteração)

Agora observe a nona palavra abaixo:



Esta palavra pode ser transliterada como Ră'. Simplificando, ela é lida como “ra” e significa “mal”.

O sinal  é a 20ª consoante do hebraico e se chama “Rêsh”. Podemos encontrar em outras fontes seu nome como sendo “Reysh” ou “Reish”, etc. Contudo, a pronúncia correta é “Rêsh”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:

ר

O valor fonético desta letra é “R” (um “r” como o do português “carta”).

Agora observe a décima palavra abaixo:

שלום

Esta palavra pode ser transliterada como **Shālōm**. Simplificando, ela é lida como “**Shalôm**” e significa “**paz**”.

O sinal ש é a 21ª consoante do hebraico e se chama “**Shin**”. Se for escrita com um ponto à direita (שׁ), se chama “**Shin**” e equivale a “**SH**”. Se for escrita com um ponto à esquerda (שׂ), se chama “**Sin**” e equivale a “**S**”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:

U

Então, recapitulando as letras **Lámed**, **Mem**, **Nun**, **Sámekh**, **Áin**, **Pêh**, **Tsáde**, **Qôf**, **Rêsh** e **Shin**:

ל = ל = **L** (transliteração)

מ = מ = **M** (transliteração)

נ = נ = **N** (transliteração)

ס = ס = **S** (transliteração)

ש = ש = ' (transliteração)

פ = פ = P/F (transliteração)

צ = צ = TS (transliteração)

ק = ק = Q (transliteração)

ר = ר = R (transliteração)

ש = ש = Sh/S (transliteração)

Agora observe a décima primeira palavra abaixo:

תּוֹרָה

Esta palavra pode ser transliterada como **Tōrāh**. Simplificando, ela é lida como **“Toráh”** e significa **“Lei”**.

O sinal **ת** é a 22ª consoante do hebraico e se chama **“Tav”**. Podemos encontrar em outras fontes seu nome como sendo **“Tau”**, **“Tô”**, etc. Contudo, a pronúncia correta é **“Tav”**.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:

ת

O valor fonético desta letra é **“T” (quando em início de palavra)** ou **“Th” (aspirada, quando no meio ou no fim de palavra, com exceções)**.

Recapitulando as letras do segundo grupo do alfabeto hebraico - **Lámed, Mem, Nun, Sámekh, Áin, Pêh, Tsáde, Qôf, Rêsh, Shin e Tav**:

ל (impressa) = ל (simplificada) = L (transliteração)
מ (impressa) = מ (simplificada) = M (transliteração)
נ (impressa) = נ (simplificada) = N (transliteração)
ס (impressa) = ס (simplificada) = S (transliteração)
ע (impressa) = ע (simplificada) = ' (transliteração)
פ (impressa) = פ (simplificada) = P/F (transliteração)
צ (impressa) = צ (simplificada) = TS (transliteração)
ק (impressa) = ק (simplificada) = Q (transliteração)
ר (impressa) = ר (simplificada) = R (transliteração)
ש (impressa) = ש (simplificada) = Sh/S (transliteração)
ת (impressa) = ת (simplificada) = T/Th (transliteração)


Agora que estudamos todas as 22 consoantes hebraicas, faltando apenas completar as vogais, você pode treinar bastante a escrita das letras. Estude as consoantes acima, treine a caligrafia delas e decore seus nomes e pronúncias.


Complemento 9

A mística do Guímel e do Dálet

De acordo com a tradição mística da Cabala, a letra **Guímel** representa a **Natureza** e a geração, completando o trinômio das três primeiras letras: **Álef** (Deus-Homem), **Bêl** (Criação-Mulher), **Guímel** (Natureza-Geração/Filho).

A letra **Dálet** representa a matéria, sendo a letra da Autoridade e da Expansão (característica do mundo material).

O valor numérico de **Guímel** é 03, sendo sua forma geométrica o **triângulo** ().

O valor numérico de **Dálet** é 04, sendo a sua forma geométrica o **quadrado** ().

Capítulo V

Consoantes Finais

Nos capítulos anteriores vimos que o alfabeto hebraico possui **22 letras**, todas **consoantes**. Vimos também, algumas das vogais.

Este alfabeto, como também estudamos, é baseado nos modelos fenício e aramaico, que também possuem 22 consoantes.

Recapitulando mais uma vez, as **22 consoantes** hebraicas são:

כ - י - ט - ח - ז - ו - ה - ד - ג - ב - א

כ - י - ט - ח - ז - ו - ה - ד - ג - ב - א

(álef – bet – guímel – dálet – hê – vav – záin – het – tet – yod – kaf)

ת - ש - ר - ק - צ - פ - ע - ס - נ - מ - ל

ת - ש - ר - ק - צ - פ - ע - ס - נ - מ - ל

(lámed – mem – nun – sámekh – áin – pêh – tsáde – qof – resh – shin - tav)

Contudo, **cinco** destas consoantes, quando aparecem no **final** de uma palavra, têm uma forma escrita **diferente** daquela que têm quando aparecem no início ou no meio de uma palavra.

Estas letras são chamadas de **letras finais**, **consoantes finais** ou סופית (Sofit - “finais”), em hebraico.

A diferença na forma destas letras é posterior ao período do **Cativeiro em Babilônia** (séc. VI a.C.) e acabou se impondo na língua hebraica, entre outros motivos, porque facilitava a identificação do final das palavras, já que antigamente elas eram escritas sem qualquer separação. Isso pode ser observado nos **Manuscritos do Mar Morto**, por exemplo.

Observe bem a palavra hebraica abaixo:

אֶכָּ

Esta palavra pode ser tecnicamente transliterada como 'ăkh. Simplificando, ela é lida como “akh” e significa “apenas, somente”.

O primeiro sinal é, portanto, uma consoante: א;

O segundo é uma vogal, colocada abaixo da consoante - ׀ ;

O terceiro é outra consoante – ך .

A letra ך é a **forma final** da letra כ e se chama “Kaf Soff” [כָּ סוֹפִי - “kaf final”].

Seu valor fonético é sempre “kh”, ou seja, uma aspiração semelhante à da letra ן (Het).

Pela regra das letras finais não poderíamos, então, escrever אֶכָּ , mas apenas אֶכָּ .

A forma simplificada desta letra, que você pode desenhar várias vezes em um papel, valendo como um exercício inicial de caligrafia, é:

ך

Observe que o seu tamanho é cerca de um terço maior na parte inferior quando comparado com as consoantes comuns.

Portanto, recapitulando a letra final **Kaf Soff**:

ך (forma impressa) = ך (forma simplificada) = Kh (transliteração)

Agora observe a seguinte palavra abaixo:

יָם

Esta palavra pode ser transliterada como **Yām**. Simplificando, ela é lida como “**yam**” e significa “**mar**”.

O sinal יָ é a **forma final** da consoante מ e se chama “**Mem Sofi**”. A pronúncia é a mesma do “mêm” não-final.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:

□

[Parece um quadrado e seu tamanho é o mesmo do da maioria das letras.]

O valor fonético desta letra é sempre “**m**”.

Então, recapitulando as letras finais **Kaf Sofi** e **Mem Sofi**:

ך (impressa) = ך (simplificada) = **Kh** (transliteração)

□ (impressa) = □ (simplificada) = **M** (transliteração)

Agora observe a terceira palavra abaixo:

בֶּן

Esta palavra, como já vimos em outro capítulo, pode ser transliterada como **Bēn**. Simplificando, ela é lida como “**Ben**” e significa “**filho**”.

O sinal ך é a **forma final** da consoante נ e se chama “**Nun Sofi**”. A pronúncia é a mesma do “nun” não-final.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:

י

Ela também é um terço maior na parte inferior do que a maioria das letras comuns não-finais. Há que se observar bem este detalhe para não confundirmos as letras י (yod – metade do tamanho da maioria das letras), ׀ (Vav – tamanho padrão das letras) e ך (Nun Sofi – um terço maior que o padrão). O padrão delas é exatamente: ךי.

O valor fonético desta letra é sempre “n”.

Então, recapitulando as letras finais Kaf Sofi, Mem Sofi e Nun Sofi:

ך (impressa) = ך (simplificada) = Kh (transliteração)

ם (impressa) = ם (simplificada) = M (transliteração)

ן (impressa) = ן (simplificada) = N (transliteração)

Agora observe a quarta palavra abaixo:

יוסף

Esta palavra pode ser transliterada como **Yōsēf**. Simplificando, ela é lida como “Yosef” e significa “José”, aquele que foi vendido por seus irmãos e viveu no Egito, segundo o relato do livro de **Gênese**. A palavra “Yosef”, derivada do verbo “yasaf”, significa literalmente, “aquele que foi acrescentado” ou “aquele que continua/é a continuação”, por ser José a continuação do povo hebreu no Egito.

O sinal ף é a **forma final** da consoante פ e se chama “Pêh Sofi”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:

ף

[Como se pode ver, ela também é um terço maior na parte inferior.]

O valor fonético desta letra é sempre “f”, salvo exceções, quando tem som de “p”.

Então, recapitulando as letras finais **Kaf Sofi**, **Mem Sofi**, **Nun Sofi** e **Pêh Sofi**:

ך (impressa) = ך (simplificada) = Kh (transliteração)

ם (impressa) = ם (simplificada) = M (transliteração)



ן (impressa) = ן (simplificada) = N (transliteração)

ף (impressa) = ף (simplificada) = F (transliteração)

Agora observe a quinta palavra abaixo:



Esta palavra pode ser transliterada como 'êts. Simplificando, ela é lida como “'êts” e significa “árvore”.

O sinal  é a forma final da consoante  e se chama “Tsáde Sofi”.

A forma simplificada desta letra, que você pode treinar, é:



[Também é um terço maior que as letras comuns.]

É a última das consoantes finais e seu valor fonético é igual ao da forma comum: “ts”.

Então, recapitulando as letras finais **Kaf Sofi**, **Mem Sofi**, **Nun Sofi**, **Pêh Sofi** e **Tsáde Sofi**:

ך (impressa) = ך (simplificada) = Kh (transliteração)

ם (impressa) = ם (simplificada) = M (transliteração)

ן (impressa) = ן (simplificada) = N (transliteração)

ף (impressa) = ף (simplificada) = F (transliteração)

ץ (impressa) = ץ (simplificada) = TS (transliteração)

Recapitulemos, então, as 22 consoantes hebraicas, incluindo as formas finais de cinco delas. Isso totaliza 27 sinais diferentes relativos às consoantes que você deve estudar e fixar muito bem, para avançar neste curso.


- א (impressa) = א (simplificada) = ' (transliteração)**
ב (impressa) = ב (simplificada) = B/V (transliteração)
ג (impressa) = ג (simplificada) = G/Gh (transliteração)
ד (impressa) = ד (simplificada) = D/Dh (transliteração)
ה (impressa) = ה (simplificada) = h (transliteração)
ו (impressa) = ו (simplificada) = V (transliteração)
ז (impressa) = ז (simplificada) = Z (transliteração)
ח (impressa) = ח (simplificada) = H (transliteração)
ט (impressa) = ט (simplificada) = T (transliteração)
י (impressa) = י (simplificada) = Y (transliteração)
כ (impressa) = כ (simplificada) = K/Kh (transliteração)
Final: ך = ך = Kh (transliteração)
ל (impressa) = ל (simplificada) = L (transliteração)
מ (impressa) = מ (simplificada) = M (transliteração)
Final: ם = ם = M (transliteração)
נ (impressa) = נ (simplificada) = N (transliteração)
Final: ן = ן = N (transliteração)
ס (impressa) = ס (simplificada) = S (transliteração)
ע (impressa) = ע (simplificada) = ' (transliteração)
פ (impressa) = פ (simplificada) = P/F (transliteração)
Final: ף = ף = F (transliteração)
צ (impressa) = צ (simplificada) = TS (transliteração)
Final: ץ = ץ = TS (transliteração)
ק (impressa) = ק (simplificada) = Q (transliteração)
ר (impressa) = ר (simplificada) = R (transliteração)
ש (impressa) = ש (simplificada) = Sh/S (transliteração)
ת (impressa) = ת (simplificada) = T/Th (transliteração)


Complemento 10

A mística do Hê e do Vav

De acordo com a tradição mística da Cabala, a letra **Hê** representa a **Devoção** e o feminino. De fato, esta letra é colocada ao final de praticamente todas as palavras femininas da língua hebraica, com poucas exceções.

A letra **Vav** representa a **união**, a coação, a liberdade e o trinômio **Luz – Som – Verbo**.

O valor numérico de **Hê** é 05, sendo sua forma geométrica o **pentagrama** ().

O valor numérico de **Vav** é 06, sendo a sua forma geométrica o **hexagrama** ().

Complemento 11

Algumas considerações sobre a transliteração das consoantes hebraicas para o sistema fonético do português

' = simboliza o som da letra “‘ain” (א׳), som produzido *in gutture*, peculiar das línguas semitas, ao comprimir-se a glote;

Ch = usado para transliterar a letra “chin” (צ״ח). Tem o som de “sh” inglês, mas como o “sh” nada ter em comum com a fonética da língua portuguesa, alguns autores têm utilizado o “ch”.

G = simboliza a letra hebraica “gimel” (ג׳), que tem sempre o som do português na palavra “gato”, isto é, jamais funciona como “j” em palavras hebraicas transliteradas, mesmo antes de “i” ou “e”. O hebraico não possui o som de “j”, apesar de que na época dos *gueonim* a região Tiberiana de Israel pronunciava o “iod” como “jod”, quando este vinha pontilhado - י״ד (‘dagesh’), mas a pronúncia era errônea, conforme testifica **Rav Sa’adia Gaon** (em seu comentário sobre o “**Sêfer ha-Yetsirá**”). A letra “g” hebraica sem dagech (o ponto dentro da letra) deve ser pronunciada como “gh” (similar ao árabe “ghain”).

H = Simboliza a letra “hê” (ה״א) - como o “h” inglês na palavra “horse”, mesmo quando proceda “N” ou “L”. O hebraico não possui as junções fonéticas “lh” ou “nh” do português.

Kh = equivale ao “khaf” (כ״ח) *lene*, pronunciado como o “J” espanhol tal e qual é, pronunciado na Espanha pelos castelhanos, um tanto mais forte. Comumente, é pronunciado em Israel como o “ch” alemão, que é brando.

Ĥ = usado para transliterar a letra “hêt” (ח״ט) cujo som é inexistente nos idiomas ocidentais em geral; há quem insista em pronunciá-lo como “ch” alemão ou como “J” espanhol, incorretamente. trata-se da letra “HET” hebraica, ou “Ha” árabe, fortemente aspirada, muito diferente da “khaf”.

V - Na tradição **sefaradita** (uma das principais etnias judaicas) não existe o som de “v” na letra כ״ב (**bet**) não pontilhada, conforme se faz no hebraico atualmente utilizado em Israel, sendo o mais correto. A letra mencionada, na tradição **sefaradita**, possui som duplo (por exemplo, **abba** = **ab-ba**) quando vem pontilhada, e tem som simples, um “b” mais leve, quando não leva o pontinho

dentro. Optamos pelo hebraico atual nesse ponto, para evitar a confusão do estudante.

V (W) = seria o apropriado para a letra "**vav**" ["**Wau**"] - ם, cuja pronúncia correta (inclusive para **Eli'ezer ben-Yehuda**, o "inventor" do hebraico moderno) deve ser pronunciado como "u" consonantal. Porém, como em Israel atualmente se pronuncia com "v", assim o fazemos neste curso, pela mesma razão acima mencionada. Contudo, achamos importante ambas as observações, pois em muitas gramáticas estrangeiras o **vav** é transliterado como "w", que não usamos mais em português.

Tz = em lugar da letra "**tsade**" (צ), que em nossos dias tem a mesma pronúncia da "z" alemã ou "zz" italiana. Sua pronúncia correta é equivalente à letra em árabe que leva o nome "**sâd**". O "sadi" [como se escreve em português], corresponde a um "s" palatal aspirado, ou seja - pronuncia-se o "s" ao mesmo tempo em que se puxa o palato para dentro. Às vezes estará também transcrita com a junção "ts", o que é feito apenas para simplificar.

Q = corresponde à letra "**quf**" (ק), que se faz na garganta, pouco mais abaixo que o "c" do português antes de **a**, **o** ou **u**.

T = em hebraico, (assim como nas demais línguas semitas, como o árabe e o aramaico, por exemplo,) temos duas espécies de "t" - sendo um **palatal** (**tet** = ט) o outro, **dental** (**tau**, ou **tav** = ת). Em Israel, em nossos dias, não se faz qualquer diferenciação entre ambos. Equivale a "tet", em árabe à letra "tâ" palatal, e a "tau/tav", á "ta" linguodental.

R = Apesar de, para quem fala o português, ser desnecessário transliteração especial para a letra "**Resh**" (ר), uma vez que os israelenses em sua maioria, por influência asquenazita, e os **asquenazitas** (etnia judaica) no mundo inteiro pronunciarem-na com o som da "R" alemã, achamos importante acrescentar também esta nota. Os **sefarditas** evitam copiar a pronúncia desta consoante segundo o costume comum entre os judeus-portugueses de Amsterdam, por ser errônea, aprendida do meio em que viveram nestes últimos quatro séculos. O mesmo com respeito à pronúncia de "áin" (א), que os judeus-portugueses de Amsterdam copiaram dos judeus itálicos, por ser-lhes difícil a pronúncia desta letra conforme o que lhes fora ensinado por seus mestres que trouxeram do Marrocos e da Turquia. Na antiga Espanha, onde o árabe era falado no dia a dia nas "Aljamas", a pronúncia dos judeus hispano-portugueses era diferente da comum hoje nos Países-Baixos e Inglaterra, Suriname, e América Central e do Norte.

Capítulo VI

Vogais - 2

No Capítulo III vimos algumas das vogais utilizadas na escrita do hebraico. Agora, veremos as demais vogais ou pontos vocálicos utilizados para que os iniciantes possam ler as palavras hebraicas.

Os **sinais vocálicos** ou **pontos vocálicos** inventados pelos **massoretas** não fazem parte do alfabeto hebraico.

Como veremos, a maioria das vogais é colocada embaixo da consoante, mas algumas são também no canto superior direito da consoante que vocalizam.

Observe bem a palavra hebraica abaixo:

צַדִּיק

Esta palavra pode ser transliterada como **tsādīq**. Simplificando, ela é lida como “**tsadīq**” e significa “**justo**”.

O ponto vocálico **_** que aparece abaixo da consoante **צ** (**Tsáde**) se chama **Pathah** e equivale ao “**a**” **curto**, que pode ser representado na forma “**ă**”. É colocado imediatamente abaixo da consoante que vocaliza.

Exercício Nº 08

Considerando esta nova vogal, então como leríamos as consoantes seguintes com a vogal **Pathah**?

גַּד - דָּג - בֶּדֶל - לֵלֶד - בֶּבֶל - גַּמֵּל

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Recapitulando as vogais ou pontos vocálicos da escrita hebraica:

- Ⲛ (Qamets Gadol) = ā (“a” longo)
- ⲚⲚ (Tserê) = ē (“ê” longo e fechado)
- ⲚⲚⲚ (Hîreq Gadol) = ī (“i” longo)
- ⲚⲚⲚⲚ ou ⲚⲚⲚⲚⲚ (Hôlem) = ō (“ô” longo e fechado)
- ⲚⲚⲚⲚⲚ (Shureq) = ū (“u” longo)
- ⲚⲚⲚⲚⲚⲚ (Patah) = ă (“a” curto)

Agora observe a seguinte palavra abaixo:

אֶרֶץ

Esta palavra pode ser transliterada como ’ērêts. Simplificando, ela é lida como “**erets**” e significa “**terra**”.

O sinal ⲚⲚⲚ [três pontos formando um triângulo invertido] se chama **Seghâl** e equivale ao “e” curto e aberto (é), sendo representada por “**ě**”. Sua pronúncia é como a do “e” em “fera”, não como a de “e” em “pelo”.

Recapitulando as vogais ou pontos vocálicos da escrita hebraica vistos até aqui:

T

● ●

i

י

Agora observe a terceira palavra abaixo:

כֶּסֶל

Esta palavra pode ser transliterada como **kissē**. Sua forma simplificada seria “kissê” e seu significado é “**trono**”.

O sinal ◌ colocado abaixo da vogal **Kaf** se chama “**Hîreq Qatôn**” e equivale a um “**I**” (“**i** curto”). “**Qatôn**” quer dizer “pequeno” e esta vogal se contrapõe ao “**Hîreq Gadhôl**” (◌◌), onde “**Gadhôl**” significa “grande”. O que diferencia ambas é a existência ou não de **Yod** logo após o ponto colocado sob a consoante que vocaliza.

Recapitulando as vogais ou pontos vocálicos da escrita hebraica vistos até aqui:

T

● ●

i

ה

•

Agora observe a quarta palavra abaixo:

כל

Esta palavra pode ser transliterada como **kól**. Simplificando, ela é lida como “**kol**” e significa “**todo**”.

O sinal **ַ** é a vogal “**Qamets Qatôn**”. Ela é igual ao “**Qamets Gadol**”. A diferença está na pronúncia: o “**Qamets Gadol**” vale um “a” longo, o “**Qamets Qatôn**” vale um “o” curto e aberto (“ó”). Como diferenciá-los? Só conhecendo a etimologia da palavra. Quando não indicarmos que se trata de “**Qamets Qatôn**” (ó), a leitura em nossos exemplos será sempre “**Qamets Gadol**” (a).

Recapitulando as vogais da escrita hebraica vistas até aqui:

ֿ (Qamets Gadol) = ā (“a” longo)

ֿ (Tserê) = ē (“ê” longo e fechado)

ֿ (Hîreq Gadol) = ī (“i” longo)

ֿ ou ֿ (Hôlem) = ō (“ô” longo e fechado)

ֿ (Shureq) = ū (“u” longo)

ֿ (Patah) = ă (“a” curto)

ֿ (Seghâl) = ě (“é” curto e aberto)

ֿ (Hîreq Qatôn) = ĭ (“i” curto)

ֿ (Qamets Qatôn) = ó (“o” curto e aberto)

Agora observe a quinta palavra abaixo:

שולחן

Esta palavra pode ser transliterada como **shulhân**. Simplificando, ela é lida como “**shulhân**” e significa “**mesa**”.

O sinal ֿ é a vogal chamada “**Qibuts**” ou “**Qubuts**”. Corresponde ao “**u**” **curto** (ũ).

Recapitulando as vogais da escrita hebraica vistas até aqui:

- ⴐ** (Qamets Gadol) = ā (“a” longo)
- ⴑ** (Tserê) = ē (“ê” longo e fechado)
- ⴒ** (Hîreq Gadol) = ī (“i” longo)
- ⴓ** ou **ⴔ** (Hôlem) = ō (“ô” longo e fechado)
- ⴕ** (Shureq) = ū (“u” longo)
- ⴖ** (Patah) = ă (“a” curto)
- ⴗ** (Seghâl) = ě (“é” curto e aberto)
- ⴘ** (Hîreq Qatôn) = ĭ (“i” curto)
- ⴙ** (Qamets Qatôn) = ó (“o” curto e aberto)
- ⴚ** (Qibuts/Qubuts) = ů (“u” curto)

Exercício N° 09

Logo abaixo estão algumas palavras do vocabulário hebraico. Tente lê-las, utilizando os conhecimentos até aqui adquiridos sobre as consoantes e as vogais.

Ainda não estudamos todas as vogais, mas o que temos permite ler as palavras abaixo. Se não conseguir ler todas, não desanime. É apenas um primeiro teste para você mesmo avaliar seu desempenho.

Ao escrever a transliteração, não use sinais diacríticos (como ā, ē, ī, ō, ū, ă, ě, ĭ, ǫ, ů nas vogais), apenas a forma comum (a, e, é, i, o, ó, u). Tenha em mente as vogais estudadas e o fato da leitura ser da direita para a esquerda e as vogais se sucedendo abaixo e acima.

אָב - Pai	הִיא - Ela (pron. fem.)
בֶּן - Filho	הוא - Ele (pron. masc.)
קוֹל - Voz	עִיר - Cidade
אִישׁ - Homem (masc.)	טוֹב - Bom (adj.)
שֵׁם - Nome	אוֹר - Luz
כֹּהֵן - Sacerdote	יוֹם - Dia

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Exercício Nº 10

Tente ler as palavras abaixo:

לֹא - Não	שָׁלוֹם - Paz
אל - Deus	תּוֹרָה - Lei
עַם - Povo	צַדִּיק - Justo, reto (adj.)
סוּס - Cavalo	נָתַן - Natã (um profeta)
בַּיִת - Casa	מֹשֶׁה - Moisés

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Complemento 12

Uma nota sobre o criador do Hebraico moderno

Eliezer Ben Yehuda nascido **Eliezer Isaac Perlmann** (Lituânia, 1852-1922), foi o lingüista que reconstruiu a língua hebraica no Séc. XIX, criando o que conhecemos como o **hebraico moderno**.

Eliezer Ben Yehuda recebeu a mesma educação que toda criança de seu meio. Estudou em uma **Yeshivá** (academia judaica), com o sonho de se tornar rabino, e logo aprendeu o hebraico dos livros antigos.

Para **Ben Yehuda**, os judeus deviam voltar a Israel, formar uma nação e ter uma língua própria, uma escrita unificadora e esta seria o hebraico. Porém, o hebraico era, até então, um idioma sagrado, usado apenas para estudar e orar. Concluiu que ele mesmo deveria ir à Palestina e começar a pôr em prática seu sonho.

Quando seu filho **Ben Zion Ben Yehuda**, também conhecido como **Itamar Ben Avi**, nasceu em 1882, fez sua mulher prometer-lhe que ele cresceria sendo o primeiro menino a falar tudo em hebraico. Essa política domiciliar ficou conhecida como o “hebraico em casa”.

De todos os passos para instaurar a língua, o mais importante foi o “hebraico na escola”, quando Eliezer recomendou aos rabinos e professores usar o hebraico como idioma de instrução nas escolas da Palestina, em matérias tanto religiosas quanto seculares.

Ele foi então convidado a lecionar o idioma hebreu na Escola de *Torah e Avodah* (Trabalho) da Aliança Israelita Universal, em Jerusalém. Em pouco tempo, seus alunos já conversavam normalmente em hebraico, graças ao seu método de falar livremente e diretamente, ou seja, sem tradução para outras línguas.

Além de ensinar jovens, **Ben Yehuda** queria também ensinar aos adultos, e por isso passou a publicar seu próprio jornal, **HaTzvi**, 1884. Escrito todo em hebraico, continha tópicos de interesse do povo que morava na Palestina, incluindo notícias internacionais e locais, como tempo, moda, etc. O jornal era também utilizado para introduzir novas palavras, que não existiam no hebraico antigo, entre elas “jornal”.

Outra criação de **Ben Yehuda** em prol do desenvolvimento do hebraico foi o “**Dicionário Completo do Hebraico Antigo e Moderno**”. O dicionário, de 17 volumes, só pôde ser concluído após sua morte, e é, ainda hoje, o único dicionário na lexicografia hebraica.

O ideal de **Ben Yehuda** recebeu grande ajuda da massa de judeus que chegaram à Palestina em 1881. Eles receberam suas idéias e muitos já estavam prontos para falar hebraico quando chegaram, transmitindo-o às crianças em casa, nas creches, nas escolas.

Assim, entre 1881 e 1921, era formada uma massa jovem e fervente de faladores da língua hebraica, com o hebraico como único símbolo do nacionalismo lingüístico. Esse fato foi reconhecido pelas autoridades britânicas, que reconheceram, em 1922, o hebraico como língua oficial dos judeus da Palestina. Um mês depois, **Ben Yehuda** faleceu de tuberculose.

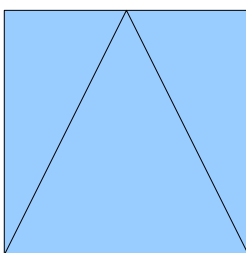
Complemento 13

A mística do Záin e do Het

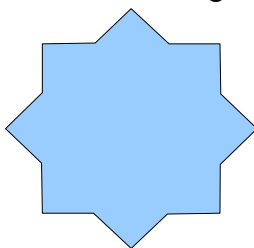
De acordo com a tradição mística da Cabala, a letra **Záin** representa a **Vitória** e o equilíbrio entre **Matéria** (o número 4 – o quadrado) e **Espírito** (o número 3 – o triângulo).

A letra **Het** representa o **equilíbrio**, o fundamental, a justiça, o combate e a santidade.

O valor numérico de **Záin** é 07, sendo sua forma geométrica uma **estrela de sete pontas** ou um **triângulo dentro de um quadrado**:



O valor numérico de **Het** é 08, sendo a sua forma geométrica a **estrela de oito pontas**:



Complemento 14

A mística do Tet e do Yod

De acordo com a tradição mística da Cabala, a letra **Ṭet** representa a **Prudência**, a Luz Interna ou Oculta e a Bondade Divina em nós. É o verbo mágico do “Calar”.

A letra **Yod** representa a **Divindade** (por ser a primeira consoante do nome de Deus – **Yahveh**), a necessidade, a ordem cósmica e o princípio que rege o universo.

O valor numérico de **Ṭet** é 09, sendo sua forma geométrica um **círculo** (**O**), que representa o Universo.

O valor numérico de **Yod** é 10, sendo a sua forma geométrica um **círculo com um ponto dentro** (**⊙**), que é o símbolo do Sol.

Capítulo VII

Consoantes e Vogais

Exercício N° 11

Este é o terceiro vocabulário que apresentamos. Procure aprender bem as palavras que aparecem nos vocabulários. Atente para as consoantes e as vogais corretas.

הָרַ - Monte

אֶרֶץ - Terra

שֶׁמֶשׁ - Sol

מָלוֹן - Refúgio, pousada

אִם - Mãe

בַּת - Filha

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Nos módulos anteriores vimos que o alfabeto hebraico possui **22 consoantes**.

Neste módulo ampliaremos o conhecimento das **consoantes**, observando algumas peculiaridades, e continuaremos o estudo das **vogais** hebraicas.

Consideremos as seis consoantes seguintes:

ת - פ - כ - ד - ג - ב

Bet – Gímel – Dáleth – Kaf – Pêh – Tav

Estas seis consoantes têm uma pronúncia **aspirada** e outra **dura**. Quando a pronúncia é **dura**, possuem um ponto dentro que se chama **Dágesh**. Ele **aparece quando estas seis letras não estão precedidas de vogal ou semivogal**.

Este grupo de seis consoantes com pronúncia dupla é conhecido pelo nome de **Begadkefat** (palavra formada com as próprias consoantes em questão).

Considerando, então, na escrita, a existência ou não de **dágesh**, as pronúncias destas letras serão:

בּ - B

גּ - G

דּ - D

כּ - K

פּ - P

תּ - T

ב - Bh (hoje, “V”)

ג - Gh

ד - Dh

כ - Kh (hoje = a Hêet)

פ - Ph = F

ת - Th

Exercício N° 12

Escreva num caderno para efetuá-lo. Translitere as palavras abaixo só em consoantes, conforme o exemplo:

דְּבַר - DBhR

דֵּם -

בֵּעַר -

פֶּר -

תְּבִיאָה -

עֵרַב -

אַחַד -

שֵׁפֶט -

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Exercício N° 13

Responda por que as consoantes do grupo **Begadkefat** abaixo não têm o ponto no centro delas (*dágesh*) nas palavras que seguem:

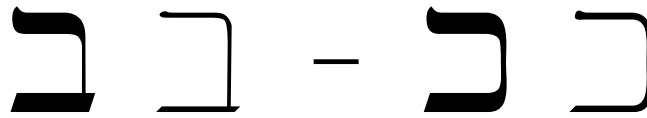
אֵב - שֵׁפֶט - אַחַד - רֵגֶל

Resposta: Porque

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

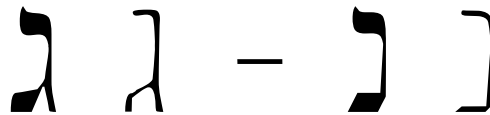
Aprendendo a diferenciar as consoantes – Bêth e Kaf

Algumas letras, na escrita e mesmo quando a grafia é pequena, podem ser facilmente confundidas se não houver atenção. Observe bem as diferenças entre o Bêth e o Kaf, tanto na forma impressa quanto na simplificada:



Aprendendo a diferenciar as consoantes – Gímel e Nun

Algumas letras, na escrita e mesmo quando a grafia é pequena, podem ser facilmente confundidas se não houver atenção. Observe bem as diferenças entre o Gímel e o Nun, tanto na forma impressa quanto na simplificada:



Classificação das consoantes quanto ao órgão de articulação

Os lingüistas dividiram as letras hebraicas e as classificaram segundo o órgão da fala em que estas são articuladas.

Desta forma, elas podem ser:

Guturais (pronunciadas atrás do palato),

Palatais (pronunciadas no céu da boca),

Dentais (pronunciadas com a língua tocando os dentes),

Sibilantes (que sibilam, como o “s”),

Labiais (pronunciadas usando-se os dois lábios).

Outras classificações existem, mas escolhemos esta, simplificada, para nosso curso.

Abaixo, temos as letras divididas conforme essa classificação:

(1) Guturais - א - ע - ה - ח - ר*

(2) Palatais - י - ג - כ - ק

(3) Dentais - ל - נ - ד - ת - ט - ר*

(4) Sibilantes - ז - ס - ש - צ

(5) Labiais - ו - מ - ב - פ

* A consoante ר (rêsh) pertence às guturais e às dentais, ao mesmo tempo.

Consoantes vocálicas

Já fizemos menção das consoantes vocálicas, dizendo que elas funcionam como se fossem vogais, dependendo do lugar que ocupam na palavra. Isso facilita a leitura de palavras hebraicas sem os pontos vocálicos.

As três consoantes que servem como vogais são:

ה - Hê

ו - Vav

י - Yod

No primeiro caso, a consoante ה só representa uma vogal quando a sílaba na qual ela aparece for a última.

Por exemplo: מה (se lê “mah”) = מהֿ

הם (se lê “hêm”) = הםֿ

O Vav (וֿ) e o Yod (יֿ) representam vogais quando estão no fim de uma sílaba qualquer (seja a última da palavra ou não), correspondendo às seguintes vogais, em Português:

וֿ – ō, ū

יֿ – ī, ē

Mais adiante estudaremos a aplicação desta regra das consoantes vocálicas. Por enquanto, apenas decore estas informações.

O Shevá

Observe a seguinte palavra: דְּבַר

Note que embaixo de sua consoante inicial temos um sinal novo para nós. Este sinal (ְ) se chama “**shevá**” (ou semivogal) e foi inventado pelos **Massoretas** com a finalidade de representar uma vogal esvaída, muito fraca. Assim, a palavra acima é lida como “**devár**”, sendo um meio termo entre “**devár**” e “**dvar**”. Podemos transliterar com ou sem este “e”, mas não devemos esquecer que, neste caso, é uma vogal muito fraca, como um “e” quase imperceptível.


O **Shevá** pode ser **vocálico (ou sonoro)** ou **mudo (ou secante)**. Quando ele estiver ligando uma consoante a outra na mesma sílaba é **Shevá vocálico**, podendo ser representado na transliteração por um “e” sublinhado.

Por exemplo: דְּבַר - *Devár*

Quando estiver no fim de uma sílaba, ele é **Shevá mudo**, não sendo pronunciado nem transliterado. Outros colocam um ponto como forma de transliterá-lo.

Por exemplo: יִקְטֹל - *Yiqṭôl* ou *Yiq.ṭôl*





Uma peculiaridade é quando o **Shevá mudo** aparece no final de uma palavra que termina com **Kaf Sofi** (ךְ).

Neste caso, sua forma é , como se pode ver no exemplo abaixo:

 -Mélekh (Rei)

Vogais compostas

Recordando o que acabamos de ver, o **Shevá** pode ser **vocálico (ou sonoro)** ou **mudo (ou secante)**.

Quando o **Shevá** estiver sob uma consoante **gutural** ele é sempre **sonoro**, e deve ser representado pelo sinal do **Shevá** () mais o sinal de uma vogal breve, que poderá ser o de **Patah** (), o de **Segol** () ou o de **Qamets Qatôn** (), tornando-se um **Shevá composto**.

Assim teremos:

1 – Shevá composto de Patah ou Patah Shevá:




2 – Shevá composto de Segol ou Segol Shevá:




3 – Shevá composto de Qamets ou Qamets Shevá:



Na leitura, o **Shevá composto** é levemente pronunciado, e quando transliterado, leva a vogal correspondente sublinhada. Não faremos isso a partir de um certo momento, para não confundir o estudante na hora de ler as palavras. O importante é saber que a vogal composta de **Shevá** nunca ocorrerá em sílaba tônica, exatamente por ter pronúncia leve.

Assim, o **Patah Shevá** () terá a pronúncia de um “a” bem mais curto que o do **Patah**

original: “ă”. O **Segol Shevá** () terá a pronúncia de um “é” aberto bem mais curto que o do

Segol original: “ē”. E o **Qamets Shevá** () terá a pronúncia de um “ó” aberto bem mais curto que o do **Qamets Qatôn** original: “ō”.

Palavras com vogais compostas não são muito freqüentes, mas elas são mais utilizadas na flexão verbal e na dos adjetivos, etc. Não devemos esquecer que elas aparecem somente com consoantes guturais, ou seja, as consoantes א - ה - ח - ע .

Eis alguns exemplos de palavras hebraicas com vogais compostas [o ponto na transliteração serve para mostrar sua pronúncia fraca, quase imperceptível]:

Com Patah Shevá: אֲדָמָה (*adamah* - “terra, chão”);

אֲחֻזָּה (*ahuzzah* - “posse, propriedade”);

אַחֲרֹן (*aharon* - “último”).

OBS: As pronúncias se assemelham a “.damá”, “.huzá” e “ahrôn”.

Com Segol Shevá: אֱלֹהִים (*elohiyim* - “Deus”);

אֱמֶת (*émeth* - “verdade”);

אֱלִיל (*eliyl* - “ídolo”).

OBS: As pronúncias se assemelham a “.loím”, “.méth” e “.líl”.

Com Qamets Shevá: אֲנִיָּה (*aniyyah* - “navio”);

חֲלִי (*hóliy* - “enfermidade, doença”);

עֲנִי (*óniy* - “aflição, penúria”).

OBS: As pronúncias se assemelham a “.niá”, “.hlí” e “.ní”.

Exercício N° 14

Vocabulário e exercício de leitura (escreva num caderno para efetuá-lo):

שַׁעַר - Porta, portão

כִּסֵּא - Trono, cadeira

אִשָּׁה - Mulher
 לֶחֶם - Pão, alimento (fig.)
 דְּבַר - Palavra, o Verbo (fig.)
 דָּם - Sangue
 פָּר - Touro
 שָׁפַט - Julgar (verbo)
 עָרַב - Tarde (após o meio-dia)
 גּוֹי - Povo, nação
 בָּשָׂר - Carne, corpo
 עֵץ - Árvore
 אֲרִי - Leão
 חָלִי - Doença, enfermidade
 אֱלֹהִים - Deus

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Aprendendo a diferenciar as consoantes – Daleth e Kaf Sofi

Observe bem as diferenças entre o **Daleth** e o **Kaf Sofi** [final], tanto na forma impressa quanto na simplificada:



Recapitulando todas as consoantes hebraicas (pratique todas no seu caderno de caligrafia, para adquirir proficiência completa):

א (impressa) = א (simplificada) = ' (transliteração)
ב (impressa) = ב (simplificada) = B/V (transliteração)
ג (impressa) = ג (simplificada) = G/Gh (transliteração)
ד (impressa) = ד (simplificada) = D/Dh (transliteração)
ה (impressa) = ה (simplificada) = h (transliteração)
ו (impressa) = ו (simplificada) = V (transliteração)
ז (impressa) = ז (simplificada) = Z (transliteração)
ח (impressa) = ח (simplificada) = H (transliteração)
ט (impressa) = ט (simplificada) = T (transliteração)
י (impressa) = י (simplificada) = Y (transliteração)
כ (impressa) = כ (simplificada) = K/Kh (transliteração)
Final: ך = ך = Kh (transliteração)
ל (impressa) = ל (simplificada) = L (transliteração)
מ (impressa) = מ (simplificada) = M (transliteração)
Final: ם = ם = M (transliteração)
נ (impressa) = נ (simplificada) = N (transliteração)
Final: ן = ן = N (transliteração)
ס (impressa) = ס (simplificada) = S (transliteração)
ע (impressa) = ע (simplificada) = ' (transliteração)
פ (impressa) = פ (simplificada) = P/F (transliteração)
Final: ף = ף = F (transliteração)
צ (impressa) = צ (simplificada) = TS (transliteração)
Final: ץ = ץ = TS (transliteração)
ק (impressa) = ק (simplificada) = Q (transliteração)
ר (impressa) = ר (simplificada) = R (transliteração)
ש (impressa) = ש (simplificada) = Sh/S (transliteração)
ת (impressa) = ת (simplificada) = T/Th (transliteração)

Também recapitulando todas as vogais (pontos vocálicos) da escrita hebraica (pratique todas no seu caderno de caligrafia, para adquirir proficiência completa):

- ⲧ** (Qamets Gadol) = ā (“a” longo)
Ⲛ (Tserê) = ē (“ê” longo e fechado)
ⲛ (Hîreq Gadol) = ī (“i” longo)
ⲟ ou **ⲟ̄** (Hôlem) = ō (“ô” longo e fechado)
ⲡ (Shureq) = ū (“u” longo)
ⲛ̄ (Pataĥ) = ă (“a” curto)
Ⲛ̄ (Seghôle) = ě (“é” curto e aberto)
ⲛ̇ (Hîreq Qatôn) = ĭ (“i” curto)
ⲧ̄ (Qamets Qatôn) = ó (“o” curto e aberto)
Ⲛ̇ (Qibuts/Qubuts) = ŭ (“u” curto)
ⲟ̇ (Shevá) = ̣ (mudo ou sonoro, como “e” curto)
ⲛ̇̄ (Pataĥ Shevá) = ȁ (“a” muito curto)
Ⲛ̇̄ (Seghôle Shevá) = ȣ (“é” muito curto e aberto)
ⲧ̇̄ (Qamets Shevá) = ȡ (“o” muito curto e aberto)

Notas sobre as Consoantes

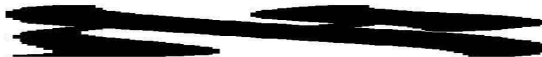
01 – O alfabeto hebraico consta de **22 letras** (ou **23**, se considerarmos as formas **Shin/Sin** - שׁ - שׂ), todas **consoantes**. A escrita hebraica antiga era originalmente idêntica à **fenícia**. Da escrita fenícia derivou a **aramaica**, e desta desenvolveu-se, através de uma constante estilização, a **escrita quadrática** – assim denominada devido à tendência dos tipos de se adaptarem à forma de um quadrado.

02 – Quanto à **grafia**, o hebraico é escrito e lido da direita para a esquerda. As letras כ - מ - נ - פ - צ adotam, quando no final da palavra (*litterae finales* – *letras finais*), a forma ך - ם - ן - ף - ם (vox memorialis: כַּמְנַפֵּץ – **Kamnapêts**, palavra mnemotécnica para decorar as consoantes finais).

03 – As sílabas de uma palavra não podem ser separadas. A fim de preencher o espaço das linhas quando se escreve a mão (não no computador) é possível estender as letras dilatáveis (*litterae dilatabiles*) א - ה - ל - ת - ם (vox memorialis: אַהֲלֵתֶם - 'ahaltém), conforme as necessidades.

Portanto:

Álef dilatável:



Hê dilatável:



Lámed dilatável:



Tav dilatável:



Mem Sofí dilatável:



04 – A escrita a mão é idêntica à de imprensa. Só o hebraico moderno usa uma escrita cursiva diferente. Mesmo quando simplificada, a escrita do hebraico antigo deve manter-se rigorosamente nos moldes da forma de imprensa, como vimos em capítulos anteriores. Todas as letras precisam ser começadas no canto superior esquerdo. Devido aos traços básicos horizontais, o lápis ou caneta deve ser conduzido de través, em sentido horizontal e não vertical. É preciso distingüir claramente entre:

ח e ה - ר e ד - נ e ג - כ e ב
 ן e ך - נ e כ - ז e ו - ת e ה
 נ e כ, ב - צ e ע - ס e ם
 ך e ד, ר

05 – As consoantes mudas ב - ג - ד - כ - פ - ת (*vox memorialis*: בגדכפת - **Begadkefat**) têm articulação dupla: uma **branda**, naturalmente aspirada, e outra dura, **oclusiva**. O fonema oclusivo é indicado por um ponto interior (o דָּגֶשׁ - **Dágesh**).

Contudo, a pronúncia atual distingue regularmente entre **f** e **p** (פּ - פּ); freqüente é também a diferenciação entre **kh** (como um **h palatal**, semelhante ao “ch” alemão em “sprechen”) e **k** (כּ - כּ), e entre **bh** (como o **v** em português) e **b** (בּ - בּ). Os demais fonemas não são diferenciados, apesar de termos à disposição recursos como ambos os “th” ingleses para representar **dh** e **th** (תּ - תּ), e o “g” da Vestfália para **gh** (גּ - גּ). Distinguindo-se a pronúncia de **k** e **b** (כּ - בּ), é preciso cuidado para não confundir **kh** com **h** (ח - ח) e **bh** com **v** (בּ - וּ).

Letras como sinais numéricos

As letras também são empregadas como sinais numéricos, o que também se observa no grego antigo e mesmo na Latim, já que os sinais arábicos (na verdade, indianos) para os números são relativamente recentes. Assim, a tabela abaixo mostra os valores numéricos das letras hebraicas, incluindo as consoantes finais, na composição dos números:

א - 01	י - 10	ק - 100
ב - 02	כ - 20	ר - 200
ג - 03	ל - 30	ש - 300
ד - 04	מ - 40	ת - 400
ה - 05	נ - 50	ך - 500
ו - 06	ס - 60	ם - 600
ז - 07	ע - 70	ן - 700
ח - 08	פ - 80	ף - 800
ט - 09	צ - 90	ץ - 900

Os números, então, são escritos assim:

א - 01; ב - 02; ט - 09; י - 10; י"א - 11;

י"ב - 12; י"ט - 19; כ - 20; ק - 100;

ק"א - 101; ק"ב - 112; ת"צ - 499;

ך - 500; תתק"א - 501; etc.

Mas há exceções, todas por motivos religiosos, na verdade. O nº 15, por exemplo, é escrito na forma ט"ו (e não י"ה); o nº 16 é escrito na forma ט"ז (e não י"ו), devido à semelhança dos dois pares de letras com o nome sagrado de Deus: יהוה. A partir do número 1000, se representa o milhar com dois riscos acima da letra: א̄ - 1000; ב̄ - 2000; כ̄ - 20.001; etc. Os **nomes** dos números serão vistos em um próximo volume deste curso.

04 – A vogal é colocada **sob** a consoante que lhe antecede (ex.: מָ, “ma”; מֶ, “mê”) ou sob o seu traço vertical, caso só possua um (ex.: דָּ e não דִּ = “du”; רָ e não רִ = “ri”). Só o **Âholem** se encontra à esquerda, acima da consoante (ex.: מוֹ e מֹ - “mô”).

O ponto de **Âholem**, quando coincidir com os pontos diacríticos de **Shin** (שׁ) e **Sin** (שׂ), se fundirá com eles.

Vejamos os exemplos abaixo:

מֹשֶׁה - *Moshéh* (“Moisés”), vem de מֶ + שֶׁ + הּ !
 שׂוֹנֵא - *Sône'* (“que odeia”), vem de שׁ + וֹ + נֵא !
 שׁוֹפֵט - *Shôfet* (“juiz”), vem de שׁ + וֹ + פֵט !
 עֹשֶׂה - *Oséh* (“que faz”), vem de עֶ + שֶׁ + הּ !

O לֹ **não vocalizado** também atrai o **Âholem** para o seu canto direito. Ex.: לֹא - *Lo'* (“não”). Da mesma forma, o לֵ vocalizado, com valor consonantal, como no exemplo: לֵוֶה - *Lôveh* (“que empresta, emprestando”).

05 – Nos casos em que o texto já contava com letras vocálicas, os pontuadores acrescentaram-lhes também os seus sinais. Daí surgiram:

וְ - וֹ
 וּ - וֹ
 וִ - וִ
 וֶ - וֶ

Tais vogais são chamadas de **Âhireq**, **Tserê**, **Seghól** e **Âholem magnum** [grande, **Gadol**], em contraste com o *parvum* [pequeno, **Qatôn**], que não tem letra vocálica. Em vez de וֹ escrevia-se וְ (**Shureq**).

Se, portanto, וְ e וֹ forem precedidos de uma vogal correspondente (**homogênea**), sem serem seguidos diretamente de uma vogal, não são pronunciados como consoantes, apresentando-se como **letras vocálicas mudas**. Sendo, no entanto, precedidos de uma vogal que não lhes corresponda (**heterogênea**), sua pronúncia é **consonantal**.

Assim sendo, a articulação de יִ é “ī” [longo], mas a de יְ é “ay”. Exs.:

יָדִי - Yadí (“minha mão”);

יָדַי - Yaday (“minhas mãos”);

יָדוֹ - Yadô (“sua mão”);

עָנָו - 'Anáv (“humilde”).

Uma exceção é a terminação יָאֵב - av, como no exemplo abaixo:

יָדָיו - Yadáv (não “Yadáyv”) - “suas mãos”.

OBS.: Estude bem estas regras para leitura das palavras hebraicas com pontos vocálicos, pois elas são muito importantes para o progresso nos estudos. Copie as letras num caderno, treine as vogais e a leitura em geral diversas vezes, até fixar todos os sinais e regras.


A partir do próximo capítulo estudaremos alguns conceitos da Cabala, já que você conhece as letras e fará sentido o que transmitiremos em seguida, a respeito do significado místico de cada uma das consoantes hebraicas. Por enquanto, estude tudo o que vimos até aqui.

Complemento 15

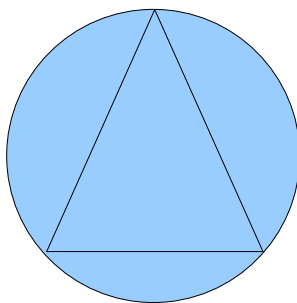
A mística do Kaf e do Lámed

De acordo com a tradição mística da Cabala, a letra **Kaf** representa a **Força**, a energia, a capacidade de trabalho e de vencer obstáculos. É a letra da Glória Divina e do ensinamento espiritual.

A letra **Lámed** representa o **Sacrifício** (divino, moral e humano), a Sabedoria por instrução e o ensinamento espiritual transmitido através de gerações de mestre a discípulo.

O valor numérico de **Kaf** é 20, apesar de ser a 11ª letra, pois, a partir de 10, o sistema numérico hebraico conta às dezenas. A sua forma geométrica, contudo, é baseada no número 11, pois é um **círculo cortado por uma linha** (, o que representa o Universo e a dualidade ($09+02 = 11$).

O valor numérico de **Lámed** é 30 (segundo a mesma lógica de contagem), sendo a sua forma geométrica (baseada no número 12) um **círculo com um triângulo dentro**, que é o símbolo do Universo e da Divindade como permeando o Todo ($09+03 = 12$):



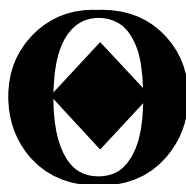
Complemento 16

A mística do Mem e do Nun

De acordo com a tradição mística da Cabala, a letra **Mem** representa a fluidez, a **transformação**, a morte e o renascimento, bem como a maternidade.

A letra **Nun** representa o **Filho** (Messias), o fruto, o humilde. Tem uma função simbólica de diminutivo, pelo fato de aparecer em palavras diminutivas.

O valor numérico de **Mem** é 40. A sua forma geométrica, contudo, é baseada no número 13, pois é um **círculo com um losango dentro**, representando o Universo e a Matéria ($09+04=13$):



O valor numérico de **Nun** é 50, sendo a sua forma geométrica (baseada no número 14) um **círculo com um pentagrama dentro**, que é o símbolo do Universo e do Homem ($09+05 = 14$):



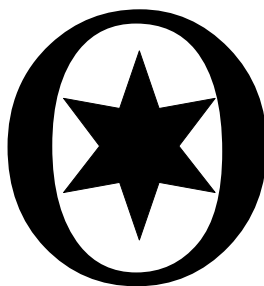
Complemento 17

A mística do Sámekh e do 'Áin

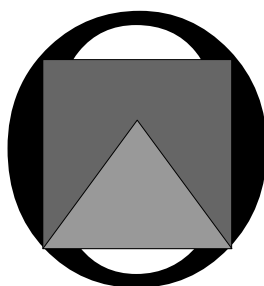
De acordo com a tradição mística da Cabala, a letra **Sámekh** representa o **destino**, o círculo, os ciclos que se repetem (dia-noite, luz-trevas, vida-morte).

A letra **'Áiyn** representa a **matéria**, a desarmonia, o ruído, o caos, o desequilíbrio e a queda na matéria.

O valor numérico de **Sámekh** é 60. A sua forma geométrica, contudo, é baseada no número 15 pois é um **círculo com um hexagrama dentro**, representando o Universo e a Matéria unida ao Espírito ($09+06=15$):



O valor numérico de **'Áiyn** é 70, sendo a sua forma geométrica (baseada no número 16) um **círculo com um quadrado e um triângulo dentro** (símbolo do número sete, que também pode ser representado por uma estrela de sete pontas), que é o símbolo do Universo e do Equilíbrio fundamental das coisas ($09+07 = 16$):



Capítulo VIII

Introdução à Cabala

Uma vez tendo estudado o alfabeto hebraico de **22 consoantes** (ou **23**, se considerarmos as formas **Shin/Sin** - שׁ - שׂ), podemos introduzir o aluno nos conceitos da **Cabala, a Tradição Secreta do Judaísmo**, ou, mais precisamente, de **Moisés**, já que tal Tradição é anterior ao nascimento do Judaísmo.

Na verdade, esta Tradição tem ecos na antiga religião dos egípcios, mesclas das práticas religiosas do Sinai, influências babilônias (época do **Cativeiro em Babilônia**), zoroastristas, gnósticas e, a partir da Idade Média, até cristãs, segundo muitos historiadores.

Mas, o que é a **Cabala**?

A palavra **Cabala**, escrita originalmente **Qaballah** (קַבָּלָה - se lê “cabalá”), provém do verbo hebraico **Qibbel** (קִבֵּל - "aceitar, receber, tomar algo") e, neste sentido, significa **Tradição** [lit. “aquilo que se recebe”]. Era, no início, uma tradição espiritual dos hebreus que vinha desde Moisés, sendo oral, passada de pai para filho (e de mestre para discípulo) ao longo dos séculos.

Em princípio, a **Cabala** [esta é a forma da palavra em português] versa sobre os cálculos místicos com os nomes e as letras (**Cabala Simbólica**), as Hierarquias de Anjos e Demônios e a transmigração das almas (**Cabala Dogmática**), as **Sefirot**, a Árvore da Vida e a Divindade (**Cabala Metafísica**). O ensinamento tradicional da Cabala é ao mesmo tempo **HISTÓRICO, MORAL e MÍSTICO**.

Na realidade, existem "duas" Cabalas:

1ª - A chamada **Cabala Judaica**, que é a mais conhecida hoje em dia, mesmo nos meios não-judaicos. Nasceu das interpretações dos rabinos judeus acerca da **Torah** (תּוֹרָה - "A Lei"), contida no **Pentateuco** de Moisés [os cinco primeiros livros do Antigo Testamento], com ênfase especial no **Gênese** ou **Sêfer Bereshith** (סֵפֶר בְּרֵאשִׁית - "Livro do Princípio"), que constitui a mais antiga obra cabalística que se conhece. Nesta visão da Cabala, há um misto de moral e religião, com freqüente tendência judaizante, o que normalmente afasta os estudantes que não são adeptos do Judaísmo nem estão interessados em converter-se para poder praticar Cabala. Esta Cabala é feita de especulações teológicas e filosóficas dos descendentes de Moisés.

2ª - A chamada **Cabala Mosaica**, a verdadeira Cabala ensinada por Moisés há cerca de 3400 anos. Para desenvolvê-la, serviu-se dos antiqüíssimos arquivos sacerdotais dos Iniciados do Egito, datados talvez da época do continente perdido da **Atlântida** (por isso chamados "arquivos atlantes"), segundo diversos místicos e ocultistas, como *Papus*, *Saint-Yves D'Alveydre* e *Helena Petrovna Blavatsky*. Para estes, tais arquivos continham, de forma velada, toda a religião e ciência daquela avançada civilização do passado. **Giordano Bruno**, queimado como herege pela Inquisição em 1600, acreditava numa origem egípcia da Cabala e mesmo da religião católica.

Claro que a história da Cabala é bem mais complexa do que estas duas fases e nos aprofundaremos nela mais adiante. Há fases importantes mais recentes, como a da **Escola de Luria**, que tem uma visão reencarnacionista.

As fontes cabalísticas

Acerca da **Cabala Atlante**, nada se pode dizer, uma vez que desapareceram os tais arquivos que lhe serviram de base juntamente com o povo que durante milhares de anos os guardou. Dela só podemos ter uma idéia analisando a **Cabala Mosaica**, que deve ter tido como fonte os arquivos originais. Baseado nestes arquivos, Moisés escreveu a sua **Cosmogonia** (origem do mundo) e a história do passado da humanidade em sua **Antropogonia** (Adão é a representação da primitiva Atlântida). Em algumas partes chegou mesmo a transmitir conhecimentos tecnológicos da antiga civilização atlante. Tudo está velado na linguagem sagrada de Mistério típica da Cabala e de outros sistemas de tradição mística, o que significa que devemos conhecer suas bases para interpretar qualquer texto místico.

As fontes da Cabala são, em primeiro lugar, o **Gênese** ou **Séfer Bereshith** e depois, o **Êxodo**, seguindo-se a estes [e contendo cada vez menos da verdadeira tradição de Moisés], o **Levítico**, o **Números** e o **Deuteronômio**. Estes cinco livros formam o **Pentateuco** cristão ou o **Séfer Mosheh** judeu (סֵפֶר מֹשֶׁה - "Livro de Moisés").

Como os livros cabalísticos de Moisés eram de difícil compreensão para o vulgo, os rabinos escreveram diversos comentários ou interpretações, que vieram a se constituir no **Talmud** (escrito entre 300 a.C. e 500 d.C.). Ele é a base do que chamamos de **Cabala Judaica**, mas não é o que mais interessa ao **cabalista** [em hebraico, chamado de **Mequbál** – מִקְוָבָל] e sim, duas outras obras de cunho mais místico que o Talmud, surgidas na Idade Média.

São elas:

a) **SEFER YETSIRAH** (סֵפֶר יִצְרָה - "Livro da Formação" ou "Criação"):

Parece ser a primeira obra filosófica escrita em hebraico. Sua data correta e seu verdadeiro autor ainda não foram determinados. Mesmo assim, parece que o livro já era conhecido no século II d.C., apesar de alguns rabinos acharem que sua composição tenha se dado entre os séculos VIII e XI d.C. A autoria de tal obra, atribuída ao patriarca **Abraão**, é fantasiosa. Alguns o atribuem ao rabino **Akiva [ou Akiba]** (séc. II d.C.). A obra descreve cada uma das 22 letras do alfabeto hebraico e as suas relações simbólicas com o ser humano, com o céu astronômico, dias da semana, meses do ano, etc. Ela será estudada em nosso curso.

b) SEFER HA-ZOHAR (סֵפֶר הַזֹּהָר – "O Livro do Esplendor") ou

simplesmente ZOHAR (זֹהָר): Não é, de maneira alguma, uma obra unificada, totalmente coesa e sem contradições [como, aliás, toda a Bíblia!]. Na verdade, apresenta por vezes contraditórias forças do movimento cabalístico. Segundo muitos, teria sido escrita ou, o mais provável, apenas compilada, por volta de 1286 pelo cabalista espanhol **MOSES DE LEÓN** (falecido em 1305), o que não pode ser de todo descartado. Trata de assuntos relativos ao Gênese mosaico, à morte, ao espírito, às *Sefirot*, ao Sábado, ao destino da Alma, à Árvore da Vida e ao significado oculto da *Torah* (a Lei).

OBS.: Sem conhecer estas obras em seu idioma original, o hebraico antigo [e um pouco de aramaico], ninguém pode pretender ser um legítimo **CABALISTA**, pois a língua hebraica apresenta sutilezas de significado que não é possível captar através das traduções disponíveis para línguas modernas. Falar de “*sefirot*”, “*gematria*”, “*temurah*” e “*notarikon*” sem conhecer as nuances da língua hebraica é como falar de matemática sem conhecer as quatro operações! Pois, apresentaremos todos estes conceitos ao longo deste curso em quatro volumes.

Nota sobre o que o que é um Cabalista

A palavra usada para “cabalista” em hebraico é, como vimos, **Mequbal** (מְקוּבָּל). Mas esta é a forma masculina ou neutra. Antigamente não existiam mulheres cabalistas, pelo menos ao que se saiba, mas hoje, sim. Então, o feminino de “cabalista” seria **Mequbalah** (מְקוּבָּלָה). O plural de ambas as palavras seria:

“Cabalistas” [masc.e neutro] = מְקוּבָּלִים – Mequbalím

“Cabalistas” [fem.] = מְקוּבָּלוֹת – Mequbalôth

O Hermetismo e a Cabala

Um conjunto de diálogos místicos muito conhecido teve grande influência entre os cabalistas medievais e renascentistas. Trata-se do **Corpus Hermeticum**, atribuído a **Hermes Trismegistos** [lit. “três vezes grande”], um personagem mítico [e simbólico] que, de forma alguma teria sido o autor da obra. Ela parece ter sido escrita por volta do séc. II d.C. - quando também se escreveu o **Séfer Yetsirah** (סֵפֶר יְצִירָה) -, e traz indícios de ser de autoria de alguns gnósticos egípcios interessados em transcender o caos intelectual em que a filosofia grega havia caído. Temos aqui a origem do **Hermetismo**. É a verdadeira **Gnose** [em grego, “conhecimento”], um modo de alcançar o conhecimento intuitivo das coisas divinas e do significado do mundo. Isso influenciou deverasmente os magos, ocultistas e cabalistas do Renascimento europeu.

Embora o **Corpus Hermeticum** não seja uma obra caracteristicamente egípcia, não se pode negar que a filosofia e a Iniciação egípcias transparecem nela, uma vez que tais tradições não eram desconhecidas dos vários autores desta obra. Sendo ela de vários autores, não há um consenso geral na mesma, que apresenta dois tipos de **Gnose**: a **Pessimista** e a **Otimista**.

Para a **Gnose Pessimista** o mundo material, fortemente impregnado da influência dos astros, é mau por si mesmo; é preciso escapar a ele levando uma vida ascética, reclusa, e evitando, tanto quanto possível, o contato com a matéria, até que a alma iluminada se eleve através das esferas dos planetas, livrando-se das suas más influências até atingir o mundo divino, seu verdadeiro lar.

Para a **Gnose Otimista**, toda a matéria é impregnada do que é divino, a Terra é viva, move-se com vida divina, as estrelas são imensos animais vivos, o Sol brilha com poder divino e não há parte da Natureza que não seja boa, pois tudo pertence ao Criador.

Gnose (ou **Hermetismo**), **Cabala** e **Alta Magia** são ciências ocultas que dependem umas das outras. O gnóstico "pessimista" precisa conhecer as palavras cabalísticas e as senhas mágicas para poder livrar-se do poder maléfico dos astros, em sua ascensão através das esferas. O gnóstico "otimista" não teme atrair, pelos mesmos métodos, essas forças do Universo, que ele acredita serem boas. A **Cabala**, a princípio, é **Otimista**!

Foi essa união tripla (**Gnose - Cabala - Magia**) que deu origem às obras profundas de ocultistas como **Pico Della Mirandola** (séc. XV); **Cornélio Agrippa**, **Giordano Bruno**, **Tommaso Campanella** (todos do séc. XVI) e **Jacques Gaffarel** (séc. XVII), entre outros, apreciadíssimos [e copiados] por cabalistas mais recentes como **Fabre D'Olivet**, **Eliphas Levi**, **Saint-Yves D'Alveydre** e o **Dr. Papus** (sécs. XIX e XX).

Através destes autores foi possível compreender que embora a Cabala seja, em primeiro lugar, **Mística**, um modo de tentar conhecer o Criador, tem conexões com um tipo de magia que pode ser usado mística ou subjetivamente na própria pessoa, como uma espécie de "auto-hipnose" ou um auxílio para a contemplação [as palavras hebraicas, neste caso, são "recitadas" de forma semelhante aos mantras hindus, levando a estados de êxtase como os últimos]. Pode também transformar-se em magia eficaz, por meio da utilização do poder do idioma hebraico ou da força dos anjos invocados para perfazer a obra de **Magia** (**Ars Magna** ou "A Grande Obra").

Segundo **Giordano Bruno** (queimado na fogueira da Inquisição, em 1600), a Cabala dos judeus tem origem egípcia, o que é correto. Dizia que devemos buscar no Egito as chaves desta Ciência e que os hieróglifos eram o meio usado pelos egípcios para capturar com habilidade maravilhosa a "linguagem dos deuses"[nesta época os hieróglifos ainda não haviam sido decifrados!]. Acreditava ainda que a idéia cabalística dos inumeráveis **Nomes de Deus** era uma concepção essencialmente egípcia. Estudaremos estes **Nomes** ao longo de nosso curso.

"Se abarcares no pensamento todas as coisas de uma só vez, tempo, lugares, substâncias, qualidades, quantidades, poderás compreender Deus."

[Corpus Hermeticum]

A Mnemônica Cabalística de Giordano Bruno

Os cabalistas ensinam que é possível comunicar-se com os **anjos** (que não têm voz) através de **sinais mnemônicos hebraicos** com mais eficácia que dizendo seus nomes. Esses sinais são os símbolos angélicos, os selos e a chamada "escrita dos anjos e demônios" que vemos em alguns livros de **Magia Prática** (cfe. **Agrippa**, **Papus**, **Levi**, **Barrett** e **Piobb**).

Os oradores romanos utilizavam uma mnemônica que consiste na memorização de uma série de lugares de um edifício, associando-se aos lugares memorizados imagens que lembrem pontos do discurso. O orador, ao pronunciar o seu discurso, repassava em sua imaginação, ordenadamente, os

lugares memorizados, deles retirando as imagens que lhe lembrariam suas idéias. Não apenas os edifícios podiam ser utilizados como um sistema de lugares memorizados: o próprio zodíaco podia servir como fundamento do sistema de memorização. As próprias letras cabalísticas do alfabeto hebraico podem ser de utilidade neste processo, uma vez que cada uma delas constitui um símbolo arquetípico, um hieróglifo complexo, que guarda dados sobre a essência do universo em três níveis (corpo, alma, espírito) e em sete graus iniciáticos. Um nome angélico, portanto, guarda inúmeros **Mistérios**, que requerem conhecimentos múltiplos para serem desvelados.

Esta técnica, descrita principalmente por **Giordano Bruno** em várias de suas obras, tornou-se moda na Renascença entre os hermetistas e cabalistas. Era entendida como um método destinado a imprimir na memória imagens arquetípicas, tendo como "lugar-sistema" a própria ordem cósmica, uma espécie de modo íntimo de conhecer o Universo pelo uso de imagens **cabalísticas**, **mágicas** ou **talismânicas** como ativadoras da memória. O mago esperava adquirir conhecimento universal e poderes, obtendo, graças à organização mágica da imaginação, uma personalidade magicamente poderosa, afinada com as forças do Cosmos. Essa é a origem de toda a Ciência Oculta dos **Pantáculos Mágicos**, sensação entre os adeptos da **Cabala Prática**.

A chave desta técnica é que, quando a pessoa se submete às formas celestes, vai da confusa pluralidade [ou Dualidade] das coisas à sua subjacente Unidade. Pois, quando as partes das espécies universais não são consideradas separadamente, mas em relação à sua ordem subjacente - o que há que não possamos compreender, memorizar e fazer?

Exercício Nº 15

Leia as palavras hebraicas abaixo sem se preocupar com os significados, apenas com a pronúncia. Escreva estas pronúncias em um caderno. Detalhe: a ordem das palavras está da direita para a esquerda. Então, leia-as assim (←):

אם - עם - מל - מס - שם
שר - זר - צר - צר - עז
אז - עץ - חג - חק - הר
נס - נב - חן - כן - פן - מן
כל - קל - בד - בר - כד - גד

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Complemento 18

A mística do Pêh, do Tsáde, do Qof e do Resh

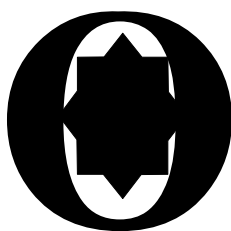
De acordo com a tradição mística da Cabala, a letra **Pêh** representa o **pensamento**, a consciência, a esperança e a comunicação.

A letra **Tsáde** representa o **reflexo** divino na matéria, a sombra, o reflexo e a energia oculta [luz astral].

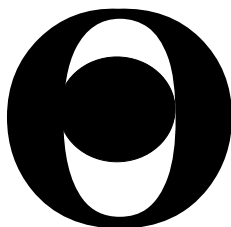
A letra **Qof** representa a **Verdade**, a Lei Divina e a Voz dos Profetas e dos Santos.

A letra **Resh** representa a **liderança** espiritual, o despertar e o reconhecimento da Divindade.

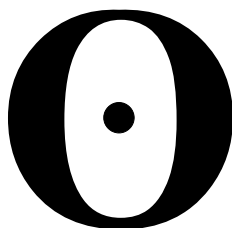
O valor numérico de **Pêh** é 80. A sua forma geométrica, contudo, é baseada no número 17 pois é um **círculo com dois quadrados dentro** (uma estrela de oito pontas), representando o Universo e do Equilíbrio ($09+08=17$).



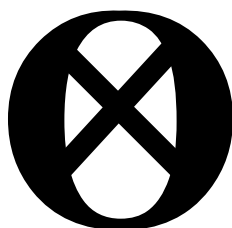
O valor numérico de **Tsáde** é 90, sendo a sua forma geométrica (baseada no número 18) um **círculo com outro dentro**, pouco menor que o primeiro, que é o símbolo do Universo Divino refletido na Matéria ($09+09 = 18$).



O valor numérico de **Qof** é 100, sendo sua forma geométrica um **círculo com um círculo menor dentro**.



O valor numérico de **Resh** é 200, sendo sua forma geométrica um **círculo com duas linhas a dividi-lo dentro** [um sinal da multiplicação].



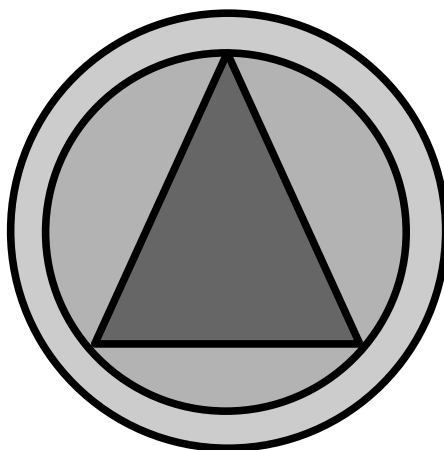
Complemento 19

A mística do Shin e do Tav

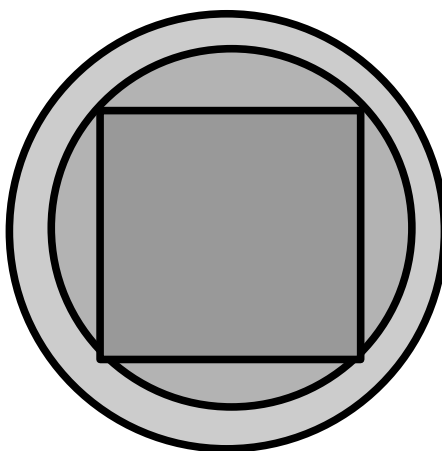
De acordo com a tradição mística da Cabala, a letra **Shin** representa o **fogo**, a duração relativa e o Nome de Deus.

A letra **Tav** representa a **síntese**, a perfeição, a realização da Grande Obra Mágica [**Ars Magna**] e o sinal divino.

O valor numérico de **Shin** é 300. A sua forma geométrica, contudo, é baseada no número 21, pois é **dois círculos com um triângulo dentro**, representando o Universo dual e o Espírito ($09+09+03=21$).



O valor numérico de **Tav** é 400, sendo a sua forma geométrica (baseada no número 22) **dois círculos com um quadrado dentro**, que é o símbolo do Universo dual refletido na Matéria ($09+09+04 = 22$).



Capítulo IX

Formação e divisão das sílabas

Toda a sílaba numa palavra hebraica começa com uma **consoante**. A única exceção é a **conjunção** וְ (‘‘ve’’ - e), quando se transforma em וּ (‘‘u’’), diante das labiais e das consoantes com **Shevá** simples.

Veja os exemplos abaixo:

וּבֶן - *uvên* (‘‘e um filho’’);

וּשְׁמוֹ - *ushmô* (‘‘e seu nome’’).

Agora veja o seguinte exemplo:

אָב - *av* (‘‘pai’’)

Esta palavra tem **duas consoantes** e **uma vogal**. A palavra que tiver uma só vogal constará de uma só sílaba. Assim, deduzimos que a contagem de sílabas numa palavra hebraica depende do **número** de suas **vogais**.

Exercício Nº 16

Neste caso, quais palavras abaixo têm uma só sílaba?

עִיר (3) סוּם (2) קוּל (1)
עַם (6) תּוֹרָה (5) כִּיָּהֵן (4)

[Confira a resposta no final do livro, na seção ‘‘Exercícios – Respostas’’]

Além da vogal, a sílaba pode ter um **Shevá simples** ou um **Shevá composto** (um dos dois apenas), formando ainda assim **uma** só sílaba. Ou seja, apenas as vogais longas e curtas contam sílaba. O **Shevá** e as vogais compostas de **Shevá** não entram na contagem. Isso ocorre porque o **Shevá** é quase um encontro consonantal e as vogais compostas de **Shevá** são de pronúncia muito curta, quase encontros consonantais também. De fato, nas transliterações do Hebraico moderno o **Shevá** fraco é considerado completamente mudo (ex.: **breshith**), embora não o fosse na origem (ex.: **bereshith**).

Exercício N° 17

Observe as palavras hebraicas que seguem e escreva no seu caderno o número de sílabas que cada uma contém:

מְצִיחַ (4) יְקַטֵּל (3) קָטַל (2) אֱלֹהִים (1)

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Portanto, a sílaba pode ter uma ou mais consoantes, um **Shevá** simples ou um **Shevá** composto, mas não poderá ter mais do que uma vogal.

Por exemplo, a palavra נָבִיא (naviy' - “profeta”) tem **três consoantes** (נ ב א), **duas vogais** (ָ e יִ) e, portanto, **duas sílabas** (נָ-בִיא).

Conforme os exemplos anteriores, observamos que a sílaba sempre começa com consoante e nunca com vogal, exceto com **vav conjuntivo** (a conjunção “e”), como esclarecido.

Quanto ao final da sílaba, ela pode terminar com **vogal ou consoante**. Se finalizar com **consoante audível e não** for a última sílaba da palavra, a consoante deve ter um **Shevá mudo** (ou secante) que serve como divisor de sílaba e mostra a ausência de vogal [o encontro consonantal da língua portuguesa]. (Todas as consoantes são audíveis, com exceção do א, ה e ע.)

Por exemplo:

בַּמִּדְבָּר se separa בַּ-מִדְ-בָּר (Ba-midh-bár, “no deserto”)

Nesta palavra, a segunda sílaba termina com consoante audível e tem um **Shevá** mudo. A última sílaba termina também com consoante, mas não tem **Shevá** porque é a sílaba final da palavra. As únicas exceções são o **Kaf Final** (ךְ) e o **Tav com Dághesh** (דָּ). Ambos levam o **Shevá** no fim de uma palavra.

Exercício N° 18

Separe em sílabas as palavras abaixo escrevendo em seu caderno:

דְּבָרִים (4) מֶלֶךְ (3) בֶּקֶר (2) הָאָרֶץ (1)

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Aberta é a sílaba que termina em vogal ou em consoante não audível, conforme os exemplos abaixo:

מַצֵּאת - *Matsa'thá* (“tu achaste”) [todas as sílabas são abertas];

יְרִיחוֹ - *Yeriyhō* (“Jericó”) [todas as sílabas são abertas].

Fechada é a sílaba que termina em consoante audível, como nos exemplos abaixo:

שֵׁם - *Shēm* (“nome”);

פֶּחַ - *Paḥ* (“armadilha”).

Duplamente Fechada é a sílaba que termina em duas consoantes desvocalizadas. Tais sílabas são raras e ocorrem apenas no final das palavras. Veja o exemplo abaixo:

קָטַלְתְּ - *Qaṭálth* (“tu [mulher] mataste”).

A sílaba aberta tem sempre uma vogal longa. A sílaba fechada atônica tem sempre uma vogal breve. A sílaba fechada tônica pode ter uma vogal longa ou breve. Há poucas exceções.

Assim sendo, o sinal ט quando numa sílaba fechada atônica, é sempre **Qamets Qatôn** (“ó”), como no exemplo:

חֹכְ-מָה - *Ḥókhmáh* (“sabedoria”) [aqui, a sílaba tônica é “mah”].

Mas, no caso de sílaba **aberta**, sempre é **Qamets Gadhol**, como no exemplo:

חָכָם - *Ḥakhám* (“sábio”)

Exercício N° 19

Exercícios de fixação - Use seu caderno para escrever as respostas antes de conferi-las.

1) Escreva em seu caderno se a sílaba de cada palavra abaixo é **aberta** ou **fechada**:

(1) בֵּן (2) לֹא (3) בִּי (4) רָה (5) הָר

2) Quais das palavras abaixo têm a sílaba final **fechada**?

מְצוּה (4) טוֹב (3) אֶרֶץ (2) אֶרֶץ (1)

3) Quais palavras abaixo têm a sílaba final **aberta**?

הִיא (5) אֲנִי (4) מֹשֶׁה (3) תּוֹרָה (2) שָׁלוֹם (1)

4) Considerando as palavras abaixo, diga **quantas sílabas** cada uma possui e se a vogal final é **longa** ou **breve**.

פָּרִי (4) דְּבָרִים (3) יִרְפֵּשׁ (2) נֶפֶשׁ (1)

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Vocabulário

אֱלֹהִים - Elohim (“Deus”)

בַּיִת - Bayith (“casa”)

יָד - Yadh (“mão”)

רֹאשׁ - Rôsh (“cabeça”)

שָׁמַיִם - Shamáyim (“céus” - Dual, uma forma de plural)

נָבִיא - Naviy’ (“profeta”)

קָדוֹשׁ - Qadôsh (“santo”)

גָּדוֹל - Gadhôl (“grande”)

יִשְׂרָאֵל - Isra’el (“Israel” - nome próprio)

אָדָם - ’Adhám (“Adão; homem, ser humano”)

פָּנִים - Paniym (“face”)

מִרְיָם - Miryám (“Maria” - nome próprio)

יִצְחָק - Yitshâq (“Isaac” - nome próprio)

סְדוֹם - Sedhôm (“Sodoma” - nome de lugar)

יְהוּדָה - Yehudháh (“Judá” - nome próprio)

חֲנוּךְ - Hânôkh (“Enoc” - nome próprio)

שְׁלֹמֹה - Shelomôh (“Salomão” - nome próprio)

שִׁמְשֹׁן - Shimshôn (“Sansão” - nome próprio)

Exercício Nº 20

Exercício de Leitura - Leia as palavras hebraicas abaixo sem se preocupar com os significados, apenas com a pronúncia. Escreva estas pronúncias em um caderno. Detalhe: a ordem das palavras está da direita para a esquerda. As sílabas das palavras que têm mais de uma sílaba são separadas pelo sinal (|).

מְרִים - קְדוֹרוֹן - נְבוֹ - יְבוֹם
יְצוּחֶק - שְׁכֶם - סְדֹר - עֵמֹרָה
יְהוּדָה - חֲנוּךְ - אֵל יוֹשֶׁעַ
תְּרוֹשִׁישׁ - שְׁלֹמֹה - שְׁפֹלָה
מְדַן - שִׁמְשֹׁן - נְמֹרָד
אָדָם - חֲבֹרוֹן - לְבָנוֹן
סוֹסֶד - מוֹשֶׁד - לָךְ - לָךְ
חֲפֹנִי - עֲתוֹנִיָּאל - אֲנִי - אֲנִי
אֲמוֹנָה - חֲמוֹרִים - חֶלְיִים
קְדוֹשֶׁד - סוֹבָבוֹ - יֶשֶׁק - כָּל

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Capítulo X

A Tradição Hebraica e a Cabala

Em sua obra “**A Cabala**”, o grande ocultista **Papus** (1865-1916) esclareceu sobre as dificuldades no estudo da Tradição cabalística e suas diferenças de interpretação dos textos sagrados:

“Embora possamos encontrar na Cabala a exposição das regras teóricas e práticas da Ciência Oculta, sempre teremos dificuldades em discernir as relações entre o texto sagrado propriamente dito e a tradição esotérica. Todas essas dificuldades provêm da confusão que se estabelece no espírito uma vez que se deva classificar as imensas compilações hebraicas chegadas até nós.”

[“A Cabala: tradição secreta do Ocidente”, Papus (Dr. Gérard Encausse) – São Paulo: Sociedade das Ciências Antigas, 1983.]

Na verdade, ao lado do texto bíblico, especialmente o Antigo Testamento, sempre existiu uma **Tradição** destinada a instruir uma classe de Iniciados na interpretação da **Lei** (a **Torah**). Esta Tradição, de transmissão oral, era baseada em dois aspectos de ensinamento:

1º – Corpo: Era o ensinamento relacionado com o “corpo material” da Bíblia. A **construção** de cada capítulo da Bíblia hebraica era submetida a certas regras fixas, baseadas em cálculos matemáticos, transposição de letras, etc. O proposto “*Código da Bíblia*” deve ter suas bases nesta parte da Tradição. Mas este “código” **não é, certamente, profético, e sim, cabalístico**, ou seja, transmite conhecimentos universais sobre a Divindade, o Homem e o Universo.

2º – Espírito: Era o ensinamento relacionado com o “espírito” do texto bíblico. Os comentários e interpretações tinham sempre dois níveis de interpretação, a saber: a interpretação **legislativa** (a **Lei** como conjunto de regras determinando as relações sociais em Israel, entre os vizinhos e entre a Divindade) e a da **Doutrina Secreta** (conjunto de conhecimentos teóricos e práticos versando sobre as relações entre Deus, o Homem e o Universo).

A divisão abaixo torna mais didática a apresentação das partes da Tradição esotérica hebraica e a faz um todo completo:

1 – Corpo (Nefesh - נפש): O texto sagrado da Bíblia hebraica;

2 – Vida (Ruah - רוח): A parte legislativa do ensinamento tradicional;

3 – Espírito (Neshamah - נשמה): A Doutrina Secreta.

A Tradição hebraica foi oral durante milhares de anos. Contudo, devido aos constantes combates e conquistas da Terra Santa por diversos povos e civilizações, os detentores desta **Tradição** (os antigos cabalistas orais) resolveram escrever as bases da doutrina, para que não caísse no esquecimento. Várias obras foram publicadas, então, especialmente a partir da Idade Média, cada uma versando sobre um ponto da Tradição mística.

Tudo o que se referia ao **corpo** do texto, as regras de leitura da *Torah*, os ensinamentos sobre o sentido místico das letras hebraicas, foi consignado na **Mashorah**.

Os comentários tradicionais sobre a parte **legislativa** – a **vida** – formaram a **Mishnah**.

As adições posteriores a tais comentários (uma espécie de jurisprudência) formaram a **Gemarah**.

A união das duas últimas partes (a parte **legislativa**) – **Mishnah** e **Gemarah** – formou o **Talmud**, que trata, em suma, apenas da parte **legislativa**.

Resumindo, e considerando a Tradição hebraica como um todo dividido em três partes:

1 – O Corpo é a Bíblia Hebraica (a Torah) – A Fonte da Tradição, seu ponto de partida;

2 – A Vida ou parte legislativa é o Talmud – A aplicação social da Tradição, específica para a sociedade judaica da época;

3 – O Espírito ou Doutrina Secreta é a Cabala – A Sabedoria esotérica profunda teórica e prática envolvida no texto original, que é atemporal e mesmo universal, não pertencendo apenas à religião judaica, mas a toda a Humanidade.

Apenas a parte teórica da Cabala foi escrita ou impressa. Ela compreende dois estudos:

1º – A Criação e suas leis (*Bereshith* - בְּרֵאשִׁית), resumida no *Sefer Yetsirah* (סֵפֶר יְצִירָה - O Livro da Formação);

2º – A Essência Divina e sua manifestação, resumida no já comentado *Sefer Ha-Zohar* (סֵפֶר הַזֹּהָר - O Livro do Esplendor). Este estudo é chamado pelos cabalistas de **Carro Celeste** ou **Mercavah** (מֶרְכָּבָה).

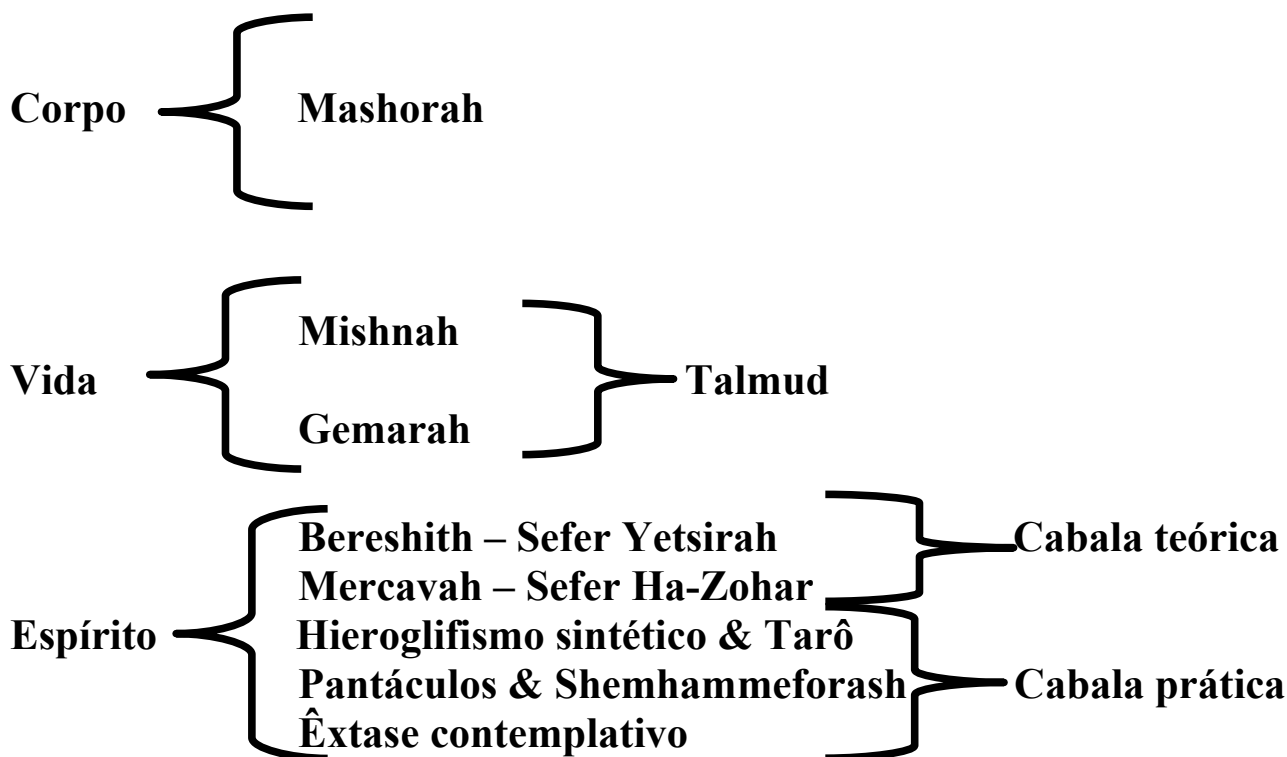
Quanto à parte prática da Cabala, quase nada foi escrito. Mas, apenas para sermos didáticos, a dividiremos em três partes, com uma breve descrição:

1 – Hieroglifismo sintético: Corresponde à evolução, divisão, transposição mística das letras e dos números através de várias operações cabalísticas. Aqui está a **numerologia hebraica** e sua aplicação na análise de nomes próprios. O **Tarô** também se insere nesta parte, pois as 22 cartas dos **Arcanos Maiores** são correlatas às 22 letras do alfabeto hebraico. Os 56 **Arcanos Menores** correspondem a quatro séries de 10 *Sefiroth* (esferas de emanção divina) e aos quatro elementos, como veremos mais adiante.

2 – Ciência dos Pantáculos: Permite utilizar a língua hebraica, o hieroglifismo, a simbologia e a geometria sagrada na confecção de **pantáculos** – figuras geométricas coloridas ou não, com funções variadas (especialmente para meditação nos nomes sagrados, cura, invocação e operações mágicas com nomes angélicos). Aqui se incluem as “Clavículas de Salomão” ou **Shemhammeforash**.

3 – Êxtase contemplativo: Pode ser induzido pela prática das duas partes acima em conjunto com orações ritmadas e repetidas incessantemente, à moda dos mantras indianos, até que se gere um estado de êxtase semelhante a uma catalepsia ou ao transe profético. As revelações contidas no **Zohar**, por exemplo, se diz terem sido possíveis através dos êxtases do **Rabino Simeão Bar Yochai**, personagem principal do texto. Neste caso, o cabalista prático se aproxima muito de um iogue indiano em seus momentos de êxtase meditativo. Os mecanismos são, na realidade, muito parecidos.

Resumindo as divisões da Tradição hebraica:



Considerando esta divisão, o presente curso em quatro volumes se pretende a dar as bases da **Mishnah**, que corresponde à gramática hebraica em si, e da **Cabala teórica**, nesta proposta de quatro volumes.

Nota: Quanto à *Cabala prática*, se trata de uma outra obra, a qual só será disponibilizada aqueles alunos/leitores que, tendo estudado os quatro volumes do presente curso, queiram e se sintam em condições de aprender a *Cabala prática*. Como ela se constitui numa prática ocultista e mágica por excelência, apenas poderão receber tal obra curso aqueles alunos/leitores que preencham certos requisitos de aprendizado e de regras éticas. Quando a obra estiver disponível, um teste de avaliação dos conhecimentos será enviado aos alunos/leitores interessados.

Introdução às operações cabalísticas: Redução e Soma Teosóficas

Quando analisamos palavras hebraicas pelos métodos da Cabala, duas operações matemáticas muito simples são frequentemente utilizadas. **Papus** as denominou redução e soma teosófica.

1 – Redução Teosófica: Consiste em somarmos os valores numéricos das letras hebraicas de uma palavra até que reste apenas um número. Já vimos que as letras hebraicas eram usadas para representar os números, numa época em que os sinais específicos para os números, inventados pelos indianos, ainda não haviam sido levados à Europa pelos muçulmanos.

Como exemplo de redução teosófica, utilizaremos a palavra hebraica de menor valor numérico: אב - 'av = “pai”. Quando “cabalizamos” com palavras hebraicas devemos desconsiderar as vogais destas palavras, pois elas não têm valor numérico. Então, da palavra acima só consideraremos as letras אב. Então:

$$אב = א + ב \quad (1+2) = ג \quad (3)$$

Ou seja, a terceira letra do alfabeto hebraico – ג - é o resumo da palavra אב em hebraico, e o explica de modo místico, em certo sentido. Como a letra ג (Gimel) representa a geração e a fecundidade, isso é filosoficamente relacionado com a imagem de “Pai”, que aqui tem também o sentido de “ancião, mestre” e mesmo de “Deus” como “O Pai”.

2 – Soma Teosófica: Consiste em somarmos todos os números de uma palavra até chegarmos no número em questão. Por exemplo, se a letra vale o nº 03, então somamos 01+02+03=06. Isso é soma teosófica. Se a letra vale o nº 06, então somamos 01+02+03+04+05+06=21. Podemos, então, reduzir este nº 21, assim: 21=02+01=03. Isso equivale a dizer que a soma teosófica do 06 é 21 e sua redução é 03.

No caso da palavra já vista, a soma teosófica seria:

$$אב - 'av = “pai”.$$
$$אב = א + ב \quad [(1) + (1+2=3)] = ד \quad (4)$$

Ou seja, a quarta letra do alfabeto hebraico – ד - é o soma da palavra אב em hebraico, e o explica de modo místico, em certo sentido. Como a letra ד (Dáleth) representa a autoridade, o apoio, a expansão e o poder, isso se relaciona de certa forma com a noção de “Pai, Mestre, ancião”, que é o significado da palavra em questão.

De acordo com estas duas operações cabalísticas – **redução e soma teosófica** – podemos avaliar as conexões espirituais da palavra “Pai” em hebraico:

$$\begin{aligned} \text{בס} &= \text{ס} + \text{ב} \quad (1+2) = \text{ג} \quad (3) \text{ e} \\ [(1) + (1+2=3)] &= \text{ד} \quad (4) \text{ ou } \text{בס} = \text{ג} = \text{ד} \end{aligned}$$

Traduzindo tudo em conceitos místicos compreensíveis, podemos dizer que:

A Essência Divina (**ס**) que emana (ou cria) o universo (**ב**), a qual chamamos de “Pai” (**בס**), gera as criaturas (**ג**) por meio da Lei de Expansão (**ד**).

Exercício Nº 21

Exercício com operações cabalísticas - Utilizando a mesma regra de **redução** e **soma teosófica**, e considerando os valores numéricos das letras hebraicas, já apresentados, faça no seu caderno as operações cabalísticas estudadas, seguindo os modelos dados.

OBS.: Para melhor fixação, acostume-se a copiar os exercícios no seu caderno antes de respondê-los.

גס (Ge' - “altivo”) = $3+1=4$ (redução) e $1+2+3+4=10$ (soma)

דס ('edh - “caudal de águas celestiais”) = $1+4=5$ (redução) e $1+2+3+4+5=15$ (soma) e $1+5=6$ (nova redução)

בג (Gav - “resposta, réplica”) =

בד (Badh - “áugure, adivinho”) =

סבד (Dové' - “força”) =

בסב (Bi'ah - “entrada”) =

סס ('Aḥ - “irmão; amigo”) =

טס ('Aṭ - “brandura, mansidão”) =

גב (Ḥagh - “procissão; festa”) =

בגב ('Avah - “desejo, anseio”) =

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Capítulo XI

Tonicidade e Acentos

No hebraico, o acento principal – acento tônico – se encontrava originalmente na **penúltima sílaba** da palavra (o que se chama **מִלְעֵיל** – **mil'êl**, acentuada “em cima”). No entanto, com a eliminação das vogais finais breves e formações análogas correspondentes, o acento principal passou geralmente para a **última sílaba** (o que se chama **מִלְרַע** – **milra'**, acentuado “embaixo”).

Assim, a palavra **קָטַלְהָ** (**qatálah** – “ele matou”) passou a ser escrita e lida como **קָטַל** (**qatál** – “ele matou”); e **דְּבָרוֹ** (**daváru** – “palavra”) passou a ser escrita e lida como **דְּבַר** (**davár** – “palavra”).

Nos casos raros em que a penúltima sílaba ainda é a tônica principal, isso se deve em parte à acentuação antiga e em parte à ocorrência de vogais auxiliares.

O acento מֶתֶּחַ – Métheqh (,)

Este **acento de leitura** é um pequeno traço perpendicular (,) colocado atrás (isto é, à esquerda) da vogal – no caso de **Ĥolem** e **Shureq**, livremente sob a consoante –, e designa um acento secundário ou o destaque claro de um fonema vocálico. Ele se encontra regularmente:

1) Junto a uma vogal longa, que se encontre separada da sílaba tônica principalmente por uma **vogal cheia** ou por **Shevá mudo**: **הָאָדָם** - **ha-'adhám** (“o homem”); **קָטְלוּ** - **qatľú** (“eles mataram”). Por meio da existência ou não de **Métheqh** pode-se diferenciar, assim, entre:

חַכְמָה **Ĥakhmáh** (“ela foi sábia”) e **חֹכְמָה** **Ĥókhmah** (“sabedoria”);

אָכַלְהָ **'Akhláh** (“ela comeu”) e **אֹכְלָהּ** **'Ókhlah** (“comida”).

O **Métheqh** resolve, portanto, o problema de diferenciar **Qamets Gadhol (a)** de **Qamets Qatôn** ou **Ĥatuf (ó)**.

2) Nas vogais que antecedem uma vogal composta de **Shevá** (uma vogal **Ħatef**), apesar dessa regra não ser apresentada em todas as versões de Bíblia Hebraica disponíveis. Exs.:

נַעֲרוֹ - Na'arô (se lê “naarô” - “seu servo”);

פַּעֲלוֹ - Pó'ólô (se lê - “poolô” - “sua obra”);

הַחֲלִי - Hé-ĥólí (se lê “errolí” - “a doença”).

No entanto, o ponto 1) não é válido para a conjunção וּ (u). O **Méthegh** pode, pois, aparecer duas vezes em palavras longas, como em:

מוֹשְׁבוֹתֵיכֶם - Moshvothekhém (“vossas residências”).

O acento מֶקֶף – Maqqef (¯)

Este acento de leitura é um traço horizontal grosso (¯) que é colocado em cima, entre as palavras que formam um único grupo fonético. Quando isso acontece, só a última das palavras ligadas tem um acento principal. Ex.:

וַיְהִי־כֵן - Viyehiy-khên (se lê “vieirrên”) - “e assim foi”.

Assim sendo, as vogais longas variáveis são abreviadas, antes de **Maqqef**: “ô” para “ó”, “ê” para “é”, conforme os exemplos:

תִּמְשֹׁל־בּוֹ - Timshól-bô, compare-se com a forma תִּמְשֹׁל - Timshól;

אֶת־כֹּל־אֲשֶׁר־לוֹ - 'Éth-kól-'ashér-lô, compare-se com as formas
אֶת (’eth) e כֹּל (kól).

Obs.: A fim de evitar a colisão direta de duas sílabas tônicas principais, liga-se geralmente a primeira palavra à segunda por meio de **Maqqef**, como no caso do trecho abaixo, de **Gênese 1.3**:

יְהִי־אוֹר - Yehiy-'ôr (“haja luz”): Ambas as palavras são **monossílabos**, o que significa que também são tônicas. O **Maqqef** aqui faz com que as tratemos como uma palavra oxítone (yehiôr) e não dois monossílabos tônicos (yehí+ôr).

Outra maneira de evitar a colisão é retroceder o acento principal da primeira palavra até a penúltima sílaba, caso esta for aberta, como no exemplo do trecho abaixo, de **Gênese 1.5**:

קָרָא לַיְלָה - Qará' láylah (“ele denominou noite”): Para evitar a colisão de sílabas tônicas – Qa/rá láy/lah – a primeira palavra passa a ser paroxítona – Qá/ra láy/lah. Essa mudança não é escrita.

Os Acentos

Os **acentos** serviam, originalmente, à recitação cantada de trechos das Escrituras Sagradas durante o culto. Portanto, não devem ser confundidos com os pontos vocálicos ou vogais. Atualmente, esses acentos, colocados junto às vogais ou apenas sob as consoantes, têm para nós uma dupla função:

1) **Sinais de Acentuação**, visto que a maioria se encontra na sílaba tônica principal da palavra;

2) **Sinais de Pontuação**, visto que indicam a estrutura sintática da oração (correspondendo a vírgula, ponto-e-vírgula, ponto final, etc.).

Observação importante: Quanto ao sistema de colocação de acentos em palavras hebraicas, note-se, por enquanto, apenas o que se segue. Lembre-se de que **o Hebraico moderno não utiliza nem pontos vocálicos** (por ser uma língua viva, em que a tradição das vogais subentendidas se mantém), **nem acentos** (por ser uma língua comum, e não religiosa ou sagrada).

As vogais e os acentos hoje só são usados, a rigor, para a leitura dos textos bíblicos hebraico-aramaicos no contexto religioso.

Os acentos podem ser divididos, para efeito didático, em dois tipos:

1 – Acentos Distintivos ou de Separação

Entre eles, temos:

a) **Silluq** (סֵלֶק): Igual ao **Métheg** na aparência (׀), aparece atrás da vogal da sílaba tônica na última palavra de um versículo, acompanhado do **Sof Pasuq** [ver abaixo], que marca o fim do versículo. Ex.: הָאֲרֶץ (ha-árets, “a terra”).

b) **Sof Pasuq** (סוֹף פָּסוּק): Aparece no final dos versículos (׃), equivalendo ao nosso ponto final ou, por vezes, ao ponto-e-vírgula. Ex.: הָאֲרֶץ (ha-árets, “a terra”).

c) **'Athna'f** (אַתְנַחֲ): Aparece (׀) para dividir o versículo em duas metades. É colocado sob a sílaba tônica da última palavra da primeira metade. Como exemplo, temos a

seguinte palavra, em Gênese 1.1, dividindo o primeiro versículo bíblico em duas partes:

אלהים ('elohiym, “Deus”). Como sinal de pontuação, ele corresponde ao ponto-e-vírgula.

d) **Zaqef Qatôn** (), **Tifhá** () e **Revíya** (): Equivalem à nossa vírgula. São diferentes, mas equivalem a pequenas pausas. Exs.:

וַחֲדָו (Vavôhu – Gênese 1.2, “e vazio”);

בְּרֵאשִׁית (Bere'shíth – Gênese 1.1, “no princípio”);

וְהָאָרֶץ (Ve-ha-'árets – Gênese 1.2, “e a terra”).

2 – Acentos Conjuntivos ou de Ligação

Sua função é ligar estreitamente uma palavra à seguinte. Eles se orientam pelos acentos distintivos.

Os dois acentos conjuntivos mais comuns são:

a) **Merká** (,): É a forma contrária do acento chamado **Tifhá**. Ex.: וְאֵת (ve'eth).

b) **Munah** (_): É sempre colocado na parte inferior, ao lado da vogal tônica da palavra.

Ex.: בָּרָא (bará').

Observações:

1) Apesar de apresentarmos os sinais de leitura, também chamados “**acentos**”, não os utilizaremos mais em nosso curso em quatro volumes, pelo fato de serem usados apenas durante a recitação da Bíblia Hebraica.

Se você adquirir uma Bíblia Hebraica, ela apresentará estes acentos e alguns outros que não vimos. Contudo, os mais importantes estão sendo apresentados, o que não lhe causará dificuldades numa eventual leitura do texto sagrado no futuro.

Estes acentos constituem a “regra” ou “métrica” para a leitura dos diversos livros da Bíblia Hebraica, e sua Tradição é quase tão antiga quanto os próprios textos nos quais aparecem, ainda que tenham sido padronizados somente na Idade Média.

2) Nos livros de **Salmos**, **Provérbios** e **Jó**, que apresentam um sistema bem diferente na colocação de acentos, encontramos o sinal duplo chamado '**Oleh veyoredh** (עֲלֶה וְיָרֵד), colocado em versículos maiores, com a função específica de dividir as duas metades. Sua forma é dupla (, <), ou seja, um sinal na parte superior da sílaba tônica e outro na parte inferior da próxima consoante, conforme o exemplo abaixo:

רֶשֶׁעִים - Reshá'iyim (Salmo 1.1)

3) Alguns acentos não são colocados na sílaba tônica, mas no começo (acentos **prepositivos**) ou no fim (acentos **pospositivos**) da palavra. O mais freqüente dos acentos pospositivos, o **Pashṭá'** (), um pequeno distintivo, é repetido regularmente sobre a penúltima sílaba, quando esta for sílaba tônica. Veja os dois exemplos abaixo:

לְאוֹר - La'ôr ("para a luz" - Gênesis 1.5);

וְתֹהוּ - Thôhu ("informe" - Gênesis 1.2).

Exercício N° 22

Exercício de Leitura - Não esqueça que as palavras devem ser lidas na sequência da direita para a esquerda.

רַגְלֵכֶם נִסְתָּר וַיִּפְּלוּ הַבְּדִילִים
וְהַשְׁכַּמְתֶּם חֲגִי שִׁבְתִּי מִנְּשָׁה
וְגִמְלִים יִבֹּק וְתִכַּס לְשִׁבְתִּי
יִכְתְּבוּ יוֹלֵד נִפְתָּלִי אֲנִי
תָמִים עֵיר דָּוִד אֲדָנִי גָדוֹל:

[Confira a resposta no final do livro, na seção "Exercícios – Respostas"]

Capítulo XII

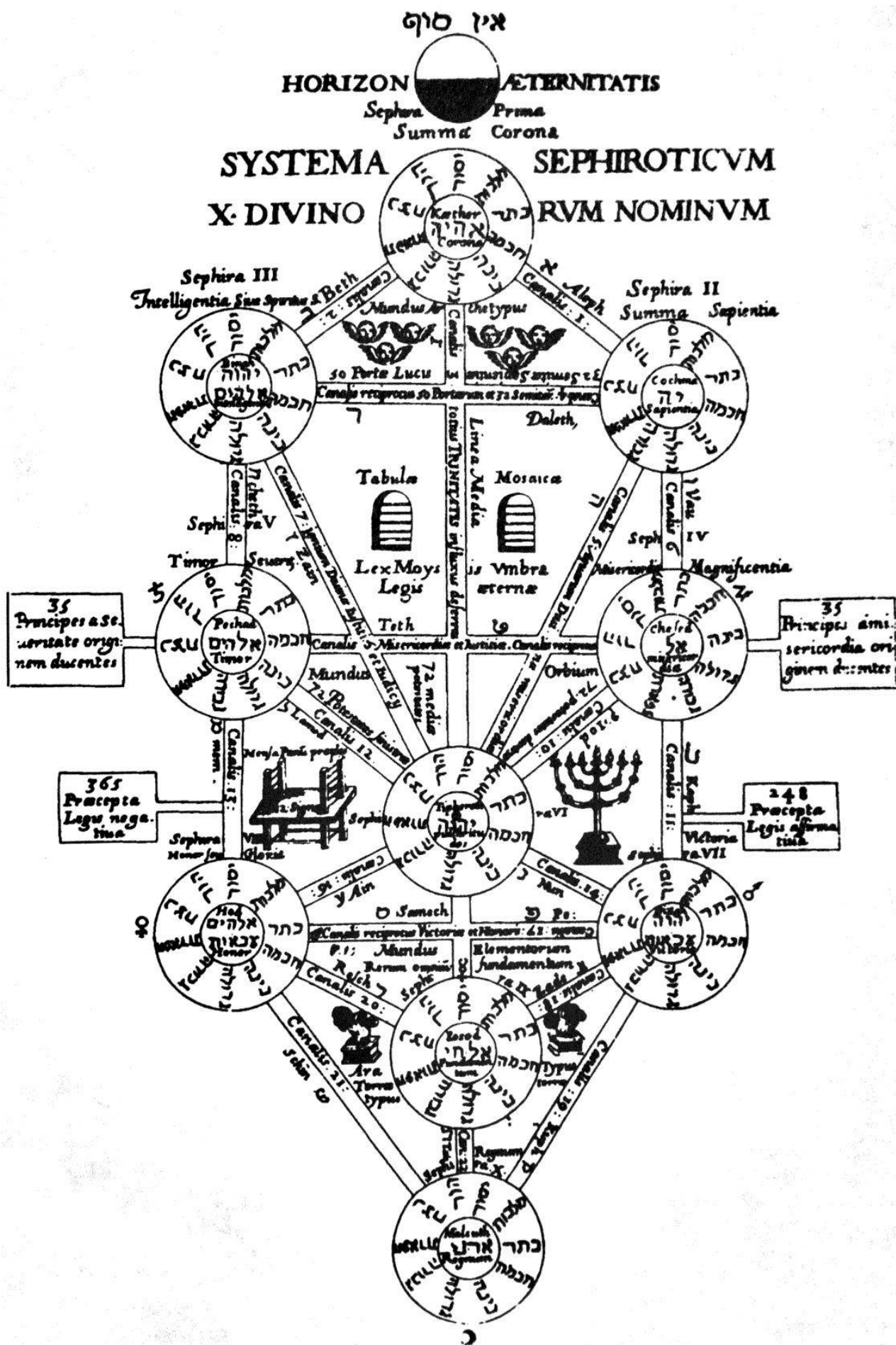
A Árvore da Vida na Cabala

Desde a mais remota antiguidade as árvores foram relacionadas aos deuses e às forças místicas da Natureza. A "Árvore da Vida" é a árvore do Universo, do tempo e da vida. No Gênesis de Moisés ela é chamada de **Êts ha-Ħáyyim** (עֵץ הַחַיִּים) - lit. "a árvore da vida") que, cabalisticamente, equivale a: "O reflexo no mundo (Ets) do equilíbrio fundamental que mantém a dualidade em estado latente (Ħáyyim)". Isto significa que o mundo é o reflexo de Deus! A expressão hebraica toda soma $1593 = 1+5+9+3 = 18$, que é o valor da palavra **Ħay** (חַי - "vida; [adj.] vivo, vivente"). E, $1+8 = 9$, o número da letra **Ṭeth** (ט), que representa a Luz Interna de cada um.

Na verdade, o conceito cabalístico de "Árvore da Vida" só se desenvolveu plenamente na Idade Média, com a publicação do *Séfer ha-Zohar* e do *Sefer ha-Baḥir*, duas obras importantes da Cabala. Neste conceito, as letras hebraicas são canais que ligam as dez esferas de emanção divina (as *Sefiroth*), formando o conjunto todo uma "árvore" mística, um plano do Universo, do Homem e do próprio Deus.

A "Árvore da Vida" ou, como também é chamada, "Árvore da Cabala" (**Êts ha-qaballáh** - עֵץ הַקַּבָּלָה) - que soma 1112, o mesmo valor da palavra **Biythán** - בֵּיתָן - "palácio [divino]") apresenta uma espécie de "mapa" ou caminho para que o homem possa chegar ao centro da Criação e compreender os segredos e as leis que regem o cosmo inteiro. Esses caminhos são as **Dez Sefiroth** (סְפִירוֹת) - "numerações ou esferas" [pelas quais Deus criou o mundo]), a **Sefirah** (סְפִירָה) - "número, letra") **Oculto**, **Dáath** (דַּאֲת) - "conhecimento, sabedoria") e os 22 "canais" que ligam estas **Sefirot** entre si, representados pelas 22 letras do alfabeto hebraico ou **'Othoth** (אוֹתוֹת) - "sinais, letras"). Aquele que conseguir compreender e trilhar tais caminhos poderá vislumbrar o **Ên-Sôf** (אֵין-סוֹף) - lit. "Sem Fim ou Sem Limites", muitas vezes lido e grafado erroneamente como "áin-sof"), o Horizonte da Eternidade. Neste sentido, a "Árvore da Cabala" ou "Árvore Sefirotal" é uma verdadeira "mandala meditativa", um exercício místico contemplativo muito útil para os estudantes de Ocultismo e misticismo hebreu.

Na próxima página apresentamos uma figura contendo a "Árvore da Vida", como geralmente aparece nas obras cabalísticas:



O Absoluto

Em Cabala, se diz que acima das Dez *Sefirot* (as Numerações, emanções ou atributos de manifestação do Eterno) está o misterioso *Ên-Sôf* que, na verdade, possui três níveis de manifestação:

1º - **Áyin** (אין) - "[O] não ser, nada"): O nível mais elevado, o estado Absoluto de Deus, Impessoal, sem qualquer contato direto com o mundo. Deve-se entendê-lo como um **Nada** que é, na verdade, **Pleno** potencialmente. Não há, contudo, nem mesmo a idéia de **espaço**, nem de **Luz**; é um **Nada** potencial. Nenhuma criatura - anjo ou homem - pode captar o Absoluto neste estado. O Nome hebraico para o Absoluto possui três letras hebraicas que, cabalisticamente, significam "*A Essência cósmica diminuta [como um átomo]*". Sua soma é $711 = 9$, o número da **Luz Oculta ou Interna**, da qual temos uma centelha em nós mesmos. O nº 711 é o mesmo das palavras hebraicas '**Adon** (אדון) - [m.] "Senhor, dono, chefe") e **Beṭen** (בטן) - "Ventre, interior, [o que é] interno, escondido").

2º - **Ên-Sôf** (אין-סוף) - "Sem Fim", "Infinito"): Aqui, desenvolve-se a noção de **espaço infinito**, o pano de fundo do mundo a ser criado pelo Absoluto em suas emanções. Não há ainda, todavia, a idéia de Luz como a concebemos. Os Anjos podem captar o Absoluto no máximo neste estado, mas os seres humanos comuns não o podem. O Nome possui seis letras hebraicas que, cabalisticamente, significam "*A Essência cósmica diminuta ciclicamente ilumina o Verbo [para criar]*". Isso sugere uma [re]criação cíclica. Sua soma é $1577 = 20 = 2$, o número da letra **Beth** (ב), a letra da Criação. Nas operações da Cabala, há afinidade entre o nº 1577 e o 578, pois ambos somam $20 = 2$. De 578 vem a palavra **Maḥalôqeth** (מחלקת) - "Parte, divisão, separação [origem da Dualidade]").

3º - **Ên-Sôf-Ôr** (אין-סוף-אור) - "Sem Fim luminoso" ou "Sem Fim que é Luz"): É o único aspecto do Absoluto que tem contato direto com a Criação [a "Luz de Deus"] e, portanto, o máximo que podemos captar d'Ele no estado em que nos encontramos como criaturas e não Criador. O Nome possui três palavras e nove letras hebraicas que, cabalisticamente, significam "*A Essência cósmica diminuta ciclicamente ilumina o Verbo com a [Sua] Essência luminosa [que tem a propriedade] despertadora [da Criação]*". Isto é, a **Luz** representa o despertar do Universo (o Mundo, **Olám**). Sua soma é $1784 = 20 = 2$, repetindo o final anterior, pois ambos são já fases da Criação, representada pela letra **Beth** (ב). Há relação entre 1784 e 785 porque ambos os números somam $20 = 2$. Pois, 785 dá a palavra '**Apédhen** (אפדן) — "Palácio", referência ao Palácio Divino).

As Sefiroth – primeiras noções

Abaixo do terceiro nível do Absoluto, o **Ên-Sôf-Ôr**, a Grande Essência Ordenadora que manifesta o cosmos através de seu Pensamento [Verbo], estão as **Dez Sefirot** ou "esferas da Criação", que são, de cima para baixo:

1 - Kéther (כֶּתֶר - "turbante; coroa"): É primeira vibração gerada pelo pensamento da Essência que colocou o universo todo em movimento. É a esfera de emanção mais próxima da Divindade percebida como sendo o Absoluto. Seu significado cabalístico é: *"Movimento cuja finalidade é o despertamento [do universo]."*

2 - Hókhhmah (חֻכְמָה - "sabedoria"): É o equilíbrio da Primeira Vibração, o envoltório do Espírito, em seus diversos níveis de densificação. É uma energia de polaridade feminina correlata ao Espírito Santo. Significa: *"O Fundamento que equilibra o movimento fluindo como amor/atração."*

3 - Biynah (בִּינָה - "inteligência, compreensão, entendimento, discernimento"): É a diferenciação cósmica e sua diversidade, o princípio vivo e inteligente do cosmos que a tudo dirige, segundo leis precisas. Significa: *"A Sabedoria Criadora que ordena por transformação e atração."*

** Estas três primeiras sefirot representam os aspectos do plano do Espírito, representado pelo Triângulo.*

4 - Gedullah (גְּדוּלָּה - "grandeza, grandiosidade") ou **Hésedh** (חֶסֶד - "amizade; fidelidade, bondade; piedade"): É a divisão das coisas, a mola propulsora da manifestação cósmica. É o princípio do atrito e da partição, a primeira lei evidente do mundo material: a dualidade dos processos da existência. **Gedullah** significa: *"A Geração por partição da luz através da força equilibrante de atração/repulsão."* **Hésedh** significa: *"O equilíbrio cíclico da adaptação."*

5 - Gevurah (גְּבוּרָה - "vigor, força; poder") ou **Páhadh** (פֶּחַד - "temor, pavor, medo, tremor"): É o despertamento da vibração espiritual envolvida pela matéria, uma sutilização da vibração, isto é, **Amor**. Equivale ao aspecto intuitivo da Mente ou plano Mental superior. **Gevurah** significa: *"A Geração da dualidade que desperta a luz por atração."* **Páhadh** significa: *"O Pensamento como base da estabilidade [cósmica]."*

6 - Tif'éreth (תִּפְאֶרֶת - "beleza; glória, esplendor"): É a liberação do Espírito da matéria mais grosseira. É a "Essência pensando sobre si mesma". Equivale ao "Fio da Alma", que separa os quatro níveis inferiores dos três superiores do Ser. Significa: *"A Perfeição do Pensamento da Essência é o que desperta o Cosmos."*

7 - Netsaḥ (נֶצַח - "vitória; fulgor, eternidade"): É o princípio da "alteração cósmica", no qual são "moldados" os mundos e os seres pela força da Vibração espiritual, que é de coesão plena. Representa também a expansão. Equivale ao aspecto puramente racional da Mente ou ao plano Mental inferior. Significa: *"O Fruto do reflexo [na matéria] é a Vida [em seu estado rudimentar]."*

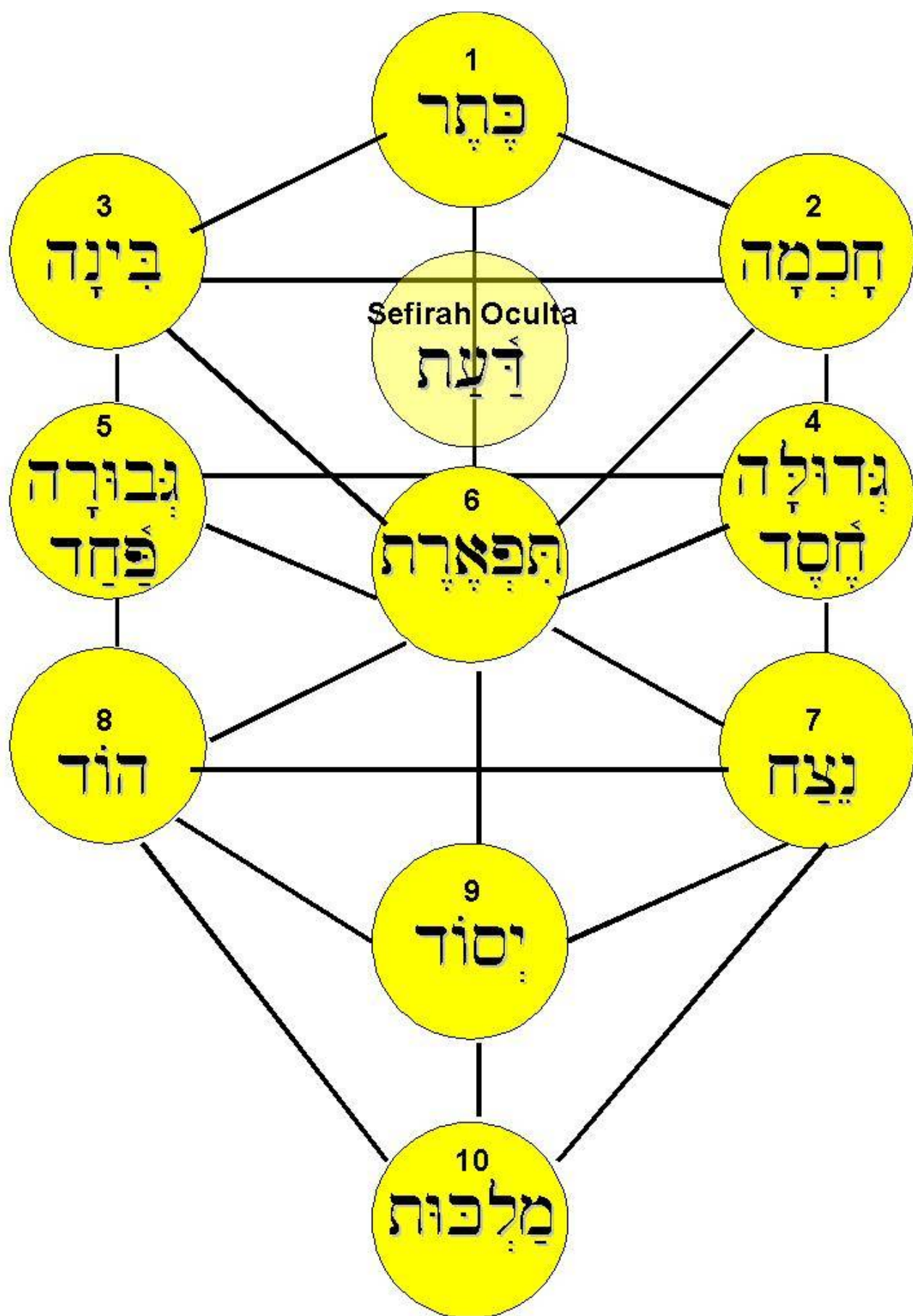
8 - Hodh (הוֹד - "honra; esplendor, majestade, vigor"): É a Essência manifestada no **Micro-Universo** espiritual do **Ser** (o Microcosmo). É a **Luz**, o **Som** e o **Verbo** como um princípio trino indissolúvel. Equivale ao plano emocional do Ser. Significa: *"Atração da Luz para a nutrição [dos seres]."*

9 - Yesodh (יְסוֹד - "fundamento, alicerce, base"): É a esfera imediatamente acima do nosso mundo físico, a energia subjacente à matéria, a vida subjacente ao corpo. É a base ou fundamento sutil do mundo físico. Poderíamos correlacioná-la ao plano astral da Teosofia ou, no mínimo, ao plano etérico. Significa: *"A Ordem cíclica da luz que nutre [os seres]."*

10 - Malkuth (מַלְכוּת - "reino, domínio"): É a síntese espiritual do **Ser** enclausurado no mundo material. Nosso plano físico. Significa: *"A transformação que aumenta a força da luz [conduzindo] até a Redenção."*

Observação importante: Entre a terceira e a quarta **Sefirah** (**Biynah-Ħésedh**) existe uma espécie de Décima primeira **Sefirah**, que é a **Oculto**, chamada **Dá'ath** (דָּאָת - "conhecimento"). Isto significa que entre a **Vida Cósmica** (**Biynah**) e a **Adaptação Cósmica** (**Ħésedh**) existe o **Conhecimento** ou **Ordem Cósmica**, sem a qual a Criação suceder-se-ia num completo caos. **Dá'ath** significa: *"A adaptação às alterações [aparentes desarmonias] do Perfeito [Universo, que inclui a matéria unida ao espírito]."* Na verdade, **Dá'ath** é um dos abismos da Árvore da Vida, um dos pontos de prova inacessíveis a um não-iniciado ou despreparado. É o abismo entre as três Sefiroth superiores (de natureza divina) e as sete inferiores (de natureza astrológica).

Na próxima página, apresentamos as **Dez Sefiroth** (com a **Sefirah Oculto**) em suas posições corretas na composição da **Árvore da Vida**. Tente ler os nomes das **Sefiroth**, que aparecem em hebraico.



Capítulo XIII

A Pausa e as Vogais

A “**pausa**” é a **acentuação forte da sílaba tônica**, que sempre ocorre no final dos períodos ou das orações no texto escrito da **Torah**, junto aos **acentos distintivos fortes**, como o *Silluq*, o *Athnah* e o *Oleh Veyored* (às vezes também junto a outros acentos). Frequentemente, a **pausa** provoca modificações na vocalização e na tonicidade das palavras atingidas.

Observação importante: A **pausa** ocorre apenas no texto escrito, não na fala coloquial. Só será encontrada no texto hebraico junto aos **acentos de leitura**, como especificado acima. Sua função principal é a manutenção da harmonia do versículo, permitindo que se defina também a divisão exata do mesmo na leitura ritualística. Por isso a vocalização de muitas palavras, bem como sua acentuação tônica, fica alterada.

a) Em vez de um **pátaḥ** ou **seghol** tônicos, encontramos, no caso da palavra estar “em pausa”, geralmente um **qamets gadhol**, como demonstrado nos exemplos abaixo:

קָטַל (qatál) em vez de קָטַל (qatál) - “matar”;

מַיִם (máyim) em vez de מֵיִם (máyim) - “água”;

דֶּרֶךְ (dérekḥ) em vez de דָּרֶךְ (darékh) - “caminho”;

חֶרֶב (Hérev) em vez de חָרֶב (Harév) - “espada”.

Entre as palavras que não variam quando estão em pausa temos, por exemplo, מֶלֶךְ (mélekh - “rei”) e afixos como תֵּם - (tem), כֵּם - (kem) e outros.

b) Se a sílaba originalmente tônica veio a perder sua tonicidade e sua vogal, através da flexão, a pausa restabelece ambas:

De יִשְׁמֹר (yishmôr - “ele guardará”), temos יִשְׁמְרוּ (yishmerú - “eles guardarão”), mas “em pausa” fica יִשְׁמֹרוּ (yishmôru).

Às vezes ocorre simultaneamente uma dilatação da vogal:

De יִגְדַּל (yigdál - “ele será grande”), temos יִגְדְּלוּ (yigdelú - “eles serão grandes”), mas “em pausa” fica יִגְדְּלוּ (yigdálu);

De קָטַל (qatál - “ele matou”), temos קָטְלָהּ (qatláh - “ela matou”), mas “em pausa” fica קָטְלָהּ (qatálah).

c) De resto, também acontece que em pausa retrocede o acento da palavra, por exemplo:

אֲנֹכִי ('anokhí - “eu”), “em pausa” fica אֲנֹכִי ('anôkhi);

אַתָּה ('atáh - “tu” [masc.]), “em pausa” fica אַתָּה ('átah) ou אַתָּה ('átah);

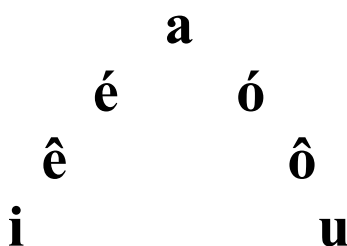
Ou então, passa da penúltima sílaba para a última, por exemplo, וַיָּמָת (vayyamôth) em vez de וַיָּמָת (vayyámath - “ele morreu”).

Observação: Não se preocupe muito em decorar essas regras agora. A questão da pausa será melhor entendida à medida que você for avançando na leitura do texto hebraico. Recomendamos que você adquira uma Bíblia Hebraica. Há diversas versões que podem ser adquiridas pela *internet*. Faça uma pesquisa rápida e você descobrirá como conseguir.

Uma das melhores edições é o: **Texto integral do Antigo Testamento em hebraico e aramaico, editado por N. Snaith., texto de Ben Asher baseado em manuscritos sefaraditas, especialmente manuscritos da Biblioteca Britânica** [Ver no site da Sociedade Bíblica do Brasil, no link <http://www.sbbshop.com.br/>].

As Vogais

a) A quantidade e a relação recíproca das vogais existentes no hebraico podem ser depreendidas do gráfico abaixo:



As vogais **originais** (básicas) são apenas **a, i e u**. Elas existiam na forma de **vogais breves e longas**, ou seja, **ă, ĭ, ŭ e ā, ī, ū**. Estas últimas são **invariáveis**. Invariáveis também são as **vogais longas** (**ī, ē, ē', ā, ō, ū**) surgidas através de compensação ou da contração de um ditongo.

Ao lado dessas vogais cheias, existem ainda as **vogais reduzidas**, surgidas pela redução (volatilização) de uma vogal cheia, e expressas por **Shevá móvel simples** ou **composto**, como já vimos.

Nas guturais, e por vezes também em outras consoantes, percebe-se ocasionalmente a vogal básica original, na coloração da vogal reduzida.

Exemplos:

קֹדְשִׁים - Qódhashím (“santos”), de קֹדֶשׁ – Qôdhes (“santo”);

חֲלִי - Hólí (“doença”), de חֹל – Hôl (“ter dores de parto, contorcer-se”).

b) **Ditongos** são combinações de uma **vogal** com uma **semivogal**. Tais ditongos podem ser dissolvidos pela introdução de uma **vogal auxiliar**.

Por exemplo, מוֹת (mavth - “morte”) acabou se tornando מֹת (máveth); בַּיִת (bayth - “casa”) acabou se tornando בֵּית (báyith); ou, então, são contraídos, por exemplo, “av” em “ô” e “ay” em “ê” (assim, מוֹת [môth] e בַּיִת [bêth], em estado construto, que veremos do que se trata em lições futuras) e “uv” em “ū” e “iy” em “ī” (assim, שׁוּק [shuq - “rua”] e שִׁיר [shiy - “canto”]).

c) As vogais atuais variam muito quanto à sua **procedência**. O “i” **curto** é freqüentemente uma vogal original; não raro, também se deriva de um “a” **curto**. Já o “i” **longo** (יִ) é original, inclusive na desinência do plural masculino em יִם (-iym), quando não for contraído a partir de um יִ. O “ē” deriva de um “i” **curto**, na sílaba **tônica** (conforme לֵב - “lêv”, coração) ou **pretônica** (לֵבָב - “leváv”, coração). O “e” **curto** deriva de um “ay”. O “é” deriva de um “i” **curto** nas guturais, ou de um “ē” ou de uma contração. O “a” **curto** geralmente é original, mas em sílaba fechada, provém ocasionalmente de um “i” **curto**. O “ô” vem de um “u”; o “ô” vem de um “u” em sílaba tônica; o “ô” **longo** vem de “a” **longo** ou de “av”; o “u” geralmente é uma vogal original.

Exercício N° 23

Considerando tudo o que estudamos até aqui, tente ler e traduzir as palavras que apresentaremos logo abaixo sem recorrer aos capítulos anteriores. Se não conseguir, consulte-os, então. Faça o exercício seguindo o modelo dado.

אֶרֶץ - 'érets = “terra”;

זָהָב - ? = “?”;

יוֹם - ? = “?”;

כֹּהֵן - ? = “?”;

תּוֹרָה - ? = “?”;

אֱהָל - ? = “?”;

שָׁלוֹם - ? = “?”;

צַדִּיק - ? = “?”;

מֹשֶׁה - ? = “?”;

אֲדֹנִי - ? = “?”;

שֶׁמֶשׁ - ? = “?”;

מֶלֶךְ - ? = “?”;

כֶּסֶף - ? = “?”.

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Nota sobre a pronúncia das palavras

Uma questão importante para a **pronúncia** é a identificação da **sílaba tônica**, isto é, a sílaba mais forte da palavra. Algumas vezes é difícil identificá-la, entretanto a regra mais geral é: A grande maioria das palavras é **oxítona**, ou seja, a sílaba **forte** é a **última**. As palavras que não são oxítonas, são **paroxítonas**, ou seja, a sílaba **forte** é a **penúltima**. **Não existem palavras proparoxítonas em hebraico.**

Para identificarmos a sílaba tônica, deveremos procurar por uma **sílaba aberta com vogal breve** ou por uma **sílaba fechada com vogal longa**. Se encontrarmos uma das duas, então esta é a sílaba tônica. Se não encontrarmos, não podemos afirmar nada. Lembramos mais uma vez que a maioria das palavras em hebraico são **oxítonas**, ou seja, a última sílaba

é que é a sílaba tônica, e uma minoria são **paroxítonas**, ou seja, têm a penúltima sílaba como tônica. Logo, só precisamos procurar nas duas últimas sílabas das palavras. Se não pudermos afirmar nada e não conhecermos a palavra, consideraremos como sendo **oxítona**.

Muitos livros e Bíblias Hebraicas identificam as palavras paroxítonas com um acento chamado “**acento tônico**” na penúltima sílaba. Este sinal não é massorético e serve apenas para identificar a sílaba tônica. Para melhor representar a sílaba tônica nas transliterações, utilizaremos o acento agudo. Como no exemplo: רֶגֶל – **réghel** ("pé").

Complemento 20

Trechos do Sefer Ha-Zôhar para sua reflexão e estudo

PRÓLOGO

Rabí Hízquía começou sua dissertação com o texto: “Como o lírio entre os espinhos, assim é minha amiga entre as donzelas”. [1]

“Quê, perguntou, simboliza o lírio?”

Simboliza a Comunidade de Israel. Assim como o lírio entre os espinhos está tingido de vermelho e branco, assim a Comunidade de Israel é visitada ora com justiça e ora com misericórdia; assim como o lírio possui treze pétalas, assim à Comunidade de Israel lhe são outorgadas treze pétalas de misericórdia que a rodeiam por todos os lados. Por esta razão, o termo *Elohim*

אלהים - “Deus”) mencionado aqui, no primeiro versículo de Gênes, está separado por treze palavras da menção seguinte de *Elohim*, treze palavras que simbolizam as treze modalidades de misericórdia que rodeiam à Comunidade de Israel para protegê-la.

A segunda menção de *Elohim* está separada da terceira por cinco palavras, que representam as cinco pétalas robustas que envolvem o lírio. Simbólicas das cinco vias de salvação que são as “cinco portas”. A isto se alude no versículo: “Levantarei o cálice de salvação”[2]. Este é o “cálice da bênção”, que há de levantar-se com cinco dedos e não mais, segundo o modelo do lírio, que descansa sobre cinco pétalas robustas na forma de cinco dedos. Assim o lírio é um símbolo da taça da bênção.

Imediatamente depois da terceira menção de *Elohim* aparece a luz, que, tão pronto criada, foi entesourada e encerrada nesse *Berith* **ברית** - “aliança” ou “pacto”) que penetrou no lírio e o frutificou e isto é o que se chama “árvore que leva fruto ali onde para ela está a semente”: e esta semente é preservada no prório sinal da Aliança. E assim como o pacto ideal se firmou através de quarenta e dois ajuntamentos, assim o gravado nome inefável está formado das quarenta e duas letras da obra da criação.

“No princípio...”

R. Shimeón iniciou sua dissertação com o texto: “Os botões de flores apareceram sobre la terra, em nosso país, o tempo de podar chegou e se ouve a voz da pomba rola” [3]. “Os botões de flores” –disse - se refere à obra da criação.

“Apareceram sobre a terra”, quando? – No dia terceiro, como está dito -, “e a terra produziu”: então apareceram sobre a terra.

“Chegou o tempo de podar”: Se refere ao quarto dia no qual teve lugar “a poda dos tiranos”[4]. “E a voz da pomba rola”: Alude ao quinto dia como está escrito “que as águas pululem para produzir criaturas viventes”.

“Se ouve”: Se refere ao dia sexto, como está escrito “Façamos o homem (isto é, aquele que estava destinado a dizer primeiro “faremos” e logo “ouviremos”, pois a expressão em nosso texto,

נַעֲשֶׂה *na'aséh*), “façamos o homem”, encontra seu eco na expressão “*na'aséh* (“faremos”) e ouviremos”[5]; “em nosso país” implica o dia de Sábado, que é uma cópia do “país do vivente” (o mundo vindouro, o mundo das almas, o mundo das consolações).

A seguinte é outra exposição possível: “Os botões de flores” são os patriarcas que preexistiram no pensamento do Todo-Poderoso e logo penetraram no mundo vindouro, de onde são cuidadosamente preservados. “Desde então ressuscitaram secretamente tornando-se encarnados nos

verdadeiros profetas”.

Assim, quando José entrou na terra santa os plantou ali, e deste modo “apareceram sobre a terra” e se revelaram ali.

Quando se tornam visíveis?

Quando o arco-íris anuncia que o tempo da poda chegou, isto é, o tempo quando os pecadores serão ceifados do mundo; e somente escapam porque “os botões de flores aparecem sobre a terra”: Se não fosse por sua aparição, os pecadores não teriam sido deixados no mundo e o próprio mundo não existiria.

E quem sustenta o mundo e faz com que os patriarcas apareçam? É a voz de crianças ternas que estudam a *Toráh* (תּוֹרָה); e por consideração a elas o mundo é salvo.

“No princípio..” Rabí Eleazar iniciou sua dissertação com o texto: “Elevai vossos olhos ao alto e vede: Quem criou estes?” [6] “Elevai vossos olhos ao alto” Até quê lugar? A esse lugar ao qual se dirigem todos os olhos, ou seja, a *Petaḥ 'Enáim* (פֶּתַח עֵינַיִם) - “abridor de olhos”). Ao fazê-lo, conhecereis o que é o Misterioso Ancião, cuja essência pode ser buscada mas não encontrada, quem criou estes: ou seja, *MI* (מִי - “quem?”), o mesmo que é chamado “da (hebraico, *mi*) extremidade do céu nas alturas”, porque toda coisa é em Seu poder e porque *Ele* há de ser buscado, ainda que misterioso e irrevelável, pois mais além não podemos inquirir. Essa extremidade do céu se chama *MI*, mas há outra extremidade mais abaixo, que é chamada *MAH* (מָה - “quê?”), como para dizer: Quê conheces? O que alcançaram tuas buscas? Tudo é tão desconcertante como *no princípio*.

Com referência a isto está escrito: “Eu, *MAH*, testemunho contra ti...”. [7] Quando o Templo foi destruído apareceu uma voz e disse: “Eu, *MAH*, testemunhei contra ti dia-a-dia desde os dias de antanho”, como está escrito: “Chamei o céu e a terra para testemunhar contra ti” [8]. Logo, eu, *MAH*, me pareço a ti; eu te coroei com coroas sagradas e te fiz governante sobre a terra, como está escrito: “É esta a cidade que os homens chamavam a perfeição de beleza, o regozijo de toda a terra?” [9], e também: “Te chamei Jerusalém, ou seja, construído como uma cidade compactamente unida”.

Então, eu *MAH* sou igual a ti; no mesmo empenho em que tu Jerusalém estás aqui, assim Eu, sou nas alturas; assim como o povo santo não vai mais até ti em sagrada multidão ordenada, assim, te juro, não ascenderás à altura até o dia em que tuas multidões voltem a fluir até ti, aqui embaixo. E isto pode ser teu consolo, enquanto nesta medida sou teu igual em todas as coisas. Mas agora que tú te achas em teu estado presente “tua zanga é grande como o mar” [10]. E se dirá que não há para ti nem permanência nem cura; “*MI* te curará”. Seguramente o Uno velado, o Altíssimo, que é o sumo de toda existência, te curará e te sustentará, *MI*, o extremo do céu acima, *MAH*, enquanto o extremo do céu abaixo. E esta é a herança de Jacó, sendo ele “o travessão que passa pelos tabuões de extremo a extremo” [11], isto é, desde o mais alto, idêntico a *MAH*, pois ocupa uma posição no meio. Daí que “*MI* (quem?) criou estes”.

Disse Rabí Shimeón: “Eleazar, filho meu, suspende teu discurso, que aqui podem ser revelados os mais altos mistérios que permanecem selados para a gente deste mundo”. Rabí Eleazar guardou silêncio então.

Rabí Shimeón chorou um momento e disse: “Eleazar, quê significa o termo *estes*? Seguramente não as estrelas e os outros corpos celestes, pois eles sempre estão visíveis, e foram criados por *MAH*, como lemos: “Pela palavra do Senhor foram feitos os céus” [12]. Nem tampouco pode implicar as coisas inacessíveis à nossa vista, pois o vocábulo “estes” obviamente se refere a coisas que são reveladas.

Este mistério permaneceu selado até que um dia, enquanto eu estava à beira do mar, veio Elias e me disse: “Mestre, quê significa *MI*? Quem criou estes?”. Lhe disse: Estes se refere aos céus

e seus exércitos, as obras do Santo, Bendito Seja, obras através da contemplação das quais o homem chegou a bendizer a *Ele*, como está escrito: “Quando contemplo Teus céus, a obra de Teus dedos, a Lua e as estrelas que estabeleceste..., oh! Senhor, nosso Deus, quão admirável é Teu Nome em toda a terra”[13].

Então ele me disse: “Mestre, o Santo, Bendito Seja, teve um segredo profundo que amplamente revelou à Academia Celestial. É este: Quando o mais Misterioso quis revelar-se a si mesmo, **primeiro produziu um ponto singular que foi transmutado em um pensamento**, e neste executou inumeráveis desenhos e gravou inumeráveis gravuras. Então gravou na sagrada e mística lâmpada um desenho místico e mais santo que foi um edifício maravilhoso que surgia do meio do pensamento. Este é chamado *MI*, e foi o começo do edifício, existente e não existente, profundamente sepultado, incognoscível pelo nome. Mal foi chamado *MI* (quem?), desejou tornar-se manifesto e ser chamado pelo nome, e então se vestiu de uma vestidura refulgente e precisa e

criou *Eleh* (אֵלֶּה - “estes”) e *Eleh* adquiriu um nome. As letras das duas palavras se mesclaram formando o nome completo *ELOHIM* (“Deus”). Quando os israelitas pecaram fazendo o bezerro de ouro aludiram a este mistério dizendo: “*Eleh* (“estes são”) teus deuses, oh Israel”[14]. E uma vez que *MI* se combinou com *Eleh*, o nome subsistiu por todo tempo. E sobre este segredo está construído o mundo. Então Elias se retirou e desapareceu de minha vista e é por ele que se apoderou de mim este mistério profundo.

Rabí Eleazar e todos os companheiros vieram e se acercaram dele, chorando de alegria e dizendo: “Se tivéssemos vindo ao mundo só para ouvir isto, já estaríamos contentes”.

Rabi Shimeón disse então: “Os céus e seus exércitos foram criados através da mediação de *MAH* (“que?”), como está escrito: “Quando contemplo teus céus a obra de teus dedos, etc., Oh

Senhor! Nosso Deus (אֲדֹנָי - *Adón*), *MAH*, glorioso é teu nome por toda a terra, cuja majestade é enaltecida acima dos céus”[15].

Deus está “acima dos céus” quanto a seu nome, pois *Ele* criou uma luz para Sua luz, e a uma formou uma vestidura para a outra, e assim *Ele* ascendeu no nome mais alto; daí “no princípio *Elohim* (Deus) criou”, isto é, o *Elohim* superior. Como *MAH* não era assim nem foi edificado até que as letras *Eleh* (do nome *ELOHIM*) foram divididas de cima a baixo e a Mãe pôs na Filha suas vestes e a cobriu graciosamente com seus próprios adornos, quando a adornou? Quando todos os varões de Israel apareceram ante ela de acordo com o mandamento: “Todos os teus varões aparecerão ante o Senhor (*Adón*) Deus”[16]. Este termo Senhor (*Adón*) se emprega de maneira similar na passagem “Eis aqui a arca da Aliança do Senhor (*Adón*) de toda a terra”[17]. Então a

letra *Hé* [ה] (de *MAH*) partiu e seu lugar foi tomado por *YOD* [י], formando *MI*, então se cobriu com vestes masculinas, concordando com “todo varão de Israel”.

Capítulo XIV

As 32 Sendas – chave de números e letras

De acordo com os ensinamentos da Cabala, toda a sua ciência está contida no que os antigos mestres chamavam de “as trinta e duas sendas” ou **Caminhos de Sabedoria**.

Estes 32 Caminhos são compostos de dez números e vinte e duas letras, especificamente as letras do alfabeto hebraico.

Os dez números representam um histórico da Criação desde a Essência até o Universo criado propriamente dito, enquanto as vinte e duas letras representam as Leis Cósmicas envolvidas nesse processo.

Apresentaremos esta doutrina várias vezes ao longo deste curso em quatro volumes, mas agora daremos apenas algumas noções.

Os **dez números** e suas implicações místicas são:

1 – Potência Suprema: representada pelo **ponto** (.), é o **Sol** em seu nível mais elevado e oculto (o nível Messiânico), como a Essência da Criação ou Infinitude. A Essência é Infinita porque não é limitada pelo Espaço, como o são os corpos criados.

2 – Sabedoria Absoluta: representada pela **linha** (_), é a **Lua** em seu nível mais elevado e oculto, como Energia da Criação ou Expansão.

3 – Inteligência Infinita: representada pelo **triângulo**, é **Saturno**, como símbolo do Tempo, que só passou a existir após a expansão do ponto na linha.

4 – Bondade: representada pelo **quadrado**, é **Júpiter**, como símbolo da multiplicação e extensão do Universo criado.

5 – Justiça ou Rigor: representada pela **estrela de cinco pontas**, é **Marte**, como símbolo do Homem (a consciência de si) a dominar a Criação.

6 – Beleza: representada pela **estrela de seis pontas**, é o **Sol** em seu segundo nível (o nível Angélico), como símbolo do Equilíbrio e coesão universal.

7 – Vitória: representada pela **estrela de sete pontas**, é **Vênus**, como símbolo do Amor que a tudo une – a força universal de atração.

8 – Eternidade: representada pela **estrela de oito pontas**, é **Mercúrio**, como símbolo da adaptabilidade a todos os estados através da mutação.

9 – Fecundidade: representada pelo **círculo**, é a **Lua** em seu segundo nível, como símbolo dos ciclos reguladores universais (Universo Cíclico), formando um triângulo com o Equilíbrio (Sol) e a Mutação (Mercúrio).

10 – Realidade: representada pelo **círculo com um ponto dentro**, é o **Sol** em seu terceiro e mais denso nível (o nível Inferior ou Invertido, como dizem alguns), como símbolo da Essência permeando o Universo Cíclico. É a Essência original sendo limitada por um Espaço circunscrito (o Universo), a base de toda a existência manifestada.

As **vinte e duas letras** e suas palavras-chave são:

א – álef: Sua palavra-chave é “**Pai**”, pois a primeira letra é a Essência, o Pai, o Ancião, o progenitor do cosmo inteiro. A Essência é chamada simbolicamente de Pai, Mestre e Ancião, mas não significa que seja masculina.

ב – bêth: Sua palavra-chave é “**Mãe**”, pois a segunda letra é a responsável pela Criação, segundo o *Zohar*, possuindo a energia ativa da Essência. A Mãe é chamada também de “Espírito Santo” e Sabedoria, mas não significa que seja feminina. O “Espírito Santo” é a energia ativa da Divindade.

ג – gímel: Sua palavra-chave é “**Natureza**”, pois, da união da Essência (Pai) com a Energia ativa (Mãe), nasce a Criação ou Natureza (Filho). Essa primeira Natureza é o **Messias**, o demiurgo ou o artífice do Universo, uma parcela descenda da Divindade responsável por plasmar o mundo. É a Natureza Espiritual.

ד – dáleth: Sua palavra-chave é “**Autoridade**”, pois ela é a base de comando da Conservação da Criação. É a “Autoridade da Essência sobre a Criação”. É também a Autoridade do Messias sobre a Criação e os Seres. É a Natureza Material.

ה – hê: Sua palavra-chave é “**Religião**”, no sentido de religação com a Essência. Todo o criado possui essa ligação interna com a Essência. É o que podemos chamar de Consciência Messiânica ou Consciência Crística. Neste sentido é que deveríamos entender o verdadeiro sentido da palavra **Torah** (תּוֹרָה - A Lei).

ו – vav: Sua palavra-chave é “**Liberdade**”, pois o livre-arbítrio é a principal lei a reger as relações entre as criaturas. Tudo é consequência dessa lei. Por isso essa letra também é chamada “**A Ciência do Bem e do Mal**”.

ז – záin: Sua palavra-chave é “**Propriedade**”, pois a cada coisa e criatura foi conferida uma qualidade específica, tanto no nível elementar quanto no moral e no espiritual. É o equilíbrio entre a matéria e o espírito.

𐤀 – **hêth**: Sua palavra-chave é “**Repartição**”, pois esta é uma característica da matéria, das palavras e mesmo do pensamento: a divisão em partes. No campo moral, tem a ver com a solidariedade.

𐤁 – **ţêth**: Sua palavra-chave é “**Prudência**”, um símbolo do silêncio e da contemplação, bem como do equilíbrio interno dos seres e das coisas. Não é inatividade, mas atividade moderada. Também o Oculto.

𐤂 – **yôd**: Sua palavra-chave é “**Ordem**”, pois, sendo a letra do **Princípio** (é a primeira do Nome Sagrado 𐤏𐤍𐤐𐤅 – **Yahveh**), revela que a Essência (o 𐤂) manifesta-se no Universo como um ordenamento perfeito que faz tudo flutuar entre (o 𐤂) as polaridades positiva (o primeiro 𐤀) e negativa (o segundo 𐤁) inerentes às coisas criadas.

𐤃 – **kaf**: Sua palavra-chave é “**Força**”, pois é a energia manifestando-se em seus diversos níveis – como força física, força moral ou humana e como força divina ou espiritual. Enquanto a letra 𐤁 (bêth) é a **energia ativa** que criou o mundo, a letra 𐤃 (kaf) é a **energia de conservação** do mundo.

𐤄 – **lâmed**: Sua palavra-chave é “**Sacrifício**”, pois o “**ofício santo**” (como podemos interpretar esta palavra latina: “sacro-ofício” - tornar ou fazer algo santo) está relacionado tanto com o aprendizado espiritual em geral, como com o ensinamento tradicional, fruto da experiência no mundo.

𐤅 – **mêm**: Sua palavra-chave é “**Morte**”, pois tudo no universo, além de passar por inúmeros ciclos menores de transformação, passa por ciclos culminantes de transformação de estado. O que chamamos de “morte” é a culminância de um ciclo importando numa mudança completa de estado.

𐤆 – **nun**: Sua palavra-chave é “**Reversibilidade**”, pois tudo no universo, além de mudar de estado com muita frequência, na verdade constantemente, também pode ter seu estado revertido para uma condição anterior, um estado anterior. No plano humano isso é visto como “reequilíbrio do Ser” em direção à sua Natureza crística.

𐤇 – **sámekh**: Sua palavra-chave é “**Ser Universal**”, no sentido de uma Consciência que se manifesta de modo cíclico no universo, já que a matéria dessa Consciência está a mudar constantemente, conforme confirmado pela própria Ciência Moderna. Deduzimos, então, que o “Ser” não é o “Corpo”, pois este último muda a cada instante.

ע

- 'áin: Sua palavra-chave é “**Equilíbrio**”, ainda que seu significado esteja relacionado com a desarmonia própria da matéria. O significado oculto deste ensinamento da Cabala é que o aparente desequilíbrio que vemos na matéria é, na verdade, a noção de equilíbrio na Mente Divina, uma vez que, mesmo num aparente desequilíbrio, o universo continua seu rumo em meio ao caos aparente.

פ

- pêh: Sua palavra-chave é “**Imortalidade**”, tanto no nível da matéria quanto do Ser. No nível material, a Imortalidade se mostra na transformação constante, mas não-destruição, da matéria. No nível do Ser, a Imortalidade é sua propriedade principal, o aspecto espiritual como partícula divina em cada Ser.

צ

- tsáde: Sua palavra-chave é “**Sombra e Reflexo**”, isto é, tudo o que vemos manifestado num determinado nível (seja de Consciência ou de Matéria) é o reflexo energético mais denso de um nível imediatamente superior. Assim, quando a Bíblia diz que o Homem foi feito à imagem e semelhança de Deus, isso equivale a dizer que ele foi feito à imagem e semelhança um nível abaixo de Deus, ou seja, num nível mais grosseiro a partir de planos superiores, onde a Mente Suprema é que comanda. A mente humana é um reflexo da Mente Divina.

ק

- qôf: Sua palavra-chave é “**Luz**”, seja no sentido de esclarecimento, de conhecimento, de Verdade ou de Lei. Para a Cabala, a luz divina se manifesta como a voz interior, a voz do Mestre Interno.

ר

- rêsh: Sua palavra-chave é “**Reconhecimento**”, no sentido de liderança e de hierarquia. Há ainda a idéia de “conhecer novamente” ou “lembrar-se de um conhecimento primordial”, oculto no interior do Ser. Essa é uma das chaves da manifestação messiânica ou crística aludida na interpretação cabalística da **Vinda do Messias**. Essa interpretação se aproxima muito da visão dos antigos gnósticos mas se afasta muito da visão cristã exotérica (pública, não-iniciática).

ש

- shin: Sua palavra-chave é “**Fogo**”, no sentido de uma energia divina vivificante para os **Iniciados** (os autodisciplinados, bons de coração e sábios em entendimento) e fulminante para os **Profanos** (os iníquos e sem sabedoria).

ת

- tav: Sua palavra-chave é “**Síntese**”, já que encerra a série das vinte e duas letras. Essa síntese é “**Perfeição**”, no sentido que é dado pelos antigos Gnósticos. Enquanto ב (bêth) é a **energia ativa** que criou o mundo e כ (kaf) é a **energia de conservação** do mundo, ת (tav) é a **energia de transformação ou destruição** do mundo, energia que o faz voltar à primeira letra. Essa doutrina é semelhante à dos hindus e seus ciclos cósmicos de criação – conservação – destruição – (re)criação.

Nota cabalística: Há aqui um ensinamento interessante. As três letras citadas acima –

ב – כ – ת – ao serem arranjadas noutra ordem formam a palavra hebraica כֶּתָב -

ketháv, que significa “documento, registro, escrito, lista”. Seu valor é 422 = 8 (o número do **Equilíbrio**). A ordem dessas letras na palavra transmitem a seguinte mensagem: “**A conservação é o estado perceptível pelo ser, que não pode perceber nem a destruição, nem a criação do mundo [apenas a Mente Divina o pode].**”

Doutrina oculta da Criação – Conservação – Destruição na Cabala

Conforme o exposto na nota cabalística acima, podemos ensinar que existem dois momentos exotéricos e um oculto ou esotérico nos ensinamentos cosmogônicos da Cabala.

Os dois momentos ou eventos exotéricos são:

Criação – Tem a ver com a palavra sagrada אֵין - 'Áin, que significa “nada; vazio”. A

Criação vem diretamente de אֵין (áin), **o nada que é pleno**, pois possui potencialmente tudo o que há de ser.

As três letras desta palavra trazem a noção de que “A Essência [א] (re)ordena o universo [י] e tudo volta ao equilíbrio [י] mais uma vez”. [Eis a velha noção hindu de retorno cíclico do universo!]

O valor numérico da palavra é: 1+10+700 = 711 = 9. O número 711 é o mesmo de duas outras palavras hebraicas relevantes: אֲדֹן ('adôn - “Senhor”) e בֶּטֶן (béten - “ventre, interior”). Elas explicam de certa forma אֵין (áin) como “A Essência que tem a Autoridade e a Liberdade para Reequilibrar [recriar] o Universo” אֲדֹן ('adôn) e “A Sabedoria [ainda] oculta que reequilibrará [recriará] o Universo” בֶּטֶן (béten). É uma **Sabedoria Oculta** porque, para (re)criar de fato o Universo, precisa primeiro se converter em אֵין-סוֹף ('ên-sôf - “sem limites, ilimitado, infinito” - um símbolo do Espaço) e depois em אֵין-סוֹף-אוֹר ('ên-sôf-ôr - “infinito luminoso” ou “o sem limites é luz” - um símbolo para a energia ativa prestes a se manifestar e criar o Universo no Espaço já manifestado).

Conservação – Tem a ver com a palavra sagrada יֵשׁ - Yêsh, que significa “o existir, existência”.

A rigor, absolutamente tudo o que não é אֵין ('ain) é יֵשׁ (Yêsh), ou seja, o que não é Criador, é Criatura!

Ao contrário de אֵשׁ, que possui três letras, שֵׁשׁ possui apenas duas letras.

Elas trazem a noção de “A Ordem do Fogo está estabelecida”. Este fogo é correlato ao fóton da Física Moderna. Assim como o fóton é a base da matéria, o Fogo Divino (em hebraico אֵשׁ – 'êsh) é a base do Mundo.

O valor numérico da palavra é: $10+300 = 310 = 4$. O número 310 é o mesmo das seguintes palavras hebraicas: יָקָר (yeqar - “esplendor”), pois assim é a obra divina; קִיר (qiyr - “parede, muro”), pois o mundo está separado de seu Criador pelo Véu da matéria; רֵק (rêq - “instável”), pois o mundo está em constante mudança; שֵׁשׁ (shay - “presente”), pois o mundo é um presente da Divindade.

O momento oculto ou esotérico é:

Destruição – Tem a ver com um termo que não aparece na literatura hebraica, mas que pode ser deduzido (conforme a nota cabalística) como sendo כָּבַת (Keváth). Se esse termo vem do verbo hebraico כָּבַד (kaváh - “apagar”), então deve significar “apagamento” ou seja, a destruição do mundo seria o apagamento da luz da Criação! Isso faz muito sentido porque, assim como a soma de אֵין ('áin) é $711 = 9$, a soma da palavra hebraica para “luz”, אֹר ('ôr) é $207 = 9$. Então, o “apagamento” é o retorno a אֵין ('áin).

Disso deduzimos que a Luz citada no início de Gênese já existia como algo não manifestado em אֵין ('áin), apenas se tornando real quando se disse o “*faça-se a Luz!*”, que em hebraico é יְהי-אֹר (yehiy-'ôr). Esta expressão soma $10+5+10+1+6+200 = 232 = 7$. Sete é o número da Criação do Mundo por excelência, já que tudo teria sido criado nos Sete Dias Divinos.

O interessante é que o número 232 é o mesmo da palavra hebraica אֲרוּכָה ('arukháh), que significa “restauração, reparação, cura”. Devemos entender o primeiro dia da Criação como a “restauração” do mundo, após um ciclo de inatividade? Se for assim, temos aqui a mesma doutrina dos hindus!

Capítulo XV

Correspondências astrológicas no Sefer Yetsirah

De acordo com o **Sefer Yetsirah**, importante obra cabalística da qual falamos em outro capítulo, cada uma das 22 letras hebraicas possui uma regência astrológica. Essa regência pode corresponder aos **Elementos**, aos **Sete Planetas** ou aos **Doze Signos Zodiacais**.

Utilizaremos aqui a versão do **Sefer Yetsirah** do **Rev. Dr. Isidor Kalisch** (Rio de Janeiro: Renes, 1983), apresentando as palavras hebraicas originais e explicações de nossa autoria, quando se fizer necessário. Aproveite para estudá-las e incorporá-las ao seu vocabulário:

“Há vinte e duas **letras** **אוֹתֵי־יֶסֶד** - 'othiyyôth], **vigor** [lit. יֶסֶד - yesôd, 'base, fundamento']. Três delas, contudo, são os primeiros elementos fundamentais ou **mães** **אִמּוֹת** - 'immôth], sete consoantes **duplas** **כְּפֻלּוֹת** - kefulôth] e doze **simples** **פְּשׁוּטוֹת** - peshutôth].

As três letras fundamentais **א"מ"ש** [álef – mem – shin] têm como base a **balança**. Num prato está o **mérito** **זְכוּת** - zekhúth, lit. 'inocência'] e no outro, a **criminalidade** **חֹבֶל** - hováh, lit. 'culpa'], que são colocados em equilíbrio pela **língua** **לָשׁוֹן** - lashôn].

As três letras fundamentais **א"מ"ש** [álef – mem – shin] significam, como o **מ** [mem] é **mudo** [lit. דּוֹמָמַת - domémeth, 'silêncio, calmaria'] como a água e **ש** [shin] é **sibilante** [lit. שׁוֹרֶקֶת - shuréqeth, 'assobio, sibilo'] como o fogo; há **א** [álef] entre elas, um **sopro de ar** **אֲוֵיר רוּחַ** - 'avvêr rúah] que as reconcilia.

As vinte e duas letras que formam o vigor [lit. 'fundamento'] após terem sido postas em ordem e estabelecidas por Deus, Ele combinou-as, pesou-as, mudou-as e formou com elas todos os seres que existem, e todas as coisas que deverão ser formadas no futuro.

Ele estabeleceu vinte e duas letras, vigor, pela voz [קוֹל – qôl], formou-as pelo sopro de ar [lit. רוּחַ – rúah, 'sopro, ar'] e fixou-as em cinco lugares na boca humana, a saber:

1) *Guturais* [lit. גָּרוֹן – garôn, 'garganta, pescoço'], א ה ח ע [letras álef, hê, heth e 'áin, lidas no original como אַחֲחָ"ע – 'ahaâhá];

2) *Palatais* [lit. חֵיךְ – hekḥ, 'céu da boca'], ג י כ ק [letras gímel, yod, bêth e qôf, lidas no original como גִּיכָ"ק – giykháq];

3) *Linguais* [lit. לָשׁוֹן – lashôn, 'língua'], ד ט ל נ ת [letras dáleth, têth, lámed, nun e tav, lidas no original como דַּטְלֵנָ"ת – datlenáth];

4) *Dentais* [lit. שִׁנַּיִם – shinnáyim, 'dentes'], ז ש ס ר צ [letras záin, shin, sámekh, resh e tsáde, lidas no original como זֶשְׁסֶרָ"ץ – zeshasráts];

5) *Labiais* [lit. שִׁפְתַּיִם – sefatháyim, 'lábios'], ב ו מ פ [letras bêth, vav, mem e pêh, lidas no original como בּוּמָ"ף – bumáf].”

Mais adiante o texto do **Sefer Yetsirah** esclarece que essas três letras mães correspondem aos elementos, da seguinte forma:

“As três mães אֵ"מ"ש [álef – mem – shin] no mundo são: ar [אֲוִיר – 'avvêr], água [מַיִם – máyim] e fogo [אֵשׁ – 'êsh]. O céu [שָׁמַיִם – shamáiyim, 'o duplo céu'] foi criado do fogo ou éter [אֵשׁ – 'êsh]; a terra (compreendendo mar e terra) [אֶרֶץ – 'érets], da água elementar [מַיִם – máyim]; e o ar atmosférico [אֲוִיר – 'avvêr], do ar elementar, ou espírito [רוּחַ – rúah], que estabelece o equilíbrio entre eles.

As três mães אֵ"מ"ש [álef – mem – shin] produzem no ano: calor, frio e umidade. O calor foi criado do fogo; a friagem, da água, e a umidade, do ar, que equilibra os três.

As três mães א"מ"ש [álef – mem – shin] produzem no homem, masculino e feminino: cabeça, peito e corpo. A cabeça foi criada do fogo; o peito, da água, e o corpo do ar, que os coloca em equilíbrio.

Primeira Divisão. Deus deixou a letra א [álef] predominar [lit. 'reinar, governar'] no ar primitivo, coroou-a, combinou uma com a outra e formou delas o ar no mundo, umidade no ano, e o peito no ser humano; (...).

Segunda Divisão. Ele deixou a letra מ [mem] predominar na água primitiva, e coroou-a. Combinou-a com a outra e formou delas a terra (incluindo terra e mar); friagem no ano, e o ventre no ser humano; (...).

Terceira Divisão. Ele deixou a letra ש [shin] predominar no fogo primitivo, coroou-a, combinou-a com a outra e formou delas, céu no mundo, calor no ano, e a cabeça do ser humano.”

Segundo estes ensinamentos, a divisão das três letras mães junto aos quatro elementos é a seguinte:

Ar – Regido pela letra א [álef] = Ar atmosférico

Água

e - Ambos regidos por מ [mem] = Terra (incluindo terra e mar)

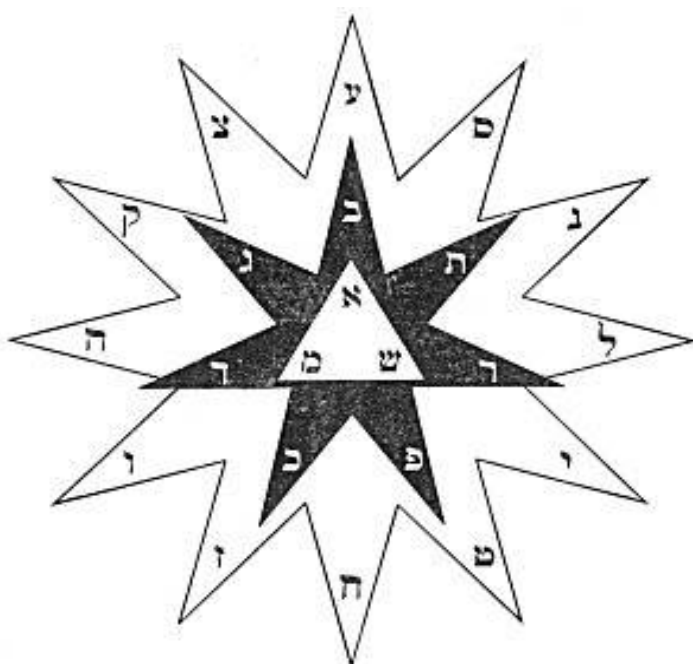
Terra

Fogo – Regido pela letra ש [shin] = Céu

A seguir, o **Sefer Yetsirah** apresenta a regência dos sete planetas dos antigos e suas letras hebraicas correspondentes. Essas regências são discordantes, de acordo com a versão utilizada. As regências apresentadas na versão do **Rev. Dr. Isidor Kalisch** são:

“As sete letras duplas ב ג ד כ פ ר ת [bêth, gímel, dáleth, kaf, pêh, resh e tav, lidas no original na forma בְּגִ' דְּכַפְרָ'ת - beghád kafráth], com uma duplicidade de pronúncia, aspirada e não-aspirada, a saber ד"ד כ"כ פ"פ ר"ר ת"ת, servem como modelo de maciez [orig. רַךְ - rakh, 'macio'] e dureza [orig. קָשָׁה - qasháh, 'dura'], força [orig. גִּבּוֹר - gibbôr, 'forte'] e fraqueza [orig. חֲלָשׁ - hálásh, 'fraco']. ”

Observação: Em capítulos anteriores não apresentamos a letra ר [resh] como possuindo uma pronúncia aspirada, como as demais duplas. Por que ela é apresentada como dupla no **Sefer Yetsirah**? Na verdade, a pronúncia aspirada do “R” grego (o rho – ρ) foi adotada pelos antigos judeus da Palestina para a letra hebraica ר [resh]. Eles a pronunciavam em parte aspirada e em parte não-aspirada (segundo Dr. Geiger e Dr. Graetz). Por isso o **Sefer Yetsirah** inclui esta letra no rol das letras duplas, para fechar a lista dos sete planetas cabalísticos.



Esquema simbólico apresentando a divisão das 22 letras hebraicas. O triângulo no centro traz as três letras mães. A estrela de sete pontas (em preto) apresenta as sete letras duplas. A estrela de doze pontas externa apresenta as doze letras simples. Se ainda estiver envolta num círculo, esta figura pode ser utilizada como um pantáculo ou talismã universal, já que possui todas as regências utilizadas em magia cabalística (elementos, planetas e signos zodiacais).

Continuando a apresentar a regência planetária das sete letras duplas:

“Os sete planetas no mundo são: שַׁבְּתִי [shabtháy, Saturno], צֶדֶק [tsédeq, Júpiter], מַאֲדִים [ma'adhiym, Marte], חֲמָה [hāmmáh, Sol], נֹגַהּ [nogáh, Vênus], כּוֹכַב [kokháv, Mercúrio] e לְבָנָה [levanáh, Lua].”

Esta é a ordem dos planetas exposta de acordo com o sistema Ptolemaico, que estava em voga, inclusive entre os sábios, até meados do séc. XV. Mas, para os que crêem que o autor do **Sefer Yetsirah** viveu muito antes de **Ptolomeu**, esta disposição é sem dúvida uma interpolação mais recente. O **Prof. Jo. Friedrich Von Meyer** dizia que em seu exemplar do **Sefer Yetsirah** a ordem encontrada era:

חֲמָה נֹגַהּ כּוֹכַב לְבָנָה שַׁבְּתִי צֶדֶק מַאֲדִים [Sol, Vênus, Mercúrio, Lua, Saturno, Júpiter e Marte].

Entretanto, o **Sefer Yetsirah** na versão de Kalisch apresenta a regência planetária das sete letras duplas numa outra ordem, a saber:

ב [bêth]: Lua

ג [gímel]: Marte

ד [dáleth]: Sol

ה [kaf]: Vênus

ו [pêh]: Mercúrio

ז [resh]: Saturno

ח [tav]: Júpiter

Mas há divergências nesta tabela, conforme a versão seja a de Mantua (1552), Mantua (1562), Lambert, Meyer (Paris, 1891), a de Kalisch ou a de Papus. Conforme essas variações, as regências podem ser:

ב [bêth]: Lua – Saturno – **Lua**

ג [gímel]: Marte – Júpiter – **Vênus**

ד [dáleth]: Sol – Marte – **Júpiter**

ה [kaf]: Vênus – Sol – **Marte**

ו [pêh]: Mercúrio – Vênus – **Mercúrio**

ז [resh]: Saturno – Mercúrio – **Saturno**

ח [tav]: Júpiter – Lua – **Sol**

A última lista [em negrito] é a apresentada por **Papus**, que pesquisou as divergências e concluiu ser esta a ordem correta. Esta será a ordem que sempre utilizaremos em nossa obra.

O **Tarô dos Boêmios**, de **Papus**, apresenta esta ordem das regências planetárias para as letras duplas. Quando falarmos em anjos, pantáculos e magia cabalística, também utilizaremos esta ordem.

Quanto às **doze letras simples**, não há divergências sobre sua regência, pois são os doze signos zodiacais na ordem padrão de Áries a Peixes.

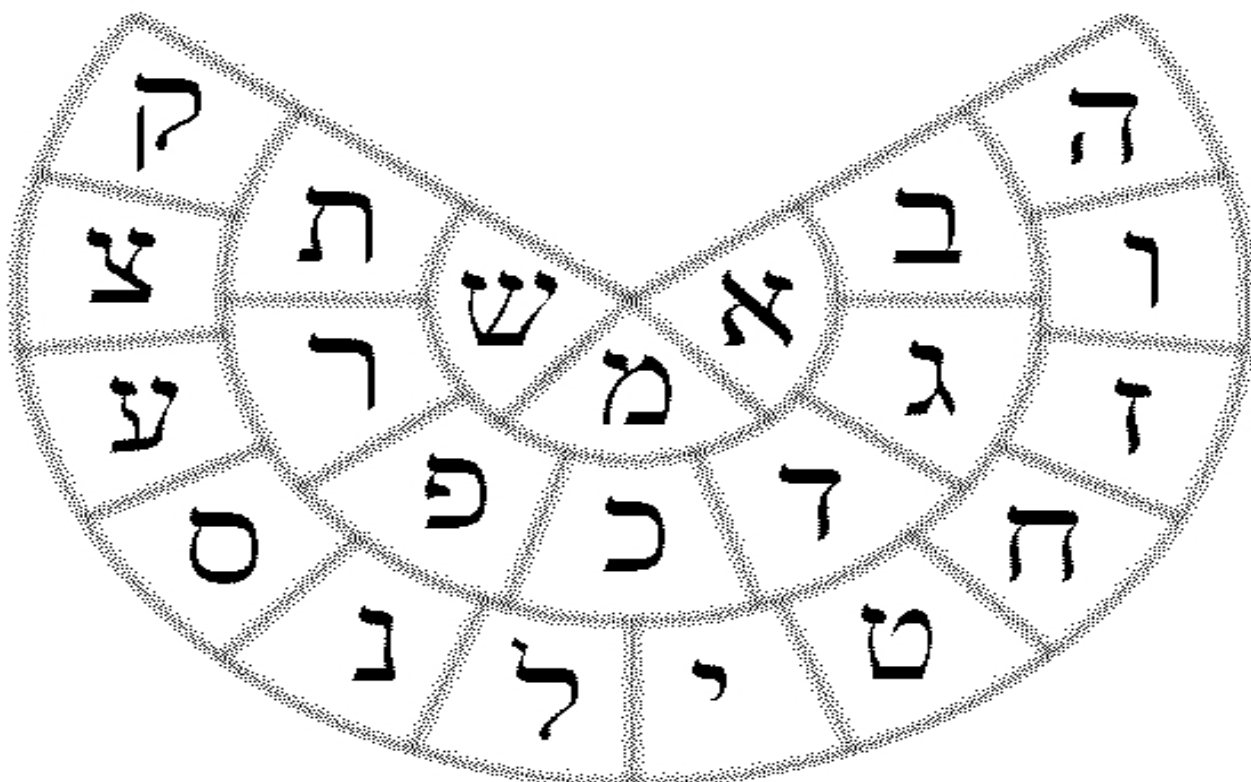
Sobre isso, o **Sefer Yetsirah** diz:

“As doze constelações do mundo são: טַלֵּהּ [taléh, Áries], שׁוֹר [shôh, Touro],
תְּאוֹמִים [te'omiym, Gêmeos], סַרְטָן [sartán, Câncer], אֲרִיָּה [‘aryêh, Leão],

בְּתוּלָה [bethuláh, Virgem], מֵאֲזַנַּיִם [mo'znáyim, Libra], עֶקְרָב ['aqráv, Escorpião], קֶשֶׁת [qésheth, Sagitário], גְּדִי [gedhíy, Capricórnio], דְּלִי [delíy, Aquário] e דָּגִים [daghíym, Peixes].”

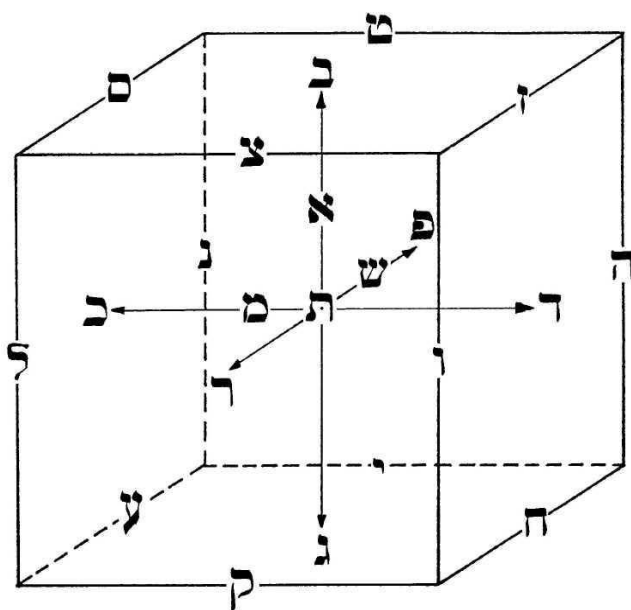
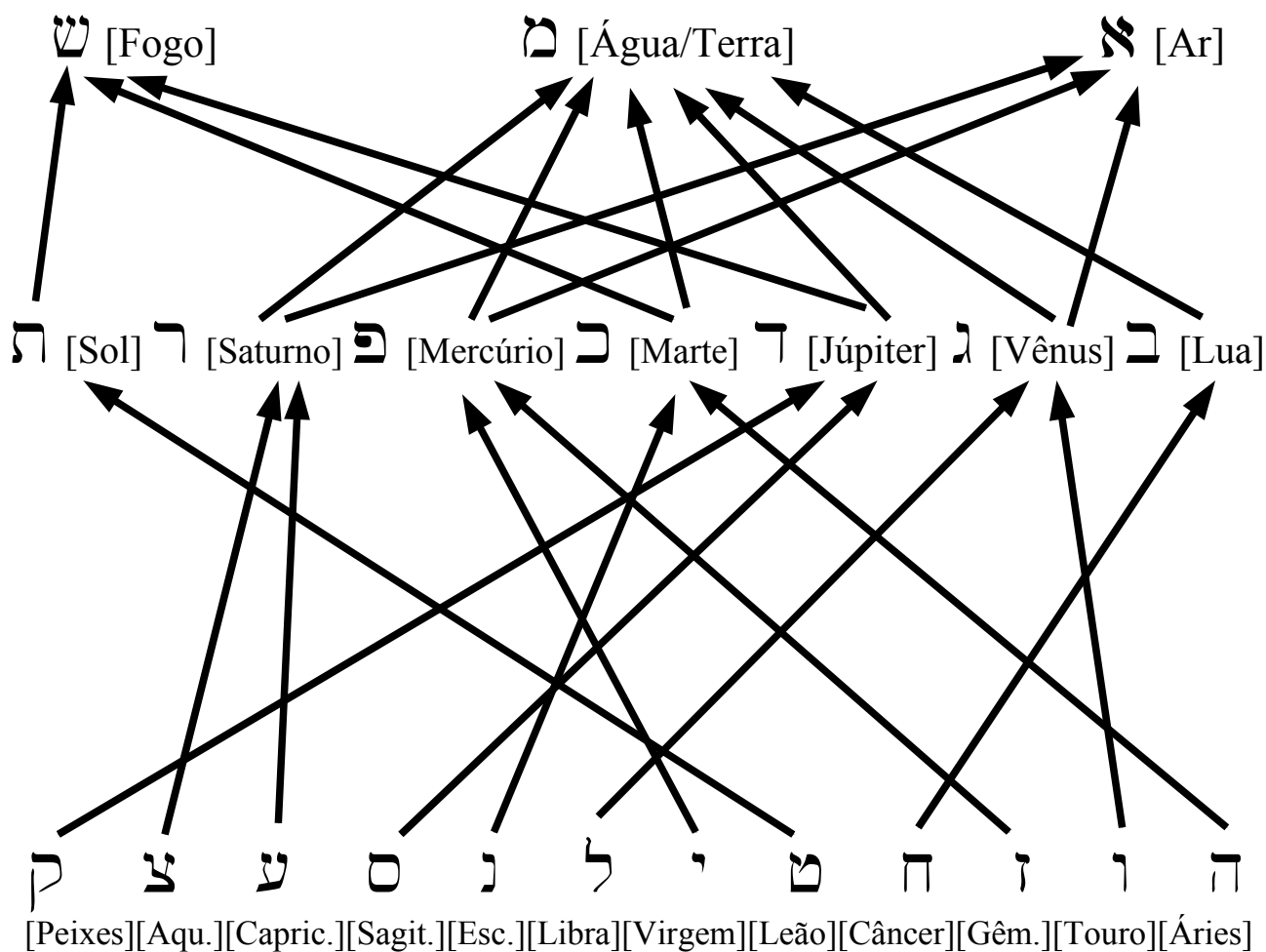
Assim, a regência das doze letras duplas e os doze signos zodiacais é:

Áries = ה [hê]	Libra = ל [lámed]
Touro = ו [vav]	Escorpião = נ [nun]
Gêmeos = ז [záin]	Sagitário = ס [sámekh]
Câncer = ח [hêth]	Capricórnio = ע ['áin]
Leão = ט [têth]	Aquário = צ [tsáde]
Virgem = י [yod]	Peixes = ק [qôf]



As 22 letras hebraicas apresentadas em três semicírculos, dividindo as três letras mães, as sete duplas e as doze simples.

Portanto, a divisão cabalística das 22 letras hebraicas segundo suas regências astrológicas é:



Se inscrevemos as 22 letras hebraicas, divididas em mães, duplas e simples, conforme especificações dadas no Sefer Yetsirah, dentro de um cubo, a conformação é semelhante à da figura ao lado. Como se pode ver, o modo como o Sefer Yetsirah apresenta as letras é tridimensional: 3 linhas-eixo (altura, largura, comprimento), 7 direções (Norte, Sul, Leste, Oeste, em cima, em baixo, centro), 12 lados do cubo.

Capítulo XVI

Relação entre os Nomes Sagrados e os Números

Conforme estudamos em capítulos anteriores, uma palavra hebraica possui um valor numérico de importância mística, segundo os ensinamentos da Cabala. Isso é particularmente relevante quando se pratica a numerologia hebraica. Essa numerologia consiste em verter para letras hebraicas qualquer nome e, somando-as, chegar a um número final. Por último, se descobre qual nome sagrado está conectado àquela soma. Isso permite que se deduza o significado místico do nome em questão.

Daremos as bases para a conversão de um nome próprio para letras hebraicas em um próximo volume. Por hora, apresentaremos os principais nomes sagrados conectados aos números. Pularemos os números que não apresentem nomes sagrados relevantes. Às vezes, um número possuirá mais de um nome sagrado, incluindo os nomes angélicos, terminados em “el” [אֵל] ou “yah” [יְהוָה]. Quando for o caso, apresentaremos os trechos bíblicos onde os termos referidos aparecem ou são explicados.

Aproveite para estudar as palavras hebraicas que aparecem neste capítulo, para ganhar um pouco mais de vocabulário. Sugerimos que você as transcreva no seu caderno de caligrafia, para praticar a escrita.

03 – אב (01+02) = 'Av - “pai”, também no sentido de “Mestre” e “Ancião”.

07 - דָּבָר (04+02+01) = Dôve' - “força”. Em Dt 33.25.

12 - הוּא (05+06+01) = Hu' - “Ele” [pron. Pessoal] – referência simbólica a Deus.

13 – אָהָבָה (01+05+02+05) = 'Ahaváh - “(o) amar, amor; amizade”. אֵלֶּךָ (01+08+04)

= 'Ehádth - “Um; o primeiro” - Deus como O Uno. גְּחָה (03+05+05) = Geháh - “cura” (em Pv 17.22).

14 – דוד (04+06+04) = **Dôdh** - “Amado, amante; amor” - O Amado é o fiel a Deus, o homem justo; para os cristãos, é a Igreja de Cristo. זהב (07+05+02) = **Zaháv** - “ouro” (tanto material quanto espiritual).

15 – הוד (05+06+04) = **Hôdh** - “esplendor, majestade, vigor” - A 8ª **Sefirah** da Árvore da Vida. יה ou יה (10+05) = **Yah** ou **Yah** – Forma curta do Nome de Deus ou Tetragrama, יהוה.

16 – היא (05+10+01) = **Hiy'** - “Ela” [pron. feminino] – uma referência simbólica ao Espírito Santo ou à Sabedoria, que é de polaridade feminina. Também à **Presença Divina**, chamada שכין (Shekhináh). טובה (09+02+05) = **Továh** - “bondade, prosperidade, felicidade, salvação”.

17 – טוב (09+06+02) = **Tôv** - “bom”. Adjetivo divino. A bondade de Deus é uma de suas principais características.

18 – חי (08+10) = **Hay** - “vida; vivo, vivente”. Adjetivo de Deus como “Deus Vivo”.

19 – בטח (02+09+08) = **Batúáh** - “confiante” (em Is 26.3 e Salmo 112.7). Característica do fiel a Deus.

21 – אהיה (01+05+10+05) = **'Ehyéh** - “Eu sou, Eu serei” - Expressão dita por Deus ao Patriarca Moisés em Êxodo 3.14. É um de seus Nomes Divinos, uma outra forma de se dizer e escrever יהוה (Yahvéh), pois ambas as palavras vêm do mesmo verbo hebraico: יהי (Hayáh - “tornar-se, acontecer, ocorrer, ser, haver, ter”). Assim, **'Ehyeh** significa “eu sou” e **Yahveh**, “Aquele que é”.

22 – חגלה (08+03+06+05) = **Haghvéh** - “esconderijo, refúgio” - Deus como refúgio. יחד ou יחד (10+08+04) = **Yáhadh** - “união, comunidade”. A Comunidade de praticantes espirituais.

23 – חייה (08+10+05) = **Hayyáh** - “animal; vida; exército; lugar de moradia (em 2Sm 23.13; Salmo 68.11)” - Símbolo divino em várias partes da Bíblia, especialmente nas profecias. יי.

(07+10+06) = **Ziyv** - “brilho, esplendor” [Divino] – é uma palavra aramaica, não hebraica.

24 - **בְּטַחָה** (02+09+08+05) = **Bit-háh** - “confiança” (em Is 30.15). Característica do fiel a Deus.

26 - **יְהוֹה** (10+05+06+05) = **Yahvéh** - “Aquele que é” - O Nome de Deus (em Gn. 2.4).

כְּבֹד (20+02+04) = **Kavôdh** - “peso, fardo, esplendor, honra” - Teologicamente significa “glória, honra, poder ou autoridade de Deus”. Há, então, relação entre **Yahvéh** e sua “glória” ou “poder”, já que somam o mesmo número. Por isso uma das expressões mais profundas na Cabala é exatamente **כְּבֹד יְהוֹה** - **Kevôdh Yahvéh**, ou seja, “Glória de Yahveh”, literalmente, “Glória d'Aquele que é”. Há muitos segredos numéricos nesta expressão!

28 - **כֹּחַ** (20+08) = **Kôah** - “força, poder”.

31 - **אֵל** (01+30) = **'Êl** - “Deus”. Um dos Nomes Divinos. A palavra, contudo, tem ainda outros significados, como “carneiro; poderoso; árvore majestosa; coluna; força, poder”. Há ainda um nome angélico relacionado a esse número: **אַחְזִיָּה** (01+08+07+10+05) = **'Ahazyáh** (significa algo como “tomado de Deus”).

32 - **לֵב** (30+02) = **Lêv** - “coração”. A forma aramaica **בֵּל** (**Ból**) tem o mesmo valor numérico e o mesmo significado. O nome angélico conectado aqui é **טוֹבִיָּה** (09+06+02+10+05) = **Toviyyáh** (algo como “minha salvação é Deus”).

34 - **כֹּחַ** (20+06+08) = **Kôah** - “força, poder”. **לֵבָב** (30+02+02) = **Leváv** - “coração”. Aqui se conecta a verdadeira força espiritual ao coração, sede da sensatez e da sabedoria.

36 - **אֵלֹהִים** (01+30+05) = **'Eloáh** - “Deus”. Um dos Nomes Divinos.

39 - **זֶבֶל** (07+02+30) = **Zevúl** - “morada (de Deus)”. **לֵט** (30+09) = **Lót** - “(o que é) Secreto”. Ou seja, a “morada” de Deus é realmente “secreta”. Está em nosso interior, segundo a visão mais mística da Cabala e do Gnosticismo.

41 - **אֵיל** (01+10+30) = **'Eyál** - “força” (em Salmo 88.5). O nome angélico conectado é **גִּאוּאֵל** (03+01+06+01+30) = **Ge'u'êl** (algo como “orgulhoso de Deus”).

42 - אֱלֹהִים (01+30+06+05) = 'Eloáh - “Deus”. Um dos Nomes Divinos. חֵלֶד (08+30+04) = Hêledh - “vida, duração da vida; mundo”.

43 - גְּדוֹלָה (03+04+06+30) = Gadhôl - “grande”. Um dos Nomes Divinos. מַג (40+03) = Magh - “mago” (em Jr. 39.3,13). A raiz da palavra “mago” é indo-européia, e significa “grande”. O nome angélico conectado é יְדִידְיָהּ (10+04+10+04+10+05) = Yedhiydhyah (“amado de Deus”).

44 – Aqui há três nomes sagrados relativos ao Messias: טָלֵחַ (09+30+05) = Taléh - “cordeiro; signo de Áries”; יָלֵד (10+30+04) = Yéledh - “menino, criança”; כִּידוּד (20+10+04+06+04) = Kiydhôdh - “filho”. O nome angélico conectado é אַבִּיאל (01+02+10+01+30) = 'Aviy'êl (“Meu Pai é Deus”).

45 - מֵאֲדָה (40+01+04) = Me'ôdh - “força, poder”.

48 - גְּדוּלַּת (03+04+06+30+05) = Gedhulláh - “grandeza; grandiosidade” - A 4ª Sefirah da Árvore da Vida, também chamada de חֶסֶד (hêsedh - “misericórdia”). חַיִּל (08+10+30) = Háiyl - “capacidade, força, poder”. כּוֹכַב (20+06+20+02) = Kokháv - “estrela; o planeta Mercúrio, nos textos da Cabala.”

53 - חֲמָה (08+40+05) = Hammáh - “calor; sol; o Sol astrológico nos textos da Cabala.”

58 - נֹגַהּ (50+03+05) = Nogháh - “brilho, esplendor; o planeta Vênus na Cabala.”

63 - נְבִיאָה (50+02+10+01) = Naviy' - “profeta”. O nome angélico conectado é יְחִידְיָהּ (10+08+04+01+30) = Yahddiy'êl (algo como “minha comunidade é Deus”).

64 - אֲדוֹנָי (01+04+50+10) = 'Adhonáy (Apesar de geralmente traduzido como “Senhor”, o termo significa “Meu Senhor”). É um dos Nomes Divinos. הֵיכָל (05+10+20+30) = Hekhál - “palácio, templo [inclusive Divino].”

67 - בִּינָה (02+10+50+05) = Biynáh - “compreensão, entendimento, discernimento”. A 3ª Sefiráh da Árvore da Vida.

68 – נְבִיאָה (50+02+10+01+05) = **Neviy'áh** - “profetisa”.

70 – סוֹד (60+06+04) = **Sôdh** - “confidência, intimidade; aconselhamento; segredo; círculo, conselho”. O nome angélico conectado é אֲדוֹנֵיָהּ (01+04+50+10+05) = **'Adhoníyyah** (“Meu Senhor é Deus”).

72 – חֶסֶד (08+60+04) = **Ĥésedh** - “solidariedade, amizade; bondade; piedade, misericórdia”.

A 4ª Sefiráh da Árvore da Vida. O nome angélico conectado é אֱלִיָּאֵל (01+30+10+01+30) = **'Eliy'êl** (“Meu lamento é Deus”).

73 – חֲכָמָה (08+20+40+05) = **Ĥókhmah** - “sabedoria, conhecimento, experiência”. A 2ª Sefiráh da Árvore da Vida. O nome angélico conectado é אֲזַנֵּיהּ (01+07+50+10+05) = **'Azanyáh** (algo como “o que obedece a Deus” ou “o que escuta a Deus”).

74 – דַּע (04+70) = **Dêaĥ** - “conhecimento, saber.” לָמַד (30+40+04) = **Limmúdh** - “instruído, treinado”. Um Nome Divino da Cabala. עַד (70+04) = **'Adh** - “eternidade, futuro”.

77 – מָזַל (40+07+30) = **Mazzál** - “constelação zodiacal” (em 2Rs 23.5). עֹז (70+07) = **'Ôz** - “vigor, força, poder, firmeza; proteção, refúgio, abrigo”. Deus como força e refúgio.

80 – יְסוֹד (10+60+06+04) = **Yesôdh** - “alicerce, base; fundamento”. A 9ª Sefiráh da Árvore da Vida. כַּהֲנָהּ (20+05+50+05) = **Kehunnáh** - “sacerdócio”.

81 – כִּסֵּא (20+60+01) = **Kése'** - “lua cheia”. כִּסֵּא (20+60+01) = **Kissê'** - “cadeira, trono [divino, inclusive].”

82 – חֲסִיד (08+60+10+04) = **Ĥasíydh** - “fiel, leal [a Deus], piedoso.” Uma das principais virtudes dos judeus cabalistas, e que devem fazer parte de todos os que se interessam pelo assunto.

86 – הַלְלוּיָהּ , הַלְלוּ יָהּ ou הַלְלוּ-יָהּ (05+30+30+06+10+05) = **Haleluyáĥ** - “Aleluia”, que literalmente significa “Deus seja louvado”.

87 - לְבָנָה (30+02+50+05) = **Levanáh** - “lua cheia; a Lua nos textos da Cabala.” O nome angélico conectado é חֶסֶדִּיָּה (08+60+04+10+05) = **Ħasadhyáh** (algo como “misericórdia de Deus”).

90 - כָּלִיִּל (20+30+10+30) = **Kalíyl** - “inteiro, completo, perfeito”. עֲזוּז (70+07+06+07) = **'Ezúz** - “força, poder”.

92 - פַּחַד (80+08+04) = **Páhadh** - “tremor, pavor, susto, temor, medo, terror.” A 5ª Sefirah da Árvore da Vida, também chamada de גְּבוּרָה (Gevuráh).

95 - דָּנִיֵּאל (04+50+10+01+30) = **Daniyyê'l** - “Daniel, o profeta”. O nome parece significar “recipiente de Deus”.

99 - חֲנִיָּאל (08+50+10+01+30) = **Ħanniy'êl** – Personagem bíblico de Nm 34.23. O nome significa “Graça de Deus”. Na Cabala medieval, é o anjo **Hanniel**, regente do planeta Vênus e, portanto, dos signos de Touro e de Libra. Por sinal, aqui temos também as palavras simbólicas sagradas para esses signos: נָטִיל (natíyl - “[o] que pesa”) para Touro; מֵאֲזָנָא (mo'znê' - “balança”) para Libra. Ambos os termos somam 99!

101 - מִיכָאֵל (40+10+20+01+30) = **Miykha'êl** - “O Arcanjo Mikhael (Miguel)”. Na Cabala medieval, Miguel é o regente do Sol.

102 - בַּעַל (02+70+30) = **Bá'al** - “Senhor; proprietário; marido; cidadão; designação também de Yahvéh.

107 - בַּעֲלָהּ (02+70+30+05) = **Ba'aláh** - “Mestra, proprietária (de)”. Símbolo do Espírito Santo, que é feminino. Representação da Sabedoria.

111 - פֶּלֶא (80+30+01) = **Péle'** - “coisa extraordinária, milagre.”

113 - סֶלִיחָה (60+30+10+08+05) = **Seliyháh** - “perdão”. O nome angélico conectado a este número é נְחֵמְיָה (50+08+40+10+05) = **Neĥemyáh** (algo como “compassivo de Deus”).

115 – חֶזֶק (08+07+100) = **Ĥêzeq** - “força” (em Salmo 18.2). כֶּסֶלֶה (20+60+30+05) =

Kisláh - “confiança”. סֵנֶה (60+50+05) = **Sêneh** - “sarça” [a sarça ardente em Êx. 3.2-4).

עֲזָאֵל (70+07+01+07+30) = **'Aza'zêl** - “Azazel, um demônio do deserto ao qual os antigos hebreus enviavam um bode sobre o qual haviam confessado todos os pecados dos filhos de Israel; na Cabala medieval passa a ser um demônio comum ou, na compreensão de outros, um Anjo Inferior.” Contudo, **Azazel** não é um “demônio” no sentido de um “diabo”, mas apenas no sentido grego de “daimon”, ou seja, um anjo ou espírito inspirador. Como a soma final de 115 é 07, **Azazel** é um anjo relacionado a **Hanniel**, o anjo da graça divina regente de Vênus, mas em seu estado mais terreno. O nome significa “O que se mostra forte [diante de] Deus”. Há ainda mais mistérios envolvendo **Azazel** do que podemos explicar aqui.

120 – מִכְלָל (40+20+30+30) = **Mikhlál** - “perfeição (em Salmo 50.2).” Qualidade divina.

121 – פִּלְאִי (80+30+01+10) = **Pil'íy** - “maravilhoso (em Salmo 139.6).” Qualidade divina.

123 – מַעֲזֵז (40+70+06+07) = **Ma'ôz** - “fortaleza, lugar de refúgio; [Deus como] Fortaleza.” O

nome angélico conectado é חַנָּנִיָּה (08+50+50+10+05) = **Ĥananyáh** (algo como “misericordioso de Deus” ou “generoso de Deus”).

130 – Aqui temos a relação entre os termos סִינִי (60+10+50+10) = **Siynáy** - “[O Monte]

Sinai” e קֹל (100+30) = **Qôl** - “som, voz, chamado [divino]”. O **Sinai** é, então, o símbolo da voz ou chamado divino.

131 – עֲנָוָה (70+50+06+05) = **'Anaváh** - “humildade”. O nome angélico conectado é

מַלְכֵי־אֵל (40+30+20+10+01+30) = **Malkiy'êl** (algo como “Meu Rei é Deus”).

136 – אֲמִצָּה (01+40+90+05) = **'Amtsáh** - “força (em Zc 12.5).”

148 – נֵצַח (50+90+08) = **Netsáh** - “fulgor, glória; perenidade, eternidade”. A 7ª Sefiráh da

Árvore da Vida. פֶּסַח (80+60+08) = **Pésah** - “Páscoa, passagem”. O verbo original da palavra

פֶּסַח – **pasáh**) significa “passar mancando” e também “proteger”. Estes são, então, os dois sentidos da palavra “Páscoa”.

171 – מְעוֹנָה (40+70+06+50+05) = **Me'onáh** - “esconderijo, cova, covil; morada [de Deus].”

O nome angélico conectado é פְּנִיָּאל (80+50+10+01+30) = **Peniy'êl** (algo como “face de Deus”).

188 – פִּקֵּן (80+100+08) = **Piqêah** - “aquele que vê/enxerga (em Êx. 4.11; 23.8).” Deus como aquele que tudo vê.

194 – צִדִּיק (90+04+100) = **Tsédeq** - “justiça; sucesso; graça; o planeta Júpiter nos textos da Cabala.”

197 – עִמָּנוּ אֵל ou עִמָּנוּאֵל (70+40+50+06+01+30) = **'Immanú 'Êl** ou **'Immanu'êl** – Literalmente “Deus conosco”, conforme Isaías 7.14 e 8.8. O nome do Messias e, na Cabala medieval, nome o 73º anjo ou gênio relacionado com os dias do ano. É o anjo extra que rege os cinco dias restantes do anos, pois os demais 360 dias são regidos por outros 72 anjos.

Neste capítulo vimos diversos nomes sagrados e seus números correspondentes. Há muitos mais, os quais estudaremos nos próximos volumes. Os significados e as explicações de muitos deles não se esgotam no que escrevemos aqui.

A compreensão das ligações entre os diversos termos e sua relevância para a prática espiritual é um dos grandes segredos da Cabala. Procure mesclar momentos de estudo com reflexão sobre a matéria e mesmo momentos de oração e comunhão com a Divindade. Isso ajudará a fixar melhor a lição.

Capítulo XVII

Kethiv e Qerê

Depois que a vocalização da escrita hebraica foi determinada, na Idade Média, e com o passar dos séculos, aconteceu que se começou a exigir para certas expressões do Antigo Testamento, **exclusivamente na recitação cultural**, uma leitura diferente daquela transmitida no **texto consonantal** (o texto escrito ou כְּתִיב - *kethív*, “escrito”). As consoantes da expressão a ser lida diferentemente eram registradas à margem (com o sinal קרי ou ק' = קרי - *qerê*, “lido”), sendo que no texto se apontava, através de um ^o ou * (*circellus* ou *asteriscus*), para a versão marginal. No entanto, as vogais pertencentes a esta versão eram colocadas junto às consoantes deixadas inalteradas no texto.

Isso, com certeza, causou muitas confusões, e ainda é causa de muitas outras entre os estudantes iniciantes. Afinal, ao lermos o texto hebraico massorético para invocações cabalísticas, por exemplo, devemos ter muito cuidado quando estamos diante de casos de **kethiv – qerê**. Esse cuidado é necessário para se evitar que pronunciemos erradamente as palavras do texto invocatório sagrado.

Assim, temos em Josué 6.9 no texto תִּקְעוּ (que se leria incompreensivelmente como “*toq'êv*”) e à margem תִּקְעִי ק' – isto é, leia-se תִּקְעִי (toq'ê) –; as consoantes do texto, porém, deveriam ser lidas como תִּקְעוּ (tóq'ú). Da mesma forma, em Isaías 10.6 temos no texto וְלִשְׂיִמוֹ (ulsoyymo, algo incompreensível), qerê וְלִשְׁוִמוֹ (ulsumo), kethiv וְלִשְׂיִמוֹ (ulsiymô).

Isso parece muito complicado para você? Provavelmente, sim. Mas não se preocupe. Como o tempo e o aprendizado da língua hebraica esses conceitos ficarão bem mais claros. O importante é você estudar todos os capítulos com calma, copiando as palavras hebraicas apresentadas no seu caderno de caligrafia e tentando lê-las corretamente, segundo as regras gramaticais apresentadas até aqui.

O caso de **Kethiv – Qerê** não é nenhum “bicho de sete cabeças”. É apenas uma prova do quanto as palavras do texto hebraico da Bíblia se modificaram ao longo do tempo, confirmando as desconfianças dos grandes ocultistas, como **Levi**, **Papus** e **Blavatsky**. Para eles, as palavras hebraicas da Bíblia que chegaram até nós já não correspondem mais às originais, o que parece ter um grande fundo de verdade.

No caso de certas palavras que se repetiam com frequência, passou-se a omitir os sinais de referência e o registro à margem (o **qerê perpetuum**). Isso só veio a aumentar a confusão, com toda a certeza.

Assim, o nome sagrado de Deus יהוה (Yahvéh), em vez do qual se costumava ler אֲדֹנָי ('Adonáy = “Senhor”, lit. “Meu Senhor”), sempre apresenta as vogais desta última palavra. A única diferença, causada pelas regras hebraicas de vocalização, é que Yahveh não é escrito com **hâtef pátaḥ** (ְ), mas com **shevá** simples (ִ) ficando, portanto, יהוהִ (lido incompreensivelmente como **Yehováh**). O desconhecimento deste fato é que fez com que, na Idade Média Posterior, os cristãos confundissem tudo e se chegasse ao nome de Deus “Jeová”, que na verdade não existe. O que existe na verdade é Yahveh ou Adonay, mas não “Jeová”. Apenas os fanáticos e os ignorantes não entendem isso.

Com base nesse qerê escreve-se יהוהִ, בִּיהוהִ, בִּיהוהִ, לִיהוהִ, וִיהוהִ, מִיהוהִ; leia-se, portanto, o qerê **badonáy** (“no [Meu] Senhor”), **kadonáy** (“com o [Meu] Senhor”), **ladonáy** (“para o [Meu] Senhor”), **vadonáy** (“e o [Meu] Senhor”) e **me'adonáy** (“do [Meu] Senhor”), ou o **kethiv** **beYahvéh**, **keYahvéh**, **leYahvéh**, **veYahvéh** e **miYahvéh**.

Só nos casos em que אֲדֹנָי (Adonay) se encontrava diretamente junto de יהוהִ lia-se, em lugar deste último, אֱלֹהִים ('Elohiym = Deus), escrevendo-se יהוהִ (lido incompreensivelmente como **Yéhovih**). Mas esses casos são relativamente raros comparados com o exposto anteriormente.

Da mesma forma, a palavra יְרוּשָׁלַיִם (lida como **Yerushaláim**) é qerê perpetuum de יְרוּשָׁלַיִם (Yerushaláiyim = Jerusalém), sendo יְרוּשָׁלַם (Yerushalêḥ) o **kethiv**. Por isso, em português dizemos “Jerusalém” e não algo como “Jerusaláim”, como seria de se esperar, a partir da pronúncia correta, que é “Yerushaláiyim”.

No **Pentateuco** a palavra הוּא (hu', “ele”), quando se encontra em lugar do feminino הִיא (hiy', “ela”), é vocalizada pelo qerê perpetuum הוּאִ (algo impossível de se ler!).

A **Bíblia Hebraica de Kittel** apresenta, agora, de acordo com manuscritos bíblicos mais antigos, ambos os qerê de יהוהִ sem o **holem**, ou seja, nas formas יהוהִ (Yehváh) e יהוהִ (Yehvíh).

O *qerê* יהוה (Yehváh) é entendido freqüentemente, segundo o costume samaritano, como שמא (Shemá'), palavra aramaica correspondente ao hebraico השם (hashShêm), “o nome”, isto é, o sagrado Nome próprio de Deus. Mas, em vez disso, parece-nos tratar-se, tal como no caso de יהוה (Yehvíh), de uma corruptela consciente de אדני ('Adonáy), respectivamente de אלהים ('Elohiym), cuja intenção é apontar para a impossibilidade de articular o nome de Deus, até mesmo na palavra substituta.

Complemento 21

A origem das leituras Kethiv-Qerê

Para ampliar a questão da origem e aplicação do **Kethiv-Qerê**, apresentaremos a seguir a tradução de alguns trechos de importante artigo de **Michael Graves**, do *Hebrew Union College – Jewish Institute of Religion*, intitulado “As origens das leituras Kethiv-Qerê”. Os interessados em ler o artigo completo em inglês podem acessar o link:

<http://rosetta.reltech.org/TC/vol08/Graves2003.html>

1. Apesar de geralmente ser consensual que o sistema *Kethiv-Qerê* foi desenvolvido durante o período Massorético, as origens definitivas das leituras contidas no sistema ainda não são plenamente compreendidas. Historicamente, as tentativas para explicar as origens das leituras *Kethiv-Qerê* estão centradas em dois modelos básicos. Conforme um dos modelos, tanto o *Kethiv* quanto o *Qerê* representam leituras variantes que podem ser analisadas através de uma confrontação de antigos manuscritos. De acordo com o outro modelo, os leitores introduziram o *Qerê* no texto escrito (o *Kethiv*) com a intenção de corrigir o que imaginavam que fosse um erro. Ambas as visões têm sido mantidas de algum modo desde cedo no estudo da **Masorah**, e ambas as visões ainda existem nos tempos modernos. Adicionalmente, diversas abordagens novas têm emergido, a maioria das quais tenta de alguma forma combinar características dos dois modelos tradicionais. Será sugerido aqui que estes dois modelos tradicionais não têm apresentado uma estrutura adequada para uma apreciação das origens das leituras *Kethiv-Qerê*, e que uma abordagem melhor pode ser estabelecida focando-se as questões centrais que são pertinentes a ambas as posições tradicionais.

2. A teoria da confrontação foi atribuída a **David Kimhai** em *Introduction to the Rabbinic Bible*, de **Jacob ben Chayyim Ben. Chayyim** citou a seguinte explanação como sendo de **Kimhai**:

(...)[Parece que essas leituras marginais e textuais se originaram porque os livros sagrados foram perdidos e dispersados durante o período do Cativo da Babilônia, quando os sábios que eram peritos nas Escrituras haviam morrido. E nisso os homens da Grande Sinagoga, que restauraram a Lei até seu estado anterior, acharam leituras diferentes nos livros, e adotaram aquelas que a maioria das cópias tinha, porque elas, conforme sua opinião, apresentavam as leituras verdadeiras. Em alguns lugares eles escreveram embaixo uma palavra no texto, mas não a pontuaram nem colocaram notas na margem, omitindo-a do texto, enquanto que em outros lugares eles inseriram uma leitura na margem e outra no texto] (Ginsburg 1867: 43-44). (...)

3. A idéia de que as leituras *Kethiv-Qerê* se originaram de uma confrontação de manuscritos é também uma das chaves componentes de muitas teorias modernas. Esta perspectiva pode ser representada por **H. M. Orlinsky**:

“Nossa hipótese é a de que os Massoretas primeiramente selecionaram os três melhores manuscritos da Bíblia Hebraica disponíveis para eles. Quando os três manuscritos não tinham variantes de leitura, nenhuma dificuldade era experimentada na vocalização do texto. Mas quando os manuscritos diferiam, os Massoretas aceitaram a leitura da maioria e a vocalizaram; aquela leitura se tornou o Qerê. A leitura da minoria foi deixada não-vocalizada, e tornou-se o Kethiv.” (Orlinsky 1960:187).

As propostas de *David Kimhai* de um lado e a de *Orlinsky* de outro diferem quanto à data em que eles propõem o processo de confrontação. Todavia, eles concordam na premissa básica de que o *Qerê* seja identificado com uma leitura que existiu previamente em um manuscrito e que foi derivada por um processo de confrontação e de aceitação mecânica da leitura da maioria.

4. Outros, contudo, têm argumentado que o *Qerê* originou-se como uma correção oral ao texto escrito, sem o suporte de manuscritos. **Ben Chayyim** descreveu (e refutou) a opinião de **Don Isaac Abravanel**, a quem atribuiu uma visão sobre as origens do *Kethiv-Qerê* que essencialmente concorda com este modelo de correção. A visão de *Abravanel*, conforme *Ben Chayyim*, era a de que:

(...) [*Ezra, o escriba, e seus associados, encontrou os livros da Lei inteiros e perfeitos, mas antes deles terem sido tomados para marcar os pontos vocálicos, os acentos e a divisão dos versos, eles examinaram o texto, quando encontraram palavras que, conforme o gênio da língua e intenção da narrativa, pareciam ser irregulares*] Ginsburg 1867: 45-46)

Abravanel ofereceu duas possíveis explicações para estas palavras “irregulares”. Talvez os escritores proféticos quisessem transmitir mistérios da Lei através destas expressões anômalas, de modo que Ezra e seus associados simplesmente suplementaram na margem formas “corrigidas” conforme o idioma comum, deixando as leituras misteriosas incomuns mas intencionais no texto. O *Qerê*, neste caso, simplesmente auxiliaria o leitor a apanhar o sentido da natureza própria da expressão e o correto, o sentido contextual, deixaria inalterado o *Kethiv*, que conteria uma significância profunda.

5. Como outra possibilidade, *Abravanel* sugeriu que as palavras anômalas fossem devidas a “uma ausência de precisão gramatical essencial ou uma deficiência no conhecimento da escrita precisa”, o que foi “desde o profeta [Ezra] como um erro que procedeu de um príncipe”. Ezra foi então forçado a explicar estas palavras “de acordo com o contexto da narrativa”, sendo esta explicação o assunto do *Qerê* indicado na margem (Ginsburg 1867: 46).

6. Assim, conforme *Abravanel*, Ezra percebeu uma “irregularidade” no texto e a corrigiu sem consultar qualquer manuscrito, fiando-se primariamente no contexto. Claro que em nenhum caso foi isso planejado para ser uma intervenção crítica-textual, já que a correção foi considerada não como uma restauração do texto original, mas como algum tipo de aperfeiçoamento deste.

7. Mais recentemente, alguns especialistas têm apoiado uma teoria de correção que compara o *Qerê*, em termos de crítica-textual, a uma emenda conjectural. Por exemplo, **J. Weingreen** descreve o sistema *Kethiv-Qerê* como tendo se originado porque os Massoretas disponibilizaram correções ao texto sempre que uma cópia ruim era evidente. Como *Weingreen* explica, “*Isso eles fizeram atraindo a atenção do leitor para os erros e diretamente para as correções, que eles forneceram, para serem feitas oralmente*” (Weingreen 1982:15-16). As correções, conforme *Weingreen*, foram feitas só na leitura e não no próprio texto, porque os Massoretas desejaram preservar inalterada a tradição escrita que tinham recebido, mesmo quando acreditassem nela como estando errada. Assim, com a visão de *Abravanel*, a anomalia no texto é corrigida essencialmente por instinto, sem consulta a um manuscrito. Para *Weingreen*, contudo, a anomalia foi considerada como um erro de cópia, de forma que a correção foi planejada para restaurar o texto original.

8. Enquanto o modelo de confrontação e o modelo de correção têm cada um sobrevivido independentemente nos tempos modernos, muitos especialistas têm combinado elementos de ambos na explicação do desenvolvimento histórico do *Kethiv-Qerê*. **Christian Ginsburg** propôs um processo em dois estágios pelo qual os Massoretas reuniram as leituras *Kethiv-Qerê*.

9. A primeiro estágio começou com o registro das formas anômalas no Pentateuco pelos **Soferim** no período do Segundo Templo. Este registro, que foi transmitido sem modificações pelos Massoretas, se tornou a base para as leituras *Kethiv-Qerê* no Pentateuco (Ginsburg 1897: 421-422).

O métodos dos **Soferim** envolviam corrigir "erros clericais" (Ginsburg 1897: 313), como as haplografias e as ditografias, e comparar passagens paralelas e recensões diferentes. Quando a correção oferecida pelos *Soferim* era baseada somente em evidência interna, a ausência de suporte do manuscrito os preveniu de inserir sua leitura no texto (Ginsburg 1897: 309, 314). Então, todas as leituras *Qerê* deste primeiro estágio representam emendas conjecturais, correções de manuscrito até este ponto adicionadas diretamente no texto.

10. O segundo grupo de variantes foi gerado pelos próprios Massoretas. Como os Profetas e os Hagiógrafos não foram tão cuidadosamente preservados quanto o Pentateuco, a tradição textual que foi transmitida para os Massoretas por estes livros continham variantes de outros códigos-padrão. Os Massoretas simplesmente catalogaram estas variantes usando o sistema *Kethiv-Qerê*, evitando que este estágio tardio interferisse com o processo de transmissão (Ginsburg 1897: 422-423). Em consequência, de acordo com Ginsburg, as leituras *Kethiv-Qerê* nos Profetas e nos Hagiógrafos contêm variantes de manuscritos que foram transmitidos desde antes do período Massorético. Assim, a teoria dos dois estágios de *Ginsburg* atribui as leituras *Qerê* à (1) correção oral (no primeiro estágio), e (2) à confrontação de manuscritos sem atividade crítica (no segundo estágio).

11. Uma outra teoria sobre as origens do *Kethiv-Qerê* que combina confrontação e correção em uma estrutura histórica foi proposta por **Robert Gordis**. Segundo *Gordis*, as primeiras e mais primitivas variantes *Kethiv-Qerê* envolveram o **Tetragrammaton** [o Nome Sagrado de Deus, **Yahveh**] e a substituição de eufemismos para expressões indelicadas, uma vez que ambos são mencionados no **Talmud** (Gordis 1971: 29-31). Nestes casos, o *Qerê* guarda o leitor contra a blasfêmia e a obscenidade. A segunda categoria de variantes de *Kethiv-Qerê* foi planejada para salvar o leitor contra a ignorância, através da condução do leitor à correta interpretação vocálica do texto consonantal (Gordis 1971: 35-37). Esta segunda categoria renunciou o sistema de pontos vocálicos massoréticos, que eventualmente restituiu esta espécie de guia desnecessária. *Gordis* descreveu os primeiros dois estágios como "*Kethiv-Qerê genuíno*" (Gordis 1971: 37), porque em ambos os casos o *Qerê* simplesmente aconselha o leitor a vocalizar alguma coisa diferente do que está escrito no texto.

12. Conforme *Gordis*, a introdução da pontuação vocálica tornou o uso do sistema *Kethiv-Qerê* desnecessário para conduzir o leitor à correta interpretação vocálica. Mas quando a necessidade surgiu de se encontrar um meio de registrar variantes de manuscritos no texto, o já existente sistema *Kethiv-Qerê* foi colocado em uso para este propósito (Gordis 1971: 440-441).

13. Ainda que este terceiro tipo de *Qerê* fosse o mais tardio a ser incorporado ao sistema, as variantes que foram transmitidas não eram novas. As leituras que eventualmente se tornaram o *Qerê* foram baseadas em códigos-padrão altamente considerados que foram deixados na biblioteca do templo, junto com o manuscrito "arquetipo" oficial que *Gordis* acreditava ter sido estabelecido nesta época (Gordis 1971: 46-49). Após estas variantes tardias de manuscrito terem sido incorporadas à estrutura do *Kethiv-Qerê* (terceiro estágio), seu status original como variantes textuais foi esquecido e elas foram absorvidas pelo sistema já existente, de forma que até este tipo de *Qere* se tornou obrigatório na leitura (Gordis 1971: 53-54). Assim, em um modo quase similar ao de *Ginsburg*, *Gordis* descreveu as origens das leituras *Kethiv-Qerê* em termos de estágios históricos, com os estágios mais primitivos consistindo em correções orais e o estágio mais tardio representando variantes manuscritas.

(...) **15.** A primeira abordagem nova é hoje uma variação da teoria da confrontação manuscrita. Ela é baseada na observação de que muitas leituras *Qerê* no texto de Samuel-Reis são equivalentes ao *Kethiv* em suas passagens sinóticas em Crônicas. Segundo **Gillis Gerleman**, isso indica que muitas leituras *Kethiv-Qerê* podem ser investigadas até uma antiga atividade crítica, refletindo duas recensões em competição de uma origem histórica remota (Gerleman 1948: 24). O texto escrito de Samuel-Reis representa uma edição criticamente revisada, enquanto Crônicas contém um texto popular, aceito por muito tempo (Gerleman 1948: 24). Ainda que a revisão crítica (Samuel-Reis) exitosamente tenha restaurado muitas das leituras originais, ela não se capacitou completamente a restituir o texto familiar conhecido da maioria do povo (Crônicas). Por isso, a quantidade de leituras *Qerê* em Samuel-Reis que correspondem ao *Kethiv* paralelo em Crônicas são simplesmente concessões à versão popular (Gerleman 1948: 25).

16. Uma visão similar foi também expressa por **Alexander Sperber**, que sugeriu que o **Talmud** (ou sua origem) "designou com כתיב [*Kethiv*] aquela recensão da narrativa histórica, que está agora incluída nos Profetas Anteriores, enquanto קרי [*Qerê*] foi aplicado à outra recensão, que Crônica exibe agora" (Sperber 1942-1943: 303).

Capítulo XVIII

Pronomes Hebraicos

I – Pronomes Pessoais

1 – Separados (nominativo)

Singular

1ª pessoa comum: אֲנִי ('anokhî) [quando em pausa: אֲנִי – 'anôkhi] ou אֲנִי ('aní) [quando em pausa: אֲנִי – 'áni] = “Eu”

2ª pessoa masculino: אַתָּה ('atáh) [quando em pausa: אַתָּה ou אַתָּה – 'átah] = “Tu” [para um homem]

2ª pessoa feminino: אַתְּ ('at) [quando em pausa: אַתְּ – 'at] = “Tu” [para uma mulher]

3ª pessoa masculino: הוּא (hu') = “Ele”

3ª pessoa feminino: הִיא (hiy') = “Ela”

Plural

1ª pessoa comum: אֲנַחְנוּ ('anáhnu) [quando em pausa: אֲנַחְנוּ – 'anáhnu] ou o raro אֲנִינִי (náhnu) = “Nós”

2ª pessoa masculino: אַתֶּם ('atém) = “Vós” [para um homem]

2ª pessoa feminino: אַתֶּנָּה ('atênah) = “Vós” [para uma mulher]

3ª pessoa masculino: הֵמָּה (hêmmah) ou הֵם (hêm) = “Eles”

3ª pessoa feminino: הֵנָּה (hênnah) = “Elas”

OBS.: Procure decorar estas formas nominativas dos pronomes pessoais hebraicos, pois eles serão utilizados com muita frequência ao longo deste curso em quatro volumes.

Considerando o esquema pronominal da página anterior, os pronomes pessoais hebraicos em suas formas principais a serem decorados são:

Eu (para homem ou mulher): **Anokhí** ou **Aní**

Tu (para homem): **Atáh**

Tu (para mulher): **At**

Ele: **Hu'**

Ela: **Hiy'**

Nós (para homem ou mulher): **Anáhnú** ou **Náhnú**

Vós (para homem): **Atém**

Vós (para mulher): **Atênah**

Eles: **Êmmah** ou **Êm**

Elas: **Hênnah**

Tais formas são empregadas só para o caso do **nominativo** (o caso de “nome”, como no Português “a casa”, “a terra”, etc.), podendo ser aglutinadas apenas com o **vav conjuntivo** (ו – a conjunção “e”), com o ו interrogativo e com o ו relativo, conforme os exemplos:

וְאַתָּה (ve'atáh) = “e tu”;

הֲאֲנִי (hé'anokhí) = “acaso eu?”;

שֵׁהֵם (shéhêm) = “os quais”.

2 – Sufixos

Os pronomes que se encontram em dependência de outra palavra (**sufixos pronominais**), são acrescentados **diretamente** ao termo regente (verbo, nome, partículas). É como se, em português, ao invés de escrevermos “sua casa” ou “as suas terras”, escrevêssemos “casasua” e “asterrassuas”, tudo junto.

Nos sufixos da 2ª pessoa em geral, o **tav** (ט) é substituído por **kaf** [padrão ou final] (כ).

Todos esses pronomes apresentam, como sufixos, uma forma drasticamente abreviada, mas relativamente reconhecível, que é a seguinte:

Singular

1ª pessoa comum: ׁי (-niy), “me” e ׁי (-iy), “meu, minha”.

2ª pessoa masculino: ךי (-kha), “te, teu” [para um homem].

2ª pessoa feminino: ךי (-kh), “te, tua” [para uma mulher].

3ª pessoa masculino: ךי (-hu) = “o, seu, sua, dele”.

3ª pessoa feminino: ךי (-aḥ / * É assim que se lê!) = “a, seu, sua, dela”.

Plural

1ª pessoa comum: ׁנו (-nu), “nos, nosso, nossa”.

2ª pessoa masculino: ךם (-khem), “vos, vosso” [para um homem].

2ª pessoa feminino: ךם (-khen), “vos, vossa” [para uma mulher].

3ª pessoa masculino: ךם (-hem), “os, seus, suas, deles”.

3ª pessoa feminino: ךם (-hen), “as, seus, suas, delas”.

Nos seus diversos empregos, tais formas passam por muitas modificações, como veremos ao longo deste curso em quatro volumes. Em vez da forma-padrão ךי (-kha), por exemplo, depara-se ocasionalmente com a forma ךי (-khah), que não altera em nada o significado.

Considerações: Pelas regras apresentadas, podemos escrever frases como os exemplos abaixo. Observe que neles, se prescinde do verbo “ser” no que seria o nosso Presente do Indicativo:

אני ׁא (ʾaní ʾav) = “eu sou um pai”. [Não pronuncie “aniáv”. Separe as pronúncias, para não causar confusão a quem escuta.]

אֲנִי אִם ('aní 'êm) = “eu sou uma mãe”. [Não pronuncie “aniêm”, pelo mesmo motivo.]

אַתָּה אִישׁ ('atáh 'iysh) = “tu és um homem”. [Não pronuncie “ataísh”.]

אַתָּה אִשָּׁה ('at 'isháh) = “tu és uma mulher”. [Não pronuncie “atisháh”.]

אַתָּה מֶלֶךְ ('atáh mélekh) = “tu és um rei”. [Não pronuncie “atamélekh”.]

אַתָּה מַלְכָּה ('atáh malkáh) = “tu és uma rainha”.

הוּא אִישׁ (hu' 'ish) = “ele é um homem”. [Não pronuncie “uísh”.]

הִיא אִשָּׁה (hiy' 'isháh) = “ela é uma mulher”. [Não pronuncie “iisháh”.]

אֲנַחְנוּ תַלְמִידִים ('anáhnu talmidím) = “nós somos alunos”.

אַתֶּם תַלְמִידִים ('atém talmidím) = “vós sois alunos”.

אַתֶּן תַלְמִידוֹת ('atén talmidôth) = “vós sois alunas”.

הֵמָּה בָּנִים (hêmmah baníym) = “eles são filhos”.

הֵנָּה בָנוֹת (hênnah banôth) = “elas são filhas”.

Contudo, o uso dos **suffixos pronominais** já apresentados se dá da seguinte forma (usaremos a palavra סוּס [sus, “cavalo”], como paradigma):

סוּסִי (susíy) = “o meu cavalo”.

סוּסְךָ (suskhá) = “o teu cavalo” [que pertence a alguém do sexo masculino].

סוּסְךָ (susêkh) = “o teu cavalo” [que pertence a alguém do sexo feminino].

סוֹסוֹ (susô) = “o cavalo dele”.

סוֹסָהּ (susáh) * a pronúncia é aspirada mesmo = “o cavalo dela”.

סוֹסֵנוּ (susênu) = “o nosso cavalo”.

סוֹסְכֶם (suskhém) = “o vosso cavalo” [de alguém do sexo masculino].

סוֹסְכֶּהּ (suskhén) = “o vosso cavalo” [de alguém do sexo feminino].

סוֹסָם (susám) = “o cavalo deles”.

סוֹסָן (susán) = “o cavalo delas”.

OBS.: Lembre-se de ler, por exemplo, susán (sussán), susênu (sussênu), etc., e não como “suzán”, “suzênu”, etc.

Até aqui analisamos a palavra “**cavalo**” apenas no singular. Entretanto, quando uma palavra aparece no plural, acontecem algumas modificações significativas, especialmente nas vogais.

Seguindo o mesmo paradigma anterior, então teremos:

סוֹסֵי (susáy) = “os meus cavalos”.

סוֹסֵיָּהּ (susékha) * o ך não é lido aqui = “os teus cavalos” [que pertencem a alguém do sexo masculino].

סוֹסֵיָּהּ (susáyikh) = “os teus cavalos” [que pertencem a alguém do sexo feminino].

סוֹסָיוּ (susáv) * o ך não é lido aqui = “os cavalos deles”.

סוֹסָיוּן (suséah) * o ך não é lido aqui ** a pronúncia do ן é aspirada mesmo = “os cavalos delas”.

סוֹסֵינוּ (susênu) * o ך não é lido aqui = “os nossos cavalos”.

סוּסֵיכֶם (susekhém) * o ך não é lido aqui = “os vossos cavalos” [de alguém do sexo masculino].

סוּסֵיכֶן (susekhén) * o ך não é lido aqui = “os vossos cavalos” [de alguém do sexo feminino].

סוּסֵיהֶם (susehém) * o ך não é lido aqui = “os cavalos deles”.

סוּסֵיהֶן (susehén) * o ך não é lido aqui = “os cavalos delas”.

OBS.: Quando dizemos que “* o ך não é lido aqui”, nos referimos especificamente à leitura sefardita (*sefaradí*) do hebraico bíblico. Os judeus de etnia asquenaz (*ashquenazí*) geralmente lêem esse **yod**, o que é considerado incorreto mesmo pelos hebraístas, já que o **yod**, nos casos apresentados acima, apenas marca uma vogal anterior que não é um “i”. Ele, nestes casos, funciona como uma **semivogal** marcando a presença de um “e” curto, um “e” longo ou um *qamets gadhól* (“a”).

A pronúncia sefardita do hebraico bíblico é a preferida pelos teólogos, sendo também a pronúncia oficial utilizada no **hebraico moderno** do **Estado de Israel**. Por isso, essa é também a pronúncia ensinada neste curso, seguindo a tendência geral da grande maioria dos cursos de hebraico existentes no mundo. Que o aluno, então, não estranhe, se encontrar palavras sendo pronunciadas de forma diferente em alguns círculos judaicos.

II – Pronomes Demonstrativos

Os pronomes demonstrativos mais comumente usados em hebraico são:

Singular

Masc.: זֶה (zéh) - “este”;

Fem.: זֹאת (zô'th) - “esta” [empregado também para o neutro];

Plural

Comum: אֵלֶּה (’èlèh), raramente אֵלֶּי (’èl) - “estes, estas”.

OBS.: O pronome demonstrativo é empregado substantivada e adjetivamente. Na qualidade de **adjetivo atributivo** é colocado sempre **após** o seu substantivo e recebe o **artigo** [que veremos adiante], conforme os exemplos:

הַדָּבָר הַזֶּה (hadavár hazzéh) = “esta palavra”.

הַדְּבָרִים הָאֵלֶּה (hadevaríym há'èlleh) = “estas palavras”.

Na qualidade de **substantivo**, quer como sujeito quer como predicado, o pronome demonstrativo é **anteposto**, sem artigo, conforme os exemplos:

זֶה הַדָּבָר (zéh hadavár) = “esta é a palavra”.

אֵלֶּה הַדְּבָרִים ('èlleh hadevaríym) = “estas são as palavras”.

Ao utilizarmos a forma masculina זֶה (zéh) para demonstrar דָּבָר (davár), “palavra” em hebraico, você deve ter percebido que, na língua hebraica, “palavra” é masculino, e não feminino, como em Português. Isso acontece com muita frequência na língua hebraica. Uma palavra que em Português é feminina, em Hebraico pode ser masculina e vice-versa. Não devemos esquecer disso para que possamos entender os próximos capítulos.

Quando o pronome demonstrativo se reporta a algo já mencionado anteriormente, empregase, em vez de זֶה (zéh), o pronome pessoal da terceira pessoa הוּא - הִיא - הֵוא - הֵיאָה = hu', hiy', hêmmah, hênnah - “aquele, aquela, aqueles, aquelas”), que passa a ser tratado sintaticamente como o pronome demonstrativo, conforme os exemplos:

הַגּוֹי הַהוּא (haggôy hahu') = “aquele povo (já mencionado)”. [Lit. “o povo o ele”.]

הוּא דָּוִד (hu' Davíd) = “este (o mencionado) é Davi”. [Lit. “ele Davi”.]

Exercício N° 24

Procure ler (transliterando no seu caderno em letras latinas) e traduzir as frases simples abaixo, utilizando os vocabulários estudados em capítulos anteriores e os pronomes aprendidos até agora. Lembre-se de que o verbo “ser” no presente do indicativo em hebraico não é escrito. Faça o exercício com calma, após revisar os capítulos anteriores.

1) הוּא אֱלֹהִים

2) אַתָּה אָב

3) אֲנִי כֹהֵן

4) אֵל אֹר

5) סוֹסֵי טוֹב

6) אֱלֹהִים צַדִּיק

7) נְבִיא קְדוֹשׁ

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Capítulo XIX

O Artigo

Uma vez que estudamos todas as consoantes, todas as vogais e mesmo os pronomes pessoais e demonstrativos em hebraico, estamos em condições de avançar, estudando agora o uso do **artigo hebraico**.

Observe a palavra logo abaixo em duas versões:

נָבִיא – *Navíy'* = Um profeta

הַנָּבִיא – *Hannavíy'* = O profeta

Este **prefixo** composto da consoante hê (אָ), da vogal **páthaḥ** e do **dagesh** forte (o ponto dentro do **nun**) na letra inicial da palavra é o **artigo**, em hebraico.

No exemplo acima, a primeira forma está indefinida (sem artigo) e a segunda está definida (com o artigo definido, o único existente em Hebraico).

Escreve-se: אָ

Vejamos outros exemplos do uso do artigo, tanto na forma indefinida (padrão) como na definida:

מַיִם (*máyim* = uma água); הַמַּיִם (*hammáyim* = a água).*

יוֹם (*yôm* = um dia); הַיּוֹם (*hayyôm* = o dia).*

גַּמֶּל (*gamál* = um camelo); הַגַּמֶּל (*haggamál* = o camelo).

סוּס (*sus* = um cavalo); הַסּוּס (*hassús* = o cavalo).

סוּסָה (*susáh* = uma égua); הַסוּסָה (*hassusáh* = a égua).

קוֹל (*qól* = uma voz); הַקּוֹל (*haqqól* = a voz).

שָׁמַיִם (*shamáyim* = céus); הַשָּׁמַיִם (*hash-shamáyim* = os céus)**

* “Uma água” e “um dia” também podem ser compreendidos apenas como “água” e “dia”, continuando como indefinidos.

** Aqui a palavra “céus” está no dual [um tipo de plural] e, mesmo que traduzida por “céu”, nunca o será como “um céu” ou “uns céus”, mas apenas “céu = céus”.

Nos exemplos apresentados até aqui, observamos que o artigo está unido diretamente à palavra que ele determina. Na verdade, ele nunca aparecerá isolado.

A omissão do artigo numa palavra é suficiente para dar a idéia indefinida, sem precisar de um artigo indefinido, como em Português.

Assim: הַיּוֹם (*hayyôm*) – o dia;

יוֹם (*yôm*) – um dia.

הַסּוּס (*hassús*) – o cavalo;

סּוּס (*sus*) – um cavalo.

OBS.: Os nomes próprio e títulos dispensam o artigo, conservando a idéia definida. É o caso de אֱלֹהִים e de אֵל nos exemplos anteriores, por serem nomes divinos.

Pode também ocorrer a **idéia indefinida**, usando-se a palavra אִישׁ (*'ish* = homem) ou אִשָּׁה (*'isháh* = mulher) antes de um substantivo, como no exemplo:

אִישׁ נָבִיא (*'ish navíy'*) – um profeta

O artigo hebraico pode sofrer modificações em sua vogal ou na pontuação quando aparecer diante de uma consoante **gutural** ou do **rêsh** (ר).

Observe as seguintes palavras sem e com o artigo:

הַיֵּכָל (*hekhál* = um palácio); הַהֵיכָל (*hahekhál* = o palácio).

חֶרֶב (*hérev* = uma espada); הַחֶרֶב (*ha'hérev* = a espada).

Nas palavras iniciadas com as consoantes **hê** (ה) ou **hêt** (ה), o artigo é sempre escrito com a vogal **páthah**, mas sem o **dagesh** forte na consoante seguinte.

Observe agora os seguintes exemplos sem artigo e com o artigo:

הָרִים (*haríym* = montanhas); הַהָרִים (*héharíym* = as montanhas).

חָכָם (*hakhám* = um sábio); הַחָכָם (*héhakhám* = o sábio).

עָמַל (*'amál* = um sofrimento/mal); הָעָמַל (*hé'amál* = o sofrimento/mal).

חֲלִי (*hólíy* = uma doença); הַחֲלִי (*héhólíy* = a doença).

Conforme os exemplos dados acima, o artigo tem a forma ה (hê – com a vogal **segôl** e sem o **dagesh** forte na consoante seguinte) quando ocorrer diante de uma palavra que começa com uma das consoantes guturais **hê** (ה), **hêt** (ה) ou **'áin** (ע), e tiver sob si a vogal **qamets** (ִ) – ה – ע) ou então um **sheváh composto** (ה – ה – ה – ה – ה – ה – ה – ע – ע – ע).

Veja também as palavras sem e com artigo que seguem abaixo:

אָב (*'av* = um pai); הָאָב (*há'av* = o pai).

רָקִיעַ (*raqíyaḥ** = firmamento); הָרָקִיעַ (*haraqíyaḥ* = o firmamento).

עִיר (*'íyr* = uma cidade); הָעִיר (*há'íyr* = a cidade).

* A leitura de palavras como **רָקִיָּהּ** (**raqíyah**), em que a ordem consoante-vogal é invertida, será explicada em outro volume.

Segundo estes exemplos, o artigo tem a forma **הַ** (**ha** – com a vogal **qamets** e sem **dágesh** forte na letra seguinte) quando ocorrer diante das consoantes guturais **álef** (**א**), **'áin** (**ע**) ou **rêsh** (**ר**). Porém, diante da consoante **'áin** (**ע**) há algumas exceções.

Quando a palavra iniciada com **álef** (**א**), **hê** (**ה**) ou **'áin** (**ע**) tiver a sua **primeira sílaba acentuada** (isto é, se for **paroxítona** ou **monossílabo**), esta sofre modificação na sua vogal e o artigo tem a seguinte forma, conforme os exemplos abaixo:

אֶרֶץ ('érets = terra); **הָאֶרֶץ** (ha'árets = a terra).

הַר (har = monte); **הַהָר** (hahár = o monte).

עַם ('am = povo); **הָעַם** (ha'ám = o povo).

Leia com atenção as palavras e a tradução que aparecem na **coluna (1)** e na **coluna (2)**, logo abaixo:

(1)

הָעִיר (ha'íyr = a cidade)

הָאִם (ha'ém = a mãe)

הָאִשָּׁה (ha'isháh = a mulher)

(2)

הָעוֹרֵב (ha'ôrev = o corvo)

הָאָב (ha'áv = o pai)

הָאִישׁ (ha'íysh = o homem)

Verificamos nestes exemplos que o artigo permanece invariável (modificando somente a vogal ou a pontuação) quando a palavra for do gênero feminino ou masculino.

O mesmo acontece quando a palavra for singular ou plural. Veja o exemplo abaixo:

הַסּוּס (hassús = o cavalo); **הַסּוּסִים** (hassusíym = os cavalos).

Vocabulário

אֶחָד = 'éhadh ("um" - o número um; também um título divino, por referir-se à unidade.)

בֹּקֶר = Bôqer ("manhã") [daí a expressão בֹּקֶר טוֹב – bôqer tôv, "bom dia!"]

בּוֹר = Bôr ("sepultura, buraco")

גָּאֵל = Gá'al ("resgatar" - lit. "ele resgatou" - O verbo hebraico é sempre apresentado em dicionários pela forma da 3ª pessoa masculina singular do perfeito, e não pelo infinitivo, cujas formas são muito irregulares.)

הָלַךְ = Halákh ("andar, conduzir")

הָלַל = Halál ("louvar" - especialmente a Deus)

חָטָא = Hatah ("pecar")

זָר = Zar ("forasteiro, estranho")

חֶרֶב = Hérev ("espada")

יַיִן = Yáyin ("vinho")

חַג = Hagh ("festa, procissão")

Exercício N° 25

Exercício de Revisão – Aqui você poderá testar os conhecimentos adquiridos:

1) Escreva no seu caderno a forma fundamental do artigo, ou seja, a forma padrão, independente das exceções: _____

2) Escreva a letra **C** na frase correta e a letra **E** na frase errada.

() Em hebraico, o artigo definido tem duas formas.

- () Diante de guturais, a forma do artigo é **הַ** (hé + dagesh forte).
- () A forma do artigo para as consoantes não guturais e guturais é a mesma.
- () A forma do artigo diante de monossílabos iniciados com **א** e seguidos de qámets é **הָ**.
- () O artigo permanece invariável tanto no gênero masculino quanto no feminino.
- () A forma do artigo é a mesma para o singular e o plural.
- () A forma ao lado está correta: **הָאֵם** (*ha'êṃ* = a mãe).
- () A forma ao lado está correta: **הָאָרֶץ** (*hé'érets* = a terra).

3) Escreva as formas correspondentes do artigo.

Diante de consoante não gutural: _____

Diante das guturais **א**, **ח** e **ע** com a vogal **qámets**: _____

Diante das guturais **א**, **ע** e o **ר**: _____

4) O artigo é escrito inseparável da palavra que ele determina?

Sim: _____ Não: _____

5) Traduza as seguintes frases utilizando o que estudamos até aqui e seguindo o modelo dado:

הָאָב טוֹב: *ha'áv tôv* (“o pai é bom.”)

הָעִיר גְּדוּלָה: _____

אֲנִי הָאוֹר: _____

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Capítulo XX

Ensinaamentos da Cabala Mística

1 – Introdução

O “misticismo hebreu” é uma visão humanista que percebe e transmite a mensagem e a inspiração do processo messiânico (um processo místico) do povo judeu. Esta visão assenta as bases para a formação da personalidade do homem, tanto em sua relação com o **Todo-Poderoso**

בֵּין אָדָם לְמָקוֹם - bēn 'adám lemaqôm, lit. “entre o Homem e o lugar sagrado [de Deus]”) como dos homens entre si בֵּין אָדָם לְחֵבֶירוֹ - bēn 'adám lehaverô, lit. “entre o Homem e seu próximo”).

A título de exemplo, eis duas referências:

Na passagem do Mar Vermelho, observamos a explosão mística que se manifesta em Êxodo 15.2 - “*Yah é a minha força e meu canto, a ele devo a salvação. Ele é meu Deus, e o glorifico, o Deus do meu pai, e o exalto*” - , que **Aba Shaul** interpreta: “*trata de parecer-te a Deus; assim como Ele é misericordioso e clemente, assim sejas tu também*” (Tratado Shabat, 133), e que o exegeta **Rashi** coloca no lugar: “(...) *ei de preparar-me para seguir Sua orientação* (...)”.

Em *Miḥá VI,8*, lemos outra definição: “(...) *fazer só o justo, amar a piedade e ser modesto, perante Deus*”.

O **apego a Deus** דְּבִיקוּת - Dveqúth) involucra, pois, este sentido ético como princípio básico e essencial do pensamento e da prática do misticismo hebreu. Essa liga divina se produz ao realizar o homem os preceitos mosaicos מִצְוֹת - Mitsvôth, lit. “mandamentos, preceitos”), e com disposição constante os dedica ao Eterno com toda reverência e candor. Uma conjunção com Deus que se enquadra nas prescrições religiosas e não tolera superstições, magias nem ficções. Uma conformação moral íntegra, que é consequência de uma intuição metafísica e não imposta somente pelas licitudes oficiais. Metafísica, enquanto se ocupa da natureza da realidade e do significado da vida humana, mediante formulações que vão além do dedutível através dos dados empíricos. São especulações ultraterrenas que transcendem toda possível experiência humana, sem ser obscurantista nem desestimar a verdade científica.

O misticismo hebreu é vivência dinâmica do ser, tanto em escala individual como na social, à procura da integração cósmica do homem na Criação divina. A vida tem sentido plausível, quando o homem funciona como propositor para seu aperfeiçoamento na base de valores perenes (estude-se este enfoque em **Isaías, cap. 49**), **A Real Existência** só tem vigência quando é potencializada com expoentes éticos. Contrariamente, se produz em cada instante o homicídio do presente, que fica transferido imediatamente a um fútil passado, sem lograr participação alguma nos objetivos do

futuro, do acariciado idílio do porvir. O misticismo realça e insufla veemente tomada de consciência na ascensão por esta escala de exercitação de verdadeiros valores. Ele dissolve as imperfeições psicossomáticas e ilumina a alma para poder distinguir a Verdade pura na elevação da Santidade, acima de toda a especulação racional, na procura do melhoramento universal. A vida profana, passageira, não serve para nada; decisivo é o sentido eterno e sagrado da vida, conforme o conceito de **Rabi Shimon bar Yohây**. Com efeito, o sentido das coisas e a alma das obras valem mais que os objetos em si, dentro da sensibilidade mística.

O segredo místico reside principalmente na sutil e reservada capacidade de **meditação** e **retiro espiritual** que imprime sua essência. Seu meio é absolutamente dissociado de todo fetichismo, simulação ou ocultismo. Sua presença reitora ou corretora do destino humano não requer, por certo, um proselitismo massivo. As exigências extremadas de **verdade** e de **consagração na ação permanente** lhe impedem, por outra parte, de converter-se em corrente popular. Entretanto, a missão do misticismo acha seu apostolado e sua militância em cada geração. Supõe-se que seus ideais sejam próprios de uma elite puritana, de espírito seletivo - “pessoas de relevância” ou o “homem verdadeiro”. Mas não são eremitas nem espiritistas, apenas pessoas armadas de fé e **devoção** e dotadas de **vida interior suprasensível**, com visão direcionada ao **serviço universal** e impulsionados ao **bem humano**. Tudo isso como resultado da pureza de **amor** e **solidariedade** e do aprofundamento do estudo dos **conhecimentos arcanos**, distantes da frivolidade dos prazeres sensuais e da habitação mecanicista da vida. Isso constatou **Rabi Akiva**, ao enunciar: *“ditos os filhos de Israel, que são purificados por e perante Deus”*.

Homens assim existiram desde os tempos bíblicos: ver **Juízes III**, **Isaías X** e **Jeremias III**. Depois do período profético, a germinação do misticismo foi gestada por intrépidos צַדִּיקִים (Tsadiyqíym - “Justos”), que protagonizaram realidades em conciliação sobrenatural. Entre eles: o tanaíta **Shimon bar Yohây**; o cabalista **Rabi Itshâq Luria** (אִרְיָ - 'Aríy, “o leão”); e o corifeu do **Hassidismo**, **Rabi Israel Baal Shem Tôv** (בְּשֵׁם - Besht).

Misticismo não é mistificação. O misticismo não admite sofismas nem tolera ficções. Sua imagem está desvinculada completamente dos indivíduos que se intitulam “místicos”, “esotéricos”, etc. O verdadeiro místico não propagandeia sua condição interior, pois não é um vendilhão do Templo e não pode colocar seu coração (sede da mais alta Sabedoria Divina) à venda em qualquer mercado moderno. Sua condição mística é sua própria emanção gloriosa, sem precisar de mais nada para ser o que é.

A cosmovisão mística evidencia: que tudo está regido por movimento, que tudo está em trânsito. Fixo e absoluto só é Quem criou a tudo e a tudo governa: Deus. E o trabalho pensante do misticismo é perscrutar este mistério remoto e compenetrar-se em sua resolução até integrar-se divinamente, para determinar um sentido elevado ao viver do ser mais privilegiado da Criação: o Homem.

Assim sugere **Ben Azay** as palavras de Gênesis 5.1: *“Este é o livro das gerações do homem”*, como princípio fundamental da **Torah**. Importa pois basicamente, o Homem. E desde sempre quer o homem dirigir-se a Deus buscando a comunicação adequada, circunstância que se conjectura já em Gênesis 4.26: *“então começou-se a chamar o nome do Eterno”*, ou em seguida: *“e chamou ali o nome do Eterno, Deus de sempre”* (Gênesis, 21.33). O misticismo indica as possibilidades de tal comunicação, dando prioridade à inspiração pura.

2 – O misticismo da Torah

O **Misticismo** (em hebraico, מִסְתוּרִין – **Mistorín**) é também denominado pela expressão תּוֹרַת הַחֵן (Toráh hañen – lit. “A Lei da Ciência do Mistério”), sendo חֵן (Hên) as iniciais de חִכְמַת נִסְתָּרָה (Hókhhmah nistaráh) ou “Ciência do Mistério”; aos entendidos nesta matéria se lhes chama “Entendidos em Mistérios”. O misticismo propõe decifrar o complexo dos fenômenos dos atributos de “Deus” e da “Criação”, segundo os mistérios da **Torah** [Nota: com o termo “**Torah**” se designa – no sentido estrito do termo – ao Pentateuco, e em geral nos referimos com ele a todo o saber hebreu legado]. Esta sabedoria esotérica, na qualidade de ciência fechada, se transmite aos homens intelectualmente preparados ou aptos para ela e que recebem adequadamente seu espírito. Por isso, esta disciplina se chamou também posteriormente קַבָּלָה (Qabaláh, “recepção”) e aos que a estudam e praticam, מְקַבְּלִים (Mequbalíym, “cabalistas ou receptores”). A **Qabalah** (ou **Cabala**, em Português) começou sendo uma tradição recebida verbalmente e conservada reservadamente pelos Iniciados.

O misticismo hebreu é tão antigo como o próprio povo judeu, e nunca foi interrompida sua presença ativa no seio do povo, deixando impresso seu selo peculiar na existência mesma da judeidade. Sabemos que nenhum acontecimento se repete exatamente no transcurso da história; e também o misticismo revestiu diferentes formas nas diferentes épocas. Mas, em todas as gerações, por mais variantes e derivações que haja registrado, as bases fundamentais do misticismo têm sido as mesmas ao largo de toda a história.

Encontramos o misticismo na Bíblia e especialmente entre os profetas **Isaías**, **Ezequiel** e **Zacarias**. O livro de **Daniel** é todo místico e particularmente os capítulos 07 a 12. Este livro faz a ponte entre a Bíblia e os apócrifos. O **Talmud** contém idéias místicas que servem para cobrir o vazio entre Deus e o Mundo. Nos **Midrashím** (homilias) e nos **Targumím** (traduções-comentários em aramaico, de *Ónkelos* e *Yonatán*) continua o misticismo através de um abundante material rico em referências e interpretações deste gênero misterioso. Esta corrente se desenvolveu logo com uma variada gama de diferenciações conforme a escola que haja seguido no transcurso do tempo. Desde a época dos **Tanaítas** é difícil achar um só período na história no qual não se acuse a presença ou forte influência do misticismo na produção judaica. A **Cabala** é produto deste misticismo e, como o fenômeno místico é algo inerente ao homem que busca o divino, a Cabala é, além de Sabedoria hebraica milenar, um bem espiritual inestimável da Sabedoria espiritual da Humanidade. Não pertence, portanto, mais ao Homem judeu do que ao Homem místico de qualquer origem que busque A Verdadeira Realidade.

3 – Evolução histórica

Na evolução histórica do misticismo podemos enumerar quatro períodos:

- 1) De **Moisés** até a **época talmúdica** (500 d.C.) - **Cabala Mosaica**;
- 2) Desenvolvimento da **Cabala Judaica** (Século XIII, na Espanha);

3) Período “*Êrets Israeli*” (após a expulsão da Espanha);

4) Difusão popular na Europa, quando a Cabala se mescla a doutrinas de origens cristãs, rosacruzes e maçônicas – nascem, então, os conceitos de **Cabala Cristã** e **Cabalismo Cristão**. Para os cabalistas cristãos, Jesus é o Messias. Para os cabalistas judeus, o Messias é um conceito muito mais complexo, o mais profundo mistério divino, o qual não pode se resumir na figura comum de um homem de carne.

A determinação precisa do começo do misticismo constitui um dos problemas difíceis no estudo da história da civilização hebréia. A razão desta dificuldade reside em que os pesquisadores não dispõem de elementos suficientes de prova para si.

Eis alguns estudiosos dedicados ao tema (uma pesquisa dos seus nomes na *Internet* pode revelar mais detalhes das teorias dos mesmos):

Adolf Franck, em 1843, publicou em Paris sua obra “*A Cabala ou a Filosofia Religiosa Hebréia*”.

Adolf Yelínek publicou importantes estudos sobre os primeiros tempos do Cabalismo.

Heinrich Graetz propõe uma explicação histórica. Segundo ele, o Cabalismo é uma reação contra o extremo racionalismo de **Maimônides** e sua aparição dataria de princípios do Século XIII. Essa teoria poderia ser aplicada, no máximo, ao conjunto de textos que compõem o **Sefer Ha-Zôhar**, mas não a todo o conjunto do Cabalismo.

David Neumark, em sua “*História da Filosofia Judaica*”, expõe sua tese sustentando que **mito** e **filosofia** alternam sua predominância no transcurso da história, e desta maneira explica a aparição do Cabalismo [**Nota:** A Bíblia é um mito em si, e só encontramos traços de filosofia em poucos livros do Antigo Testamento já influenciados pelo pensamento grego].

Schlomó Rubin, em seu livro “*Razéi Olám*”, publicado em 1909, sustenta que o povo de Israel conhece a **Torah** e nada tem a ver com mistérios. Afirma que os primeiros místicos foram os Essênios, e que depois o misticismo foi o produto da influência de babilônios e persas sobre os judeus [**Nota:** Os textos da mística russa **Helena Blavatsky**, em especial “*A Doutrina Secreta*”, fazem afirmação semelhante, ainda que não com a intenção de desmerecer a validade do misticismo da Cabala].

Schmuel David Luzzatto sustenta, por sua parte, que a Cabala é filha da filosofia árabe [**Nota:** É certo que a filosofia árabe influenciou o Cabalismo, mas não lhe deve ser a origem].

Abraham Eliahu Harkavi fixa também o começo do Cabalismo na época babilônia e persa [**Nota:** Nesta época o misticismo hebreu sofreu influência babilônia e persa, mas era mais antigo, e tinha uma influência egípcia da época de Moisés].

M. H. Landauer quer diferenciar completamente o misticismo legendário do Cabalismo que surge no século XIII e cuja base deriva do **Neoplatonismo**.

Nahman Krohmal intentou achar na Cabala uma profunda visão metafísica. Tratou de englobar as bases místicas com a antiga tradição judaica, e mesmo simultaneamente com a filosofia hegeliana.

Ezriel Guenzig supõe que sua origem é muito antiga, mas considera que o misticismo da época gaonita não tem nada a ver com o cabalismo novo desenvolvido na França e na Alemanha.

Hilel Zeitlin remonta o misticismo judeu à mesma origem da religião mosaica. Assevera que não há diferença entre os mistérios que se podem achar no **Talmud**, entre a literatura mística da época gaonita e a cabalística que surgiu a partir do séc. XIII. Finalmente assegura que o misticismo judeu não sofreu influência alguma de Babilônia e Pérsia nem da Índia ou da Grécia nem da filosofia árabe, mas que é a alma da Torah de Moisés.

Cada disciplina requer para seu correto estudo um método particular próprio. Portanto, a verdade cabalística não deverá, pois, perceber-se de acordo com regras de análise e síntese, nem conforme a comparação histórica, nem com o auxílio da intuição, mas sim, deve-se estudá-la mediante uma compreensão íntima peculiar.

Isto sim, é o que fará com que se diferencie plenamente entre os princípios autênticos da Cabala, que são eternos e imutáveis, e os canais empregados para seu esclarecimento e difusão, que variam de geração em geração e de um cabalista a outro. Estas variações são forçosas e naturais, se consideramos a profusão do léxico que se emprega e os erros a que está exposto e na medida em que o exemplo não resulta fiel reflexo do exemplificado.

É óbvio dizer que a interpretação detalhada é diferente de um místico a outro, de acordo com seu nível intelectual, sua capacidade dialética e a pureza de alma de que esteja dotado.

Rabi Zevi Elimélekh de Dinov explica: *“que os cabalistas deviam materializar de alguma maneira os conceitos espirituais do misticismo com designações reais, e por isso não se deve estranhar a diferente terminologia e modo de expressão entre, por exemplo, o livro Ha-Bahir e o Zohar, os geoním e o “Ari”. Todos tendem à mesma meta; a variante só se encontra no revestimento da linguagem e na coerência do léxico”*.

4 – Misticismo teórico e aplicado

O misticismo procura dar uma explicação acerca do segredo da **Existência**, do **Criador** e da **Criação**, e responder às dúvidas sobre a **Vida**, sua **Meta** e seus **Fins** em relação com o **Universo**. Propõe que a mente humana chegue a captar os efeitos arcanos (misteriosos) da obra da Criação; que entenda este Mundo como originado por **Deus**, sua **Fonte** e define o que o homem deve fazer em sua tarefa de aperfeiçoamento.

Costuma-se colocar a **Cabala** no campo da **filosofia religiosa**. Mas, diferentemente da filosofia, que é teórica e cuja exposição segue só o raciocínio, a **Cabala** implica um sentimento, e sua área se encontra intimamente vinculada ao coração dos que abraçam esta disciplina. A **Cabala** chega à profundidade psicológica daqueles que a professam e une intuitivamente ao homem em comunicação com Deus. Esta comunhão cabalística se professa de modo completamente distinto do ensinado pela **Teurgia** não-hebraica. Não tem nada a ver com as formas místicas tratadas pelos psicólogos. Não tem relação alguma com o tipo que oferece, por exemplo, *Eckhart*, que é especulativo-visual, e se diferencia essencialmente do que exibem a mística cristã ou hindu. Com efeito, será mais correto falar de “misticismo”, ou seja, de vida cabalística judaica, que de “mística” (ou “teologia mística”), que não é mais que uma atitude especulativa mental. A **Cabala** busca a perfeição da alma pelo exercício das **Virtudes Morais**, que é o único modo de fazê-lo.

Religião e misticismo judeus não são disciplinas divorciadas, por mais que tenham pontos não comuns. Enquanto **religião** significa **culto codificado**, comum a todos os crentes com serviço

de ofícios públicos, o **cabalismo** é a poesia medular da religião, reservada aos homens sensíveis ao mistério divino. O propósito do misticismo, em íntima instância, é conseguir que o homem venha a aderir-se, apegar-se a Deus, a integrar-se e consubstanciar-se com Ele.

O misticismo deve ser focado a partir de duas fases, uma **teórica** e outra **aplicada**.

A **teórica** é uma expressão abstrata, produto do pensamento místico legado por gerações ancestrais.

A **aplicada** é a que se ocupa de assuntos concretos por cujo meio resulta possível ao homem conectar-se com Deus e unir-se a Ele até sentir-se participando d'Ele.

O valor das letras do alfabeto hebraico e a prática de realizar combinações com elas e de suas equivalências numéricas, a formação de siglas e acrósticos, se enraizam profundamente na operativa do misticismo. Citemos apenas um exemplo do **Talmud**:

“Disse Rav Yehuda de parte de Rav: sabia Betsalel fundir (combinar) Letras com as quais se criaram Céus e Terra.” [Berahot, 55]

O artífice bíblico **בְּצַלְאֵל** (Betsal'êl, de **בְּצֵל** = **betsêl**, “com sombra” e **אֵל** = 'Êl, “Deus”), através da invocação divina, realizava misticismo aplicado.

[**Nota** - Ex. 31.1-5: *“Yahveh falou a Moisés, dizendo: 'Eis que chamei pelo nome a Betsalel, filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá. Eu o enchi com o espírito de Deus em sabedoria, entendimento e conhecimento para toda espécie de trabalho, para elaborar desenhos, para trabalhar em ouro, prata e bronze, para lapidação de pedras de engaste, para entalho de madeira, e para realizar toda espécie de trabalho.' (...).”*]

A utilização esotérica dos **שְׁמוֹת** (Shemôth, “Nomes” [Divinos]) para a obtenção de efeitos maravilhosos, juntamente com o emprego de fórmulas secretas, práticas ascéticas e entregas ao êxtase, são parte da técnica do misticismo. A paixão na fé e o fervor na oração podem causar no privilegiado cabalista um recolhimento até o grau de arrebatamento da realidade (um **estado alterado [ou ampliado] de consciência**, numa definição mais moderna) que o faz sentir-se iluminado de visões sobrenaturais e capacitado a produzir coisas ou estados estranhos.

A mística se desnivelou em certa medida no campo de tarefas do tipo ocultista que apareceram como resultado de influências estrangeiras. Entre estas desvirtuações, praticada com certo exagero, estão: a adivinhação de sonhos, a neutralização de espíritos demoníacos, os augúrios astrológicos e predições, etc., que tratava-se de conseguir mediante o manejo de amuletos, exercícios de **necromancia** (adivinhação através dos espíritos dos mortos, invocados em rituais específicos para este fim), revelações de *abracadabras* e outras artes milagreiras. O próprio **Talmud** condena estas formas de superstição com o epíteto de “costumes amorreus”, que utiliza como denominador para estas fontes extrínsecas, que produzia o meio circundante, e que deterioravam a própria imagem misticista. O **Sefer Ha-Êsodim** ataca, por sua vez, toda crença em magias e espiritismos. Com certeza, todo excesso leva a equívocos, fanatismos e superstições que dificultam separar a alma da casca...

O importante aqui é saber separar essas supertições da verdadeira **Cabala** e da **Magia Prática** (chamada também de **Alta Magia**) dela advinda. Há muito simbolismo em todas essas

crenças, mas os ignorantes, não sabendo seu significado, encheram de seres demoníacos o ar, e a cada instante pensavam ser necessário um nome divino, um amuleto, um pantáculo ou um ritual específico para aplacá-los. Não sabiam que a grande maioria dos nomes angélicos ou demoníacos das obras da Cabala são simbolismos para conceitos muito mais profundos.

5 – Elementos místicos na Bíblia

Destaquemos os importantes elementos místicos que encontramos após uma análise cabalística na própria Bíblia. Já em seu começo, ela diz: “*No princípio, Deus criou os céus e a terra... e o espírito de Deus se movia sobre a face das águas*”. [Gênesis 1.1,2] Este espírito não é outra coisa independente, senão que é Deus mesmo que se manifesta como **Espírito** (e em gênero **feminino** em sua versão original hebraica). Nos encontramos, pois, com típicos elementos de **teofania mística**, ou seja, descrições de aparição ou revelação da Divindade.

O fenômeno de **מַעֲשֵׂה בְרֵאשִׁית** (**Ma'aseh Bere'shith**, “Obra da Criação”), isto é, a ação ou obra primitiva da Criação do Mundo, cheio de mistérios e interrogações, é básico no trabalho pensante místico que trata de sondar o que ocorre adiante e atrás, acima e abaixo, com referência à “Criação”. Nesta “cosmogonia” não há qualquer ação manual; não há utilização de matéria prima alguma; não aparece nenhum intermediário entre **Deus** (Criador) e o **Mundo** (Criação). Só há a **ordem** emanada do **Todo Poderoso** que com as **עֲשָׂרָה מְאֻמָּרוֹת** (**'Asaráh Ma'amarôth**, “dez ordens ou mandados”) ou **סְפִירוֹת** (**Sefirôth**, “emanações ou numerações”) criou tudo.

Rab Abraham Its'hak Kuk disse: “*Todos sabem que a 'Criação' pertence aos mistérios da Torah [A Lei]. Por isso se reservou sua versão nas palavras “no princípio...”;* o fundamental é o conhecimento de Deus e a vida ética (**אִגְרוֹת הַחַיִּים** – **'Igrôth Ha-Ħayyáh**).”

O espírito como “mediação” aparece quando Deus fala pela boca dos Profetas. Ouvimos o Salmista clamar:

“(...) não te retires de mim Teu Santo Espírito.”

[Salmo 51, versículo 13]

Deus se manifesta também em função de seu símbolo místico **מַלְאָךְ** (**Mal'ákh**, “anjo, mensageiro”), isto é, **como um anjo** (cfe. Gênesis 16.7; 31.11; 48.16), ou assumindo a forma de seu **כְּבוֹד** (**Kavôd**), que significa **Honra** ou **Glória** (cfe. Êxodo 24.16; Reis 1.8; Ezequiel 1.28). Deus se descobre a seus fiéis através do modo chamado **שְׁכִינָה** (**Shekhinah**, pronunciado como se fosse “*shehínah*” = “habitação” ou “morada”, o sinal místico da Presença Divina), denominado também **כְּבוֹד הַשְׁכִּינָה** (**Kevôd ha-Shekhináh** = “A Honra ou A Glória da Habitação”) ou **כַּנְפֵי הַשְׁכִּינָה** (**Kanfê ha-Shekhináh** = “As Asas da

Habitação”) ou **זו השכינה** (**Ziv ha-Shekhináh** = “O Brilho da Habitação”).

Os anjos como emissários executando a vontade de Deus, é outro capítulo do inventário místico. Os anjos moram em especial no **היכל** (**Hekhál**, “Palácio”) ou **מעון** (**Ma’ôn**, “Habitação”), um dos sete céus. Rodeiam a Deus agrupações de anjos chamados *Serafim*, *Hayôt*, *Tsevaôt*, etc. Dois anjos, além do principal **מטטרון** (**Metatrôn**, “diante do Trono”, segundo uns um nome técnico criado na Idade Média) – que é *Enoque* – têm nomes próprios, e são: **מיכאל** (**Mikhael**, “Miguel”, o “Semelhante a Deus”) e **גבריאל** (**Gavriel**, “Gabriel”, o “Varão de Deus”) [Daniel 8.16; 22.1] O anjo do mal, que é **Satanás** (orig. em hebraico **השטן** – **ha-Satán**, “O Adversário”, traduzido pelo grego como “*satanás*”) [Zacarias 3; Jó 1; Crônicas 21], tem seu antecedente na serpente primitiva (**נחש הקדמוני** – **Naḥásh ha-Qadmôniy**, “A Antiga Serpente” ou, mais corretamente, “A Antiga Astuta/Sábia”) de Gênes 3.1 e sua variedade nos espíritos maus e demoníacos **שדים** (**Sheddíym**, lit. “destruidores, opressores, subjugadores”), em **לילית** (**Lilith**, de **לילה** – **láylah**, “noite”) e **Ashmaday** ou **Asmodeus** (Deuteronômio 32.17; Provérbios 30.15). **Seni**, **Senseni** e **Smangalof** são os anjos que cuidam da parturiente e de seu bebê da malícia de **Lilith**.

[Nota: O vocábulo **Lilith** provém de **láylah**, “noite”, que é quando precisamente tem poder, e seria equivalente aos **שעירים** (**Se’iyríym**, demônios em forma de bode) de Levítico 17.7.]

Foram grandes realizações místicas: a subida de **Enoque** aos céus; a Aliança de Deus com **Abraão**; o sonho da escada de **Jacó** (por onde anjos subiam e desciam); o episódio da sarça ardente; o **Monte Sinai**; a elevação de **Elias** aos céus; como o foram também os acontecimentos relativos a todos os **Profetas** e as visões messiânicas. Fora **Moisés**, pai de todos os **Profetas**, assumiu uma situação mística particular **Isaías**, e mais ainda, **Ezequiel**. **Isaías** pôde observar **visões concretas** (em hebraico, **לפני ולפנים** – **lifnê velifníym**) e o **Trono de Deus** (**כסא** – **Kissê**); e **Ezequiel**, cuja vista perfilou a “Carruagem Celestial” (**מרכבה** – **Merkaváh**, lit. “carro”). De forte e original colorido místico são, por fim, as visões que registra **Zacarias**, como são de elevada inspiração as ocorrências de **Daniel**, com a assistência do anjo **Gabriel**.

[Nota: O **Talmud** previne quanto a **Daniel** em comparação, por exemplo, com **Zacarias** ou **Malaquias**, dizendo: “*que estes são profetas, não assim Daniel, que não é*” (**Meguiláh** 3), e o racionalista **Maimônides** se regozija assinalando que **Daniel** só viu sonhos por meio de **רוח הקודש** (**Rúáh ha-Qôdesh**, **O Espírito Santo**, que também pode ser traduzido como “O Sopro Santo” ou o “Fôlego Santo”).]

Ma'assê Bereshíth e **Merkaváh** foram pautas fundamentais na evolução da ciência mística hebraica pós-exílica e, especialmente, no período talmúdico, que vai até cerca de 500 d.C.. O **Talmud** assevera que: “*não se estuda Ma'assê Bereshíth entre dois, nem Merkaváh a sós, a não ser que se fosse um sábio que compreenda por sua própria mentalidade*”.

O ofício no Templo, a oferenda e o sacrifício; a pureza ritual e a santificação, foram elementos práticos que tornavam o misticismo aplicado, como foram também as manipulações do שֵׁם (Shêm, “Nome [Sagrado de Deus]”, referência ao nome יְהוָה – Yahveh, nome santo demais para ser pronunciado) e a percepção interpretada do אֲוִרִים וְתַמִּים ('Uríym veTummiým, “luzes e perfeições”, o oráculo bíblico), incrustado no peitoral do Sumo Sacerdote. O 'Uríym veTummiým funcionava como uma categoria de רוּחַ הַקֹּדֶשׁ (Rúaáh ha-Qôdesh - O Espírito Santo), que é menos que a categoria de נְבוּאָה (Nevu'áh, “Profecia”), mas superior à de בַּת-קוֹל (Bath-Qôl, “Eco Celestial” ou “Voz Divina”, lit. “Filha da Voz [divina]”).

[Nota: Êxodo 28.30 - “*Porás também no peitoral o Urim e o Tumim, para que estejam sobre o coração de Aarão quando entrar na presença de Yahveh, e Aarão levará sobre seu coração o julgamento dos filhos de Israel diante de Yahveh, continuamente.*”]

Os autores do **Talmud** e do **Midrash** se ocuparam de desenvolver conceitos deístas. Um exemplo: מָקוֹם (Maqôm, “lugar”, expressão geométrica) como **Nome de Deus**. Misticamente falando, **Deus** é o **Maqôm** do mundo, mas o mundo não é Seu **Maqôm**, conforme as palavras de Rav Iosi ben Halafta. No tratado “**Baba Batra**” (25), se fala de “*shekhináh em todo maqôm*” (Habitação ou Presença em todo lugar). Também sabemos que não há **Maqôm** livre de **Shekhináh** (Sanhedrin 39), isto é, não há lugar livre da presença divina, que se poderia formular racionalmente mediante estas equações algébricas:

$$\text{DEUS} - \text{MUNDO} = \text{DEUS}$$

$$\text{MUNDO} - \text{DEUS} = \text{ZERO}$$

Os anjos, que não discriminam referências espaciais por serem de categoria etérea e mandatária מִשְׁרָתִים – meshartíym), perguntam:

אֵיךְ מָקוֹם כְּבוֹדוֹ? – 'ayyêh meqôm kevôdo?

“*Onde está o lugar da Glória?*”

Já nós, terráqueos, distinguimos com nossos parâmetros intelectuais o conceito de **Maqôm** e dizemos:

מלא כל-הארץ כבודו: - melô' khól-ha-árets kevôdo.

“A Sua Glória enche toda a terra.”

Deus recebe **Setenta e Dois** apelativos diferentes que **O** designam de uma maneira distinta. No primeiro versículo do Pentateuco, Deus aparece como אֱלֹהִים ('Elohíym), que é o plural de אֱלֹהִי ('Eloáh) ou de אֵל ('Êl). Os talmudistas referem-se a קוֹל-אֱלֹהִים (Qôl-Elohíym, “Voz de Deus”) e דִּבּוּר-אֱלֹהִים (Dibúr-Eloíym, “Fala de Deus”). São sete os Nomes de Deus que está proibido apagar (Sofrim IV); entre eles figuram **Adonay** (Meu Senhor), **Tsevaôth** (Exércitos), **Shadday** (Suficiente). Especial tratamento aplicaram aos שְׁמוֹת (Shemôth, “Nomes”) de Deus, com as desinências de הַמְּפָרָשׁ (hammeforásh, “O Explícito”, donde שֵׁם הַמְּפָרָשׁ, Shem hammeforásh, “semânforas” ou “clavículas de Salomão”, significando “O Nome Explícito”), הַגָּדוֹל (ha-gadôl, “O Grande”), הַמְּיֻחָד (hammeyuâd, “O Particular”) ou הַקָּדוֹשׁ (haqqadôsh, “O Santo”). São os Nomes de Deus que surgem das **letras**: de 2 letras, que é o Nome יְהִי (Yah, letras yod-hê), cujo valor numérico é 15; e de 4 letras ou **Tetragrama**: יְהוָה (Yehováh, letras yod-hê-vav-hê), que vale 26. Esclarece o **Talmud** que “*não se lê como se escreve; se escreve Yod-hê e se pronuncia Álef-bêth* (Adonay) estes Nomes de Deus” (Kidushin 71).

Na prática usual, fora do ofício religioso, se pronuncia simplesmente הַשֵּׁם (ha-Shêm, “O Nome”). Rabi Aba bar Mémel distingue a Deus, ao qual faz manifestar-se assim: “*Quando julgo as gentes Me chamo Elohíym; quando castigo os malvados se Me denomina Tsevaôth; quando observo os pecados do homem, Meu patronímico é El Shadday; e quando Me compadeço, Sou Ha-Shem*” (Midrash). Os talmudistas não esclareceram o alcance dos Nomes de **doze, quarenta e duas e setenta e duas** letras que se formam além de empregar as Combinações de Letras, também com os valores das נְקֻדּוֹת (nequddôth, “pontuações, vogais”).

Os Nomes de 42 e 72 Letras poderiam ser derivações das **Treze Virtudes de Deus**, que são aclamadas em Êxodo 34.6-7: “*Yahveh! Yahveh... Deus de compaixão e de piedade, lento para a cólera e cheio de amor e fidelidade; que guarda o seu amor a milhares, tolera a falta, a transgressão e o pecado, mas a ninguém deixa impune e castiga a falta dos pais nos filhos e nos filhos dos seus filhos, até a terceira e quarta geração.*” O Nome **Shadday** contém uma insinuação ao mistério da vinculação entre Deus e os Patriarcas. Em Êxodo 6.3, lemos: “*Apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó como El Shadday; mas pelo meu nome, Yahveh, não lhes fui conhecido.*” Recorde-se que no máximo serviço sagrado, que o Sumo Sacerdote oficiava no Santo Santuário o Sagrado Dia do Perdão, não teria feito mais que a invocação do **Shem** de **quatro letras**.

O misticismo encontrou logo seu desenvolvimento através dos livros apocalípticos. Na época dos macabeus foi cultivado pela seita dos **Essênios**, a ala esquerda dos **Ĥasidím** primitivos. Esta seita se havia proposto a materializar os ensinamentos místicos no espírito de: “*Vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.*” [Êxodo 19.6] A terra de Israel foi destruída e com ela feneceu a seita essênia. A **Shekhinah** ou **Presença Divina** acompanhou o povo de Israel no desterro.

Filon de Alexandria, nascido em 20 a.C., judeu de educação helenística, mas possuído por íntimos sentimentos religiosos, lançou-se ao descobrimento de Deus e o encontrou misticamente no elogio do êxtase. *Filon* já se referia ao אָדָם קַדְמוֹן ('**Adám Qadmôn**), o **racional superior criado por Deus à Sua imagem e semelhança**, que antecede e difere do enfoque de Adão, pai de toda a espécie humana, que Deus formou com o pó da terra. *Filon* foi quem levou a “alegoria” ao máximo desenvolvimento.

A “**alegoria**” é o método de interpretação que desconhece o sentido imediato, objetivo-literal, das Escrituras, como se retirasse o manto envolvente superficial e descobrisse de seu interior outro significado, de sentido simbólico, velado em sua profundidade. Assim, por exemplo, no relato do paraíso de Gênese, para os alegoristas, o jardim é o cúmulo de virtudes; a árvore do conhecimento simboliza a inteligência; a serpente é a tentação; Eva é o fator sentimental e Adão o elemento de raciocínio. Em geral, em hebraico se conhece os **alegoristas** pela expressão דֹּרְשֵׁי רֶשְׁמוֹת (**Dorshê Reshumôth**, “pesquisadores de registros”).

Na face prática, sustentava *Filon* que o homem está composto de **corpo** e **alma** e deve afastar-se de vãos luxos mundanos. *Filon* propõe que o homem se desprenda das roupagens voluptuosas e renuncie às falácias sensuais, que lhe impedem de consagrar-se plenamente à vida espiritual.

Em um estudo que, segundo parece, escreveu em sua mocidade, *Filon* expõe um argumento que tende a demonstrar a verdade do paradoxo estóico de que “*somente o homem sábio é livre*”, porque sustenta que o homem culto é aquele que faz voluntariamente o que é reto e justo. Tanto que, segundo a mesma tese, todo homem tolo ou mau é um escravo. A aludida soberania ou vontade “filoniana” deve entender-se como domínio das paixões e o seguimento a Deus.

6 – Princípios da Cabala

Em seus princípios, a Cabala estabelece que Deus é o Primeiro Ser no Universo, o הַמַּצּוּי הָרִאשׁוֹן (**Hamatsúy ha-Ri'shôn**, “A Presença Primeira”), essência espiritual acima de todo entendimento e que escapa a todo raciocínio humano. A Deus não cabe **nenhum qualificativo** de dimensão, limites, comparação, variação, vontade, fim ou instinto, tempo, espaço ou potência, porque Deus é o Sumo em Perfeição e Infinito, e por isso se lhe diz אֵין-סוֹף ('**Ên-Sôf**, “Sem Fim, Infinito, Ilimitado, Sem Limites”). Essa visão da Divindade se aproxima intrigantemente da visão hindu do aspecto imanifestado de Deus, o Absoluto, chamado **Parabrahman**, que também não possui qualificativos e, por isso, é chamado de **Nirguna** (Sem Qualidades).

Sabemos que todo evento esporádico é caótico, e o mundo, ao contrário, é pura ordem, porque justamente não é casual, mas a obra do Criador. Deus, de אֵינ (Áiyn, “Nada”) o originou em יֵשׁ (Yêsh, “há; a existência”).

Nota: Yêsh (יֵשׁ) e Áiyn (אֵינ) são concepções existenciais importantes na teoria do misticismo. O Yêsh importa que “há” o que “é”, de um modo objetivo, e cuja presença se manifesta sensorial ou intelectualmente. O Áiyn, ao contrário, implica o “não há” em sentido orgânico, isto é, onde a percepção regida pelos sentidos e/ou a inteligência já não consegue registrá-lo de maneira alguma. O Áiyn seria o substrato recôndito, de imponderável essência celestial, que impulsiona energia criadora, e que só pode ser focado por certa captação espiritual e divina de almas puras capazes de neutralizar o Yêsh. Para o cabalista, esta alienação de seu “ego” não supõe masoquismo nem contradiz o livre-arbítrio do homem, mas é uma idéia básica do misticismo hebreu.

Mas, como da Perfeição Espiritual se engendrou o material e finito? A Cabala responde a isso com sua teoria de סְפִירוֹת (Sefiyrôth, “Numerações” ou “Esferas”) - exposta pela primeira vez no *Sefer Yetsiráh* -, que se encontram refletidas na oração sabática matutina “El Adôn” (Deus Senhor).

As סְפִירוֹת (Sefiyrôth) são dez exatamente: **três** na ordem שְׁכֶל (Sékhel, “Inteligência”); **três** na ordem נֶפֶשׁ (Néfesh, “Alma”); e **quatro** em תְּבָה (Teváh, “Natureza”).

As סְפִירוֹת (Sefiyrôth) – fundamentais para a existência – foram chamadas pelos cabalistas com as designações e na ordem que segue:

- I - כֶּתֶר (Kéther): Coroa; turbante; ornamento.
- II – חֲכָמָה (Hókhamah): Sabedoria; habilidade técnica; experiência.
- III - בִּינָה (Biynáh): Compreensão; inteligência; entendimento, discernimento.
- IV – חֶסֶד (Hésedh): Fidelidade; benevolência; bondade; piedade; graça.
- V – גְּבוּרָה (Gevuráh): Vigor; força; poder; valentia.
- VI - תִּפְאָרֶת (Tif’éreth): Beleza; glória; honra; magnificência.
- VII – נֹצַח (Netsáh): Eternidade; fulgor, glória.
- VIII – הוֹד (Hôdh): Esplendor, majestade, vigor.

IX – יסוד (Yesôdh): Fundamento, alicerce, base.

X - מלכות (Malkhúth): Reino, reinado; domínio; realeza.

Deus instrumentou as ספירות (Sefiyôrth) como se fossem canais que descobrem Seus efeitos. São dez emanções, dez sublimações, dez roupagens, dez categorias ou escalas de evolução, embora não haja unanimidade de critério quanto a se as ספירות (Sefiyôrth) são autárquicas em sua essência, ou não são mais que variações caleidoscópicas da **Fonte** que é o אין-סוף ('Ên-Sôf).

Atualmente há cabalistas que percebem a semelhança da noção mística das ספירות (Sefiyôrth) e das mais modernas teorias da Física, como a **Mecânica Quântica** e a **Teoria das Supercordas**. Dizem, inclusive, que as ספירות (Sefiyôrth) dez da Cabala corresponde às **10 dimensões espaciais** da Teoria das Supercordas. Como a versão mais recente prevê **11 dimensões** (10 espaciais e uma temporal), há ainda um paralelo possível, já que haveria uma 11ª Sefirah, chamada דעת (Dá'ath, “Conhecimento”), escondida entre a 3ª e a 4ª Sefirah, ou seja, entre a 1ª e a 2ª Ordem [ver **Complemento 22**, adiante].

Deus emanou de Si a primeira Sefirah, **Kéther**, que se passou também a chamar de רום מעלה (Rôm Ma'aláh, “Grau Elevado”) e também de רצון (Ratsôn, “Vontade”: fazer Sua Vontade), segundo a tese filosófica de **Schlomó ben Gabirol**. Desta Sefirah sublimou-se a segunda e desta a seguinte, e assim sucessivamente. De modo que cada uma das ספירות (Sefiyôrth) é de menor importância que a precedente, ainda que todas funcionem só por influência divina. As três primeiras ספירות (Sefiyôrth) têm também, segundo muitos cabalistas, uma especial primazia de emanção sobre as sete restantes. Com as três primeiras (o Triângulo Divino), uma vez tendo sido emanadas, Deus não se serviu mais, circunstância chamada שבירת הכלים (Sheviyráth ha-Kelíym, “ruptura de instrumentos”).

A Cabala concebe metafisicamente quatro **estados** na constituição do Universo. Dito em outras palavras: que quatro Mundos concorrem em sua formação. São níveis constitutivos e ao mesmo tempo cosmogônicos. São eles:

I – אצילות (Atsiylúth, “Emanação” – do verbo אצל – 'atsál, “retirar”);

II – בריאה (Beriy'áh, “Nascimento” - do verbo ברא – bará', “criar”);

III – יְצִירָה (Yetsiyrah, “Criação” ou “Formação” - do verbo יָצַר – yatsár, “formar, moldar”);

IV – עֲשִׂיָּה ('Asiyáh, “Realização” - do verbo עָשָׂה – 'asáh, “fazer, realizar”).

De אֵין-סוֹף ('Ên-Sôf) emanaram as Dez סְפִירוֹת (Sefiyôrôth) que constituem o Mundo de אֲצִילוּת ('Atsiylúth). Abaixo se acha o Mundo de בְּרִיאָה (Beriy'áh), que é existencial como se fosse um quadro negro pronto para receber a escrita; é o Mundo das idéias criadoras, da forja de יֵשׁ (Yêsh) a partir de אֵין ('Áiyn); é o Mundo que contém os palácios e o trono divino e onde se encontram almas piedosas. A acusação de formas e de ordem pertence ao Mundo de יְצִירָה (Yetsiyrah); é o Mundo das dez classes de anjos, é o mundo das coisas espirituais (sua formação se aproxima da teoria atomista). O engrossamento ou densificação maior da matéria até efetivar sua relidade nos traslada ao Mundo de עֲשִׂיָּה ('Asiyáh); é o nosso mundo ordinário, que se costuma chamar עוֹלָם הַשְּׁפֵל ('Olám ha-Shafêl, “O Mundo Inferior”), todo o יֵשׁ (Yêsh) materializado e concreto.

Mas tudo se encontra **potencialmente** em אֵין-סוֹף ('Ên-Sôf), e o influxo da vontade de Deus, em sua unicidade absoluta, é o que impulsiona sempre a tudo, disposto em suas respectivas graduações. De modo que o estrato mais inferior também existe só por desígnio divino. O homem enlaça os Mundos por seu amor a Deus. O **amor** é o laço supremo entre a **alma** do homem e **Deus**.

O ente ou energia anímica que chamamos comumente “**alma**” se compõe também de várias categorias, a saber:

I - נֶפֶשׁ (Néfesh): A “**Alma Vivente**” [tradução mais adequada], no entender do relato de *Gênese*, a qual impele todo objeto da Criação e se reflete no Mundo de עֲשִׂיָּה ('Asiyáh);

II - רוּחַ (Rúah): O “**Sopro**” [também “fôlego” ou “espírito”], que pulsa nos vegetais e nos animais, e que é de ordem do Mundo de יְצִירָה (Yetsiyrah);

III – נִשְׁמָה (Neshamáh): A “**Alma**” própria somente do homem [portanto, podendo se traduzir por “**Alma Humana**”], concernente ao Mundo de בְּרִיאָה (Beriy'áh);

IV - חַיָּה (Ĥayyáh) ou יְחִידָה (Yehíydáh): “Vida” ou “Unidade”, que inspiram somente a homens superiores em qualidade ética-espiritual. Seria a “Alma dos Perfeitos”, numa concepção gnóstica. Por sua natureza, estaria relacionada ao **Mundo de** אֲצִילוּת ('Atsiylúth) e poucos homens teriam acesso a esta categoria de alma.

A escatologia se ocupa das doutrinas acerca das coisas futuras, ou seja, do estudo da crença na imortalidade da alma, de seu juízo, retribuição e pena, e se refere à vida pós-morte e ao fim último da existência humana, que em hebraico se designa תְּחִיַּת הַמֵּתִים (Tehíyáth hammethíym, “ressurreição dos mortos”) e הַשְׁאָרָת הַנֶּפֶשׁ (Hasha'a'rath hannéfesh, “subsistência da alma [vivente]” ou sua imortalidade).

Nada disto reza **expressamente** na Bíblia, fora o que deixa transparecer por um prisma **místico** o fato narrado no capítulo 37 de **Ezequiel** (os ossos secos que foram novamente revestidos de carne, que muitos interpretam erroneamente de modo literal).

Também ouvimos **Ana** (a mãe do profeta **Samuel**) orar a Deus:

“(…) *É Yahveh quem faz morrer e viver, faz descer ao Sheol [o Reino dos Mortos] e dele subir.*”
[1 Samuel 2.6]

Rabi Gamliel (Sanhedrin, 90) vê na expressão de Deuteronômio 31.16, um indício de תְּחִיַּת הַמֵּתִים (Tehíyáth hammethíym) na *Torah*: “*Yahveh disse então a Moisés: 'Eis que vais descansar com os teus pais, e este povo se levantará para se prostituir com os deuses da terra estrangeira em que está para entrar. Ele vai me abandonar, rompendo a aliança que com ele concluí.*” Muito do conteúdo escatológico se deduz lendo com lente mística as proposições de parágrafos bíblicos.

Citemos como exemplos algumas frases:

“*Os teus mortos tornarão a viver, os teus cadáveres ressurgirão. Despertai e cantai, vós os que habitais o pó, (...) e a terra dará à luz sombras*” (Isaías, 26.19);

“*(...) e com tua Glória me atrairás*” (Salmo 73.24).

Neste caso, o místico faz uma manifestação de fé de que Deus se ocupará dele depois da morte, como em vida. Não se detém em imaginar o que é a morte; lhe basta estar ligado a Deus. Concebe a Deus como Eterno, e como ele se considera parte de Deus, por simples caráter transitivo lhe é fácil concluir que algo desta parte que lhe concerne continuará imortal.

Os livros apócrifos trazem esta crença de forma clara. No **Segundo Livro dos Hasmoneus**, disse sobre isto o terceiro dos sete filhos imolados: “*Deus, estes membros de meu corpo que Tu me deste, sacrificio pela Santa Torah, e espero que me sejam devolvidos depois de minha morte.*”

7 – O Sefer ha-Yetsirah

סֵפֶר הַיְצִירָה (Sefer ha-yetsirah, “O Livro da Criação” ou, mais corretamente, “O Livro da Formação”) é a obra mais antiga de ordem puramente mística. Também conhecido apenas como **Sefer Yetsirah**, sua autoria chegou a atribuir-se ao próprio patriarca **Abraão**, mas seguramente não é posterior à **Mishnah** do **Talmud**.

Seu texto original, confuso e cheio de erratas, é de uma sintaxe difícil e emaranhada. Se compõe de três temas, a saber:

- 1º – A influência dos feitos de Deus;
- 2º – O homem (microcosmos) e sua relação com o macrocosmos;
- 3º – A combinação de letras.

As **Dez Sefiroth** ou **Numerações** junto com as **22 letras hebraicas** são as **Trinta e Duas Vias** ou **Caminhos da Sabedoria**, que convergem ou se unem em sua fonte comum, em

אלהים ('Elohiym, “Deus”). Os números e as letras, segundo este livro, não são apenas símbolos, mas as formas de todo o Existir e as bases do Universo. Os 10 números primordiais, similares aos 10 dedos, onde 5 estão frente a 5, referem-se aos 10 atributos infinitos e que correspondem a Deus, amo único.

O conjunto fundamental das 22 letras se compõe de:

- 3 principais (א – מ – ש), que refletem os elementos: **terra** (e **ar**, juntos), **água** e **fogo**;
- 7 de **pronúncia dupla**, uma débil e a outra forte, que representam os antônimos: vida e morte, paz e desgraça, sabedoria e necessidade, riqueza e pobreza, cultivo e desterro, graça e repulsão, poder e servitude;
- 12 **letras simples**, que representam os 12 signos do Zodíaco.

A numeração imagina também a representação dos pontos cardeais, dos órgãos humanos e suas atividades psico-sensoriais, dentro de sua simbolística.

O **Talmud** menciona várias vezes o **Sefer Yetsirah** e o exegeta simplicista **Rashi** também comenta nestes casos os **Tsirufim** (צִירופִים - combinações das letras, uma importante operação mística da Cabala) conseguidos por intermédio de seu estudo. O **Dr. Neumark** considera que o **Sefer Yetsirah** teve intensa repercussão e profunda influência sobre os cabalistas do século XIII.

8 – O Sefer ha-Baḥir

סֵפֶר הַבְּחִיר (Sefer ha-Baḥir, “O Livro Brilhante”) é um pequeno volume, cuja autoria é atribuída ao tanaíta **Rabi Nehunia ben ha-Kana**. Segundo parece, sua última redação deu-se em Lunel, Provença, onde viveu **Rabi Yaakov ha-Nazir**.

Constitui um **Midrash**, isto é, um conjunto de narrações e homilias, que se encontra ordenado e redigido de modo muito débil. Os protagonistas são muitos dos tanaítas e amoraítas talmúdicos e figuram muitos outros com nomes fictícios.

Exíguo no número de páginas, é rico em conteúdo místico. Muito curioso é a grande quantidade de exemplos que traz, às vezes pouco claros ou ininteligíveis e outras vezes paradoxais.

O **Sefer Bahîr** afirma que as **nekudot** (pontuações ou vogais hebraicas) são para as letras como a alma para o corpo humano. Em geral, emprega um léxico simbolístico e uma terminologia rica em vocábulos interessantes por sua evolução técnica. Contém algumas variações daquilo que se encontra no **Sefer Yetsirah**.

9 – O Sefer ha-Zohar

○ סֵפֶר הַזֹּהָר (Sefer ha-Zôhar, “O livro do Resplendor”), atualmente muito em voga, e que se converteu na obra clássica do misticismo, foi denominado pelos diferentes cabalistas com diversos nomes, a saber: **Midrásh Yehí Ôr** (“Comentário do 'Haja Luz'”), **Midrásh ha-Zôhar** (“Comentário do Resplendor”), **Ha-Zôhar ha-Gadôl** (“O Grande Resplendor”), e se difundiu com o título de **Ha-Zôhar ha-Qadôsh** (“O Santo Resplendor”) ou simplesmente זֹהָר (**Zôhar**, “resplendor”).

Inspira-se o título no versículo de **Daniel 12.3**, que diz:

וְהַמַּשְׂכִּלִּים יִזְהָרוּ כְּזֹהָר הָרָקִיעַ

(*vehammaskilîym yazhîru kezôhar haraqíyah*)

“Os que são esclarecidos resplandecerão, como o
resplendor [zôhar] do firmamento.”

As primeiras impressões da obra foram feitas em Mântua e Cremona, no ano de 1558, e logo em Amsterdã em 1642, seguidas de inúmeras edições.

O conceito fundamental do **Zohar** é que toda a **Torah**, seus mandamentos, ordenanças e relatos têm propósitos superiores e misteriosos que constituem sua própria alma, e o estudo e a leitura do **Zohar**, por si só, permite elevar-se em santidade.

O **Zohar** se compõe de cinco partes. As três primeiras correspondem a comentários ao Pentateuco; a quarta, é de complementos que se conhecem como **Tikunê Zôhar** e traz considerações acerca do vocábulo בְּרֵאשִׁית (**Bere'shíyth**, “no princípio”), que inicia a Bíblia; a quinta e última parte é o **Zôhar Hádash**, que é uma coleção de complementos e estudos dos cinco מְגִלּוֹת (**Megillôth**, “rolos”): **Cântico dos Cânticos**, **Ruth**, **Lamentações**, **Eclesiastes** e **Esther**.

Os místicos crêem firmemente que o espírito do **Zohar** reconhece a mesma origem que a **Bíblia** e o **Talmud**. O **Sinai** seria o ponto comum de partida para os três: a **Bíblia**, o **Talmud** e o **Zohar**. Atualmente o “culto” ao **Zohar** está retornando com força através de grupos de cabalistas judaicos sediados especialmente nos EUA. Para estes grupos, o simples ato de passar os olhos sobre uma página do **Zohar** em hebraico, mesmo sem entender uma palavra, já produz resultados redentores (?). Esta crença é muito controversa!

Na realidade, muitos dos ditos do **Zohar** são repetições de coisas que se encontram no **Talmud** e nas **Homilias**; só que aqui recebem uma nova luz. Com suas raízes antigas e profundas, tem ramos novos e numerosos em sua copa. Ao longo do tempo sofreu agregados que se incorporaram a sua primitiva redação, chegando a fundir-se e integrar-se numa só obra.

O **Zohar** menciona vários livros e em seu contexto traz citações dos mesmos; alguns destes livros são conhecidos, ou não, como, por exemplo, o “**Sifrá Ditsiniúta**” (cuja autoria se atribui a Jacó). O **Zohar** se refere também a personalidades que em sua maioria são os mesmos protagonistas da **Bíblia** e do **Talmud**, só que aqui adquirem dimensões misteriosas e são tratados com uma insólita dispensa dos fatores de lugar e tempo. É que no **Zohar** estes dados são considerados de um modo muito relativo, e é muito elástico na colocação dos fatos.

O importante é o espírito que injeta nas letras, o vigor que insufla nas palavras e a alma que inflama na **Torah**. O **Zohar** agrega **santidade** ao **santo** e sumo espírito ao espiritual. Ademais, sustenta e incentiva o homem para convertê-lo em um participante ativo no processo universal, ensinando que cada boa ação inclina a vontade divina em direção a emanações benéficas.

10 – O Autor do Zohar

Segundo a tradição mística, o **Zohar** foi escrito por **Rabi Shimon ben Yoḥay** (conhecido pela sigla **Rashbi**) e por seu filho **Rabi Elazar** em sua permanência na cova durante 13 anos. Os alunos de **Rabi Shimon** reuniram suas diferentes partes em um só livro 40 anos depois da morte de seu mestre.

O cabalista **Rabi Moshe ben Shem Tov de León** (1250-1305) achou os originais do **Zohar** e lhes deu publicidade. Esta versão não foi aceita por todos e encontrou resistência por parte de muitos investigadores:

- O **Rabino Iaacov Emden** sustenta que o **Zohar** é de **Rabi Shimon ben Yoḥay**, mas reconhece que também contém agregados de épocas posteriores, especialmente expressões próprias do período espanhol e que é difícil separá-las do texto primitivo.

- Segundo **H. Graetz**, **A. Geiger** e outros estudiosos, o autor do **Zohar** é o próprio **Moshe de León**, pois sua viúva haveria atestado neste sentido.

- O erudito **Rabi David Luria** demonstra com argumentação assaz convincente que não poderia ser **Rabi Moshe de León** o autor do **Zohar**.

- **Hilel Zeitlin**, em um minucioso estudo, chega a concluir que **Rabi Shimon ben Yoḥay** e sua plêiade legaram a seus seguidores as bases do misticismo no idioma aramaico usado naquela época. Logo se fizeram comentários que foram fundidos com o primitivo original numa só obra. Assim até a época de **Rabi Moshe de León**, que reuniu todo este material, dando-lhe a redação final, mas conservando suas características antigas.

- **Margolis e Marx** dizem, em sua “**História do Povo Judeu**”: “*A composição nos assegura que o Zohar não poderia ser obra de uma só pessoa ou de uma geração. Seu conteúdo crescia, simplesmente, com o tempo, até que Moshe de León deu-lhe publicidade.*”

11 – Misticismo judaico na Europa até o Século XVIII

O misticismo passou do Oriente (particularmente da Babilônia), através da Itália, à Europa e se difundiu na Alemanha e na França. Na Itália, eis os nomes dos principais místicos:

- **Abu Aarón Ben Shmuel Hanasí**, de Babilônia (atual Iraque);
- **Shaftía**, poeta e místico, aluno de **Abu Aarón** – viveu até 886;
- **Shabetái Ben Abraham Donnolo** (913 – 982), da Itália Meridional.

Desde a segunda metade do século XII o judaísmo europeu começou a sofrer maiores perseguições, que o condenou a grandes sacrifícios. Esta situação se reflete no estado de ânimo e nos sentimentos íntimos dos judeus que ficaram predispostos ao misticismo ético. O amor a Deus e a santificação de Seu Nome são ideais que logram multiplicar seus adeptos, em uma época marcada pela barbárie.

O livro mais popular, de elevada ética social e individual, que se encontra nesta época é o סֵפֶר הַחֲסִידִים (Sefer ha-Ĥasiydíym, “O Livro dos Piedosos”). Este livro, impresso em 1538, não é de uma só peça nem de um só autor, mas é a feitura de várias gerações; produto do folclore acumulado, que havia absorvido em si as esperanças, crenças, contos e fantasias do povo.

Segundo este livro: a raiz da **Torah** consiste na prática religiosa, e a oração entendida e consciente supera as boas ações, sendo a devoção a essência da oração.

Os redatores finais do סֵפֶר הַחֲסִידִים (Sefer ha-Ĥasiydíym) foram os místicos **Rabi Shmuel Ben Klônymus**, nascido em 1116, um cabalista admirado que levou uma vida santificada, e seu filho, **Rabi Yehuda Haĥassid**, falecido cerca do ano de 1200, que ampliou o סֵפֶר הַחֲסִידִים (Sefer ha-Ĥasiydíym) com agregados de sua própria colheita.

O discípulo mais conhecido de **Rabi Yehuda Haĥassid** é **Rabi Elazar Ben Yehuda** (falecido em 1238), de Worms. Escreveu as obras: “**Roqêah**” (lit. “Farmacêutico”), “**Sôd Sêhel**” (lit. “Segredo da Inteligência”) e “**Raziel**” (nome de um anjo, orig. רָצִיֵּאל – Ratsiel, “Minha Vontade/Razão é Deus”). Nelas, sustenta que a razão humana não é suficientemente apta para definir a essência de Deus, porque o homem é capaz de analisar apenas o que é possível comparar e o que está submetido às leis de tempo e espaço. Rabi Elazar é um pioneiro da **Cabala Aplicada** e manipulava com combinações de números e letras; se dedicava à astrologia e se entregava à exaltação das orações.

Rabi Abraham Ben David ha-Levi (1110 – 1180), conhecido como “**Rabed Primeiro**”, é o autor da obra “**Sefer ha-Qabalah**” (1160), “O Livro da Transmissão”, depois renomeada como “**Emuná Ramá**” (“Crença Elevada”). É um trabalho apologético que pretende conciliar a religião

com a filosofia ou a divergência entre a tese de “Deus que sabe de tudo” (Onisciente) e a crença no “livre-arbítrio do homem”.

O “*Rabed*” divide os preceitos ordenados em cinco classes, a saber: 1º) religiosos; 2º) morais-éticos; 3º) civis e trabalhistas; 4º) comerciais e sociais; 5º) não submetidos a racionalismo algum.

Rabi Abraham Ben Itshak (1110 – 1179), conhecido como “*Rabed Segundo*”, é autor de muitas obras que se perderam. Entregou a seu filho, **Rabi Itshak Saguí-Nahor**, os segredos cabalísticos que recebeu do Profeta Elias.

Saguí-Nahor, o suposto autor do סֵפֶר הַבְּחִיר (Sefer ha-Baḥir), escreveu apenas livros sobre Cabala. Como era cego, diz a tradição que, com sua vista espiritual, pressentia a qualidade da alma daqueles que se aproximavam, e sabia sondar seu destino.

Sua força era a profunda meditação e a intensidade de suas orações. A intenção consciente na oração serve para materializar o apego a Deus. Na ascensão do segredo divino, **Saguí-Nahor** reconhece três graus, que são: מַחְשָׁבָה (Ên-Sôf, “O Infinito”), אֵין-סוֹף (Maḥshaváh, “O Pensamento”) e דִּבּוּר (Dibúr, “A Fala”), com sentido próprio na terminologia usada. Ele encontrou no Livro de Jó (28.12) a tese das Sefiyrôth e sua origem a partir de אֵינ (Áiyn):

A frase interrogativa

וְהִחְכְּמָה מֵאֵין תִּמְצֵא

(*vehaḥókhmah me'áiyntimmatsê'*, “mas a Sabedoria, donde ela provém?”),

ele transforma em enunciação afirmativa:

“E o saber de Áiyn encontres.”

Embora **Saguí-Nahor** se sirva do termo **Sefiyrôth**, prefere utilizar a acepção de דִּבּוּרִים (Diburíym, “palavras, Logos”). Considera que a mística do idioma é também a mística de sua escritura e de suas letras.

Os principais alunos de **Saguí-Nahor** foram **Rabi Ezra Ben Shlomó** e **Rabi Azriel** (1160 – 1238), mestre de **Nahmánides**.

Azriel considerou a Deus como o “**Um Sem Fim**” a Quem pode conhecer-se pelos atributos negativos; a Deus não se deve adjetivar com designações positivas. Deus é invariável e imutável porque está acima de todo conceito e enfoque humanos. Essa idéia se assemelha muito à noção hindu (no *Vedanta*) do aspecto Impessoal do Absoluto, o **Parabrahman**.

Importante é citarmos duas obras muito antigas, mas que só foram impressas no final do século XVIII: o “**Sefer ha-Plía**” (O Livro da Maravilha) e o “**Sefer ha-Kaná**” (O Livro de *Kaná*). Seu autor seria o tanaíta **Rabi Neḥunia Ben ha-Kaná**, que afirma ter escrito as obras no ano 4000 do calendário hebreu (que corresponde ao ano 240 d.C.), mas é provável que não remontem além do século XIII, e seu autor seria um judeu da Espanha ou da Itália.

Sabemos que ninguém constrói sem antes proceder à demolição prévia do anterior, fazer uma limpeza e efetuar logo os preparativos para a obra nova. Assim também, estes livros destroem o velho para levantar o edifício novo. Por isso o mestre **Kaná** adverte aos discípulos que cuidem bem para que estes dois livros não caiam em mãos profanas, que os considerarão simplesmente obras destrutivas, quando o que realmente importa é mudar os esquemas velhos conhecidos para trocá-los por estruturas novas, fortes e perfeitas em sua mística secreta. A operativa cabalística se aprecia na justa manipulação das **Trinta e Duas Vias de Sabedoria**, que é o somatório das **Dez Sefiyroth** mais as **Vinte e Duas Letras** do alfabeto hebraico, que formam os **Canais** de comunicação entre as **Sefiyroth**.

Veja-se que a adição da primeira letra do **Pentateuco** (ב) – o “B” – mais a última (ל) – o “L” – formam o algarismo 32, segundo a equivalência numérica.

Nota: A primeira palavra do **Pentateuco** é בְּרֵאשִׁית (Bere'shíyth, “no princípio”, Gênese 1.1); a última palavra é יִשְׂרָאֵל (Yisra'el, “Israel”, Deuteronômio 34.12). O ב (bêth) e o ל (lámed) formam בַּל (bal, “não”). Isto pode formar a seguinte frase misteriosa:

בְּרֵאשִׁית בַּל יִשְׂרָאֵל (Bere'shíyth bal Yisra'el,

“No princípio não [havia] Israel”).

Juntando ainda a última letra de **Bere'shíyth** (ת) e a primeira de **Israel** (י), formamos a seguinte frase oculta:

בְּרֵאשִׁית יִשְׂרָאֵל בְּלִיתִי (Bere'shíyth Yisra'el biltíy,

“No princípio, Israel não existia!”).

Ha-Plía e **Ha-Kaná** derrubam a simplicidade literal na exegese bíblica, derrubam o plano e a importância do sentido explícito, para edificar a imponente mística e erguer os artifícios simbólicos da Cabala. Condenam os sábios do Talmud que interpretaram literalmente expressões da Bíblia sem haver achado nelas o espírito intrínseco, profundo e oculto que guarda seu sentido místico.

Rabi Moshe Ben Nahman, também conhecido por “**Ramban**” ou “**Nahmánides**” (1194 – 1270), negava a filosofia como verdade absoluta, considerando como firme apenas a doutrina

religiosa que surge da **Bíblia** e do **Talmud**. Para ele nada era mais essencial que a crença na Criação a partir do Nada, a providência divina e a onisciência de Deus. Quando lhe perguntaram qual é o serviço a Deus, sua resposta rápida foi: *“Tudo aquilo que contém deleite de alegria junto com temível respeito.”*

Depois da expulsão dos judeus da Espanha, em 1492, os cabalistas levaram consigo o misticismo à Itália e ao Oriente.

Alguns deles são:

Rabi Meir Ben Yehezqel Ibn Gabay: Nasceu na Espanha, em 1480. Refugiou-se na Turquia. Seu livro principal é **“Avodath Ha-Qôdesh”**, no qual expõe sua teoria de forma ordenada, ilustrando o contraste entre a filosofia grega e a visão judaica do mundo ao referir o desenvolvimento da mística judaica. Opondo-se a **Maimônides**, sustenta que a inteligência humana não é suficiente para captar os segredos da **Torah** e de seus preceitos. Só a קַבָּלָה (Qabalah, “Cabala”) é o implemento ideal para o saber verdadeiro.

Elijah Ben Moshe de Vidasch: É o autor do livro רֵאשִׁיּוֹת חֲכָמָה (Re'shíyth Hókhamah, “Princípio da Sabedoria”), composto de cinco partes: **Temor**, **Amor**, **Arrependimento**, **Santidade** e **Modéstia** (uma verdadeira apresentação graduada da Senda Espiritual!). **Vidasch** sustenta que o homem deve munir-se de três dotes essenciais para melhor servir a Deus, que são: **Fé**, **Seguridade** e **Alegria**. Não renega a vida, mas pretende santificá-la mediante a observação dos preceitos. Em cada preceito encontra santo misticismo. Segundo **Vidasch**, são três os gozos que auguram a felicidade do “mundo vindouro”, a saber: o **Sol**, a **Torah** e a **união** do homem e da mulher.

Rabi Yitshák Luria (1534 – 1572): Chamado o **“Ari”** (lit. “leão”), renovou a Cabala *ashkenazi*. Acreditava na Cabala com uma simplicidade natural. Em tudo via um processo de גִּילְגּוּל (Gilgúl), isto é, de **reencarnação** de almas que reaparecem em outra geração, à procura de lograr o **“Olám ha-Tikún”**, isto é, o Ciclo de Realização ou Mundo de Aperfeiçoamento (acreditava que o **Profeta Elias** havia reencarnado como **Rabi Akiva**, o autor do **Sefer Yetsirah**).

Esta migração de almas (metempsicose) depois da purificação reconhece no sistema luriano, ademais, outro tipo de גִּילְגּוּל (Gilgúl), que é o **“Ibúr”**, e que serve para apressar o processo. Consiste em que, já nascida a pessoa, lhe ingressa outra alma mais (é um caso de impregnação de alma), de forma que funcionam duas ou mais repetidas, para expiar determinada infração ética cometida em uma encarnação anterior.

Nota: Como se pode ver, a escola luriana de Cabala é claramente “reencarnacionista”, algo inicialmente inconcebível num ambiente judaico. Contudo, várias pesquisas modernas demonstram que a idéia de retorno ou renascimento não era algo tão estranho assim aos antigos povos da Palestina. **Luria** apenas parece ter resgatado essa antiga noção que, no Oriente é explícita, mas no Médio Oriente e no Ocidente ficou implícita em textos ocultos de natureza judaico-gnóstica.

Mediante estes processos de correção se conseguirá, na visão de **Luria**, a vinda do **Messias**, que não tem possibilidades de vigência enquanto não se separe o santo do profano e se resgatem as **נְצוּצוֹת קְדוּשׁוֹת** (**Nitsotsôth Qedoshôth**, “Centelhas Sagradas”) de seu envoltório. A cessação do anarquismo e o reinado de Deus se procurará – segundo estes ensinamentos – mediante a **renúncia** aos caprichos materiais, praticando-se uma vida **ascética** e cultivando o **bem**.

No século XVI se difundiu o cabalismo aplicado luriano na Polônia, que superou o misticismo completamente filosófico *sefardita*, através do trabalho de **Rabi Israel Srok**.

Alguns dos nomes destacados desta época foram:

Rabi Matitiah Ben Shlomó Delucrat: Explicou que Deus é anterior a tudo, e que é a Causa de todas as causas. Segundo seu pensamento, as virtudes estão condensadas em Deus e desde a Criação mostra sua Glória aos povos, através das Dez Sublimações.

Rabi Ieshaia Ish-Hórovitz (1570 – 1630): Acreditava que quem não consegue ser iluminado pela disciplina da Cabala, não viu ainda qualquer luz em sua vida.

Rabi Shimshon Ben Pesah, de Ostropoli: Entendia que as ciências secretas se devem ensinar somente aquelas pessoas que possuam virtudes excepcionais.

Em finais do século XVII se reuniram sob o nome de **חֶבְרַת חֲסִידִים** (**Ĥevráth Ĥasiydíym**, “Companhia de Piedosos”) muitos judeus que, mediante práticas ascéticas, acreditavam poder **adiantar** a vinda do **Messias**. **Rabi Iehuda Ĥassid** encabeçou este grupo, que acabou fracassando. São conhecidos comumente como Judeus Piedosos ou Judeus Hassídicos.

O objetivo dos partidários desta corrente era introduzir-se no **פְּרֵדֶס** (**Pardes**, “pomar, parque, jardim ou laranjal”, erroneamente traduzido por “Paraíso”), o **Pomar do Saber**, guiados pelo modelo que é a figura de **Rabi Akiva**, o suposto autor do **Sefer Yetsirah**, segundo a Tradição cabalística.

Na verdade, cabalisticamente falando, a palavra **פְּרֵדֶס** (**Pardes**, “pomar”) tem um sentido simbólico. É a abreviatura de:

פְּשֻׁת (**Peshath**, “Simples”) - vale 780 = 15 [O número

de **יָהּ** – **Yah**] = 6 [número da letra **ו** – A Luz];

רֵמֶס (**Rémes**, “Alusivo”) - vale 540 = 9 [número da

letra **ח** – A Bondade Divina];

דֶּרֶשׁ (Derash, “Comentado”) - vale 504 = 9 [número da letra מ - A
Bondade Humana a ser alcançada como Virtude];

סוד (Sôd, “Misterioso”) - vale 70 [número da letra ט - A
Materialização do Plano Divino e a Solução do Mistério].

Assim, פ + ר + ד + ס = 344 = 11 [número das **Dez Sefiyyroth** mais a **Sefirah Oculta**

Dáath] = 2 [número da letra da Criação, o **Bêth** – ב]. Somando os valores das palavras acima, temos: 780 + 540 + 504 + 70 = 1894 = **22** [número de letras do alfabeto hebraico e dos Canais entre as *Sefiyyroth*].

O misticismo conseguiu através do **Hassidismo**, passar por um processo de filtração que o tornou popular, eliminando a apreensão e o enclausuramento. Fundou tudo sobre o amor e a solidariedade do homem para com Deus e com os semelhantes.

Esta categoria de amor a Deus caracteriza o misticismo judeu. Busca elevação ética e pureza no proceder do homem. Os cabalistas não são “religiosos” enclaustrados em monastérios, somente dedicados a seu Deus. Os cabalistas são homens obrigados pelos preceitos e a justiça, que convivem na sociedade e sentem a preocupação de ativar a pronta liberação messiânica do gênero humano, ungidos por íntima vocação para o bem.

Quanto ao indivíduo em si, deve ter presente para sua correta orientação as duas faces da moeda. Numa se poderia ler: “para mim foi criado o Mundo”, e na outra: “e eu sou pó e cinza”. O prudente emprego de ambas as enunciações há de servir como ótima guia na vida do homem.

Segundo o **Pirkê avôt** (V,10), o homem piedoso é o que manifesta:

“O que é meu é teu, e o que é teu é teu.”

Complemento 22

Adão & Átomo

Por Ajaenna E. Ziman

[Leia o artigo completo em português junto ao link:
<http://www.kabbalah.com/portuguese/index.php/p=life/science?PHPSESSID=cc3de9c06c036ed35f3/>]

Ao falar sobre o mundo físico, é natural que os cientistas procurem respostas sobre como foi criado o mundo. Para os cabalistas a pergunta é por quê? Nessa edição um físico e um cabalista trocam notas. Os físicos **Dr. Michio Kaku** e **Fred Alan Wolf** e o Cabalista **Rav Berg** discutem as diferenças, e sobretudo as similaridades entre a física e a Cabala.

Toda manhã, o renomado teórico físico **Dr. Michio Kaku** acorda e se pergunta, "*Como Deus criou o universo?*" Pode não ser um ritual matutino para a maioria de nós, mas todos fizemos esta pergunta em algum momento de nossas vidas.

Para o Cabalista **Rav Berg**, descobrir nosso propósito e desvendar os mistérios da natureza não é saber como Deus criou o universo, mas sim de perguntar por quê. "*Se soubermos por que estamos aqui, então saberemos as regras sobre como atingir o objetivo,*" diz **Rav Berg**. "*Mas se não há objetivo, então cada um elaborará suas próprias regras, e ninguém tomará a iniciativa de questionar seu próprio objetivo.*"

O **Dr. Kaku**, que escreveu nove livros sobre como Deus criou o universo, incluindo dois *best sellers* internacionais, acredita que chegar um passo mais próximo de uma resposta é seu propósito na vida. "*Ao desvendar o mistério da criação,*" diz ele, "*um poder semelhante ao de Deus seria depositado nas mãos dos seres humanos.*"

O que significaria possuir o poder de Deus? Significaria ter controle sobre o passado, o presente e o futuro, sobre o tempo e o espaço, para nós individualmente e para o universo em seu todo.

Da busca matemática do **Dr. Kaku**, e da pesquisa do cabalista sobre as verdades místicas das escrituras, à nossa tentativa de achar um emprego melhor para melhor cuidar de nossas famílias, estamos todos tentando descobrir como desvendar os segredos da natureza, a fim de viver melhor e, quem sabe, ajudar os outros nesse objetivo também.

Essa busca logicamente não se limita à comunidade científica. Através da história, todas as religiões do mundo têm tentado responder à questão da criação, e prover um conjunto de orientações sobre como viver uma vida "*boa*" ou melhor.

Tanto para os físicos quanto para o homem comum (não cientista), a descoberta deste significado é um objetivo compartilhado por todos. A única linha divisória entre nós é o meio pelo qual perseguimos esta descoberta, e a linguagem que usamos para revelá-la. Os físicos usam a matemática para resolver os mistérios da natureza. Os religiosos usam as escrituras para prover técnicas de vida na natureza. A similaridade entre as duas abordagens está no desejo de explicar como. A religião tenta prover-nos com orientações sobre como viver (fê), enquanto a ciência tenta nos fornecer explicações para como as coisas funcionam e se relacionam (prova física).

"*Os físicos são limitados, porque estudar relacionamentos de matéria física baseia-se na repetição de experimentos em um laboratório,*" menciona o **Dr. Kaku**. Logo, uma ocorrência inexplicável, como um milagre por exemplo, não pode ser comprovada ou isolada pelos cientistas,

porque o evento não pode ser contido em um laboratório ou mesmo ser replicado. Porém, isto não significa que milagres não ocorram; significa somente que os físicos não conseguem fornecer uma explicação para eles porque a ciência restringiu-se à realidade física, ou ao mundo dos efeitos. (...)

Entra em cena o Cabalista

"Um cabalista pega as evidências de prova física da ciência, mais as doutrinas de estrutura de vida da religião, e empresta um significado a tudo isso. Os insights da Cabala podem transformar meras informações em sabedoria e propósito. A Cabala pode explicar a matemática da física, assim como pode prover uma compreensão mais profunda, espiritual dos ensinamentos literais da religião", afirma o Rav Berg. Em outras palavras, a Cabala nos fornece as ferramentas para entender as linguagens tanto da ciência quanto da religião.

A Teoria do Big Bang

Podemos traçar intrigantes paralelos entre a explicação científica e a interpretação metafórica da Cabala sobre o big bang. A diferença entre os dois é que onde a física esbarra ao lidar com os três segundos após o momento da criação, a Cabala por outro lado lida com o pensamento que precede a ação. A Cabala endereça o nanosegundo antes da criação, identificando assim um propósito e uma intenção. A partir da teoria do big bang, a ciência postula o que ocorreu e como ocorreu. Então, pelos ensinamentos da Cabala, recebemos uma explicação de por que ocorreu -- uma explicação que dá sentido não somente à criação do universo, mas a tudo o que fazemos hoje. Existe uma ligação entre os eventos que ocorrem em nossa vida cotidiana e aquele episódio singular ocorrido há quinze bilhões de anos atrás. (...)

De acordo com os escritos do Rabino Isaac Luria, que viveu no séc. XVI, o universo foi criado do nada a partir de um único ponto de Luz. O nada é chamado Mundo Sem Fim. O Mundo Sem Fim estava pleno de Luz infinita.

A Luz então restringiu-se a um único ponto, criando o espaço primordial. Não há informação além desse ponto. Logo, o ponto é chamado "**o começo.**" Após a contração, o Mundo Sem Fim emitiu um raio de Luz (energia). Esse raio de Luz expandiu-se então rapidamente. Toda matéria emanou daquele ponto.

A Teoria das Cordas

A teoria das cordas ou supercordas postula que toda matéria e energia pode ser reduzida a minúsculas cordas de energia vibrando em um universo de dez dimensões. O **Dr. Kaku**, que escreveu o *best-seller* internacional **Hyperspace (Hiperespaço)**, compara a teoria das cordas com as cordas de um violino. Ele diz que estudando as vibrações ou a harmonia que pode existir em uma corda de violino, pode-se calcular o infinito número de possibilidades de frequências. Assim como uma nota corresponde às vibrações de uma corda de violino, uma partícula subatômica ou "quanta" corresponde a diferentes frequências nas supercordas. Em outras palavras, as "notas" das supercordas são as partículas subatômicas, as "harmonias" das supercordas são as leis da física, e o "universo" pode ser comparado a uma sinfonia de supercordas vibrantes.

Um curioso aspecto das supercordas é que elas podem vibrar somente em dez dimensões, não quatro, porque "mais espaço" é necessário para acomodar tanto a teoria da gravidade de Einstein quanto a física subatômica. *"Para os que a aceitam, esta predição de que o universo começou originalmente em dez dimensões introduz nova e surpreendente realidade matemática, (...)" afirma o Dr. Kaku. "Para seus críticos, ela beira a ficção científica."*

Para nós, que não somos familiarizados com a física, tudo isso pode significar muito pouco. No entanto, de acordo com a Cabala, quando a Luz se contraiu e criou o espaço primordial, ele foi criado em dez dimensões.

Dez graus de separação

(...) O funcionamento dessas dez dimensões compreende um sistema bastante complexo sobre o qual não elaboraremos aqui. Em um nível básico, porém, pense em cada dimensão como uma cortina, todas enfileiradas uma após outra no espaço entre a Luz e o mundo físico onde vivemos. Cada cortina sucessiva gradualmente ofusca o brilho da Luz, de forma que a cortina mais distante quase não deixa passar qualquer Luz. O único resquício de Luz remanescente neste universo obscurecido é a "luz piloto" que sustenta nossa existência. Essa luz piloto é tanto a força da vida de um ser humano, quanto a força que permite o nascimento das estrelas, sustenta o sol e coloca todas as coisas em movimento.

Esta é a estrutura e o sistema que a Cabala usa para descrever o processo pelo qual a energia unificada do **Ein-Sof** (ou Mundo Infinito, Sem Fim) é diversificada e transmitida do mundo superior para os níveis mais abaixo - como a energia se "densifica" em matéria. (...)

Essa estrutura de dez dimensões do universo é a **Árvore da Vida** da Cabala. A Árvore da Vida é formada por dez **Sefirot**, emanções, ou contextualmente, receptores. Tudo o que se manifesta no universo contém as dez **Sefirot**: dez dedos das mãos, dez dedos dos pés, a matemática decimal - todos são reflexos dessa estrutura.

Os paralelos entre a estrutura da **Árvore da Vida** da Cabala e a teoria das cordas prosseguem desse ponto em diante. De acordo com a teoria das cordas, o universo originalmente começou como um universo perfeito de dez dimensões, sem conter coisa alguma. No entanto, esse universo de dez dimensões não era estável. As dez dimensões originais "racharam-se" em dois pedaços (pense em Adão separando-se de Eva: um universo de quatro e seis dimensões). Logo após o instante da criação, seis das dez dimensões se "enroscaram" em uma bola muito minúscula para ser observada. O universo restante de quatro dimensões inflou em uma proporção enorme, tornando-se eventualmente o big bang. Em princípio, isso também explica porque não podemos medir o universo de seis dimensões; ele encolheu a um tamanho menor do que um átomo.

De acordo com a Cabala, os seis dias da criação descritos na Bíblia são um código. O cabalista Rabino **Moses Ben Nachman** que viveu no século doze, explicou que os seis dias da criação na verdade se referem às seis das dez dimensões da Árvore da Vida, que se contraíram e se unificaram em uma dimensão. As quatro dimensões restantes se tornaram o nosso mundo físico, conhecido como **Malchut**, que é feito de três dimensões espaciais, mais uma quarta dimensão temporal.

As seis dimensões são os domínios superiores da Árvore da Vida. Essas seis **Sefirot** - **Chesed**, **Guevurá**, **Tiferet**, **Netzach**, **Hod** e **Yesod** - formam um grupo de energias cósmicas referenciadas coletivamente como **Zeir Anpin**. **Zeir Anpin** e **Malchut** são os canais de energia pelos quais o universo tornou-se fisicamente expresso. As outras três Sefirot são o meio pelo qual a Luz foi trazida a esse mundo. São chamadas **Keter**, **Chochmá** e **Biná**. Elas não afetam nosso mundo físico além de direcionar-lhe a Luz. Essas três superiores são a fonte dos nossos pensamentos, intelecto, imaginação, plenitude e prazer. Quando um físico grita "Eureca", aquele *flash* repentino de *insight* que propiciou a resposta origina-se dessas três **Sefirot** superiores.

Similar à explicação na teoria das cordas de que as seis dimensões enroscaram-se em uma bola tão minúscula a ponto de não poder ser observada pelos humanos, a Cabala também explica que nossa existência em **Malchut**, ou o domínio físico, nos impede de acessar as outras dimensões com os nossos cinco sentidos. Somente através da evolução espiritual - o processo de receber para compartilhar, pelo qual nossa natureza assume um maior grau de similaridade com a Luz - é que **Malchut** se eleva para tornar-se mais próxima às dimensões superiores seguintes. (...)

Capítulo XXI

O Vav Conjuntivo

Na língua portuguesa, quando desejamos unir palavras e orações, usamos uma **conjunção** (partícula que liga duas orações ou partes coordenadas da mesma oração).

Na língua hebraica, a conjunção com esta finalidade chama-se **Vav Conjuntivo** (ו). Neste capítulo estudaremos a função e as formas do **Vav Conjuntivo**.

Em primeiro lugar, observe a seguinte expressão:

אִישׁ וְאִשָּׁה – 'iysh ve'isháh (um homem e uma mulher)

Temos aqui duas palavras já conhecidas: אִישׁ ('iysh – homem) e אִשָּׁה ('isháh – mulher). Entre as duas palavras e ligado à segunda aparece o **vav conjuntivo** (ו).

Esta é a forma comum da conjunção em Hebraico, constituída da consoante **vav** (ו) e de um shevá simples (ך).

Exercício N° 26

Marque com X as palavras abaixo que têm o **vav conjuntivo**:

1 - () מוֹרָה וְתֵלְמִיד

2 - () מֹשֶׁה יוֹסֵף

3 - () לֶחֶם יֵין

4 - () כָּל בֶּן וְגַמֵּל

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Retomemos o exemplo inicial, com as palavras “homem” e “mulher” unidos pelo **vav conjuntivo**:

אִישׁ וְאִשָּׁה – *'iysh ve'isháh* (um homem e uma mulher)

Vemos neste caso que o **vav conjuntivo** está unindo duas palavras. Além dessa função principal, ele pode unir orações, como você verá em volumes futuros, quando estudarmos alguns textos bíblicos.

O **vav conjuntivo** sempre aparece unido à palavra que ele **precede**.

Por exemplo:

וְאִשָּׁה – *ve'isháh* (e uma mulher)

Assim como o artigo, o **vav conjuntivo** tem uma forma comum, sofrendo modificações apenas em sua pontuação.

Veja os seguintes exemplos:

(1) אָב וָאִם – *'av va'êm* – pai e mãe

(2) אֲרִי וְדָב – *'aríy vadôv* – leão e urso

(3) גָּמַל וְכֶלֶב – *gamál vakhélev* – camelo e cão

Nestes casos o **vav conjuntivo** tem a forma וְ (**va**) porque a sílaba que ele precede é **tônica** (monossílabas e palavras paroxítonas são casos tônicos em Hebraico – não há proparoxítonas).

Exercício Nº 27

Copie as palavras abaixo em seu caderno de exercícios, acrescentando o **vav conjuntivo**, sabendo que quando as sílabas iniciais são tônicas a forma é diferente da comum. Observe na pronúncia transliterada se a palavra é paroxítona, monossílabo ou oxítona. Apenas em palavras oxítonas a forma do **vav conjuntivo** é a normal.

1 - כֶּסֶף (*Késef* - “prata, dinheiro”)

2 - גָּמַל (*Gamál* - “camelo”)

3 - לֶחֶם (Léhem - “pão”)

4 - אָב (Av - “pai”)

5 - תַּלְמִיד (Talmid - “aluno, discípulo”)

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Considere agora os seguintes exemplos:

(1) הוּא וְאֲנִי (hu' va'aníy - “ele e eu”)

(2) יַעֲקֹב וְאֵלִי עֶזֶר (Ya'aqôv ve'Eliy'ézer - “Jacó e Eliezer”)

(3) עֲמַל וְחֹלִי (Amál vóHolíy - “sofrimento e doença”)

Conforme estes exemplos, observamos que o **vav conjuntivo** recebe a vogal correspondente à do shevá composto, ou seja:

Quando a primeira vogal da palavra é ֶ , o vav conjuntivo é וְ (va);

Quando a primeira vogal da palavra é ֵ , o vav conjuntivo é וֵ (vé);

Quando a primeira vogal da palavra é ֹ , o vav conjuntivo é וֹ (vó).

Na palavra **Deus** (אֱלֹהִים – 'Elohiým) temos uma exceção. O vav conjuntivo recebe a vogal **Tserê** e não **Seghól**, desaparecendo o **shevá** composto:

Ao invés de אֱלֹהִים (vé-'elohiým) ou mesmo de וְאֱלֹהִים (vé-'elohiým), escreve-se a forma וְאֵלֹהִים (ve'lohiým - “e Deus”). Há algumas outras exceções de menor importância que não mencionaremos, mas que aparecem especificadas nos dicionários de hebraico bíblico.

Exercício N° 28

Copie as palavras que seguem, colocando o **vav conjuntivo** em sua forma correspondente. Aproveite para tentar ler estas palavras.

1 - אֲרִי (“leão”) -

2 - אֵמֶת (“verdade”) -

3 - אֲנִיָּה (“navio”) -

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Agora observe os seguintes exemplos:

(1) אָב וְיָבִן (‘av uvên - “pai e filho”)*

(2) יוֹסֵף וּמֹשֶׁה (Yôsef uMoshéh - “José e Moisés”)

(3) אֱלִיעֶזֶר וּפִינְחָס (‘Eliy’ézer uFiynhas - “Eliezer e Finéias”)**

* A palavra בֵּן (bên) é lida como וְיָבִן (vên) porque, sendo precedida pelo **vav conjuntivo**, não deve receber **dagesh**.

** A palavra פִּינְחָס (Piynhás) é lida como וּפִינְחָס (Fiynhás) porque, sendo precedida pelo **vav conjuntivo**, não deve receber **dagesh**, também mudando sua pronúncia. Esta regra é aplicável a todas as consoantes duplas, pertencentes ao grupo **Begadkefat** - כּ פּ תּ בּ גּ דּ. Isso significa que a **pronúncia** das palavras iniciadas por estas consoantes sempre **muda** quando se liga a elas o **vav conjuntivo** ou outras partículas unidas diretamente.

Nos três exemplos com o **vav conjuntivo** apresentados acima temos **consoantes labiais** iniciando as palavras. Quando isso acontece, o **vav conjuntivo** tem a forma וְ.

Esta mesma norma aplica-se às palavras iniciadas com um **shevá** vocálico.

Por exemplo:

וּדְבָרִים (udevaríym - “e palavras”)

Veja ainda os seguintes exemplos sem o **vav conjuntivo** (coluna 1) e com ele (coluna 2):

(1)

יְהוּדָה (Yehudáh - “Judá”)

יְהוֹשֻׁעַ (Yehoshúaḥ - “Josué”)

(2)

וַיְהוּדָה (viyhudáh - “e Judá”)

וַיְהוֹשֻׁעַ (viyoshúaḥ - “e Josué”)

Conforme estes exemplos, o **vav conjuntivo** toma a forma וְ (vi) quando aparece diante de palavras iniciadas com a consoante **yod** (י), que tem um **shevá** vocálico. O **shevá** vocálico desaparece, ficando somente a consoante.

Recapitulando, as sete formas possíveis do **vav conjuntivo** que você deve procurar fixar são:

Forma comum: וְ (ve)

Forma antes de sílabas iniciais tônicas: וַ (va)

Forma antes de shevá composto de pathaḥ: וּ (vu)

Forma antes de shevá composto de seghôl: וֹ (vô)

Forma antes de shevá composto de qámets: וֶ (vé)

Forma antes de consoante labial: וּ (u)

Forma antes de yod com shevá vocálico: וְ (vi)

Vocabulário

אֲנִיָּה - 'Oníyah, “navio”

גָּמַל - Gamál, “camelo”

כֶּלֶב - Kélev, “cão”

דֹּב - Dôv, “urso” [tb. se escreve דָּוֵב]

פָּרָה - Paráh, “vaca”

תַּלְמִיד - Talmíyd, “aluno, discípulo”

מֹרֶה - Moréh, “mestre, professor”

לַיְלָה - Laylah, “noite”

כֹּל - Kôl, “todo, totalidade”

לֵב - Lév, “coração”

Capítulo XXII

Preposições inseparáveis - לְ, כִּי, בְּ

Na língua portuguesa são usadas diversas preposições. Uma **preposição** é uma palavra invariável que liga partes da proposição dependentes umas das outras, estabelecendo entre elas diferentes relações. Em Português, exemplos de preposição são: em, por, a, para, como, conforme, diante de, etc.

Em Hebraico também são várias as preposições. Algumas delas são chamadas de **inseparáveis** porque aparecem unidas às palavras que precedem. Neste capítulo estudaremos as **preposições inseparáveis**.

Leia e observe as seguintes palavras na **Coluna 1** e na **Coluna 2**, e observe as diferenças:

(1)

שָׁלוֹם (shalôm - “paz”)

דָּבָר (davár - “palavra”)

קוֹל (qôl - “voz”)

(2)

בְּשָׁלוֹם (beshalôm)

כִּדְבָר (kedhavár)

לְקוֹל (leqôl)

Na **Coluna 2** temos consoantes prefixadas às palavras קוֹל, דְּבָר, שָׁלוֹם.

Estas três consoantes לְ, כִּי, בְּ (com **shevá** simples) são as principais preposições inseparáveis, em Hebraico.

Elas correspondem às seguintes preposições em Português:

בְּ

- [Preposição enclítica] Em, dentro de; em meio de, entre; como (na qualidade de, na condição de); em companhia de, junto com; por meio de; por (indicando preço); de (indicando a matéria); por causa de; quando, enquanto (em orações introduzidas por infinitivo).

כִּי

- [Partícula de comparação] Como, tanto quanto, cerca de, correspondente a, segundo, conforme.

לְ

- (Só aparece como) *Preposição que expressa um ser, estar ou acontecer em direção a*, oposto a, para, *podendo ser reproduzida por: (em sentido local)* para, a, em direção a, junto a; *(temporal)* até, em torno de, por volta de, quando de, ao, depois de, no espaço de; *(em lugar do dativo)* em relação a, no tocante a, para; a fim de, com o objetivo de, para; a respeito de, sobre; por causa de. Além disso, pode expressar ênfase e, para certos verbos, o acusativo.

A tradução mais adequada para as palavras com preposição apresentadas anteriormente é:

בְּשָׁלוֹם (*beshalôm*) - “em paz”;

כְּדָבָר (*kedhavár*) - “para uma voz”;

לְקוֹל (*leqôl*) - “conforme uma palavra”.

Nota: Como se pode observar, as três preposições inseparáveis acima possuem **shevá** audível, como um “e” fraco. No primeiro exemplo, a pronúncia correta seria um meio termo entre “*bshalôm*” e “*be-shalôm*”. Algumas gramáticas representam este **shevá** audível na forma “*b.shalôm*”, para enfatizar seu caráter de um “e” bem fraco.

Exercício Nº 29

Marque com um X as palavras seguintes que têm uma preposição inseparável. Confira a resposta certa na próxima página:

1 - () בְּעִיר (*be'iyir*)

2 - () דְּבָרִים (*devariym*)

3 - () בָּשׁוֹל (*bashol*)

4 - () בְּשֵׁם (*beshem*)

5 - () לֵבָן (*leven*)

6 - () כְּאֵיִל (*ke'ayyal*)

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Assim como o **artigo** (ׁ) e o **vav conjuntivo** (׀), as **preposições inseparáveis** também possuem uma forma comum (בִּ - כִּ - לִּ) e outras que apresentam modificações em sua pontuação vocálica.

Por exemplo, observe as seguintes palavras:

(1) בִּלְבָב - *bi-leváv* ou *bi-l.vav* (“em um coração”)

(2) לְמַבֵּל קָהָה - *li-mevullaqáh* ou *li-m.vullaqáh* (“para uma destruição”)

(3) כְּבִרְיֹת - *ki-veríyth* ou *ki-v.ríyth* (“conforme uma aliança”)

Nestas palavras, a alteração verificada em suas preposições inseparáveis resulta da presença de um **shevá simples** na consoante **inicial**.

Nota: No caso de palavras iniciadas com **yod** (י) e **shevá simples**, quando prefixadas com preposição, o shevá simples **desaparece** e o yod **silencia**.

Exemplo: יְהוּדָה (Yehudáh - “Judá”) e לְיְהוּדָה (*liYhudáh* - “a/para Judá”) ou בְּיְהוּדָה (*biYhudáh* - “em Judá”).

Observe também as seguintes palavras com preposições:

(1) בַּאֲנִיָּה - *bó-'óníyyah* (“em um navio”)

(2) כַּאֲרִי - *ka-'aríy* (“como um leão”)

(3) לְאֹכֶל - *lé-'ékhôl* (“para alimento”)

(4) לְחֹלִי - *ló-'hólíy* (“para uma doença”)

Nestes exemplos as preposições recebem as mesmas vogais inteiras que os shevás compostos das palavras que precedem. É uma regra fácil de se guardar. Exclui-se o **shevá** e coloca-se a vogal correspondente.

Nota: Na palavra **Deus** (אלהים – 'Elohiym) com a preposição inseparável לְ, o shevá composto desaparece e a preposição recebe a vogal **tserê** (ֵ):

לְ אֱלֹהִים – *le'lohiym* (“para Deus”).

Quando a **preposição inseparável** precede uma palavra que tem a **sílaba inicial tônica** (caso dos monossílabos ou das paroxítonas), ela recebe a vogal **qamets gadhol** (ֹ).

Por exemplo:

(1) כֶּם (*kém*, “vós”) e לְכֶם (*lakhém* - “para vós”)

(2) מַיִם (*máyim*, “água[s]”) e בַּמַּיִם (*bamáyim* - “na[s] água[s]”)

(3) מַה (*mah*, “o que?”) e לְמַה (*lamáh* - “por que?”)

(4) מֹהַר (*môhar*, “dote”) e לְמֹהַר (*lamôhar* - “como/conforme o dote”)

(5) דּוֹב (*dôv*, “urso”) e לְדּוֹב (*ladôv* - “como um urso”)

Veja ainda as seguintes palavras com preposições inseparáveis nas Colunas 1 e 2:

(1)

הַיּוֹם (*hayyôm* - “o dia”)

הָרֹאשׁ (*harô'sh* - “a cabeça”)

הַחֵג (*héhagh* - “a festa”)

(2)

בַּיּוֹם (*bayyôm* - “no dia”)

כַּרֹּאשׁ (*karô'sh* - “conforme a cabeça”)

לַחֵג (*léhagh* - “para a festa”)

Na Coluna 1 temos as palavras com **artigo** (הַ) e na Coluna 2 elas foram acrescidas de preposição. No caso, a vogal do artigo permanece, enquanto que a sua consoante (ה) desaparece.

Ou seja, conforme o primeiro exemplo:

בַּיּוֹם (bayyôm - “no dia”) = יוֹם + הָ + בְּ (em + o + dia)

Exercício Nº 30

Escreva as preposições indicadas entre parênteses nas palavras com artigo abaixo, conforme a regra que acabamos de estudar.

1 - (הָ) הַקּוֹל fica _____

2 - (הָ) הַדְּבָרִים fica _____

3 - (בְּ) הַדְּבָרִים fica _____

4 - (הָ) הַסּוּסִים fica _____

5 - (בְּ) הָאָדָם fica _____

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Além destas três preposições, o Hebraico tem mais uma que em alguns casos aparece separada da palavra que segue. Trata-se da preposição -

מִן – [min]: Formas paralelas מִנִּי (minnáy), מִנֵּי (minê-); normalmente na forma מִן (min-) antes de artigo; geralmente assimilado, como em מִבֶּן (mibên, “do filho”) - de (sentido básico); de (espacial); de (temporal), desde (o tempo de); logo após; depois; em (o tempo em que algo acontece); por causa de; de = por vontade de; por (agente da voz passiva); em consequência de, por causa de.

Quando esta preposição está ligada à palavra que segue, ela aparece na forma: מִ (a consoante **mem**, a vogal **híreq** e o **dagesh forte** na consoante seguinte).

Por exemplo:

מִמָּקוֹם (mimmaqôm - “de um lugar”)

מִמַּיִם (mimmáyim - “de águas”)

Nota: Se a consoante inicial da palavra for **yod** (י), este silencia: יְהוּדָה (Yehudáh, “Judá”) e מִיְהוּדָה (miYhudáh, “de Judá”).

Observe também os seguintes exemplos:

(1) מֵאִישׁ (*me'iysh* - “de um homem”)

(2) מֵעֵץ (*me'ets* - “de uma árvore”)

Conforme estes exemplos, a referida preposição passa a ter a forma מֵ (*me*) quando diante de uma consoante gutural (א ה ח ע) ou do *rêsh* (ר).

Nas palavras com **artigo**, a preposição מִן (*min*) aparece na sua forma normal (a consoante **mem**, a vogal **hîreq** e o **nun final**) ligada à palavra que segue por meio do sinal já estudado chamado **maqfêf** (־).

Por exemplo:

(1) מִן-הַקּוֹל (*min-haqqôl*, “da voz”)

(2) מִן-הָעִיר (*min-ha'îyr*, “da cidade”)

(3) מִן-הַמֶּלֶךְ (*min-hammélekh*, “do rei”)

Nota: Em alguns casos de exceção pode aparecer a forma מֵ (*me*) antes de uma palavra com um artigo.

Por exemplo: מֵהָעֵץ (*me-hé-êts*, “da árvore”).

Capítulo XXIII

Gênero e Número dos Substantivos

Nos vocabulários dos capítulos anteriores listamos vários substantivos dentre os mais utilizados no texto hebraico da Bíblia – a *Torah* judaica. Agora, estudaremos o gênero e o número dos substantivos hebraicos.

Iniciemos recordando os seguintes substantivos já estudados em vocabulários dos capítulos anteriores:

(1) אִישׁ (*iysh*) - “homem”;

(2) סוס (*sus*) - “cavalo”;

(3) מֶלֶךְ (*mélekh*) - “rei”;

(4) יָד (*yádh*) - “mão”;

(5) אָב (*av*) - “pai”.

Exercício Nº 31

Copie as palavras seguintes com a preposição מֵן:

1 - הַשָּׁלוֹם _____

2 - אִישׁ _____

3 - קוֹל _____

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Vocabulário

חַג (*hagh*) – Festa

בַּרְזֵל (*barzél*) – Ferro

קִיר (*qiyṛ*) – Parede, muro

שֻׁלְחָן (*shulhán*) – Mesa

מֵאֹד (*me'ôdh*) – Força (Subst.)

עֹלָה (*'oláh*) – Holocausto

נָחָשׁ (*naḥásh*) – Cobra, serpente

נֶפֶשׁ (*néfesh*) – Alma, vida

רוּחַ (*rúah*) – Espírito, sopro, vento

בְּרִית (*beríyth*) – Aliança, pacto

Exercício N° 32

Traduza para o Português:

1 - מִן־הַיּוֹם _____

2 - בְּבְרִית _____

3 - לְקוֹל _____

[Confira a resposta no final do livro, na seção “Exercícios – Respostas”]

Em Hebraico há dois gêneros: o masculino e o feminino. Em alguns casos, o Hebraico tem uma forma para indicar os seres do sexo masculino e outra para indicar os do sexo feminino.

É o caso do exemplo abaixo:

(1) Pai: אָב – 'av

(2) Mãe: אִמָּה – 'êm

(1) Filho: בֵּן - 'bên

(2) Filha: בַּת – bath

Além destes exemplos, ainda podemos apresentar outros:

(1) עֶבֶד ('éved - “servo”) e אַמָּה ('amáh - “serva”)

(2) חֲמוֹר ('hamôr - “jumento”) e אֲתוֹן ('athôn - “jumenta”)

(3) אֵיל ('aíyl - “carneiro”) e רֹחֵל ('rahêl - “ovelha”)

Em outros casos, o feminino é formado por uma desinência (sufixo), acrescentada à palavra. Veja o seguinte exemplo:

(1) סוּס ('sus, “cavalo”)

(2) סוּסָה ('susáh, “égua”)

Conforme o exemplo acima, o feminino pode ser formado pelo acréscimo da desinência ao final הָ (-ah) da palavra masculina.

Ao ser transformadas em suas versões femininas, algumas palavras masculinas sofrem modificações em suas vogais. Outras não:

(1) אִישׁ ('iysh - “homem”) e אִשָּׁה ('isháh - “mulher”);

(2) פָּר ('par - “touro”) e פָּרָה ('paráh - “vaca”);

(3) דָּג ('dagh - “peixe” [masc.]) e דָּגָה ('dagháh - “peixe” [fem.]);

(4) טוֹב ('tôv - “bom”) e טוֹבָה ('továh - “boa”).

Além desta desinência, há uma outra mais antiga que também é usada para indicar o feminino. Observe os exemplos abaixo:

(1) דַּעַת – dá'ath, “conhecimento”;

(2) שׁוֹמֶרֶת – shoméreth, “(a) guarda, (a) vigia”;

(3) רֵאשִׁית – *re'shíyth*, “princípio, começo”;

(4) נַחֲלָת – *naḥaláth*, “propriedade, posse”;

(5) מַלְכוּת – *malkhúth*, “reino, realeza”.

Conforme estes exemplos, o feminino também pode aparecer com a desinência formada pela consoante ת (*tav*).

Quanto ao número, os substantivos hebraicos podem estar no **singular**, no **plural** ou no **dual**. Singular e plural não oferecem qualquer dificuldade. Mas **dual** não possuímos em Português, e requer uma explicação:

Em Hebraico, **Dual** é o **plural de coisas que aparecem aos pares** na natureza (olhos, mãos, pés, orelhas, narinas, lábios, braços, pernas, etc.), mas também pode referir-se a coisas que o interlocutor deseja apresentar aos pares num relato específico (neste caso, qualquer substantivo pode ter sua forma no dual).

Desta forma, poderíamos dizer:

1 - “Você, aí!” [singular]

2 - “Vocês, aí!” [plural]

3 - “Vocês dois, aí!” [dual]*

* Em Português, quando dizemos “vocês”, sempre se trata de **plural**. Em Hebraico, dependendo da forma como se escreve, equivalerá a **plural** (“vocês”) ou **dual** (“vocês dois”). O dual não existe apenas em Hebraico. O Sânscrito, por exemplo, também utiliza este número, além de diversas outras línguas, das mais variadas famílias lingüísticas.

Compare abaixo a palavra “cavalo”, no singular e no plural:

סוס – *sus*, “cavalo” e סוסיים – *susíym*, “cavalos”

A diferença está na desinência ים (*-íym*), que indica o plural de um substantivo **masculino**. Ao passar para o plural, freqüentemente as palavras sofrem alterações em suas vogais, como nos exemplos abaixo:

(1) פַּר – *par*, “touro” e פָּרִיִּים – *paríym*, “touros”

(2) דְּבָרַיִם - *devaríym*, “palavras” e דָּבָר - *davár*, “palavra”

(3) יְלָדִים - *yeladhíym*, “crianças” e יֶלֶד - *yéledh*, “criança”

O plural **feminino** também é formado por uma desinência. Veja o exemplo abaixo:

סוּסוֹת - *susôth*, “éguas” e סוּסִים - *susíym*, “cavalos”

Conforme o exemplo anterior, o plural do feminino é formado pela desinência וֹת (-*ôth*).

Palavras femininas no plural também podem sofrer ou não modificações na vocalização original:

(1) דּוֹרוֹת - *dorôth*, “gerações” e דּוֹר - *dôr*, “geração”

(2) שָׂרוֹת - *sarôth*, “princesas” e שָׂרָה - *saráh*, “princesa”

(3) פָּרוֹת - *parôth*, “vacas” e פָּרָה - *paráh*, “vaca”

Assim, o plural feminino é formado pela desinência וֹת (-*ôth*), enquanto que o plural masculino é formado pela desinência יִם (-*íym*), ambos sufixados ao final da palavra.

Assim, temos, no caso dos exemplos abaixo:

(1) פָּרָה (paráh, “vaca”), פָּר (par, “touro”),

פָּרוֹת (parôth, “vacas”) e פָּרִים (paríym, “touros”)

(2) שָׂרָה (saráh, “princesa”), שָׂר (sar, “príncipe”),

שָׂרוֹת (sarôth, “princesas”) e שָׂרִים (saríym, “príncipes”)

Para as coisas que aparecem aos pares na natureza, o Hebraico tem a forma **dual**, representada também por uma desinência.

Veja o exemplo abaixo:

יָד (yádh, “mão”), יָדַיִם (yadhíym, “mãos”)
e יָדַיִם (yadháyim, “[duas] mãos” - dual)

Conforme este exemplo, uma palavra no **dual** tem sempre a desinência יָיִם (-áyim), que é neutra (serve para masculino e feminino), e que não deve ser confundida com a do plural masculino, que é יִים (-íym).

Outros exemplos:

- (1) אוֹז (’ôzen, “orelha”) e אוֹזַיִם (’oznáyim, “[duas] orelhas”)
(2) שָׁפָה (safáh, “lábio”) e שְׁפָתַיִם (sefatháyim, “[dois] lábios”)
(3) עֵין (’áyin, “olho”) e עֵינַיִם (’enáyim, “[dois] olhos”)

Como se pode perceber, em todos os exemplos acima ocorreu uma modificação na vocalização original das palavras.

Os motivos destas modificações serão vistos mais adiante, mas têm a ver com a etimologia, as regras de vocalização e com o fenômeno chamado “construto e absoluto”, que estudaremos em outro volume.

Finalmente, vamos observar os seguintes casos sobre o gênero dos substantivos hebraicos, incluindo algumas exceções:

- (1) Há palavras **masculinas** que recebem a desinência do plural **feminino**.

Por exemplo: אָב (’av - “pai”) e אֲבוֹת (’avôth, “pais”)

- (2) Há palavras **femininas** que recebem a desinência do plural **masculino**.

Por exemplo: יוֹנָה (yonáh - “pomba”) e יוֹנִים (yoníym - “pombas”)

- (3) Há palavras que podem receber tanto o plural **masculino** quanto o **feminino**.

Por exemplo: דּוֹר (dôr - “geração”): דּוֹרִים (doriym, “gerações”) e דּוֹרוֹת (dorôth, “gerações”)

(4) Há palavras que só aparecem no **plural** ou mesmo apenas no **dual**.

Por exemplo: שָׁמַיִם (*shamáyim*, “céus” - na verdade, **dual**, referindo a “dois céus”, conforme descrito em Gênese, cap. 1); מַיִם (*máyim*, “águas” - na verdade, **dual**, referindo a “águas de cima” e “águas de baixo”, conforme descrito em Gênese, cap. 1); פְּנֵים (*paníym*, “faces”).

Capítulo XXIV

Primeiras noções de Aramaico

A **língua aramaica**, um idioma com alfabeto próprio e com uma história de mais de **três mil anos**, é um idioma semítico usado pelos povos que habitavam o Oriente Médio. Seu alfabeto foi adotado por reis e imperadores durante séculos para transcrever a gerações futuras o modo de administração de seus antigos impérios e também os rituais usados em adorações de divindades.

O **aramaico** é a língua original em que foram escritos, por exemplo, os livros bíblicos de **Daniel**, **Esdras** e também uma edição e outra reedição do **Talmud**, textos que formam as bases das três religiões dominantes no mundo – Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

Pertencendo à família das línguas **afro-asiáticas**, o aramaico é classificado no subgrupo das línguas **semíticas**, à qual também pertencem o **árabe** e o **hebraico**.

O aramaico foi, possivelmente, a língua falada por **Jesus** e ainda hoje é a língua materna de algumas pequenas comunidades no Oriente Médio, especialmente no interior da Síria, tendo cerca de **445 mil** falantes.

Alguns pesquisadores teorizam que a palavra "**aramau**" venha do termo אַרָם (*arám*), nome do quinto filho de **Sem**, o primogênito de **Noé** (Gênesis, 10.21). No entanto, o estudo das expressões de que dispõe o hebraico clássico, composto apenas de consoantes, não nos permite arriscar qualquer significado fonético para encontrar a raiz do significante. A Antropologia sugere que a expressão *aramaico* tenha um vínculo com uma tribo de beduínos salteadores que habitavam as regiões montanhosas. Assim, **harame** em árabe, que refere-se ao termo "salteador", há 5000 anos sofreu algumas mudanças no prefixo *ha* sem a letra h, transformando-se no nome atual.

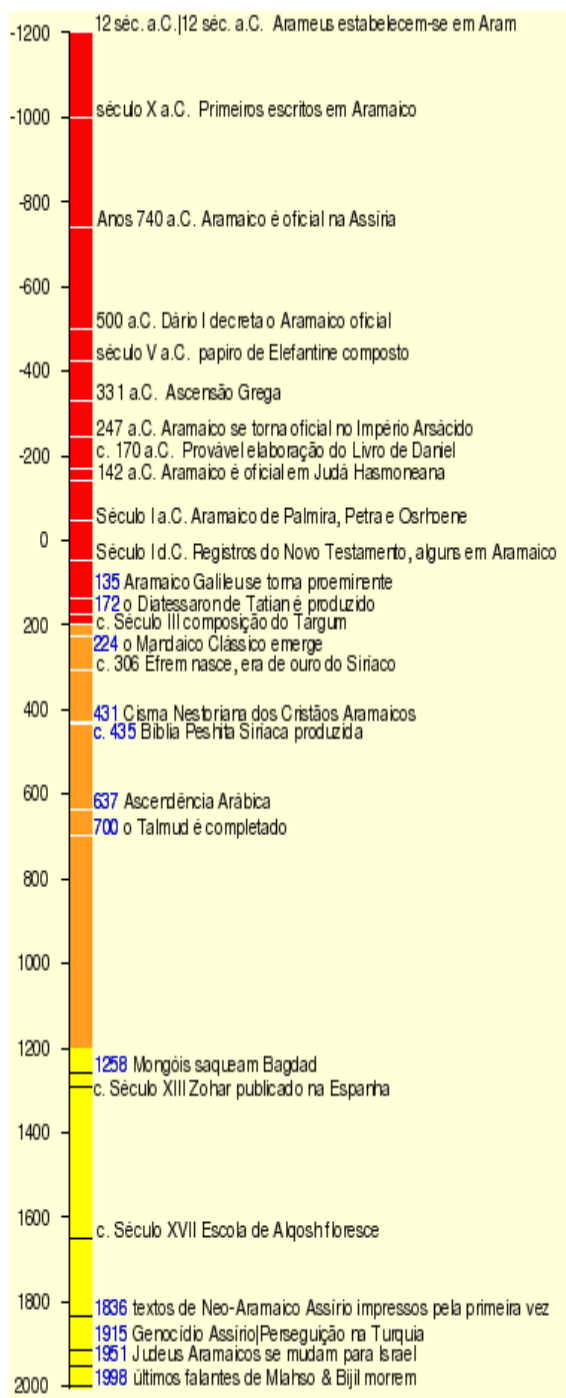
Hoje o aramaico é o elo na cadeia fônica entre o árabe moderno e o hebraico primitivo no que diz respeito à pronúncia das 22 consoantes sem vogais do alfabeto hebraico.

Diferente do hebraico, um alfabeto meramente decorativo, somente visto em obras de arte, monumentos e tapeçarias, o aramaico sempre foi uma língua ativa no interior da Síria, e sua longevidade se deve ao fato de ser escrito e falado pelos aldeões cristãos que durante milênios habitavam as cidades ao norte de Damasco, capital da Síria.

Durante o **século XII a.C.**, os **arameus**, os originais falantes do aramaico, começaram a se estabelecer em grande número nas regiões onde atualmente situam-se a **Síria**, o **Iraque** e a **Turquia oriental**. Adquirindo grande importância, passou a ser falado por toda a costa mediterrânea do Oriente. A partir do **século VII**, o aramaico, que era utilizado como língua franca no Oriente Médio, foi substituído pelo **árabe**. Entretanto, o aramaico continua sendo usado, literária e liturgicamente, entre os judeus e alguns cristãos. Guerras e dissensões políticas nos dois últimos séculos ocasionaram a dispersão de inúmeros indivíduos que se utilizam do aramaico como língua materna pelo mundo.

A história do aramaico pode ser dividida em três períodos:

- **Arcaico** (1100 a.C. - 200 D.C.), incluindo: O aramaico bíblico do Hebraico (Daniel, Esdras, etc.); o Aramaico dos tempos de Jesus; o Aramaico dos Targums.
- **Aramaico Médio** (200 - 1200), incluindo: Língua Siríaca literária; o Aramaico do Talmud e do Midrashim.
- **Aramaico Moderno** (1200 – presente).



(Classificação baseada – figura acima – in **Beyer, Klaus** [1986]. *The Aramaic language: its distribution and subdivisions*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht.)

Dialetos aramaicos

Os dialetos regionais do oeste do Aramaico seguiram um curso similar àqueles do leste. Eles são muito diferentes dos dialetos do leste e do Aramaico Imperial. As línguas semitas da Palestina rumaram ao Aramaico durante o século IV a.C. A língua Fenícia, contudo, seguiu até o século I a.C..

A forma do Aramaico Antigo Ocidental Recente usado pela comunidade judaica é mais bem atestada e geralmente chamada de **Antigo Palestino Judeu**. Sua forma mais antiga é o **Antigo Jordaniano do Leste**, que provavelmente vem da região da cidade de *Cesaréia de Filipo*. Essa é a língua do manuscrito mais antigo do livro apócrifo de **Enoque** (c. 170 a.C.). A próxima fase distinta da língua é chamada de **Velho Judaico** (séc. II d.C.). Literaturas do Velho Judaico podem ser encontradas em várias inscrições e cartas pessoais, citações preservadas no **Talmud** e recibos de **Qumran**. A primeira edição de **Guerra Judaica** do historiador **Flávio Josefo** foi escrita em Velho Judaico.



O dialeto de Jesus

Sete dialetos do Aramaico Ocidental eram falados na época de Jesus, e eram provavelmente distintos, ainda que inteligíveis entre si. Entre os mais importantes, temos:

O Velho Judaico era o dialeto de **Jerusalém** e da **Judéia**. A **Samarita** tinha o Aramaico Samaritano distinto, onde as consoantes 𐤀 (hê), 𐤁 (heth) e 𐤂 ('áin) todas se tornaram pronunciadas como 𐤀 ('álef). O Aramaico Galileu, a língua da região natal de Jesus, só é conhecida de alguns poucos lugares, de alguma literatura dos rabinos e umas poucas cartas privadas. A leste do Jordão, os vários dialetos de Jordânia Oriental eram falados. Na região de Damasco e no Líbano, o Aramaico Damasceno era falado (deduzido na sua maioria do Aramaico Ocidental Moderno).

Além desses dialetos do Aramaico, o Grego era usado extensivamente nos centros urbanos. Há pouca evidência do uso do Hebraico durante esse período. Algumas palavras em Hebraico continuaram como parte do vocabulário aramaico judeu (em sua maior parte palavras religiosas, mas também algumas do cotidiano, como 𐤀𐤂𐤅𐤍, 'êts - árvore) e a língua escrita do **Tanakh** era lida e entendida pelas classes cultas. Contudo, o Hebraico deixou de ser a língua do dia a dia. Ademais, as várias palavras no contexto Grego do Novo Testamento que não são traduzidas, são claramente Aramaico ao invés de Hebraico. Tirando da pouca evidência que existe, esse Aramaico não é o Aramaico Galileu, mas o Velho Judeano. Isso sugere que as palavras de Jesus foram transmitidas no dialeto da Judéia e Jerusalém ao invés do de sua cidade natal.

Evolução do Aramaico após o Séc. III d.C.

O **Séc. III d.C** é tido como o limiar entre o Aramaico Antigo e o Médio. Durante aquele século, a natureza das várias línguas aramaicas começou a mudar. As descendentes do Aramaico Imperial deixaram de existir como línguas vivas e as línguas regionais do leste e oeste começaram a formar literaturas novas e vitais. Diferente de muitos dos dialetos do Antigo Aramaico, muito se sabe do vocabulário e gramática do Aramaico Médio.

O **Siríaco Médio** é, até hoje, a linguagem clássica, literária e litúrgica dos **Cristãos Siríacos**. Sua época de ouro foi do séc. IV ao séc. VI. Esse período começou com a tradução da Bíblia nessa língua: a **Pechita** e a prosa e poema de mestre de **Éfrem, o Sírio**. O Siríaco Médio, diferentemente de seu ancestral, é uma língua completamente cristã, embora com o tempo tenha se tornado a língua dos que se opuseram à liderança Bizantina da Igreja, no leste. A atividade missionária levou a espalhar o Siríaco pela Pérsia, até a Índia e China.

O **Médio Judeu Babilônico** é a língua do **Talmud Babilônico** (que foi completado no Séc. VII). Apesar de ser a principal língua do **Talmud**, em seu conjunto, vários trabalhos em Hebraico (reconstruído) e dialetos mais antigos do Aramaico são cuidadosamente dispostos. O **Médio Judeu Babilônico** é também a língua por trás do **sistema Babilônico de apontamento** (marcando as vogais em um texto que seria primordialmente escrito somente com consoantes) da **Bíblia Hebraica** e o seu **Targum**.

A língua dos Cristãos que falavam o aramaico do ocidente (o **Aramaico Palestino Cristão**) é evidenciada como sendo do Séc. VI, mas existia pelo menos desde o Séc. IV. A língua vem do Velho Cristão Palestino, mas suas convenções de escrita foram baseadas no antigo Siríaco Médio e foi muito influenciada pelo grego. O nome Jesus, apesar de **Yeshú** em aramaico, é escrito **Yesús** em Cristão Palestino.



O nome de **Jesus** escrito em Aramaico: *Yoshua* (יֵשׁוּעַ)

A importância do Aramaico no estudo da Cabala

O que chamamos de “Aramaico” é, não podemos deixar de esclarecer, um **grupo** quase que totalmente extinto de **dialetos** semíticos aparentados com o hebraico, com o qual se assemelham muito. Sua semelhança estende-se ao alfabeto escrito, que parece um tipo de hebraico e também se escreve da direita para a esquerda.

O Aramaico foi o primeiro idioma falado da sociedade na Era talmúdica. Assim, o **Talmud** é escrito em Aramaico, embora transliterado para o alfabeto hebraico da direita para a esquerda, como também acontece com os livros e trechos bíblicos escritos em língua aramaica. Ou seja, o aramaico bíblico é escrito com o alfabeto e as vogais do hebraico bíblico.

Além do **Talmud**, há diversos outros livros judaicos escritos em Aramaico: grande parte do Livro de **Daniel**, bem como o já comentado **Sefer Ha-Zohar** (Idade Média), e outros livros da Cabala.

Como se pode ver, é importante o estudo do Aramaico para quem queira estudar os textos da **Cabala**. Contudo, é necessário estudar e conhecer muito bem o idioma Hebraico primeiro, pois toda a literatura cabalística e talmúdica escrita em aramaico se remete ao texto hebraico da **Torah**, que deve ser conhecido, por ser o texto de base do misticismo judaico por excelência. Além disso, dadas as semelhanças entre as duas línguas – **Hebraico** e **Aramaico** – é natural que se estude o Hebraico clássico primeiro, facilitando a compreensão do Aramaico logo a seguir.

Assim, considerando as relações entre as línguas hebraica, árabe e aramaica, o estudo de uma leva a relações com as outras duas. Dois exemplos lingüísticos são suficientes para demonstrar as relações:

A palavra “três” em hebraico é שלוש (shalôsh); em árabe é “thalāth”; em aramaico é תלת (talát).

A palavra “ouro” em hebraico é זָהָב (*zaháv*); em árabe é “**dhahab**”; em aramaico é דָּהָב (*daháv*).

Comparações entre Hebraico e Aramaico: O Pai Nosso cristão

Abaixo, uma **versão hebraica** do Pai Nosso, cujo original está em grego no Novo Testamento (a tradução é praticamente a mesma):

אֲבִינוּ שְׁבַשְׁמַיִם, יִתְקַדֵּשׁ שִׁמְךָ,
תָּבוֹא מַלְכוּתְךָ, יַעֲשֶׂה רְצוֹנְךָ
בְּשָׁמַיִם, כֵּן בָּאָרֶץ.
אֶת לֶחֶם הַקֶּנוֹ תֵּן לָנוּ הַיּוֹם
וְסַלַּח לָנוּ עַל חַטָּאֵינוּ
כַּפִּי שְׂסוּלָתִים גַּם אֲנִתָנוּ לַחוּטָאִים לָנוּ
וְאַל תְּבִיאֵנוּ לִיְדֵי נִסְיוֹן,
כִּי אִם הִלְצֵנוּ מִן הָרָע.
כִּי לָךְ הַמַּמְלָכָה, הַגְּבוּרָה וְהַתְּפָאֶדֶת
לְעוֹלָמֵי עוֹלָמִים

Transliteração:

“Avínu she-ba-shamáyim,

yithqadásh shmêkha,

tavô malkhutkhá,

ye'aséh retsonkhá ke-vashamáyim,

ken ba'árets.

'Éth léhem huqqênu ten lánu hayyôm

uslañ lánu 'al hãta'ênu

kefíy shessolhíym gam 'anáñnu lahoť'íym lánu

ve'al teviy'ênu liydê nissayôn,

kiy 'iym halltsênu min ha-rá'.

Ki lekhá

hammamlakháh, aggevuráh vehatiféret

li'olmê 'olamíym.”

Abaixo, uma **versão aramaica** do Pai Nosso, para comparação. Ambas as versões são traduções da versão grega do Novo Testamento, a mais antiga das versões preservadas em manuscritos:

אבון דבשמיא נתקדש שמך

תאתא מלכותך

נהוא צבינך איכנא דבשמיא אף בארעא

הב לן לחמא דסונקנן יומנא

ושבוק לן חובין

איכנא דאף חנן שבקן לחיבין

ולא תעלן לנסיונא

אל פצן מן בישא אמין :

Transliteração:

“Abún dvashamáya

netqadásh shmákh

titê malkutákh

newê tsevyanákh

aykána dvashamáya af bá'ar'a

ab lan láhma dsunqánan yaumána

va-shbúq lan háubáyn aykána

daf hnán shbákhn lehayabáyn

úla talán lenesyúna

êla patsán men bísha'.

Ameyn.”

Exercícios

Respostas

Exercício Nº 01

Seguindo esta regra, então como leríamos as consoantes seguintes com a vogal **Qamets Gadol**?

יָדָב - יָד - חָדָז - זָדָג - וָ - דָ - גָ

Da esquerda para a direita, leríamos (sem esquecer que a palavra hebraica é lida da direita para a esquerda): **gav – dag – vav – zadag – hadaz – yad – yadazav**

Exercício Nº 02

Considerando esta nova vogal, como leríamos então as palavras hebraicas abaixo, contendo **Qamets Gadol** e **Tserê**? [Os significados aparecem entre parênteses]

זָז (‘‘então’’); אָח (‘‘irmão, companheiro’’); דָּג (‘‘peixe’’); חָג (‘‘festa’’);
כָּבֵד (‘‘ser pesado, importante’’); אָב (‘‘renovo, botão’’);
אָד (‘‘corrente de águas subterrâneas’’); גָּב (‘‘poça; cisterna’’);
זָד (‘‘atrevido, arrogante’’); כָּזָב (‘‘mentira’’).

A leitura das palavras acima é, então: 'az – 'ah – dag – hag – kaved – 'ev – 'ed – gev – zed – bazav.

Exercício Nº 03

Considerando esta nova vogal, como leríamos então as palavras hebraicas abaixo, contendo **Qamets Gadol**, **Tserê** e **Híreq Gadol**? [Os significados aparecem entre parênteses]

אָבִי (‘‘tomara!’’); אָחִי (nome masculino); אִי (‘‘costa, ilha; chacal; não; ai!’’);
בִּי (‘‘por favor, com permissão’’); גָּדִי (gentílico e nome masculino);
גִּיד (‘‘tendão, nervo’’); הִי (‘‘ai!’’); יֵי (‘‘ubre, teta’’);
חִזִּי (‘‘nuvem de chuva; relâmpago’’); יָדִיד (‘‘amado’’);
יָחִיד (‘‘único’’); כִּיד (‘‘ruína’’).

A leitura das palavras acima é, então: **aví – ehí – i – bi – gadí – gid – hi – ziz – háziz – yadid – yahíd – bid.**

Exercício N° 04

Como leríamos os exemplos abaixo de palavras hebraicas que contêm a vogal **Ħolem**?

בוא (“entrar”); גוי (“nação, povo”); הוד (“glória, majestade”);
כבוד (“honra, glória”); אוב (“espírito de um falecido”);
אוי (“ai!”); גוב (nome de lugar).

A leitura das palavras acima será, então: **bô’ – gôy – hôd – kavôd – ’ôv – gôv.**

Exercício N° 05

Como leríamos os exemplos abaixo de palavras hebraicas que contêm a vogal **Ħolem**, algumas nas duas formas?

אבד (“destruição, ruína”); לב ou לוב (“urso, ursa”); זוב (“gonorréia”);
חב (“bolso; peito”); חבב (nome masculino); חוב (“culpa”);
טובה ou טבה (“bem, bondade”).

A leitura destas palavras seria, então: **’ôved – dôv – zôv – hôv – hováv – hôv – továh.**

Exercício N° 06

Como leríamos os exemplos abaixo de palavras hebraicas que contêm a vogal **Shureq**?

אהוד (nome masculino); אוד (“acha, tição”); בויז (“desprezo” - masc.);
בויזה (“desprezo” - fem.); בויזי (nome masculino); דוגה (“pescaria”);
דוד (“panela; cesta”); חגוי (“esconderijo, fenda, refúgio”);
חוג (“círculo, horizonte”); חוט (“fio”); טוב (“o bem-estar”).

A leitura destas palavras é: **’ehúd – ’ud – buz – buzah – buzí – dugah – dud – hágú – hug – huṭ – ṭuv.**

Exercício N° 07

Confira se suas respostas estão certas e se você conseguiu ler corretamente as palavras abaixo. Se não conseguiu, não desanime. Este foi só um exercício preliminar, para incentivar o seu esforço.

דָּוִד - הֵיגוּ - דִּידוּ - חָגִי - בִּזוּדִי - אָגִדִּי
אִיהוּ - חָהִי - חוּגִי - מוּטוּ

Lendo a partir da palavra da esquerda, mas sem esquecer que a ordem das letras e vogais hebraicas é da direita para a esquerda, temos:

Agedí – Bezodáy – Ħagí – Didú – Hivegú – David – Ṭuṭô – Ħugáy – Hahí – 'Ihú.

Exercício N° 08

Considerando esta nova vogal, então como leríamos as consoantes seguintes com a vogal **Pathah**?

גִּד - דָּג - בִּדָּל - לָלָד - בָּבָל - גַּמַּל

Da esquerda para a direita, leríamos: **gámal – bavál – laládh – badhál – dagh – gadh.**

Exercício N° 09

Logo abaixo estão algumas palavras do vocabulário hebraico. Tente lê-las, utilizando os conhecimentos até aqui adquiridos sobre as consoantes e as vogais.

Ainda não estudamos todas as vogais, mas o que temos permite ler as palavras abaixo. Se não conseguir ler todas, não desanime. É apenas um primeiro teste para você mesmo avaliar seu desempenho.

Ao escrever a transliteração, não use sinais diacríticos (como ā, ē, ī, ō, ū, ă, ě, ĭ, ǒ, ŭ nas vogais), apenas a forma comum (a, e, é, i, o, ó, u). Tenha em mente as vogais estudadas e o fato da leitura ser da direita para a esquerda e as vogais se sucedendo abaixo e acima.

אָב - Av

בֶּן - Ben

קוֹל - Qol

אִישׁ - 'Ish

שֵׁם - Shem

כֹּהֵן - Kohen

הִיא - Hiy' (ou “hi”)

הוא - Hu'

עֵיר - 'iyr (ou “ir”)

טוֹב - Ṭov

אוֹר - 'Or

יוֹם - Yom

Exercício N° 10

Tente ler as palavras abaixo:

ל' - Lo'	שָׁלוֹם - Shalom
אֵל - 'El	תּוֹרָה - Torah
עַם - 'Am	צַדִּיק - Tsadiyq
סוּס - Sus	נָתָן - Nathan
בַּיִת - Bayith	מֹשֶׁה - Mosheh

Exercício N° 11

Este é o terceiro vocabulário que apresentamos. Procure aprender bem as palavras que aparecem nos vocabulários. Atente para as consoantes e as vogais corretas.

הַר - Har	אֶרֶץ - 'Érets
שֶׁמֶשׁ - Shémesh	מַלּוֹן - Malôn
אֵם - 'Em	בַּת - Bath

Exercício N° 12

Escreva num caderno para efetuar-lo. Translitere as palavras abaixo só em consoantes, conforme o exemplo:

דְּבַר - DBhR	תְּבַה - TBhH
דָּם - DM	עֶרֶב - 'RBh
בֶּעַר - B'R	אֶחָד - 'HDh
פֶּר - PR	שֶׁפֶט - ShFT

Exercício N° 13

Responda por que as consoantes do grupo **Begadkefat** abaixo não têm o ponto no centro delas (*dágesh*) nas palavras que seguem:

אֶב - שֶׁפֶט - אֶחָד - רֶגֶל

Resposta: **Porque todas as consoantes do grupo Begadkefat que aparecem estão precedidas de vogal.**

Exercício Nº 14

Vocabulário e exercício de leitura (escreva num caderno para efetuá-lo). Atente para os comentários nas respostas abaixo:

שַׁ'עַר - Sha'ar [como “xaár”].

כִּסֵּס - Kissê' [como “quissê”].

אִשָּׁה - 'Ishshah ou 'Ishah [como “ixá”].

לֶחֶם - Léhém ou Lehem [como “lérrem”].

דָּבָר - Davár

דָּם - Dam

פָּר - Par

שַׁפָּט - Shafát [como “xafát”]

עֶרֶב - 'Érév ou 'Érev

גּוֹי - Gôy [como “gôî”]

בָּשָׂר - Basár [como “bassár”]

עֵץ - 'Êts

אֲרִי - 'Ariy [como “arí”, com um “a” bem fraco]

חֲלִי - Hóliy [como “rrólí” ou “rrlí”, semelhante ao duplo “r” de “carro”]

אֱלֹהִים - 'Élohiym ou Elohim [como “eloím”]

Exercício Nº 15

Leia as palavras hebraicas abaixo sem se preocupar com os significados, apenas com a pronúncia. Escreva estas pronúncias em um caderno. Detalhe: a ordem das palavras está da direita para a esquerda. Então, leia-as assim (◀→):

אֵם - עֵם - מֵל - מַס - שָׁם
 שָׁר - זָר - צָר - צֵר - עֵז
 אֶז - עֵץ - חָג - חֶק - הָר
 נֵס - נֹב - חֵן - כֵּן - פֵּן - מֵן
 כָּל - קָל - בָּד - בָּר - כָּד - גָּד

'im – 'im – tal – mas – sham – sar – zar – tsor – tsar – 'ez – 'az – 'ets – hagh – hoq – har
 – nes – nov – hen – ken – pén – min – kol – qal – badh – bar – kadh – gadh

Exercício N° 16

Neste caso, quais palavras abaixo têm uma só sílaba?

(1) עִיר (2) סוּם (3) קוּל
 (4) עֵם (5) תוֹרָה (6) כֹּהֵן

As palavras acima que têm **uma só sílaba** são as de número (1), (2), (3) e (6). As de número (4) e (5) possuem **duas sílabas** cada.

Exercício N° 17

Observe as palavras hebraicas que seguem e escreva no seu caderno o número de sílabas que cada uma contém:

מִצּוֹה (4) יִקְטְלוּ (3) קָטַל (2) אֱלֹהִים (1)

(1) duas sílabas (2) uma sílaba (3) duas sílabas (4) duas sílabas

Exercício N° 18

Separe em sílabas as palavras abaixo escrevendo em seu caderno:

דְּבָרִים (4) מֶלֶךְ (3) בִּקְרָה (2) הָאָרֶץ (1)

Resposta:

דְּבָ-רִים (4) מֶ-לֶךְ (3) בִּ-קְרָה (2) הָ-אָ-רֶץ (1)

Exercício N° 19

Exercícios de fixação - Use seu caderno para escrever as respostas antes de conferi-las.

1) Escreva em seu caderno se a sílaba de cada palavra abaixo é **aberta** ou **fechada**:

הָרַר (5) רָה (4) כִּי (3) לֹא (2) בֵּן (1)

2) Quais das palavras abaixo têm a sílaba final **fechada**?

מִצְוָה (4) טוֹב (3) אֶרֶץ (2) אֲרִי (1)

3) Quais palavras abaixo têm a sílaba final **aberta**?

הִיא (5) אֲנִי (4) מִשָּׁה (3) תּוֹרָה (2) שְׁלוֹם (1)

4) Considerando as palavras abaixo, diga **quantas sílabas** cada uma possui e se a vogal final é **longa** ou **breve**.

פָּרִי (4) דְּבָרִים (3) יִרְפֹּשׁ (2) נִפְשׁ (1)

Resposta:

1) - (1) fechada (2) aberta (3) aberta (4) aberta (5) fechada

2) - (2) e (3)

3) - (2) (3) (4) e (5)

4) - (1) duas sílabas e vogal breve (2) duas sílabas e vogal longa (3) duas sílabas e vogal longa (4) uma sílaba e vogal longa

Exercício N° 20

Exercício de Leitura - Leia as palavras hebraicas abaixo sem se preocupar com os significados, apenas com a pronúncia. Escreva estas pronúncias em um caderno. Detalhe: a ordem das palavras está da direita para a esquerda. As sílabas das palavras que têm mais de uma sílaba são separadas pelo sinal (|).

מְרִים - קְדוֹרוֹן - נָבוּ - יְבוּס
יִצְחָק - שָׁכֵם - סֹדֶר - עֲמֹרָה
יְהוּדָה - חֲנוּךְ - אֵל יוֹשֵׁעַ
תְּרוּשִׁישׁ - שְׁלוֹמָה - שְׁפֹלָה
מְדוּיִן - שְׁמוֹשׁוֹן - נְמוֹרָד
אָדָם - חֲבוֹרוֹן - לְבָנוֹן
סוּסֶדֶךְ - מוֹשֶׁד - לָךְ - לְךָ
חֲפֹנִי - עֲתוֹנִיָּאֵל - אֲנִי - אֲנִי
אֲמוֹנָה - חֲמוֹרִים - חֶלְיִים
קְדוּשָׁךְ - סוֹבּוּבִי - יִשְׁקֶן - כָּל

Miryam, qidron, nevô, yevus, Yitshâq, shekhem, sedhôr, 'amorah, Yehudhah, Hânôkh, 'eliysa', tarshiysh, Shelomoh, shepelah, Midhyan, Shimshôn, Nimrôdh, 'edhôm, Hêvrôn, Levanôn, susekh, mashakh, lakh, lekhá, Hófniy, 'athniy'el, 'aniy, 'óniy, 'emunah, Hamoriym, Háláiyim, qadhshekhá, sovvú [se lê separado “sov-vú”], yashq, kôl.

Exercício Nº 21

Exercício com operações cabalísticas - Utilizando a mesma regra de **redução** e **soma teosófica**, e considerando os valores numéricos das letras hebraicas, já apresentados, faça no seu caderno as operações cabalísticas estudadas, seguindo os modelos dados.

ג' (Ge' - “altivo”) = $3+1=4$ (redução) e $1+2+3+4=10$ (soma)

ד' (edh - “caudal de águas celestiais”) = $1+4=5$ (redução) e $1+2+3+4+5=15$ (soma) e $1+5=6$ (nova redução)

ב' (Gav - “resposta, réplica”) = $3+2=5$ (red.) e $1+2+3+4+5=15$ (soma) e $1+5=6$ (nova red.)

ז' (Badh - “áugure, adivinho”) = $2+4=6$ (red.) e $1+2+3+4+5+6=21$ (soma) e $2+1=3$ (nova red.)

דב' (Dové' - “força”) = $4+2+1=7$ (red.) e $1+2+3+4+5+6+7=28$ (soma) e $2+8=10$ (nova red. - *Não reduzimos para 1, pois 10 equivale à letra Yod)

בש' (Bi'ah - “entrada”) = $2+1+5=8$ (red.) e $1+2+3+4+5+6+7+8=36$ (soma) e $3+6=9$ (nova red.)

אש' (A'h - “irmão; amigo”) = $1+8=9$ (red.) e $1+2+3+4+5+6+7+8+9=45$ (soma) e $4+5=9$ (nova red.)

אט' (A't - “brandura, mansidão”) = $1+9=10$ (red.) e $1+2+3+4+5+6+7+8+9+10=55$ (soma) e $5+5=10$ (nova red.)

ה' (Hagh - “procissão; festa”) = $8+3=11=1+1=2$ (red.) e $1+2+3+4+5+6+7+8+9+10+11=66$ (soma) e $6+6=12=1+2=3$ (nova red.)

אב' (Avah - “desejo, anseio”) = $1+6+5=12=1+2=3$ (red.) e $1+2+3+4+5+6+7+8+9+10+11+12=78$ (soma) e $7+8=15=1+5=6$ (nova red.)

Exercício Nº 22

Exercício de Leitura - Não esqueça que as palavras devem ser lidas na sequência da direita para a esquerda.

רַגְלֵכֶם נִסְתָּר וַיִּפְּלוּ הַבְּדִיל
וְהִשְׁכַּמְתֶּם חַגֵּי שַׁבַּת מְנַשָּׁה
וְגַמְלִים יִבְקוּ וְתִכַּסּוּ לְשַׁבְּתֶךָ
יִכְתְּבוּ יוֹלֵד נִפְתָּלִי אֲנִי
תָּמִים עִיר דָּוִד אֲדֹנָי גָּדוֹל:

**Raglekhém Nistár Vayyiplú* havdiyl Vehishkamtém Ĥagay Shabáth
Menashshéh* Ughmalliym Yaboq Vatkhas Leshivtekhá Yikhtevú Yivvaledh*
Naftaliy 'Aniy Thómiym** 'Iyr Davidh 'Adhonay Gadhol.**

* Quando consoantes recebem o ponto dentro – *dágesh* – e não são duplicáveis, como as consoantes duplas ב ג ד כ פ ת, isso não altera a pronúncia, nem a torna aspirada, como naqueles casos.

Assim, no caso dos três exemplos acima, o יֵ é apenas “yy” [lido mais forte ou como se a palavra toda fosse lida “vai-iplú”], o מְ é apenas “shsh” [como se a palavra fosse lida “menash-shéh”] e o וֹ é apenas “vva” [como se a palavra fosse lida “yiv-valedh”].

** Nesta palavra o som não é de **Qamets Gadhol (a)**, mas de **Qamets Qatôn (ó)**. Há, contudo, quem pronuncie “thamiym” e não “thómiym”.

Exercício Nº 23

Considerando tudo o que estudamos até aqui, tente ler e traduzir as palavras que apresentaremos logo abaixo sem recorrer aos capítulos anteriores. Se não conseguir, consulte-os, então. Faça o exercício seguindo o modelo dado.

אֶרֶץ - 'érets = “terra”;

זָהָב - záhav = “ouro”;

יוֹם - yôm = “dia”;

כֹּהֵן - kôhen = “sacerdote”;

תּוֹרָה - Toráh = “Lei”;

אֹהֶל - 'Ôhel = “tenda, Tabernáculo”;

שָׁלוֹם - shalôm = “paz”;
 צַדִּיק - tsaddíq = “justo”;
 מֹשֶׁה - Moshéh = “Moisés”;
 אֲדֹנָי - 'Adonáy = “Senhor [lit. 'Meu Senhor']”
 שֶׁמֶשׁ - Shémesh = “Sol”;
 מֶלֶךְ - Mélekh = “rei”;
 כִּסֵּא - Kissê' = “trono, assento, cadeira”.

Exercício N° 24

Procure ler (transliterando no seu caderno em letras latinas) e traduzir as frases simples abaixo, utilizando os vocabulários estudados em capítulos anteriores e os pronomes aprendidos até agora. Lembre-se de que o verbo “ser” no presente do indicativo em hebraico não é escrito. Faça o exercício com calma, após revisar os capítulos anteriores.

- 1) הוּא אֱלֹהִים (*hu' 'elohíym* = “Ele é Deus.”)*
- 2) אַתָּה אָב (*'atah 'av* = “Tu és um pai.”)
- 3) אֲנִי כֹהֵן (*'aníy kôhen* = “Eu sou um sacerdote.”)
- 4) אֵל אֹר (*'êl 'ôr* = “Deus é luz.”)**
- 5) סוּסִי טוֹב (*susíy tôv* = “Meu cavalo é bom.”)***
- 6) אֱלֹהִים צַדִּיק (*'elohíym tsaddíyq* = “Deus é justo.”)***
- 7) נָבִיא קָדוֹשׁ (*navíy' qadôsh* = “Um profeta é um santo.”)***

* Aqui não traduzimos por “Ele é um Deus” porque a palavra *'elohíym* se aplica apenas a Deus e não a outra divindade.

** Aqui “ser luz” é condição de Deus; então, não podemos traduzir por “Deus é uma luz”.

*** Estes exemplos usam adjetivos após o verbo. A diferença entre a frase 6 e a frase 7 se evidencia pelo uso do nome divino *'elohíym* no caso da frase 6.

Exercício Nº 25

Exercício de Revisão – Aqui você poderá testar os conhecimentos adquiridos:

1) Escreva no seu caderno a forma fundamental do artigo, ou seja, a forma padrão, independente das exceções: **הַ**

2) Escreva a letra **C** na frase correta e a letra **E** na frase errada.

(E) Em hebraico, o artigo definido tem duas formas.

(E) Diante de guturais, a forma do artigo é **הַ** (hé + dagesh forte).

(E) A forma do artigo para as consoantes não guturais e guturais é a mesma.

(C) A forma do artigo diante de monossílabos iniciados com **א** e seguidos de qámets é **הָ**.

(C) O artigo permanece invariável tanto no gênero masculino quanto no feminino.

(C) A forma do artigo é a mesma para o singular e o plural.

(C) A forma ao lado está correta: **הָאֵם** (*ha'ê^m* = a mãe).

(E) A forma ao lado está correta: **הָאֶרֶץ** (*hé'érets* = a terra).

3) Escreva as formas correspondentes do artigo.

Diante de consoante não gutural: **הַ**

Diante das guturais **א**, **כ** e **ע** com a vogal **qámets**: **הָ**

Diante das guturais **א**, **ע** e o **ר**: **הֶ**

4) O artigo é escrito inseparável da palavra que ele determina?

Sim: X Não:

5) Traduza as seguintes frases utilizando o que estudamos até aqui e seguindo o modelo dado:

הָאָב טוֹב: *ha'áv tôv* (“o pai é bom.”)

הָעִיר גְּדוּלָּה: *ha'íyr gadhól* (“a cidade é grande.”)

אֲנִי הָאוֹר: *'Aníy ha'ôr* (“Eu sou a luz.”)

Exercício N° 26

Marque com X as palavras abaixo que têm o **vav conjuntivo**:

- 1 - (X) מוֹרֶה וְתַלְמִיד
- 2 - () מֹשֶׁה יוֹסֵף
- 3 - () לֶחֶם יַיִן
- 4 - (X) כָּל בֶּן וְגַמֵּל

Exercício N° 27

Copie as palavras abaixo em seu caderno de exercícios, acrescentando o **vav conjuntivo**, sabendo que quando as sílabas iniciais são tônicas a forma é diferente da comum. Observe na pronúncia transliterada se a palavra é paroxítona, monossílabo ou oxítona. Apenas em palavras oxítonas a forma do **vav conjuntivo** é a normal.

- 1 - כֶּסֶף (*Késef*) - וְכֶסֶף (*vakésef* - “e dinheiro”)
- 2 - גַּמֵּל (*Gamál*) - וְגַמֵּל (*vegamál* - “e camelo”)
- 3 - לֶחֶם (*Léhem*) - וְלֶחֶם (*valéhem* - “e pão”)
- 4 - אָב (*Av*) - וְאָב (*va'av* - “e pai”)
- 5 - תַּלְמִיד (*Talmíd*) - וְתַלְמִיד (*vetalmíd* - “e aluno”)

Exercício N° 28

Copie as palavras que seguem, colocando o **vav conjuntivo** em sua forma correspondente. Aproveite para tentar ler estas palavras.

- 1 - אֲרִי (*“leão”*) - וְאֲרִי (*va'aríy* - “e leão”)
- 2 - אֱמֶת (*“verdade”*) - וְאֱמֶת (*vé'émeth* - “e verdade”)
- 3 - אֲנִיָּה (*“navio”*) - וְאֲנִיָּה (*vó'oníyah* - “e navio”)

Exercício N° 29

Marque com um X as palavras seguintes que têm uma preposição inseparável. Confira a resposta certa na próxima página:

- 1 - (x) בְּעִיר (be+'iyr)
- 2 - () דְּבָרִים (devariym)
- 3 - () בָּשׂוֹל (bashol)
- 4 - (x) בְּשֵׁם (be+shem)
- 5 - (x) לְבֵן (le+ven)
- 6 - (x) כְּאֵיל (ke+'ayyal)

Exercício Nº 30

Escreva as preposições indicadas entre parênteses nas palavras com artigo abaixo, conforme a regra que acabamos de estudar.

- 1 - (לְ) הַקּוֹל fica לְקוֹל (“para a voz”)
- 2 - (לְ) הַרְקִיעַ fica לְרְקִיעַ (“para o firmamento”)
- 3 - (כְּ) הַדָּבָר fica כְּדָבָר (“conforme a palavra”)
- 4 - (לְ) הַסּוּסַיִם fica לְסוּס (“para o cavalo”)
- 5 - (בְּ) הָאָדָם fica בְּאָדָם (“no homem”)

Exercício Nº 31

Copie as palavras seguintes com a preposição מִן:

- 1 - מִן־הַשָּׁלֹם = הַשָּׁלֹם
- 2 - מֵאִשׁ = אִישׁ
- 3 - מִקּוֹל = קוֹל

Exercício Nº 32

Traduza para o Português:

- 1 - מִן־הַיּוֹם = “do dia”
- 2 - כְּבְרִית = “como [conforme] uma aliança”
- 3 - לְקוֹל = “para uma voz”

Bibliografia

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1986.

AUTOR. *Corpus Hermeticum*. São Paulo: Hemus, s/d.

AUTOR. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 1987.

AUTOR. *Sepher Yezirah*. Versão de Isidor Kalisch – contém o texto em hebraico. Rio de Janeiro: Renes, 1983.

DOUGLAS-KLOTZ, Neil. *Orações do cosmos: reflexões sobre as palavras de Jesus em aramaico*. São Paulo: TRIOM, 1999.

HARPER, William R. Ph.D. *Introductory Hebrew Method and Manual* [Fifteenth edition]. New York: Charles Scribner's Sons, 1902.

HOLLENBERG – BUDDE. *Gramática elementar da língua hebraica*. São Leopoldo: Sinodal, 1988.

LEVI, Eliphas. *Clefs Majeures et Clavicules de Salomon*. Paris: Chacornac Frères, 1926.

LIPINER, Elias. *As letras do alfabeto na criação do mundo: contribuição à pesquisa da natureza da linguagem*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PAPUS [Gérard Encausse]. *A Cabala – tradição secreta do Ocidente*. São Paulo: Sociedade das Ciências Antigas, 1983.

_____. *Tratado de Ciências Ocultas*. São Paulo: Três, 1973.

ROSENTHAL, Franz. *A Grammar of Biblical Aramaic*. Wiesbaden [Germany]: Otto Harrassowitz, 1961.

STEVENSON, Wm. B. *Grammar of Palestinian Jewish Aramaic*. Oxford: Clarendon Press, 1924.

STRONG, James. *Strong's Hebrew Dictionary*. Albany [Oregon, USA]: AGES Software, Version 1.0 © 1999.

TAGE, Danea [Paulo Stekel]. *Deuses & Demônios – verdades inauditas e mentiras anunciadas sobre os anjos*. Versão digital. Porto Alegre: Autor, 2007.

_____. *Elohê Israel – filosofia esotérica na Bíblia*. Santa Maria: Autor, 2001.

_____. *Projeto Aurora – retorno a linguagem da consciência*. Porto Alegre: FEEU, 2003.

_____. *Santo & Profano – estudo etimológico das línguas sagradas*. Santiago: GEFO, 2006.

TANAKH [Hebrew Old Testament, organizado por Norman Henry Snaith]. Suffolk (UK): St. Edmundsbury Press, s/d.

TRADUÇÃO DO NOVO MUNDO DAS ESCRITURAS SAGRADAS. New York: Watchtower Bible and Tract Society of New York, Inc., 1967.

YATES, Frances A. *Giordano Bruno e a Tradição Hermética*. São Paulo: Cultrix, 1987.

Sobre o autor



©José V. P. Souza

Danea Tage (Paulo Stekel) é jornalista, escritor, tradutor e revisor. **Stekel** é um pesquisador não-acadêmico, um professor autodidata de Cabala, Hebraico bíblico-cabalístico, Sânscrito e línguas sagradas. É um especialista na interpretação dos textos sagrados das religiões.

Nasceu e cresceu em Santa Maria (Rio Grande do Sul, Brasil) [1970]. Desde os 9 anos estuda religiões e filosofias. Atualmente reside na Grande Porto Alegre (Rio Grande do Sul), onde ensina Cabala, Hebraico, Sânscrito e Hierolingüística [*uma nova ciência para o estudo das línguas sagradas proposta por Stekel em seu livro "Santo & Profano – estudo etimológico das línguas sagradas", publicado em 2006*].

Stekel tem estudado muitas línguas e linguagens antigas (Hebraico, Aramaico, Grego, Latim, Iorubá, Sânscrito, Sumério, Tibetano, etc.), várias religiões e filosofias, escolas e ordens místico-espirituais (Yoga, Teosofia, Maçonaria, Budismo Tibetano) e áreas da Ciência Moderna (Psicologia Transpessoal, Física Quântica, Lingüística), sempre mantendo um caráter não-acadêmico, mas estudando de modo sempre profundo cada área de seu interesse.

Stekel publicou cinco obras: "**Elohê Israel (Os deuses de Israel) - filosofia esotérica na Bíblia**" (Independente, 2001); "**Projeto Aurora - retorno à linguagem da consciência**" (FEEU, 2003); "**Método de Sânscrito para estudantes brasileiros**" (Independente, 2004); "**Santo e Profano - estudo etimológico das línguas sagradas**" (GEFO, 2006); "**Deuses & Demônios – verdades inauditas e mentiras anunciadas sobre os anjos**" (Independente, 2007). Em seus livros e na maioria de seus artigos, **Stekel** usa o pseudônimo de **Danea Tage**.

Atualmente é editor da **Revista Horizonte – Leitura Holística**, uma publicação eletrônica focada na espiritualidade, no meio ambiente, nas tradições religiosas, nas línguas sagradas e nas terapias alternativas.

E-mails: hierolinguistica@yahoo.com.br

pstekel@gmail.com

Blogs: <http://hierolinguistica.blogspot.com> [pessoal]

<http://daneatage.blogspot.com> [sobre Estados Ampliados de Consciência]

<http://revistahorizonte.blogspot.com> [Revista Horizonte – Leitura Holística]